

O Caçador de Andróides
Philip K. Dick

APRESENTAÇÃO

O Caçador de Andróides (Do Androids Dream of Electric Sheep, ou DADES, como também é conhecido) de Philip K. Dick, originalmente chamava-se "Phillip K. Dick: Electric Shepherd", e foi escrito entre 1966 e 1968, provavelmente os mais turbulentos anos que a América conheceu desde a Segunda Grande Guerra.

Assassinatos, manifestações populares, desordem, a guerra do Vietnam, hippies, drogas, contra-cultura, escândalos e a Guerra Fria, serviram como contexto para o livro que, basicamente, é uma história de um detetive em um futuro sombrio.

Dick era leitor de Dashiell Hammet (um mestre do romance detetivesco) e admirava seu estilo econômico.

Embora não seja possível comparar O Caçador de Andróides com O Falcão Maltês (The Maltese Falcon) de Hammet, pois as tramas são diferentes, trata-se do mesmo mundo. Pessoas desaparecidas, um parceiro que é baleado, uma femme fatale, problemas com os policiais locais e um universo de cinismo onde não há esperança para ninguém.

Talvez não seja uma coincidência que, ao ser adaptado para o cinema (Blade Runner, dirigido por Ridley Scott, lançado em 1982 e estrelado por Harrison Ford), as câmeras estavam no mesmo lugar onde quarenta anos antes, foi filmado O Falcão Maltês (No Brasil se chamou Relíquia Macabra, dirigido por John Huston e estrelado por Humphrey Bogart). Ambos os livros se passam nas ruas de San Francisco, ambos os filmes tiveram suas cenas de rua filmadas em New York, nos estúdios da Warner Brothers em Burbank.

O filme Blade Runner (que transcorre no ano de 2019) limita-se a dois aspectos do livro: visões da megalópole do amanhã, com seus edifícios de 400 andares e a perseguição implacável de um caçador profissional a um pequeno grupo de andróides evadidos, "produtos" quase perfeitos, super-homens e super-mulheres que aspiram a um pouco mais de vida (foram programados para morrer em 4 anos).

Já o livro O Caçador de Andróides se passa em 1992 (em edições recentes o ano foi mudado para 2021).

No livro, o governo encoraja a população a emigrar para colônias fora-da-Terra, visando preservar a raça humana dos efeitos nocivos da poeira radioativa (consequência da guerra nuclear 'World War Terminus').

A população que permanece no planeta vive enclausurada em cidades decadentes e vazias, envenenada pela radiação que danifica seus genes. A maioria dos animais foi extinta e possuir um deles é uma prova distinta da empatia humana, mas principalmente é um símbolo de status. Quanto mais raro o animal, maior o status do proprietário. Pessoas que não podem pagar por um animal de verdade compram animais sintéticos.

Em uma San Francisco pós-apocalíptica, o caçador de recompensas Rick Deckard (que possuía uma ovelha real que morreu de tétano), tenta enganar a todos, inclusive a si

mesmo, de que sua nova ovelha elétrica é igual a uma de verdade, enquanto realiza um trabalho que odeia, e lida com sua esposa viciada em estímulos artificiais.

Quando Deckard aceita perseguir e matar os seis andróides Nexus-6 que fugiram de controle, por uma boa recompensa, o que ele mais sonha é com o dinheiro, poder adquirir um animal de verdade.

Ao fim, Deckard chega à conclusão de que ao resolver o caso ele não terá a felicidade esperada, mas apenas uma enorme crise existencial.

Semelhante ao que ocorre com Sam Spade em *O Falcão Maltês*, não há uma solução satisfatória.

Poucos escritores de ficção científica são, como Philip K. Dick, admirados e elogiados por seus próprios colegas. Poucos atingem um público tão diversificado. Como disse John Brunner: "Ele é o mais invariavelmente brilhante escritor de ficção científica do mundo".

Infelizmente (ao contrário de Hammett) Dick não viveu o bastante para saborear o prestígio que a crítica hoje lhe atribui. Seus últimos anos de vida foram dedicados a uma excêntrica investigação sobre a verdadeira natureza de Deus e do Cosmos.

Dois anos antes de morrer por conta de um acidente vascular cerebral, ele escreveu em seu diário que estava próximo de descobrir os segredos do Universo.

(Trechos do prólogo da edição brasileira e de 'A Metaphysical Detective Story' de Adrian Mckinty)

(Em Portugal o livro chamou-se "Perigo Iminente". No Brasil primeiramente foi publicado como "Andróides Sonham Com Carneiros Elétricos?", e mais tarde reeditado com o título "Blade Runner: O Caçador de Andróides" e, posteriormente "O Caçador de Andróides".)

E AINDA SONHO QUE ELE PISA O RELVADO,
ANDANDO, FANTASMAGÓRICO, PELO ORVALHO, PELO MEU CANTO
ALEGRE INTEIRAMENTE PERFURADO.
YEATS

UMA TARTARUGA QUE O EXPLORADOR CAPITÃO COOK, DEU AO REI DE
TONGA EM 1777 MORREU ONTEM. TINHA QUASE 200 ANOS DE IDADE.
O ANIMAL, CHAMADO TU'LMALILA, MORREU EM TERRENOS DO PALÁCIO
REAL, EM NUKU, ILHA DE ALOFA, CAPITAL DE TONGA.
O POVO DE TONGA CONSIDERAVA O ANIMAL COMO UM CHEFE, E
TRATADORES ESPECIAIS FORAM NOMEADOS PARA CUIDAR DELE.
FICARA CEGO NUM INCÊNDIO DE MATA, HÁ ALGUNS ANOS.
A RÁDIO DE TONGA INFORMOU QUE A CARCAÇA DE TU'IMALILA SERIA
ENVIADA PARA O MUSEU DE AUCKLAND, NA NOVA ZELÂNDIA.

.

UMA PEQUENA e alegre descarga elétrica, transmitida pelo alarme automático do órgão de condicionamento mental, instalado ao lado da cama, acordou Rick Deckard. Surpreso — sempre se surpreendia quando descobria que fora acordado sem aviso prévio — levantou-se, estendeu o corpo todo dentro do pijama multicolorido, e espreguiçou-se. Na cama ao lado, a esposa, Iran, abriu os olhos cinzentos, sérios, pestanejou, gemeu e fechou-os outra vez.

— Você ligou seu Penfield em nível fraco demais — disse ele à mulher. — Vou religá-lo, você vai despertar inteiramente e...

— Não toque em meu aparelho. — Havia seca amargura em sua voz. — Eu não quero acordar.

Rick sentou-se ao lado da esposa, inclinou-se sobre ela e explicou em voz suave:

— Se você liga a descarga em nível suficientemente alto, fica satisfeita quando acorda. Esse é todo o princípio por trás do funcionamento desse aparelho. Na marca C, ele vence o bloqueio do patamar da consciência, como faz comigo.

Carinhosamente, porque se sentia bem-disposto para com o mundo, ligara o aparelho em D, acariciou-lhe o pálido ombro nu.

— Tire de cima de mim essas grosseiras mãos de "tira" — disse Iran.

— Eu não sou um tira. — Nesse momento sentiu-se irritado, embora não houvesse discado para essa emoção.

— Você é pior do que isso — respondeu a esposa, os olhos ainda fechados. — É um assassino, contratado pelos tiras.

— Eu nunca matei um ser humano em toda minha vida. — Aumentara sua irritabilidade e se transformara em franca hostilidade.

— Apenas aqueles pobres andros — disse Iran.

— Mas você nunca hesitou, nem por um único minuto, em gastar o dinheiro de prêmio que eu trago para casa, no que quer que logo lhe atraia a atenção. — Levantou-se e foi até seu órgão de condicionamento mental. — Em vez de economizar — continuou — para comprarmos uma ovelha autêntica e substituir aquela, falsa que nós temos lá em cima. Um mero animal elétrico, e eu, ganhando todo esse dinheiro, pelo qual trabalhei e subi na vida estes anos todos.

Ao consolo do órgão, hesitou entre discar por um supressor talâmico (o que aboliria sua disposição irritadiça) ou um estimulante (o que o tornaria aborrecido o suficiente para ganhar a discussão).

— Se discar para maior malignidade — disse Iran, abrindo os olhos e observando-o — farei o mesmo. Discarei o máximo e você vai ter uma briga que fará todas as discussões que tivemos até agora parecerem brincadeiras de crianças. Disque só, e veja. — Saltou rápida da cama para o consolo de seu próprio órgão e olhou-o zangada, à espera.

Ele suspirou, derrotado pela ameaça.

— Vou discar o que há na minha programação de hoje. — Examinando a agenda do dia 3 de janeiro de 1992, observou que era aconselhável uma atitude profissional, prática.

— Se eu discar de acordo com a agenda, você fará o mesmo? — perguntou, cauteloso. Esperou, sabido o bastante para não se comprometer até que a esposa concordasse em agir do mesmo modo.

— Minha agenda de hoje lista um período de depressão auto-acusatória de seis horas — disse Iran.

— O quê? Por que foi que você programou isso? — Uma programação dessa era o contrário do órgão de condicionamento mental. — Eu nem mesmo sabia que se podia ajustá-lo para isso — disse sombrio.

— Uma destas tardes eu estava sentada aqui — disse Iran — e, naturalmente, liguei para Buster Amigão e Seus Amicíssimos Amigos, ele estava falando sobre uma notícia

que ia dar logo em seguida e, depois, apareceu aquele horrível comercial, aquele que eu odeio, você sabe, do Protetor Genital de Chumbo Mountibank. Assim, durante um minuto, desliguei o som. E ouvi o edifício, este edifício. Ouvi os... — Fez um gesto vago com a mão.

— Os apartamentos vazios — disse Rick.

Às vezes, ele ouvia-os, também, à noite, quando devia estar dormindo. Ainda assim, para este dia e idade, um prédio de apartamentos ocupado pela metade classificava-se alto no esquema da densidade demográfica. Lá fora, onde antes da guerra se estendiam os subúrbios, podiam-se encontrar prédios inteiramente vazios... ou pelo menos fora isto o que ouvira dizer. Deixara que essa informação permanecesse num segundo plano; como a maioria das pessoas, não queria verificá-la diretamente.

— Naquele momento — continuou Iran —, quando desliguei o som da TV, eu estava num estado de espírito 382. Acabava justamente de discar isso. De modo que, embora intelectualmente eu ouvisse o vazio, não o sentia. Minha primeira reação foi de agradecimento, porque a gente podia comprar um órgão condicionador Penfield. Mas, depois, compreendi como isso era doentio, sentir a ausência de vida, não só neste prédio, mas em toda parte, e não reagir, compreende? Acho que não. Mas isso era, antes, considerado como sintoma de doença mental Chamavam a isso de "ausência do afeto apropriado". Assim, deixei desligado o som da TV, sentei-me ao meu órgão e fiz uns experimentos. Finalmente, descobri uma combinação para desespero. — Seu rosto moreno, animado, mostrou satisfação, como se ela houvesse realizado alguma coisa de valor. — De modo que coloquei isso em minha programação duas vezes por mês. Acho que é um período razoável de tempo para a gente se sentir impotente a respeito de tudo, de ficar aqui na Terra, depois que toda a gente sabida emigrou. O que é que você acha? — Mas num estado de espírito desses — disse Rick — a tendência é permanecer nele, não discar para sair. Um desespero como esse, sobre a realidade total, é auto-perpetuante.

— Eu programo uma rediscagem automática para três horas depois — disse astuciosamente a esposa. — Uma 481. Percepção das múltiplas possibilidades que estarão abertas para mim no futuro. Nova esperança de que...

— Eu conheço o 481 — interrompeu ele. Discara muitas vezes essa combinação e confiava um bocado nela.

— Escute aqui — continuou, sentando-se em sua própria cama e segurando as mãos da esposa para puxá-la para junto de si —, mesmo com um desligamento automático, é perigoso suportar uma depressão, de qualquer tipo. Esqueça o que você programou e eu farei o mesmo. Discaremos um 104 e nós dois o experimentaremos juntos. Depois, você fica nele enquanto eu remarco o meu para minha habitual atitude prática. Nesse estado, dou um pulo até o telhado para ver como anda a ovelha e, em seguida, vou para o escritório. Enquanto isso, tenho certeza de que você não fica aqui, macambúzia, sem TV.

Soltou-lhe os esguios e longos dedos, e cruzou o espaçoso apartamento até a sala de estar, onde pairava ainda o leve cheiro dos cigarros da noite anterior. Curvou-se para ligar a TV.

Do quarto, veio a voz de Iran:

— Eu não suporto TV antes do café da manhã.

— Disque 888 — aconselhou Rick, enquanto o aparelho esquentava. — O desejo de assistir à TV, qualquer que seja o programa.

— Não estou com vontade de discar absolutamente coisa alguma neste momento — respondeu Iran.

— Então, disque 3 — sugeriu ele.

— Não posso discar uma combinação que estimula meu córtex cerebral a querer discar! Se não quero discar, ainda menos quero discar isso, porque, neste caso, vou querer discar, e querer discar é, neste momento, o impulso mais estranho que posso imaginar.

— A voz dela se tornara seca, com conotações de desolação, enquanto sua alma congelava; deixava de mover-se quando o grande, instintivo, onipotente véu de um grande peso, de uma inércia quase absoluta, depositou-se sobre ela.

Rick aumentou o som da TV e a voz de Buster Amigão trovejou e encheu a sala:

"Ei, vocês aí, pessoal. Hora de uma curta notícia sobre o tempo atmosférico hoje. O satélite Mangusto informa que a precipitação será especialmente forte por volta do meio-dia e que, em seguida, desaparecerá, de modo que vocês, caras, que vão sair de casa hoje...

Aparecendo ao lado dele, sua longa camisola arrastando-se pelo chão como um fogo-fátuo, Iran desligou o aparelho de TV.

— Muito bem, desisto. Vou discar. Tudo o que você quiser que eu faça, felicidade sexual extática... Eu me sinto tão mal que suporto mesmo isso. Droga. Que diferença isso faz?

— Eu disco para nós dois — ofereceu-se Rick e levou-a para o quarto. Ao consolo da esposa, discou 594, o satisfeito reconhecimento da sabedoria superior do marido em todas as coisas. No seu próprio consolo, discou uma atitude criativa e revigorante em relação ao seu próprio trabalho, embora mal precisasse disso, tal era seu enfoque habitual, inato, sem precisar recorrer ao estímulo cerebral artificial do aparelho Penfield.

Após um apressado desjejum — perdera tempo devido à discussão com a esposa — subiu, vestido, para aventurar-se pelo exterior, incluindo seu modelo Ajax do Protetor Genital de Chumbo Mountibank, até o pasto coberto do telhado, onde "pastava" sua ovelha elétrica.

Na pastagem o carneiro, peça sofisticada de equipamento que era, continuava a mastigar, em simulado contentamento, enganando os demais locatários do prédio. Claro, parte dos animais deles consistiam também de falsificações feitas de circuitos eletrônicos. Ele, naturalmente, jamais tentara intrometer o nariz nesses assuntos, não mais do que os vizinhos haviam feito com o funcionamento real de sua ovelha. Coisa alguma poderia ser mais indelicada do que isso. Perguntar "Sua ovelha é autêntica?" seria uma quebra de boas maneiras pior do que perguntar se os dentes, o cabelo ou os órgãos internos de um cidadão eram reais.

O ar matutino, enxameando de corpúsculos radioativos, cinzento, e com o sol encoberto pelas nuvens, arrotou em volta dele, ferindo-lhe as narinas. Involuntariamente, fungou a infecção da morte. Bem, isso era uma descrição forte demais da coisa, pensou, enquanto se dirigia para seu lote particular de grama, que possuía juntamente com o apartamento, grande demais, embaixo.

O legado da Guerra Mundial Terminus perdera algo de sua potência; os que não puderam sobreviver à poeira estavam mortos há muito tempo e ela, mais fraca agora e enfrentando sobreviventes mais fortes, apenas desequilibrava mentes e propriedades genéticas. A despeito de seu protetor de chumbo, a poeira — sem dúvida — infiltrava-se pelo traje e o atingia, e lhe aplicava diariamente, enquanto ele não emigrasse, sua pequena dose da sujeira contaminadora.

Até agora, exames médicos gerais, feitos mensalmente, diziam que ele estava bem: era um homem que podia reproduzir-se dentro das quotas estabelecidas pela lei.

Em qualquer mês, porém, o exame feito pelos médicos do Departamento de Polícia de São Francisco podiam revelar situação diferente. Ininterruptamente nasciam novos especiais, criados, ou melhor, gerados por normais que haviam sido vítimas da poeira onipresente. A advertência correntemente divulgada por cartazes, anúncios na TV e correspondência do governo, que ninguém lia, dizia:

"Emigre ou degenere! A Opção é Sua!"

Pura verdade, pensou Rick, abrindo o portão da pequena pastagem e aproximando-se da ovelha elétrica.

Mas eu não posso emigrar, disse a si mesmo. Por causa de meu emprego.

O proprietário da pastagem vizinha, Bill Barbour, morador do prédio como ele, chamou-o. Ele, como Rick, vestira-se para o trabalho, mas havia também feito uma parada antes, para ver como ia seu animal.

— Minha égua — declarou radiante Barbour — está grávida. — Indicou a grande Percheron, que olhava com expressão vazia para o espaço. — O que é que você diz disso?

— Digo que, logo, você vai ter dois cavalos — respondeu Rick. Chegara à sua ovelha naquele instante. O animal continuava a ruminar, olhos alertas fixos nele, na esperança de que ele houvesse trazido um pouco de aveia trilhada. A suposta ovelha continha um

circuito com tropismo para aveia; à vista de tal cereal, levantar-se-ia convincentemente e viria gingando à procura do alimento.

— Quem foi que a engravidou? — perguntou a Barbour. — O vento?

— Comprei um pouco do plasma fertilizante da melhor qualidade existente na Califórnia — esclareceu Barbour. — Graças a uns contatos com gente de dentro, no Departamento Estadual de Produção Animal. Não se lembra que, na semana passada, o inspetor do Departamento esteve aqui, examinando Judy? O pessoal anda louco para ganhar o potrinho dela. Ela é um animal de qualidade fora de série. — Bateu carinhoso no pescoço da égua, que inclinou a cabeça em sua direção.

— Você já pensou em vender sua égua? — perguntou Rick.

Queria mais do que qualquer outra coisa no mundo ter um cavalo, na verdade, qualquer animal. Possuir e sustentar uma fraude era uma maneira de, aos poucos, desmoralizar uma pessoa. Ainda assim, do ponto de vista social, isto tinha que ser feito, dada a ausência do artigo legítimo. Não tinha, por conseguinte, opção senão continuar. Mesmo que fosse o caso de ele não se importar, havia a esposa, e Iran se importava. Muito.

— Seria imoral vender minha égua — respondeu Barbour.

— Venda o potrinho, então. Ter dois animais é mais imoral do que não ter nenhum.

Confuso, Barbour respondeu:

— O que é que você quer dizer com isso? Um bocado de gente tem dois animais, mesmo três, quatro, e no caso de Fred Washborne, que é dono da fábrica de processamento de algas, onde trabalha meu irmão, mesmo cinco. Não leu no Chronicle de ontem aquele artigo sobre o pato que ele tem? Dizem que é o Moscovy maior e mais pesado da Costa Oeste. — Os olhos dele vidraram-se, imaginando só possuir aquilo e, gradualmente, caiu num transe.

Procurando nos bolsos do casaco, Rick encontrou seu exemplar amarfanhado e muito estudado do Catálogo Sidney de Animais & Aves, suplemento de janeiro. Olhou no início, procurou potrinhos (cavalos de tamanho regular, filhotes) e logo achou o preço nacional no momento.

— Posso comprar um potro Percheron da Sidney's por cinco mil dólares — disse em voz alta.

— Não, não pode — contestou-o Barbour. — Olhe para a listagem novamente. Está em *itálico*. Isso significa que não têm o animal em estoque, mas que esse seria o preço, se tivessem.

— Que tal — propôs Rick — eu lhe pagar quinhentos dólares por mês, durante dez meses. O preço completo do catálogo.

Com ar de pena, Barbour respondeu:

— Deckard, você não entende de cavalos. Há uma razão por que a Sidney's não tem nenhum potro Percheron em estoque. Esses potros simplesmente não mudam de mão — nem mesmo a preço de catálogo. São escassos demais, mesmo os relativamente inferiores. — Inclinou-se sobre a cerca comum aos lotes de ambos, gesticulando. — Tenho Judy há três anos e, neste tempo todo, não vi ainda uma égua Percheron da qualidade dela. A fim de adquiri-la, tive que voar até o Canadá e eu mesmo a trouxe pessoalmente, para ter certeza de que não seria roubada. Traga um animal desses por qualquer lugar no Colorado ou Wyoming e matam-no para ficar com ele. Quer saber por quê? Porque antes da G.M.T. havia literalmente centenas deles...

— Mas — interrompeu-o Rick — você vai ter dois cavalos e eu não terei nenhum. Isto viola toda a estrutura teológica e moral do mercerismo.

— Você tem sua ovelha. Diabo, você pode seguir a Ascensão em sua vida individual e, quando agarra os dois cabos da empatia, você se aproxima, honradamente. Bem, se você não tivesse aí essa velha ovelha, eu veria alguma lógica em sua situação. Certo, se eu tivesse dois animais e você não tivesse nenhum, eu estaria ajudando a privá-lo de sua verdadeira fusão com Mercer. Mas todas as famílias neste prédio, da forma que calculo a coisa, vejamos, uma para cada três apartamentos, todas têm um animal de algum tipo. Graveson é dono daquela galinha ali. — Fez um gesto na direção norte. — Oakes e a esposa têm aquele grande cão vermelho que ladra à noite. — Pensou um pouco. — Acho que Ed Smith tem um gato lá no seu apartamento. Pelo menos é o que ele diz, embora ninguém jamais o tenha visto. Provavelmente, ele está apenas fingindo. Aproximando-se da ovelha, Rick curvou-se, procurando no grosso manto branco — o velocino pelo menos era autêntico — até encontrar o que queria: o painel de controle, oculto, do mecanismo. Enquanto Barbour observava, ele abriu com um estalo o painel que o cobria, revelando tudo.

— Está vendo? — disse a Barbour. — Compreende agora por que é que eu quero tanto seu potrinho?

Depois de um intervalo, Barbour disse:

— Seu pobre-diabo! Sempre foi assim?

— Não — respondeu Rick, mais uma vez fechando o painel da ovelha elétrica. Espigou-se, virou-se e olhou para o vizinho. — Uma vez, eu tive uma ovelha de verdade. O pai de minha esposa deu-a a nós, sem reservas, quando emigrou. Em seguida, mais ou menos há um ano... Lembra-se daquela vez em que a levei ao veterinário? Você estava aqui em cima naquela manhã quando vim aqui e a encontrei deitada de lado, sem poder levantar-se.

— Você conseguiu que ela se levantasse — confirmou Barbour, lembrando-se e inclinando a cabeça. — Isso mesmo, você conseguiu levantá-la, mas depois de um minuto ou dois andando em volta, ela caiu outra vez.

— Ovelhas pegam doenças muito estranhas — disse Rick. — Ou, em outras palavras, elas pegam um bocado de doenças, mas os sintomas são sempre os mesmos. A ovelha não pode levantar-se, não há jeito de a gente saber qual é a gravidade de seu estado, se é uma torção na perna ou se o animal está morrendo de tétano. Foi disso que morreu a minha: tétano.

— Aqui em cima? — perguntou Barbour. — No telhado?

— O feno — explicou Rick. — Aquela foi a única vez em que eu não tirei todo o arame em volta do fardo. Deixei um pedaço e Groucho — era assim que eu a chamava — arranhou-se e, desse modo, contraiu tétano. Levei-a ao veterinário, ela morreu, pensei nisso e, finalmente, fui a uma dessas oficinas que fabricam animais artificiais, mostrei-lhes uma foto de Groucho. Eles fizeram isto. — Indicou o sucedâneo que, reclinado, continuava a ruminar atento, observando-o ainda alerta, à espera de qualquer indicação da presença de aveia. — É um trabalho de primeira classe. Tenho gasto tanto tempo e atenção cuidando dele como fazia quando possuía o animal legítimo. Mas... —

Encolheu os ombros.

— Não é a mesma coisa — terminou Barbour a frase para ele.

— Mas é quase. A pessoa se sente a mesma fazendo isso. A gente tem que se manter de olho no animal, exatamente como fazia quando ele estava realmente vivo. Porque eles enguiçam, e, neste caso, todo mundo no prédio saberia, tive que mandá-lo seis vezes para a oficina, na maioria das vezes por pequenos defeitos, mas se alguém os visse — por exemplo, uma vez o teipe da voz quebrou ou alguma coisa enguiçou e a ovelha não parava de balir — e então os moradores saberiam que o que houve foi um enguiço mecânico. — E acrescentou: — Claro, o caminhão de reparos está marcado "Hospital

Veterinário Alguma Coisa." E o motorista se veste exatamente igual a um veterinário, todo de branco. — Lançou um rápido olhar ao relógio, lembrando-se do tempo. — Vou ter que trabalhar — disse a Barbour. — Até a noite.

Quando se dirigia para o carro, Barbour gritou apressado para ele:

— Hum, eu não vou dizer a pessoa alguma, aqui no prédio.

Parando por um momento, Rick começou a agradecer. Mas, nesse momento, algo do desespero em que Iran estivera falando deu-lhe uma palmadinha no ombro e ele respondeu:

— Não sei. Talvez não faça mesmo qualquer diferença.

— Mas o pessoal vai olhar para você com desprezo. Nem todos, mas alguns. Você sabe como as pessoas são sobre esse negócio de não ter um animal para cuidar. Consideram isso imoral e antiempático. Quero dizer, tecnicamente não é um crime, como logo depois da Guerra Mundial Terminus, mas o sentimento continua a existir.

— Meu Deus — disse inutilmente Rick, e fez um gesto com a mão vazia. — Eu quero ter um animal. Vivo tentando comprar um deles. Mas o meu salário, com o que se ganha num emprego da municipalidade... — Se eu tivesse sorte outra vez no trabalho, pensou. Como há dois anos, quando consegui pegar dois andros em um único mês. Se eu tivesse sabido naquela ocasião que Groucho ia morrer... Mas aquilo fora antes do tétano. Antes do pedaço quebrado de seis centímetros, fino como uma agulha de injeção, do arame do fardo de ração.

— Você poderia comprar um gato — sugeriu Barbour. — Gatos são baratos. Veja no seu Sidney's.

— Não quero um bichinho de estimação — retrucou calmo Rick. — Quero o que eu tinha antes, um animal grande. Uma ovelha ou, se eu conseguir o dinheiro, uma vaca ou um novilho, ou mesmo o que você tem: um cavalo.

O prêmio em dinheiro pela eliminação de cinco andros, compreendeu, daria para isso. Mil dólares por um deles, além de meu salário. Neste caso, em algum lugar, na mão de alguém, eu encontraria o que quero. Mesmo que a lista da Sidney's Animal & Fow! esteja em itálico. Cinco mil dólares! Mas, pensou, em primeiro lugar, os cinco andros têm que chegar à Terra, vindo de um dos planetas-colônias. Isto eu não posso controlar. Não posso obrigar cinco deles a virem para cá, e mesmo que pudesse, há outros caçadores de cabeças nas forças policiais de todo o mundo. Especificamente, os andros teriam que fixar residência na Califórnia do Norte, e o principal caçador de prêmios dessa área, Dave Holden, teria que morrer ou aposentar-se.

— Compre um grilo — sugeriu Barbour, fazendo piada. — Ou um camundongo. Hei, por vinte e cinco dólares você pode comprar um rato adulto.

— Sua égua pode morrer, como Groucho morreu, quando você menos esperar — disse Rick. — Quando voltar para casa esta noite, pode encontrá-la deitada de costas, com as patas no ar, como se fosse um inseto. Como você disse, um grilo.

Dirigi-se para o carro em passos largos, a chave na mão.

— Desculpe se o ofendi — disse nervoso Barbour.

Em silêncio, Rick abriu a porta do hovercar. Nada mais tinha a dizer ao vizinho, a mente já concentrada no trabalho, no dia à frente.

NUM PRÉDIO gigantesco, vazio, em ruínas, que outrora abrigara milhares de pessoas, um único aparelho de TV anunciava seus produtos à sala vazia.

Antes da Guerra Mundial Terminus, aquela ruína sem dono fora habitada e bem conservada. Ali era um dos subúrbios de São Francisco, a uma curta distância pelo monorail expresso: a península inteira tagarelara como uma árvore cheia de pássaros, transbordante de vida, opiniões e queixas, e, naquele momento, seus zelosos proprietários ou haviam morrido ou emigrado para um mundo-colônia. Principalmente, a primeira alternativa; a guerra fora dispendiosa, a despeito das previsões valentes do Pentágono e de sua autocomplacente nave científica, a Rand Corporation — que, na verdade, existira não muito longe dali. Como os donos de apartamento, a empresa fora embora, evidentemente para sempre. Ninguém lhe sentia a falta.

Além disso, ninguém hoje se lembrava por que estourara a guerra ou quem, se é que alguém, a vencera.

A poeira que contaminara a maior parte do planeta não se originara em país algum, e ninguém, nem mesmo o inimigo do tempo da guerra, contara com ela.

Em primeiro lugar, estranhamente, morreram as corujas. Na ocasião, este fato pareceu quase engraçado, os gordos e fofos pássaros brancos caídos aqui e ali, em quintas e em ruas. Aparecendo não antes do anoitecer, como no tempo em que viviam, ninguém as notou. Pestes medievais haviam-se manifestado de maneira parecida, sob a forma de numerosos ratos mortos.

Esta peste, contudo, descera das alturas.

Depois das corujas, claro, seguiram-se outras aves, mas, por essa altura, o mistério já fora descoberto e bem compreendido. Antes da guerra, estivera em andamento um modesto programa de colonização, mas agora que o sol deixara de brilhar sobre a Terra, o esquema entrou numa fase inteiramente nova. Em conexão com o mesmo, uma arma de guerra, o Combatente Sintético, fora modificada. Capaz de funcionar em um mundo alienígena, o robô humanóide — estritamente falando, o andróide orgânico — transformara-se na besta de carga móvel do programa de colonização.

De acordo com uma lei promulgada pelas Nações Unidas, todos os emigrantes recebiam, automaticamente, a posse de um subtipo andróide de sua escolha e, por volta de 1990, a variedade desses subtipos desafiava todo e qualquer entendimento, assim como acontecera com os automóveis americanos na década de 60.

Este fora o incentivo final: o servo andróide como cenoura, e a precipitação radiativa como porrete.

As Nações Unidas haviam tornado fácil emigrar, e difícil, senão impossível, permanecer.

Potencialmente, continuar na Terra significava o indivíduo, de repente, ver-se classificado como biologicamente inaceitável, uma ameaça à hereditariedade cristalina da raça. Uma vez classificado como especial, o cidadão, mesmo que aceitasse a esterilização, desaparecia da história. Deixava, na verdade, de fazer parte da humanidade.

Ainda assim, aqui e ali, pessoas recusavam-se a emigrar. Isto, mesmo para os indivíduos envolvidos, constituía uma irracionalidade que confundia. Logicamente, todos os regulares já deviam ter emigrado. Talvez, deformada como estava, a Terra continuasse familiar, uma coisa à qual se apegar. Ou, possivelmente, o não-emigrante pensava que o tolo de poeira acabaria finalmente por se esgotar.

De qualquer modo, permaneceram milhares de indivíduos, a maioria aglomerada em áreas urbanas, onde podiam mutuamente se ver, se animar com a presença mútua. Estes pareciam ser os relativamente sensatos. Mas em duvidoso acréscimo a eles, permaneciam ocasionais entidades peculiares nos subúrbios virtualmente abandonados. John Isidore, o alvo dos berros de seu aparelho de televisão, enquanto se barbeava no quarto, era um deles.

Andando ao léu, simplesmente chegara a este lugar nos primeiros dias depois da guerra. Naqueles tempos horrendos, ninguém soubera, realmente, o que andava fazendo. Populações inteiras, desenraizadas pela guerra, vaguearam de um lado para outro, grilaram em primeiro lugar uma região e depois outra.

Naquela época, a precipitação fora esporádica e altamente variável, com alguns Estados quase livres dela, enquanto outros eram saturados. Os deslocados moviam-se com o deslocamento da poeira. No início, a península sul de São Francisco estivera livre da poeira e grande número de pessoas reagira, fixando-se ali. Ao chegar a poeira, uns morreram e outros foram embora. J. R. Isidore permanecera.

O aparelho de TV berrava: . duplicatas dos dias dourados dos Estados do Sul antes da Guerra Civil! Seja como criado particular seja como incansável trabalhador braçal no campo, o robô humanóide fabricado sob medida — projetado especificamente PARA SUAS PRÓPRIAS NECESSIDADES, PARA VOCÊ E SOMENTE PARA VOCÊ — é-lhe entregue à sua chegada, inteiramente gratuito, totalmente equipado, da forma especificada por você antes de sua partida da Terra. Este companheiro leal, que não lhe causará problema algum, na maior e mais ousada aventura imaginada pelo homem na história moderna lhe dará..." E assim continuava, interminavelmente.

Será que estou atrasado para o trabalho, perguntou a si mesmo Isidore, enquanto continuava a raspar o rosto. Não possuía um despertador de trabalho. De modo geral, dependia dos sinais da TV para saber que horas eram. De qualquer modo, a TV alegava que aquele era o quinto (ou sexto?) aniversário da fundação da Nova América, a principal colônia americana em Marte. Seu aparelho de TV, parcialmente quebrado, pegava apenas o canal que fora nacionalizado durante a guerra e que assim continuava.

O governo, em Washington, dando prosseguimento ao programa de colonização, era o único patrocinador, ao qual Isidore era obrigado a ouvir.

"Vamos ouvir agora a palavra da Sra. Maggie Klugman", sugeriu o locutor a Isidore, que queria apenas saber a hora. "Imigrante recém-chegada a Marte, vamos ouvir a Sra. Klugman numa entrevista gravada ao vivo em Nova York. Sra. Klugman, de que modo a senhora compara sua vida na contaminada Terra com sua nova vida aqui, num mundo rico com todas as possibilidades imagináveis?"

Uma pausa e, em seguida, uma voz cansada, seca, de mulher de meia-idade, respondendo: "Acho que o que eu e minha família mais notamos aqui foi a dignidade". "Dignidade, Sra. Klugman?", perguntou o locutor. "Isso mesmo", confirmou a Sra. Klugman, agora da nova York, em Marte. "É uma coisa difícil de explicar, ter um criado particular, no qual a gente pode confiar nestes tempos perturbados... Acho isto tranquilizador."

"Lá na Terra, Sra. Klugman, nos velhos dias, a senhora também se preocupava com a possibilidade de ser classificada como especial?"

"Oh, meu marido e eu quase morríamos de preocupação. Claro, logo que emigramos, a preocupação desapareceu, felizmente para sempre."

Para si mesmo, pensou amargamente John Isidore: e para mim, também, sem eu ter que emigrar. Era um especial há mais de um ano, e não apenas no tocante aos genes deformados de que era portador. Pior ainda, não conseguira passar no teste de faculdades mentais mínimas, o que o tornava em linguagem popular, um debilóide. Sobre ele descia o desprezo de três planetas. Contudo, a despeito de tudo isto, sobrevivia. Tinha seu emprego, de dirigir uma camioneta e o caminhão de entregas de uma firma de consertos de falsos animais.

O Van Ness Hospital para Bichos de Estimação e seu sombrio e gótico dono, Hannibal Sloat, aceitaram-no como ser humano e isto ele apreciava.

Mors certa, vita incerta, declarava ocasionalmente Sloat.

Isidore, embora houvesse escutado essa expressão certo número de vezes, tinha apenas uma vaga idéia do que ela significava. Afinal de contas, se um debilóide conseguia entender latim, então ele deixava de ser debilóide. Sloat, quando isto lhe fora mencionado, reconheceu a verdade da observação. E havia debilóides infinitamente mais estúpidos do que Isidore, que não podiam desempenhar função alguma e que permaneciam em asilos estranhamente denominados de "Instituto de Ofícios Especiais da América", tendo, como sempre, a palavra "especial" se introduzido no título, de alguma maneira.

"... seu marido não sentia proteção", dizia o locutor da TV, "embora possuísse e usasse continuamente um caro, desajeitado protetor genital de chumbo, Sra. Klugman?"

"Meu marido...", começou a Sra. Klugman, mas, nesse momento, tendo acabado de barbear-se, Isidore entrou na sala e desligou a TV.

Silêncio, que saltou das obras de madeira e das paredes e o sufocou com um terrível e total poder, como se gerado por uma imensa usina motriz.

Subia do chão, do carpete cocado que ia de parede a parede, soltava-se dos eletrodomésticos quebrados e semi-quebrados da cozinha, as máquinas mortas que nem uma única vez haviam funcionado desde que estava ali.

Escorria do poste de iluminação inútil da sala de estar, misturando-se com a vazia e muda descida de si mesmo do teto manchado por moscas.

Conseguia, na verdade, emergir de todos os objetos dentro de seu campo de visão, como se ele — o silêncio — quisesse suplantar todas as coisas tangíveis.

Daí, assaltava não só seus ouvidos, mas também seus olhos. Ao lado do aparelho apagado de TV, experimentou-o como se fosse visível e, à sua própria maneira, vivo.

Vivo! Antes, sentira com frequência sua austera aproximação; quando chegava, estourava sem sutileza, evidentemente incapaz de esperar. O silêncio do mundo não podia controlar mais sua cobiça. Não mais.

Não, quando virtualmente vencera.

Perguntou-se se as outras pessoas que haviam permanecido na Terra experimentavam assim o vazio. Ou seria isto peculiar à sua peculiar identidade biológica, uma anormalidade criada por seu inepto aparelhamento sensorial? Questão interessante, pensou. Mas com quem poderia ele comparar notas?

Vivia sozinho nesse prédio cego, em ruínas, de mil apartamentos desocupados que, como todos seus iguais na cidade, dia após dia, mergulhava em ruína entrópica cada vez maior. No fim, tudo no prédio se misturaria, seria anônimo e idêntico, um mero monte, parecendo um pudim e elevando-se até o teto de cada apartamento.

E depois disso, o edifício abandonado se acomodaria e mergulharia em indistinção, sepultado pela poeira eternamente presente. Mas, por essa altura, claro, ele mesmo estaria morto, outro fato interessante a prever, pensou, enquanto permanecia ali sozinho na sala de estar abandonada, apenas com o silêncio do mundo, um silêncio sem pulmões, que a tudo penetrava, irresistível.

Melhor, talvez, voltar a ligar a televisão. Os anúncios, porém, dirigidos aos regulares que restavam, amedrontavam-no. Informavam-no, de um número incontável de maneiras, que ele, um especial, não era desejado. Não tinha utilidade. Não podia, mesmo que quisesse, emigrar. Neste caso, por que escutar? perguntou-se, irritado. Diabos os levem, a eles e sua civilização. Espero que lá aconteça uma guerra — afinal de contas, teoricamente, isto podia acontecer — e que eles acabem como a Terra. E que todos os que emigrarem se transformem em especiais,

Muito bem, pensou, vou trabalhar. Estendeu a mão para a maçaneta que abria a porta para o corredor apagado e encolheu-se todo ao ver a vacuidade do resto do edifício. A vacuidade estava à espera dele, ali fora, a força que sentira, muito ocupada, penetrando em seu apartamento específico. Deus, pensou, e voltou a fechar a porta. Não estava pronto para escalar aqueles degraus ressoantes até o telhado vazio, onde não possuía animal algum. O eco de si mesmo, subindo; o eco de coisa alguma. Tempo de agarrar os guidões, disse a si mesmo, e cruzou a sala de estar até a caixa preta de empatia.

Ao ligá-la, o leve e habitual cheiro de íons negativos subiu do suprimento de energia; inalou-o ávido, já se animando. Em seguida, o tubo de raios catódicos brilhou como uma imagem de TV, fraca, de imitação, uma colagem formada de cores aparentemente ao acaso, rastros, e configurações que, até que os guidões fossem agarrados, nada significava. Assim, tomando uma profunda respiração para se controlar, segurou os punhos gêmeos.

A imagem tornou-se nítida e viu imediatamente uma paisagem famosa, a velha, parda, estéril ladeira, com tufo de ervas secas que pareciam ossos, apontando, inclinadas, para um céu sombrio e sem um sol. Uma única figura, de forma mais ou menos humana, subia cansadamente a encosta, um homem velho usando um robe informe, de cor baça, uma proteção tão insuficiente como se houvesse sido arrancada do vazio hostil do céu.

O homem, Wilbur Mercer, continuava a subir laboriosamente, enquanto, segurando-se ao guidão, John Isidore, aos poucos, experimentava o desaparecimento da sala de estar onde se achava; os móveis arruinados e as paredes se esfumaram, e deixou absolutamente de vê-los. Descobriu-se, em vez disso, mais uma vez entrando na paisagem da colina desolada, do céu desolado. Simultaneamente, não viu mais a subida do velho. Seus próprios pés, nesse momento, arrastavam-se, procuravam apoio, entre as pedras soltas conhecidas; sentia a mesma velha, dolorosa, irregular aspereza sob os pés e, novamente, o cheiro da névoa acre do céu — não o céu da Terra, mas de algum lugar alienígena, distante, mas, ainda assim, graças à caixa de empatia, bem presente.

Fizera a travessia da maneira habitual e desnorteante, e a fusão física — acompanhada de identificação mental e espiritual — com Wilbur Mercer viera a acontecer. Como fazia com todas as pessoas que, neste momento, seguravam os punhos gêmeos, aqui na Terra ou em um dos planetas-colônias. Experimentou-os, os outros, incorporou a tagarelice de seus pensamentos, ouviu em seu próprio cérebro o ruído de suas muitas existências individuais. Eles — e ele — importavam-se com uma única coisa, apenas, e esta fusão de suas mentalidades orientava-lhes a atenção na colina, na subida, na necessidade de ascender. Passo após passo ela continuava, tão lenta que era quase imperceptível. Mas estava ali. Mais alto, pensou, enquanto pedras corriam barulhentas sob seus pés. Hoje, chegamos mais alto do que ontem e, amanhã — ele, a figura composta de Wilbur Mercer, ergueu os olhos para examinar a ladeira à frente.

Impossível distinguir o fim. Longe demais. Mas o fim chegaria.

Uma pedra, lançada contra ele, atingiu-lhe o braço. Sentiu a dor. Virou-se parcialmente e outra pedra passou por ele, errando, bateu na terra, e o som sobressaltou-o. Quem?, perguntou-se, procurando ver se identificava seu atormentador. Os velhos antagonistas, manifestando-se na periferia de sua visão. Aquilo, ou eles, haviam-no seguido o caminho todo, morro acima, e continuaria até o topo.

Lembrou-se do topo, do inesperado nivelamento da colina, quando termina a subida e começa a outra parte. Quantas vezes fizera aquilo? As várias vezes se tornaram indistintas; futuro e passado se tornaram indistintos um do outro, o que já experimentara e o que finalmente experimentaria, fundiram-se, de modo que nada restou, senão o momento, a parada ali e o descanso, durante o qual esfregou o corte deixado em seu braço pela pedra. Deus, pensou cansadamente, de que maneira é isto justo? Por que estou sozinho aqui em cima, sendo atormentado por alguma coisa que nem mesmo consigo ver? Em seguida, no seu íntimo, a tagarelice mútua de todo mundo na fusão quebrou a ilusão de solidão.

Você também sentiu isso, pensou ele. Sim, responderam as vozes. Fomos atingidos, no braço esquerdo; dói como o diabo. Muito bem, disse ele, é melhor começarmos a nos mover outra vez. Voltou a andar e todos os outros o acompanharam no mesmo instante.

Certa vez, lembrou-se, aquilo fora diferente. Muito tempo antes, antes da chegada da maldição, numa parte mais antiga e mais feliz de sua vida. Eles, seus pais adotivos, Frank e Cora Mercer, haviam-no encontrado flutuando numa balsa de avião, inflada, ao largo da costa da Nova Inglaterra... ou fora no México, perto do porto de Tampico? Não se lembrava nesse momento das circunstâncias. A infância fora boa; amara toda a vida, especialmente os animais, conseguira mesmo, na verdade, reviver animais mortos da forma como haviam sido antes. Vivera com coelhos e insetos, onde quer que houvesse sido, na Terra ou num mundo-colônia, agora esquecera disso, também. Mas lembrava-se dos matadores porque o haviam capturado como um anormal, mais especial do que os demais especiais. E, devido àquilo, tudo mudara.

A lei local proibia a faculdade de reversão do tempo, graças à qual os mortos voltavam à vida haviam-lhe dito isso com toda a clareza possível durante seu décimo sexto ano.

Continuara a fazer isso secretamente por mais um ano, nos bosques que ainda restavam, mas fora denunciado por uma velha que nunca vira e de quem nunca ouvira falar. Sem consentimento de seus pais, eles — os matadores — haviam bombardeado o nódulo excepcional que se formara em seu cérebro, atacando-o com cobalto radiativo, e isto o mergulhara num mundo diferente, de cuja existência jamais suspeitara. Fora um poço de cadáveres e ossos mortos e lutara durante anos para sair de lá. O jumento e, especialmente, o sapo, as criaturas que para ele eram as mais importantes, haviam desaparecido, tornados extintos, restando apenas fragmentos que apodreciam, uma cabeça sem olhos aqui, parte de mão ali. Finalmente, uma ave que viera ali para morrer lhe dissera onde estava. Mergulhara na tumba do mundo. Não poderia sair até que os ossos espalhados à sua volta se transformassem de novo em criaturas vivas; ligara-se ao metabolismo de outras vidas e, até que elas se levantassem, ele tampouco podia despertar.

Não sabia naquele momento quanto tempo durara aquela parte do ciclo. De modo geral, coisa alguma acontecera, de modo que fora imensurável. Mas, finalmente, os ossos recuperaram carne; as cavidades oculares se encheram e novos olhos haviam visto, enquanto, ao mesmo tempo, bicos e bocas restauradas cacarejavam, ladravam e miavam. Possivelmente, ele fizera isso; talvez o nódulo extra-sensorial em seu cérebro houvesse finalmente renascido. Ou talvez não tivesse realizado isso; com toda probabilidade, podia ter sido um processo natural.

De qualquer modo, não afundara mais; começara a subir, juntamente com os demais. Há muito tempo, perdera-os de vista. Evidentemente, subia sozinho. Mas eles estavam ali. Ainda o acompanhavam; sentia-os, estranhamente, dentro de si.

Isidore permaneceu onde estava, segurando os dois punhos, sentindo-se como se abarcasse todos os demais seres vivos. Em seguida, relutante, desligou-se. Aquilo tinha que terminar, como sempre, e de algum modo seu braço doía e sangrava no lugar onde a pedra o atingira.

Soltando os punhos, examinou o braço e, em passos trôpegos, foi até o banheiro do apartamento para lavar o corte. Não era o primeiro ferimento que recebia quando em fusão com Mercer e, com toda probabilidade, não seria o último. Pessoas, especialmente idosas, haviam morrido, especialmente depois, no alto da colina, quando começava, a sério, o tormento. Será que conseguirei passar por aquilo novamente? Pensou, enquanto enxugava o ferimento. Havia possibilidade de uma parada cardíaca. Seria bem melhor,

refletiu, se eu morasse numa cidade, onde os prédios têm um médico de serviço com aquelas máquinas ressuscitadoras elétricas. Aqui, sozinho neste lugar, é arriscado demais.

Mas tinha certeza de que correria o risco. Sempre o correria antes. Como a maioria das pessoas, mesmo idosas e fisicamente frágeis.

Usando um lenço de papel secou o braço ferido.
E ouviu, abafado e distante, o som de um aparelho de TV.

É alguém neste prédio, pensou, alucinado, incapaz de acreditar. Não é a minha TV, ela está desligada e estou sentindo a ressonância no chão. É embaixo, em outro nível, inteiramente.

Não estou mais sozinho aqui. Outro morador mudou-se para cá, ocupou um dos apartamentos abandonados e está tão perto que posso ouvi-lo. Tem que ser no nível dois ou três, certamente não mais baixo. Vamos ver, pensou rapidamente. O que é que se faz quando chega um novo morador? Passa-se por lá e toma-se alguma coisa emprestada, é isso o que se faz? Não conseguia lembrar-se, isto jamais lhe acontecera antes, ali ou em qualquer outro lugar; pessoas se mudavam, pessoas emigravam, mas ninguém jamais vinha. É melhor levar-lhe alguma coisa, resolveu. Como um copo de água ou, melhor ainda, de leite; sim, é isso mesmo, leite, farinha de trigo ou, talvez, um ovo — ou, especificamente, seu sucedâneo.

Olhando no refrigerador — o compressor pifara muito tempo antes — encontrou um duvidoso cubo de margarina. Levando-o, nervoso, o coração batendo com dificuldade, desceu para o nível inferior. Tenho que me manter calmo, pensou. Não deixar que ele perceba que eu sou um debilóide. Se descobrir que eu sou, não vai falar comigo. Por alguma razão, é sempre assim que acontece. Por que será?

Desceu apressado o corredor.

A CAMINHO do trabalho, Rick Deckard, e só Deus sabia quantos outros mais, parou por um momento para olhar, disfarçadamente, em frente a uma das maiores lojas de bichos de estimação de São Francisco, no espaço destinado aos animais.

No centro da vitrina, que ocupava um quarteirão inteiro, uma avestruz em uma jaula aquecida de plástico, retribuiu-lhe o olhar. A ave, segundo a placa de informação presa à gaiola, acabara de chegar de um zoológico de Cleveland. Era a única avestruz da Costa Oeste.

Depois de fitá-la, Rick passou mais alguns minutos olhando fixamente para a etiqueta do preço. Prosseguiu em seguida, na direção do Palácio da Justiça, na Lombard Street, e descobriu que estava atrasado um quarto de hora para o trabalho.

No momento em que abria o gabinete, seu superior, o Inspetor de Polícia Harry Bryant, ruivo, orelhas de abano, relaxadamente vestido, mas de olhos vivos, consciente de tudo que tinha importância, gritou para ele:

— Encontre-me às nove e trinta no gabinete de Dave Holden. — Enquanto falava, o Inspetor Bryant folheava rapidamente uma prancha, onde estavam presas folhas de papel de seda datilografadas. — Holden — continuou, afastando-se — está no Hospital Monte Sion, com uma queimadura de laser na espinha. Vai passar lá pelo menos um mês. Até que uma dessas novas seções plásticas de espinha vertebral cole devidamente. — O que foi que aconteceu? — perguntou Rick, com um calafrio.

O principal caçador a prêmio do departamento estivera bem até a véspera. Ao fim do dia, como sempre, ele partira em seu hovercar a caminho de seu apartamento, na congestionada área de alto prestígio de Nob Hill, na cidade.

Por cima do ombro, Bryant murmurou alguma coisa sobre nove e trinta no escritório de Dave, e deixou Rick sozinho.

Ao entrar no seu gabinete, ouviu às suas costas a voz da sua secretária, Ann Marsten:

— Sr. Deckard, sabe o que aconteceu com o Sr. Holden? Foi atingido.

Seguiu-o até o escritório fechado o abafado e pôs em funcionamento a unidade de filtragem do ar.

— Sim — respondeu ele distraído.

— Deve ter sido um desses novos andros, ultra-sabidos, que a Rosen Association está fabricando — opinou a Srta. Marsten. — Leu a brochura da companhia e as folhas de especificação? A unidade cerebral Nexus-6 que estão usando agora é capaz de selecionar num campo de dois trilhões de constituintes, ou dez milhões de trilhas neurais separadas. — Baixou a voz. — O senhor perdeu a chamada no videofone esta manhã. Quem me contou foi a Sra. Wild. A chamada chegou pela mesa exatamente às nove.

— Uma chamada para aqui? — perguntou Rick.

— Uma chamada do Sr. Bryant para o WOP... na Rússia. Perguntando se eles queriam apresentar uma queixa oficial ao representante da Rosen Association no Leste.

— Harry ainda quer que a unidade cerebral Nexus-6 seja retirada do mercado?

Não se sentia surpreso. Desde que foram anunciadas as especificações e relatórios de desempenho em agosto de 1991, a maioria das forças policiais que tratava de andros fujões andava protestando.

— A política soviética não pode fazer mais do que nós — disse. Legalmente os fabricantes da unidade cerebral Nexus-6 operavam de acordo com disposições de lei colonial, tendo sua fábrica automática localizada em Marte. — O melhor que faríamos mesmo era simplesmente aceitar a nova unidade, como um desses fatos inescapáveis da vida — opinou. — Sempre foi assim, no caso de todas as unidades cerebrais aperfeiçoadas que surgiram.

Lembro-me dos uivos de dor quando a Sudermann apresentou seu velho T-14 em '89. Todas as forças policiais no Hemisfério Ocidental alegaram que teste algum lhes revelaria a presença, em caso de entrada ilegal aqui.

Para dizer a verdade, durante algum tempo eles tiveram razão. Mais de cinquenta andróides T-14, segundo lembrava, haviam de uma maneira ou de outra, conseguido chegar à Terra e passaram despercebidos em alguns casos, um ano inteiro. Mas logo depois foi criado o Teste de Empatia Voigt, pelo Instituto Pavlov, na União Soviética. E nenhum andróide T-14, pelo menos tanto quanto se sabia, conseguira passar nesse teste.

— Quer saber o que foi que a Polícia russa disse? — perguntou a Srta. Marsten. — Eu também sei isso — continuou, animando-se seu rosto amarelado e pintalgado de sardas. — Eu descubro com Harry Bryant — respondeu Rick. Sentia-se irritado.

As bisbilhotices de escritório sempre o aborreciam porque, no fim, eram nada mais que a verdade. Sentando-se à escrivaninha, começou intencionalmente a procurar alguma coisa na gaveta até que a Srta. Marsten, percebendo a deixa, foi embora.

Da gaveta tirou um antigo e enrugado envelope de papel pardo.

Recostando-se na sua cadeira tipo executivo, mexeu no conteúdo até encontrar o que queria: os dados reunidos existentes sobre o Nexus-6.

Uma rápida leitura confirmou as informações da Srta. Marsten: o Nexus-6 possuía, de fato, dois trilhões de constituintes, além de uma capacidade de escolha na faixa de dez milhões de possíveis combinações de atividade cerebral. Em 4,5 décimos de segundo um andróide equipado com essa estrutura cerebral podia assumir qualquer uma de quatorze reações-posturas básicas. Bem, nenhum teste de inteligência podia encurralar um andro desses. Mas também os testes de inteligência não haviam encurralado andro algum em anos. Não, desde as primeiras e cruas variedades da década de 70.

Os tipos andróides Nexus-6, refletiu Rick, superavam todas as classes de humanos especiais em termos de inteligência. Em outras palavras, os andróides equipados com a nova unidade cerebral Nexus-6 haviam, a partir de um ponto de vista grosseiro, pragmático, prático, evoluído além de um grande — embora inferior — segmento da humanidade. Com todas as boas ou más conseqüências. Em alguns casos, o criado tornara-se mais hábil do que seu senhor. Novas escalas de realização, contudo, como por exemplo o Teste de Empatia Voigt-Kampff, surgiram como critérios para julgá-los. Um andróide, por mais dotado que fosse de pura capacidade intelectual, não podia entender a fusão que, rotineiramente, ocorria entre os seguidores do mercerismo — uma experiência que ele, e virtualmente todo mundo, incluindo debilóides subnormais, conseguiam realizar sem dificuldade.

Perguntara-se, como, aliás, fizera a maioria das pessoas uma vez ou outra, precisamente por que um andróide saltava impotente, de um lado para outro, quando submetido a um teste de medição de empatia. Empatia, evidentemente, existia apenas na comunidade humana, ao passo que inteligência em algum grau podia ser encontrada em todas as filas e ordens, incluindo os aracnídeos. Pelo menos a faculdade de empatia provavelmente requeria um instinto grupal intacto; um organismo solitário como uma aranha, não teria utilidade para ela; na verdade, tenderia a abortar a capacidade da aranha de sobreviver. Torná-la-ia consciente do desejo de viver de sua presa. Daí, se a possuíssem, todos os predadores, mesmo os mamíferos altamente desenvolvidos como os gatos, morreriam de fome.

A empatia, chegara ele certa vez à conclusão, forçosamente devia limitar-se a herbívoros ou, de qualquer maneira, a onívoros que podiam abster-se de uma dieta de carne. Isto porque, em última análise, o dom da empatia tornava indistintas as fronteiras entre caçador e vítima, entre os bem-sucedidos e os derrotados. Como no caso da fusão com Mercer, os dois subiam juntos ou, quando o ciclo acabava, caíam juntos na fossa

do túmulo do mundo. Estranho, a coisa lembrava uma espécie de seguro biológico, embora de gume duplo. Enquanto alguma criatura experimentava alegria, então a condição para todas as demais criaturas incluía um pouco de alegria. Contudo, se algum ser vivo sofria, no caso do restante a sombra não podia ser inteiramente descartada. Um animal gregrio como o homem adquiriria com isso um fator de sobrevivência mais alto, mas uma coruja ou uma cobra seriam destruídas.

Evidentemente o robô humanóide constituía um predador solitário.

Rick gostava de considerá-los dessa maneira. Isto tornava suportável seu emprego.

Ao aposentar, isto é, matar um andro, não violava a regra de vida estabelecida por Mercer. Matars apenas os matadores, dissera-lhes Mercer no ano em que as caixas de empatia apareceram pela primeira vez na Terra.

No mercerismo,  medida que evoluía e se transformava numa teologia plena, o conceito de Os Matadores crescera insidiosamente.

No mercerismo, um mal absoluto puxava o manto esfiapado do velho trôpego que subia, mas jamais era claro quem ou o quê era essa maligna presença. Um mercerita sentia o mal sem compreendê-lo. Ou, em outras palavras, um mercerita tinha liberdade para localizar a presença nebulosa dos Matadores onde quer que julgasse conveniente.

Para Rick Deckard, um robô humanóide fujo, que matara seu senhor, fora equipado com uma inteligência mais aguda do que muitos seres humanos, que nenhuma consideração sentia por animais, que não possuía capacidade de sentir alegria empática pelo sucesso de outra forma de vida, ou sofrer com sua derrota — isto, para ele, sintetizava Os Matadores.

Pensando em animais, lembrou-se da avestruz que vira na loja. Temporariamente ps de lado as especificações da unidade cerebral Nexus-6, tomou uma pitada de rape Mrs. Siddon's N.º 3 & 4, e pensou. Em seguida, olhou para o relógio e viu que dispunha de tempo. Levantou o videofone da escrivaninha e disse  Srta. Marsten:

— Ligue-me com a Happy Dog Pet Shop, na Sutter Street.

— Sim, senhor — respondeu a Srta. Marsten, abrindo sua caderneta de telefones.

Eles não podem, realmente, pedir aquilo tudo por uma avestruz, disse Rick a si mesmo. Esperam que a pessoa pechinche como nos velhos dias.

— Happy Dog Pet Shop — declarou uma voz de homem, na videotela de Rick apareceu uma pequena e contente face. Ele podia ouvir, no fundo, o barulho feito por animais.

—  a respeito daquela avestruz que os senhores têm na vitrina — explicou Rick, enquanto brincava com um cinzeiro de cerâmica  sua frente. — Qual é a entrada que preciso pagar para compr-la?

— Vamos ver... — disse o vendedor, apanhando uma caneta e um bloco. — De entrada, um terço do preço. — Fez os cálculos. — Posso saber senhor, se vai dar algo usado como inicial?

Reservado, Rick respondeu:

— Eu ... eu ainda não resolvi.

— Vamos supor que para comprar a avestruz o senhor escolha um plano de trinta meses

— disse o vendedor. — A uma taxa de juros baixa, bem baixa, de seis por cento ao mês, isto equivaleria a uma amortização mensal, depois de uma razoável entrada...

— O senhor vai ter que baixar esse preço — disse Rick. — Tire dois mil e não dou nenhum outro artigo como inicial. Pago em dinheiro vivo.

Dave Holden, pensou, estava fora de circulação. Isto poderia significar um bocado de coisas... dependendo de quantas missões surgissem no mês seguinte.

— Senhor — disse o vendedor — nosso preço de venda já está mil dólares abaixo do catálogo. Verifique no seu Sidney's. Eu espero. Quero que o senhor mesmo veja que nosso preço é justo.

Cristo, pensou Rick, Não estão arredando pé. Contudo, apenas por fazer, tirou do bolso do casaco o amarrotado Sidney's, procurou avestruz, macho-fêmea, velha-jovem, doente-sadia, nova-usada, e verificou os preços.

— Nova, macho, jovem, sadia — informou o vendedor. — Trinta mil dólares. — Ele, também, estivera consultando seu Sidney's. — Estamos cobrando exatamente mil dólares menos que o preço de catálogo. Agora, quanto à sua entrada...

— Vou pensar um pouco — disse Rick — e depois telefono para o senhor. — Fez o movimento de desligar.

— Seu nome, senhor? — perguntou alerta o vendedor.

— Frank Merriwell — respondeu Rick.

— Seu endereço, Sr. Merriwell? Para o caso de eu não estar aqui quando o senhor telefonar de volta.

Rick inventou um endereço e pôs o videofone de volta no gancho. Esse dinheiro todo, pensou. Ainda assim, pessoas compram-nas; algumas pessoas têm tanto dinheiro assim. Levantando novamente o telefone, disse áspero:

— Consiga-me uma linha, Srta. Marsten. E não fique escutando. Trata-se de uma chamada confidencial. — Olhou-a zangado.

— Sim, senhor — respondeu a Srta. Marsten. Desligou-se do circuito e deixou-o sozinho para enfrentar o mundo externo.

Discou, de memória, o número da loja de falsos animais, onde conseguira seu sucedâneo de ovelha. Na pequena videotela apareceu um homem vestido como veterinário.

— Dr. McRae — declarou ele.

— Fala aqui Deckard. Quanto custa uma avestruz elétrica?

— Oh, acho que poderíamos lhe cobrar menos de oitocentos dólares. Em quanto tempo quer a entrega? Vamos ter que fabricá-la exclusivamente para o senhor. Não há muita procura de...

— Falo com o senhor depois — interrompeu. Lançou um olhar ao relógio e viu que marcava nove e meia. — Adeus.

Levantou-se rápido da cadeira e, pouco depois, chegou à porta do escritório do Inspetor Bryant. Passou pela recepcionista de Bryant, atraente, com cabelo prateado pela cintura, amarrado em tranças e, em seguida, pela secretária do inspetor, um monstro primevo de algum pântano jurássico, imóvel e ardilosa, como alguma aparição arcaica fixada na sepultura do mundo.

Nenhuma das mulheres falou com ele, nem ele com elas.

Abrindo a porta interna, inclinou a cabeça na direção de seu superior, que nesse momento falava ativamente ao telefone.

Sentou-se, puxou do envelope as especificações do Nexus-6 que trouxera consigo e leu-as mais uma vez enquanto o Inspetor Bryant continuava a falar.

Sentia-se deprimido. Ainda assim, logicamente, devido ao súbito desaparecimento de Dave da cena de trabalho, devia sentir-se pelo menos moderadamente satisfeito.

TALVEZ EU esteja preocupado, pensou Rick Deckard, que o que aconteceu com Dave me aconteça também. Um andro suficientemente sabido para pegá-lo com um laser, provavelmente me pegaria, também. Mas não parecia ser isto.

— Estou vendo que trouxe as especificações sobre aquela nova unidade cerebral — disse o Inspetor Bryant, desligando o videofone.

— Isso mesmo, ouvi falar nesse assunto na rede de bisbilhotices do escritório. Quantos andros estão envolvidos e até onde Dave foi?

— Oito, para começar — explicou Bryant, consultando a prancha. — Dave pegou os dois primeiros.

— E os seis restantes estão aqui no norte da Califórnia?

— Tanto quanto sabemos. Dave também pensa isso. Era com ele que eu estava falando ao telefone. Tenho as notas dele; estavam na mesa dele. — Deu uma batidinha na pilha de papéis. Até o momento não parecia inclinado a passá-las a Rick. Por alguma razão, continuou a folhear as notas, franzindo o cenho e passando a língua por dentro e pelos cantos da boca.

— Não tenho coisa alguma em minha agenda — sugeriu Rick. — Estou pronto para assumir o lugar de Dave.

Bryant respondeu, pensativo:

— Dave utilizou a Escala Modificada Voigt-Kampff para testar os indivíduos de quem desconfiava. Você compreende — deve, de qualquer modo — que este teste não é específico para as novas unidades cerebrais. Nenhum teste é. A Escala Voigt, modificada há três anos por Kampff, é tudo o que temos. — Interrompeu-se, pensando.

— Dave considerava-a exata. Talvez seja. Mas sugiro o seguinte, antes de você sair à procura desses seis. — Mais uma vez, bateu na pilha de notas. — Voe para Seattle e converse com o pessoal da Rosen. Consiga com eles uma amostragem representativa dos tipos que utilizam a nova unidade Nexus-6.

— E faço com que se submetam ao Voigt-Kampff — disse Rick.

— Parece tão fácil — murmurou Bryant, meio para si mesmo.

— Perdão?

— Acho que eu mesmo falo com a organização Rosen, enquanto você está a caminho.

— Olhou em silêncio para Rick. Finalmente, grunhiu qualquer coisa, roeu uma unha e, finalmente, resolveu o que queria dizer: — Vou discutir com eles a possibilidade de incluir vários humanos, bem como os novos andróides deles. Mas você não vai saber. Será decisão minha, juntamente com os fabricantes. A coisa deve estar pronta quando você chegar lá. — Bruscamente, apontou o dedo para Rick, severa sua face. — Esta é a primeira vez em que você vai agir como caçador de cabeças graduado. Dave sabe um bocado sobre isso. Tem anos de experiência.

— Eu, também — disse, tenso, Rick.

— Você tem recebido missões que estavam na agenda de Dave. Ele sempre resolveu quais delas, exatamente, lhe passar, e quais não. Mas, agora, você tem seis que ele pessoalmente resolvera aposentar — um dos quais conseguiu pegá-lo primeiro. Este aqui. — Bryan virou uma das notas, de modo que Rick pudesse vê-la. — Max Polokov. — continuou o inspetor. — De qualquer modo, é assim que ele chama a si mesmo. Supondo que Dave tinha razão. Tudo se baseia nessa suposição, toda a lista. Ainda assim, a Escala Modificada Voigt-Kampff só foi aplicada aos três primeiros, os dois que Dave aposentou e a Polokov. Foi quando Dave lhe administrava o teste que Polokov pegou-o com o laser.

— O que prova que Dave tinha razão — disse Rick. — De outro modo, não teria sido atacado. Polokov não teria motivo.

— Siga para Seattle — disse Bryan. — Não lhes fale nada sobre isso. Eu me encarrego da coisa. Escute aqui — levantou-se e, muito sério, encarou Rick, — quando aplicar lá a Escala Voigt-Kampff, se algum humano não passar nela . .

— Isso não pode acontecer — retrucou Rick.

— Há algumas semanas, conversei com Dave sobre exatamente esse assunto. Ele andava pensando mais ou menos da mesma forma. Eu tinha um memorando da polícia soviética, do próprio W.P.O., que circulou em toda a Terra e nas colônias. Um grupo de psiquiatras de Leningrado procurou o W.P.O. com uma proposta. Queriam que os mais modernos e mais exatos instrumentos analíticos de perfil de personalidade na determinação da presença de um andróide — em outras palavras, a Escala Voigt-Kampff — fossem aplicados a um grupo cuidadosamente selecionado de pacientes humanos esquizóides e esquizofrênicos. Naqueles, especificamente, que revelam o que chamam de "achatamento de afeto". Você deve ter ouvido falar nisso.

— Especificamente, é isso o que a escala mede — disse Rick.

— Neste caso, você sabe por que é que eles estão preocupados.

— Esse problema sempre existiu. Desde que, pela primeira vez, encontramos andróides passando por seres humanos. O consenso da opinião das forças policiais encontra-se no artigo de Lurie Kampff, escrito há oito anos, Bloqueio da Assunção de Papéis em Esquizofrênicos Não-Deteriorados. Kampff comparou a faculdade empática reduzida encontrada em pacientes mentais e uma superficialmente semelhante, mas basicamente...

— Os psiquiatras de Leningrado — interrompeu-o brusco Bryant — pensam que uma pequena classe de seres humanos não conseguiria passar na Escala Voigt-Kampff. Se fossem submetidos a teste em trabalho rotineiro de polícia, seriam classificados como robôs humanóides. Você se enganaria, mas por essa hora eles estariam mortos. — Calou-se e ficou à espera da reação de Rick.

— Mas esses indivíduos — disse Rick —, todos eles estariam...

— Estariam em instituições a eles reservadas — concordou Bryant. — Não poderiam concebivelmente funcionar no mundo externo. Não poderiam, certamente, passar despercebidos como psicóticos avançados... a menos, claro, que o colapso deles tivesse ocorrido recente e subitamente e ninguém houvesse notado. Mas isto poderia acontecer.

— A chance é de um em um milhão — disse Rick. Mas percebia o argumento.

— O que preocupava Dave — continuou Bryant — era o aparecimento do novo tipo avançado Nexus-6. A Rosen nos garantiu, como você sabe, que um Nexus-6 podia ser identificado por testes-padrão de perfil. Acreditamos na empresa. Agora somos forçados, como sabíamos que seríamos, a determinar isto por nossa própria conta. Isto é o que você vai fazer em Seattle. Você compreende, espero, que o tiro pode sair pela culatra. Se você não puder identificar todos os robôs humanóides, então não teremos nenhum instrumento analítico de confiança e jamais descobriremos os que já estão escapando. Se sua escala aponta um sujeito humano e identifica-o como um andróide...

— Bryan sorriu-lhe friamente. — Seria embaraçoso, embora ninguém, absolutamente ninguém da Rosen, viesse a público divulgar esse fato. Na verdade, poderemos ocultar o fato indefinidamente, embora, claro, tenhamos que informar ao W.P.O. que, por seu turno, notificará Leningrado. No fim, a coisa estourará e ficaremos em maus lençóis. Mas, por essa altura, poderemos ter desenvolvida uma escala melhor. — Apanhou o telefone. — Quer começar? Use um carro do departamento e abasteça-se em nossas bombas.

Levantando-se, Rick perguntou:

— Posso levar comigo as notas de Dave Holden? Gostaria de estudá-las durante a viagem.

— Vamos esperar até que você experimente suas escalas em Seattle — respondeu Bryant. Falou em um tom de voz curiosamente impiedoso e este foi um fato que Rick Deckard não deixou de notar.

Ao pousar o hovercar do Departamento de Polícia no telhado da Rosen Association Building em Seattle, encontrou uma jovem à sua espera. Cabelos pretos, esguia, usando os novos e imensos óculos de filtragem de poeira, ela se aproximou do carro, as mãos profundamente enterradas nos bolsos de seu casaco listrado de cor viva. No rosto pequeno, de traços bem definidos, uma expressão de mal-humorada antipatia.

— Qual é o problema? — perguntou Rick, descendo do carro.

Indiretamente, a moça respondeu:

— Oh, não sei. Alguma coisa a ver com a maneira como nos falam ao telefone. Não tem importância. — Bruscamente, estendeu-lhe a mão, que ele, pensativo, aceitou. — Eu sou Rachael Rosen. Sr. Deckard, suponha!

— Isto não foi idéia minha — disse ele. — Eu sei; o Inspetor Bryant nos disse isso. Mas, oficialmente, o senhor é o Departamento de Polícia de São Francisco, que não acredita que nossa unidade exista para benefício público. — Olhou-o por baixo de longos cílios pretos, provavelmente artificiais.

— Um robô humanóide é semelhante a qualquer outra máquina que, com grande rapidez, pode variar entre ser um benefício e um grande perigo. Como benefício, não é problema nosso — retrucou Rick.

— Mas como um perigo — disse Rachael Rosen — o senhor aparece. É verdade, Sr. Deckard, que o senhor é um caçador de cabeças a prêmio?

Rick encolheu relutante os ombros e inclinou a cabeça.

— O senhor não tem dificuldade em considerar um andróide como uma coisa inerte — observou a moça. — Assim, pode "aposentá-lo", como dizem por aí.

— Já selecionou o grupo para mim? — perguntou ele. — Eu gostaria de... —

Interrompeu-se. Porque, de repente, vira os animais da companhia.

Uma empresa poderosa, compreendia bem, teria recursos, claro, para possuir aquilo. Bem no fundo da mente, evidentemente, antevira uma coleção como essa. Não era surpresa o que sentia, mas algo mais parecido com um anelo. Em silêncio, afastou-se da moça em direção à jaula mais próxima. Já lhes sentia o cheiro, os vários odores das criaturas, de pé, sentadas, ou, no caso do que pareceu ser um quati, adormecidas. Nunca em toda sua vida vira ele antes um quati. Conhecia o animal apenas de filmes em três dimensões da TV. Por alguma razão, a poeira atacara aquela espécie com quase o mesmo rigor que as aves — das quais quase nenhuma sobrevivia. Numa reação automática, tirou do bolso seu muito consultado Sidney's e olhou quati, com todas as sublistagens. Os últimos preços, claro, constavam em itálicos: como os cavalos Percheron. nenhum existia à venda no mercado, por qualquer preço. O catálogo da Sidney's simplesmente mencionava o preço ao qual fora feita a última transação envolvendo um quati. Era astronômico.

— O nome dele é Bill — disse a moça, às suas costas. — Bill, o quati. Nós o compramos apenas no ano passado, a uma de nossas subsidiárias. — Apontou para alguma coisa atrás das costas dele e Rick notou, nesse momento, os guardas armados da companhia, suas metralhadoras em posição, o pequeno e leve modelo de fogo rápido da Skoda. Os olhos dos guardas estavam fixados nele desde que seu carro pousara. E, pensou ele, meu carro está claramente marcado como veículo da polícia.

— Um grande fabricante de andróides — disse ele pensativo — investe seu capital excedente em animais vivos.

— Olhe para a coruja — disse Rachael Rosen. — Espere, vou acordá-la para você. — Olhou para uma pequena e distante gaiola, no centro da qual erguia-se uma árvore morta, esgalhada.

Não há mais corujas, começou ele a dizer. Ou, pelo menos, lhe haviam dito isso. A Sidney's, pensou, lista-as no catálogo como extintas: o pequenino e nítido caráter tipográfico, o E, que repetidamente aparece também em todo o livro. Enquanto a moça andava à sua frente, procurou certificar-se, e tinha razão. A Sidney's jamais comete um erro, disse a si mesmo, Sabemos disso, também. Do que mais podemos depender?

— É artificial — disse ele, compreendendo, de súbito, o desapontamento subindo nele, agudo e intenso.

— Não — disse ela, e sorriu, e ele viu que ela possuía pequenos dentes regulares, tão brancos como seus olhos e cabelos eram pretos.

— Mas o catálogo da Sidney's... — disse ele, procurando mostrar-lhe o livreto. Para provar o que dizia. — Nós não a compramos da Sidney's nem de qualquer outro negociante de animais — disse a moça. — Todas as nossas compras são feitas de particulares e não divulgamos os preços que pagamos. — E acrescentou: — Além disso, temos também nossos próprios naturalistas. No momento, eles estão trabalhando no Canadá. De qualquer modo, há ainda um bocado de florestas, comparativamente falando. O suficiente para pequenos animais e, uma vez por outra, uma ave.

Durante longo tempo, ele ficou olhando para a coruja, dormitando em seu poleiro. Milhares de pensamentos ocorreram-lhe, pensamentos sobre a guerra, sobre os dias em que corujas haviam caído do céu: lembrou-se que, na sua infância, fora descoberto que espécie após espécie se tornaram extintas e que os noticiários anunciavam esse fato todos os dias — raposas numa manhã, texugos na outra, até que as pessoas deixaram de ler os eternos necrológios nos jornais televisados.

Pensou, também, em sua necessidade de um animal real. No seu peito, um ódio concreto, mais uma vez, se manifestou contra a ovelha elétrica, da qual era obrigado a tratar, a gostar, como se fosse viva. A tirania exercida por um objeto, pensou. Ele não sabe que eu existo. Como os andróides, faltava-lhe a capacidade de compreender a existência de outro ser. Nunca pensara nisto antes, na semelhança entre um animal elétrico e um andróide. O animal elétrico, pensou, podia ser considerado uma subforma do outro, uma espécie de robô infinitamente inferior. Ou, reciprocamente, podia-se considerar o andróide como uma versão altamente desenvolvida, evoluída, de um sucedâneo de animal. Ambas as idéias repeliavam-no.

— Se você fosse vender sua coruja — disse à moça, Rachael Rosen —, quanto pediria por ela, e quanto de entrada?

— Nós nunca venderíamos nossa coruja. — Olhou-o, atenta, com uma mistura de prazer e pena, ou foi assim que ele interpretou sua expressão. — E mesmo que vendêssemos, você possivelmente não poderia pagar o preço. Que tipo de animal você tem em casa?

— Uma ovelha — respondeu. — Uma ovelha Suffolk de focinho preto.

— Bem, neste caso, você deve sentir-se feliz.

— Eu sou feliz — respondeu. — Acontece, simplesmente, que eu sempre quis uma coruja, mesmo antes que elas morressem todas. — Mas se corrigiu logo: — Todas, menos a sua.

— Nosso atual programa financeiro e de planejamento global — explicou Rachael — exige que obtenhamos outra coruja, que possamos acasalar com Scrappy. — Indicou a coruja, dormitando no galho. Ela abrira por momentos ambos os olhos, frestas amarelas que se fecharam quando voltou a cochilar. Seu peito subiu e caiu perceptivelmente, como se a coruja, em seu estado hipnagógico, houvesse suspirado.

Desligando-se daquela vista — que fazia com que sua amargura total se misturasse com sua reação anterior de respeito e anelo — ele disse:

— Eu gostaria agora de submeter a teste o grupo escolhido. Podemos descer?

— Meu tio recebeu o telefonema de seu superior e provavelmente já ...

— Vocês são uma família? — perguntou brusco Rick, — Uma empresa deste tamanho é um negócio familiar?

Continuando sua frase, disse Rachael:

— Tio Eldon já organizou para você um grupo de andróides e um grupo de controle.

Assim, vamos. — Dirigiu-se para o elevador, as mãos mais uma vez enterradas com força nos bolsos. Não olhou para trás. Ele hesitou durante um momento, sentindo-se aborrecido, antes de, finalmente, segui-la. — O que é que tem contra mim? — perguntou a ela, enquanto desciam juntos.

Ela pensou por um instante, como se até aquele momento não o soubesse.

— Bem — disse — você, um pequeno empregado de um departamento de polícia, está numa situação excepcional. Entende o que estou querendo dizer? — Lançou-lhe um olhar de relance, cheio de malícia.

— Quanto da produção corrente da empresa — perguntou ele — consiste de tipos equipados com o Nexus-6?

— Toda — respondeu Rachael.

— Tenho certeza de que a Escala Voigt-Kampff funcionará com eles.

— E se não funcionar, teremos de retirar do mercado todos os tipos Nexus-6. — Seus olhos pretos flamejaram. Olhou-o zangada quando o elevador parou e as portas deslizaram para os lados. — Porque seus departamentos de polícia não podem fazer um trabalho competente na questão simples de detectar um minúsculo número de Nexus-6 que contraria...

Um homem elegante, magro e idoso aproximou-se deles, mão estendida, na sua face uma expressão preocupada como se, de repente, as coisas comesçassem a acontecer depressa demais.

— Eu sou Eldon Rosen — explicou a Rick, enquanto trocavam um aperto de mãos. — Escute aqui, Deckard, você compreende bem que não fabricamos coisa alguma aqui na Terra, certo? Simplesmente, telefonamos para produção e pedimos uma partida de vários itens. Não é que não queiramos ou não tencionemos cooperar com vocês. De qualquer modo, fiz o melhor que podia. — A mão esquerda, trêmula, correu pelos cabelos que rareavam.

Indicando a pasta de seu departamento, disse Rick:

— Estou pronto para começar. — O nervosismo do Rosen mais idoso aumentou-lhe a própria confiança. Eles estão com medo de mim, compreendeu com um sobressalto. Rachael Rosen, também. Provavelmente, posso obrigá-los a interromper a fabricação dos seus tipos Nexus-6. O que eu fizer na próxima hora afetará a estrutura de operação da empresa. Seus atos, concebivelmente, determinariam o futuro da Rosen Association, ali nos Estados Unidos, na Rússia e em Marte.

Apreensivos, os dois membros da família Rosen estudaram-no e Rick sentiu a vacuidade dos modos deles. Ao vir até ali, ele lhes trouxera o vazio, instalara o nada e o silêncio da morte econômica. Eles controlam um poder desproposital, pensou. Esta empresa é considerada um dos pivôs industriais do sistema; a fabricação de andróides, na verdade, se ligara tanto ao trabalho de colonização que se uma entrasse em colapso a outra a seguiria no devido tempo. A Rosen Association, claro, entendia isto perfeitamente. Eldon Rosen, claro, tivera consciência deste fato desde que recebera o telefonema de Harry Bryant.

— Eu não me preocuparia, se fosse vocês — disse Rick, enquanto seguia os Rosens por um largo corredor feericamente iluminado. Sentia-se tranqüilamente contente. Este momento, mais do que qualquer outro de que podia lembrar-se, aguardava-o. Bem, em pouco tempo, eles saberiam o que seu aparelho de testes poderia fazer — e não fazer. — Se vocês não têm confiança na Escala Voigt-Kampff — observou —, possivelmente a empresa deveria ter pesquisado um teste alternativo. Pode-se argumentar que a responsabilidade cabe, parcialmente, aos senhores. Oh, obrigado. — Os Rosens haviam-no levado do corredor para um cubículo elegante, parecendo uma sala de estar, mobiliado com carpetes, abajures e modernas mesinhas de canto, nas quais havia exemplares de revistas recentes incluindo, notou, o suplemento de fevereiro do catálogo da Sidney's, que ele pessoalmente não vira ainda.

Na verdade, o suplemento de fevereiro só sairia dentro de uns três dias. Obviamente, a Rosen Association mantinha um relacionamento especial com a Sidney's.

Aborrecido, apanhou o suplemento.

— Isto é uma violação de um serviço público. Ninguém deve receber informações antecipadas de mudanças de preço. Na verdade, isto podia constituir violação de uma lei federal. — Tentou lembrar qual lei, mas não conseguiu.

— Vou levar isto comigo — disse e, abrindo a pasta, guardou o suplemento.

Após um intervalo de silêncio, Eldon Rosen disse cansadamente:

— Escute, senhor, não tem sido política nossa obter notícia antecipada...

— Eu não sou um policial comum — retrucou Rick.

— Sou um caçador de cabeças a prêmio. — Da pasta aberta tirou rapidamente o aparelho Voigt-Kampff, sentou-se a uma mesinha de café próxima e começou a montar as peças bem simples do polígrafo. — Pode mandar entrar agora os primeiros sujeitos de teste — informou a Eldon Rosen, que nesse momento parecia abatido.

— Eu gostaria de assistir — disse Rachael, sentando-se também. — Nunca vi antes um teste de empatia ser administrado. O que é que medem essas coisas que você tem aí?

— Isto — explicou Rick, mostrando um disco adesivo chato, do qual pendiam fios — mede a dilatação capilar na área facial. Sabemos que isto é uma reação primária autônoma, a chamada reação de "vergonha" ou "enrubescimento" a um estímulo moralmente chocante. Não pode ser controlada voluntariamente, como acontece no caso da condutividade da pele, respiração e taxa de batimentos cardíacos. — Mostrou-lhe o outro instrumento, um lápis-caneta. — Isto registra flutuações de tensão nos músculos oculares. Simultâneo com o fenômeno do enrubescimento, geralmente pode ser descoberto com um pequeno mas discernível movimento do ...

— E eles não podem ser encontrados em andróides — disse Rachael.

— Eles não são afetados pelas perguntas-estímulos, não. Embora, biologicamente, existam. Potencialmente.

— Aplique o teste em mim — pediu Rachael.

— Por quê? — indagou perplexo Rick.

Erguendo a voz, disse rouco Eldon Rosen:

— Nós a selecionamos como seu primeiro sujeito de teste, Ela pode ser um andróide. Temos esperança de que você possa saber. — Sentou-se numa série de movimentos desajeitados, tirou um cigarro do bolso, acendeu-o e ficou observando-os fixamente.

O PEQUENO feixe de luz branca iluminava, fixo, o olho esquerdo de Rachael Rosen; colado a seu rosto, o disco de tela de arame. Ela parecia calma.

Sentado numa posição de onde podia ver as leituras dos dois medidores do aparelho de teste Voigt-Kampff, disse Rick Deckard:

— Vou descrever certo número de situações sociais. Você deve manifestar sua reação com a maior rapidez possível. O seu tempo de resposta será medido, naturalmente.

— E, naturalmente — respondeu Rachael, a voz distante —, minhas reações verbais não terão importância. Você usará como índices exclusivamente as reações oculares e capilares. Mas vou responder. Quero ir nisto até o fim e... — interrompeu-se. —

Continue, Sr. Deckard.

Escolhendo a questão três, Rick disse:

— No seu aniversário, você recebe de presente uma carteira de couro de vaqueta. —

Ambos os medidores passaram imediatamente do verde para o vermelho, as agulhas tremeram violentamente e depois pararam.

— Eu não a aceitaria — respondeu Rachael. — Denunciaria também à polícia a pessoa que me deu o presente.

Depois de fazer um tique na folha de anotações, Rick continuou, passando para a oitava pergunta na escala de perfil Voigt-Kampff:

— Você tem um filhinho e ele lhe mostra sua coleção de borboletas, incluindo o jarro onde as mata por sufocação.

— Eu o levaria a um médico. — Rachael falou em voz baixa, mas firme. Mais uma vez, os dois medidores registraram reação, mas desta vez as agulhas não se moveram muito. Ele anotou isso, também.

— Você está sentada, assistindo TV — continuou ele — e, de repente, descobre uma vespa andando pelo seu punho.

— Eu a mataria — respondeu Rachael. Desta vez os medidores quase nada registraram: apenas um tremor fraco e momentâneo. Ele anotou o fato e, cauteloso, selecionou a pergunta seguinte.

— Numa revista, você encontra uma página inteira em cores de uma moça nua, — Interrompeu-se.

— Esse teste é para saber se eu sou andróide — perguntou maliciosa Rachael — ou se sou homossexual? — Os medidores nada registraram.

Ele continuou:

— Seu marido gosta da foto. — Os medidores continuaram a não indicar reação alguma. — A moça — acrescentou — está deitada de bruços num belo tapete de pele de urso. — Os medidores permaneceram inertes e ele disse para si mesmo: uma reação de andróide. Ele não conseguiu detectar o principal elemento, a pele do animal morto. A mente dela, da máquina, concentra-se em outros fatores. — Seu marido pendura a foto na parede do gabinete dele — concluiu Rick e, desta vez, os ponteiros se moveram.

— Eu, de modo algum, deixaria que ele fizesse isso — disse Rachael.

— Muito bem — concordou Rick, inclinando a cabeça. — Agora, considere o seguinte: você está lendo um romance escrito nos velhos dias, antes da guerra. Os personagens estão visitando o Fisherman's Wharf, em São Francisco. Ficam com fome e vão fazer uma refeição num restaurante de frutos do mar. Um deles pede lagosta. O maître lança a lagosta numa panela de água fervente, enquanto os personagens olham.

— Oh, Deus — disse Rachael —, isso é horrível! Faziam realmente isso? É tão depravado! Você quer dizer, uma lagosta viva — Os medidores, contudo, não registraram coisa alguma. Formalmente, uma reação correta. Mas simulada.

— Você aluga uma cabana na montanha — prosseguiu ele — numa área ainda verde. É do tipo rústico, de toras de pinheiro, com uma imensa lareira.

— Sim — disse Rachael, inclinando impaciente a cabeça.

— Numa das paredes, alguém pendurou velhos mapas. Reproduções Currier e Ives e, em cima da lareira, há uma cabeça de cervo empalhada, de um macho, com galhadas bem desenvolvidas. As pessoas que estão com você admiram a decoração da cabana e vocês todos resolvem. .

— Não, com a cabeça do cervo — disse Rachael. Os medidores, contudo, indicaram movimento apenas dentro da faixa verde.

— Você é engravidada — continuou Rick — por um homem que prometeu casar com você. O homem vai embora com outra mulher, sua melhor amiga. Você faz um aborto e...

— Eu nunca faria um aborto — retrucou Rachael — De qualquer modo, não posso. Significa prisão perpétua e a polícia anda sempre vigilante. — Desta vez, ambos os ponteiros saltaram violentos para o vermelho.

— Como é que você sabe disso? — perguntou-lhe curioso Rick. — Sobre a dificuldade de fazer um aborto?

— Todo mundo sabe disso — respondeu Rachael.

— Deu a impressão de que você falava por experiência pessoal. — Observava atento os ponteiros que ainda varriam um largo caminho pelos mostradores. — Mais uma. Você está namorando e o homem convida-a a visitar o apartamento dele. Enquanto se encontra lá, ele lhe oferece uma bebida. Ali, com o copo na mão, você olha para o quarto de dormir, atraentemente decorado com cartazes de touradas e se aproxima para olhar mais de perto. Ele a segue, fechando a porta. Colocando o braço em volta de seu corpo, ele diz...

Rachael interrompeu-o:

— O que é um cartaz de touradas?

— Desenhos, geralmente em cores, e muito grandes, mostrando um matador com sua capa, e um touro tentando chifrá-lo. — Pareceu confuso. — Qual é sua idade? — perguntou. Aquilo poderia ser um fator.

— Dezoito — respondeu Rachael. — Muito bem, então esse homem fecha a porta e passa o braço em volta de mim. O que é que ele diz?

— Sabe como é que terminavam as touradas? — perguntou Rick.

— Acho que todo mundo ficava machucado.

— O touro, no fim, era sempre morto. — Esperou, observando os dois ponteiros. Eles palpitaram inquietos, nada mais. Nenhuma leitura absolutamente. — A pergunta final

— disse. — Em duas partes. Você está assistindo a um velho filme na TV, um filme de antes da guerra. Mostra um banquete. Os convidados estão saboreando ostras vivas.

— Ugh — exclamou Rachael e os ponteiros giraram rápidos.

— A entrada — continuou ele — consiste de cão cozido, recheado com arroz. — Os ponteiros moveram-se menos desta vez, menos do que haviam feito com as ostras cruas.

— Ostras cruas são mais aceitáveis para você do que um prato de cão cozido?

Evidentemente que não. — Pôs de lado o lápis, desligou o feixe de luz e retirou o disco adesivo do rosto dela. — Você é um andróide — disse a ela

— ou melhor, à coisa. — Esta é a conclusão do teste

— informou a Eldon Rosen, que o observava, contorcendo-se de preocupação. O rosto do homem idoso contraiu-se, mudando plasticamente com irritada preocupação. —

Estou certo, não? — perguntou Rick. Nenhuma resposta, de nenhum dos dois Rosens,

— Escute aqui — disse em tom conciliador — nós não temos conflitos de interesses. É

importante para mim que o Teste Voigt-Kampff funcione, quase tão importante quanto para você.

O Rosen mais velho respondeu:

— Ela não é um andróide.

— Não acredito nisso — retrucou Rick.

— Por que mentiria ele? — perguntou feroz Rachael a Rick. — Se fôssemos mentir, mentiríamos em sentido contrário.

— Eu quero que seja feita uma análise de sua medula óssea — disse-lhe Rick. — O teste pode, finalmente, determinar se você é um andróide ou não. É um teste lento, doloroso, reconheço, mas...

— Legalmente — retrucou Rachael — eu não posso ser obrigada a me submeter a um teste de medula óssea. Isto foi resolvido pelos tribunais. Seria um caso de auto-incriminação. E de qualquer modo, numa pessoa viva — não no cadáver de um andróide aposentado — leva um bocado de tempo. Você pode aplicar essa droga de Teste de Perfil Voigt-Kampff por causa dos especiais. Eles têm que ser testados constantemente e, enquanto o governo fazia isso, vocês das forças policiais conseguiram passar com o Voigt-Kampff por baixo do pano. Mas o que você disse é verdade: isto foi o fim do teste. — Levantou-se. Afastou-se dele e, com as mãos nos quadris, ficou de costas para ele.

— A questão não é a legalidade da análise de medula óssea — disse rouco Eldon Rosen.

— A questão é que seu teste de identificação de empatia falhou em relação a minha sobrinha. Posso explicar por que ela reagiu como um andróide reagiria. Rachael cresceu a bordo do *Salader 3*. Nasceu nele. Passou quatorze dos seus dezoito anos vivendo de sua biblioteca de fitas gravadas e do que os nove outros membros da tripulação sabiam sobre a Terra. Depois, como você sabe, a espaçonave voltou quando já havia coberto um sexto do caminho para Próxima Centauri. De outro modo, Rachael jamais teria visto a Terra... de qualquer modo, não até muito depois na vida.

— Você teria me aposentado — disse Rachael por cima do ombro. — Numa rede de arrastão policial, eu teria sido morta. Sei disso desde que cheguei aqui há quatro anos; esta não é a primeira vez em que me aplicam o Teste Voigt-Kampff. Para dizer a verdade, raramente saio deste prédio. O risco é enorme, devido a essas barreiras nas estradas que vocês policiais levantam por aí, aquelas blitzes, aquelas incertas para prender especial; não registrados.

— E andróides — acrescentou Eldon Rosen. — Embora, naturalmente, o público não seja informado disso. O público não deve saber que os andróides estão na Terra, ao nosso redor.

— Eu não acho que estejam — respondeu Rick. — Acho que os vários órgãos policiais, aqui e na União Soviética, prenderam todos eles. Agora, a população já é suficientemente pequena, Todas as pessoas, mais cedo ou mais tarde, caem num ponto de identificação. Essa, de qualquer modo, era a idéia.

— Quais são suas instruções — perguntou Eldon Rosen — se acabar designando como andróide um ser humano?

— Isso é assunto departamental. — Começou a recolocar a aparelhagem na pasta. Os dois Rosens observavam-no, em silêncio. — Obviamente — acrescentou — recebi instruções para cancelar aplicações ulteriores de testes. Se falhou uma única vez, não há razão para continuar. — Fechou com um estalo a pasta.

— Nós podíamos tê-lo enganado — disse Rachael. — Coisa alguma nos obrigou a reconhecer que você me testou mal. E a mesma coisa se aplicaria aos nove outros sujeitos que escolhemos. — Fez um gesto vigoroso. — Tudo o que tínhamos que fazer era simplesmente aceitar os resultados de seus testes, quaisquer que fossem.

— Eu teria insistido numa lista antecipada. Um controle de envelope fechado. E comparado os resultados de meus testes, em busca de congruência. Teria que haver congruência. — E vejo agora, compreendeu, que não a teria obtido. Bryant tinha razão. Graças a Deus, não saí por aí caçando cabeças na base deste teste.

— Sim, acho que o senhor teria feito isso — concordou Eldon Rosen. Lançou um rápido olhar a Rachael, que inclinou a cabeça. — Nós discutimos essa possibilidade — continuou depois, relutante.

— Este problema — disse Rick — tem origem, inteiramente, em seus métodos de operação, Sr. Rosen. Ninguém obrigou sua empresa a aperfeiçoar a produção de robôs humanóides a um ponto em que . .

— Nós produzimos o que os colonos queriam — retrucou Eldon Rosen. — Seguimos o princípio, consagrado pelo tempo, de todas as empresas comerciais. Se nossa empresa não tivesse produzido esses tipos cada vez mais humanos, outras firmas neste campo o teriam feito. Sabíamos o risco que corríamos quando criamos a unidade cerebral Nexus-6. Mas seu Teste Voigt-Kampff já era um fracasso antes de lançarmos esse tipo de andróide. Se houvesse classificado um andróide Nexus-6 como andróide, se houvesse descoberto que era um ser humano...mas não foi isso o que aconteceu. — Sua voz se tornara dura e contundentemente penetrante. — Seu departamento de polícia, e outros também, podem ter aposentado, com toda probabilidade aposentaram, seres humanos autênticos com capacidade empática subdesenvolvida, tal como minha inocente sobrinha aqui. Sua situação, Sr. Deckard, é extremamente má, moralmente falando. A nossa não!

— Em outras palavras — disse astutamente Rick —, não vou ter oportunidade de examinar um único Nexus-6. Antes de mais nada, vocês me lançaram nos braços essa moça esquizóide. — E meu teste, deu-se conta, está liquidado. Não devia ter aceito fazer isso, disse a si mesmo. Contudo, era tarde demais.

— Nós o temos em nossas mãos, Sr. Deckard — concordou Rachael, com voz tranqüila e razoável. Virou-se para ele, e sorriu.

Não podia compreender, mesmo naquele instante, como a Rosen Association conseguira prendê-lo numa armadilha, e com aquela facilidade toda. Especialistas, percebeu. Uma empresa gigantesca como essa tem experiência demais. Possui, na verdade, uma espécie de mente coletiva. Eldon e Rachael Rosen eram porta-vozes dessa entidade anônima. Seu erro, evidentemente, consistira em considerá-los como indivíduos. Este era um erro que não repetiria.

— Seu superior, o Sr. Bryant — disse Eldon Rosen —, vai achar difícil compreender como foi que o senhor deixou que anulássemos seu aparelho de teste antes que o teste começasse. — Apontou para o teto, e Rick viu a lente da câmara. Seu cabeludo erro no trato com os Rosens fora devidamente documentado. — Acho que, para nós, a coisa certa a fazer — continuou Eldon — é sentarmo-nos e... — fez um gesto afável. —

Podemos chegar a um acordo, Sr. Deckard. Nenhuma necessidade de preocupação. A variedade Nexus-6 de andróide é uma realidade. Nós aqui na Rosen Association reconhecemos isto, e acho que o senhor, agora, também.

Rachael, inclinando-se para Rick, perguntou:

— Com que intensidade você gostaria de ter uma coruja?

— Eu duvido que algum dia vá possuir uma coruja. — Mas sabia o que era que ela insinuava. Entendia perfeitamente a transação que a Rosen Association queria fazer com ele. Tensão, de um tipo que jamais sentira antes, manifestou-se nele e explodiu, vagarosamente, em todas as partes de seu corpo. Sentiu a tensão, a consciência do que estava acontecendo, assumir inteiramente o controle.

— Mas uma coruja — disse Eldon Rosen — é a coisa que você quer. — Olhou indagador para a sobrinha. — Acho que ele não tem uma idéia...

— Claro que tem — contraditou-o Rachael. — Ele sabe exatamente para onde está se encaminhando esta conversa. Não sabe, Sr. Deckard? — Mais uma vez, inclinou-se para ele, mais perto agora. Ele podia sentir nela um leve perfume, quase um calor, — O senhor praticamente conseguiu, Sr. Deckard. O senhor praticamente tem sua coruja. — Virou-se para Eldon Rosen: — Ele é um caçador de cabeças a prêmio, lembra-se? De modo que vive dos prêmios que obtém, não de seu salário. Não é assim, Sr. Deckard? Rick inclinou a cabeça.

— Quantos andróides escaparam desta vez? — perguntou Rachael.

Ele respondeu no mesmo instante:

— Oito. Inicialmente Dois já foram aposentados por alguém. Não por mim.

— Quanto é que o senhor ganha por aposentar capa andróide? — quis saber Rachael. Encolhendo os ombros, Rick explicou:

— Isso varia.

— Se o senhor não tem um teste que possa administrar, então o senhor não tem meios de identificar um andróide — disse Rachael. — E se não houver maneira de identificar um andróide, não há maneira de receber seu prêmio. De modo que, se a Escala Voigt-Kampff tem que ser abandonada...

— Ela será substituída por uma nova escala — retrucou Rick. — Isto já aconteceu antes. — Três vezes, para ser exato. Mas a nova escala, o aparelho analítico mais moderno, já existia. Nenhum lapso ocorrera. Desta vez, era diferente.

— No fim, claro, a Escala Voigt-Kampff tornar-se-á obsoleta — concordou Rachael. — Mas não agora. Estamos convencidos de que ela identificará os tipos Nexus-6 e gostaríamos que o senhor continuasse nessa base em seu trabalho particular, peculiar. — Balançando-se levemente para frente e para trás, os braços bem cruzados, ela fitou-o com intensidade, procurando avaliar-lhe a reação.

— Diga que ele pode ganhar a coruja — sugeriu com voz áspera Eldon Rosen.

— Você pode ganhar a coruja — repetiu Rachael, observando-o ainda. — Aquela que está lá no telhado. Scrappy. Mas nós vamos querer cruzá-la se conseguirmos pôr as mãos num macho. E todos os filhotes serão nossos, isto tem que ficar absolutamente claro.

— Eu dividirei pela metade a ninhada — disse Rick.

— Não — respondeu no mesmo instante Rachael. Atrás dela, Eldon Rosen sacudiu a cabeça, apoiando-a. — Dessa maneira, você teria direito exclusivo à linhagem de sangue das corujas, pelo resto da eternidade. E há outra condição. Você não pode deixar em testamento sua coruja a pessoa alguma. Em caso de sua morte, ela volta para a empresa.

— Isso parece — comentou Rick — um convite para que vocês entrem e me matem. Para conseguir de volta, imediatamente, sua coruja. Não concordo com isso. É perigoso demais.

— Você é um caçador de cabeças a prêmio — disse Rachael. — Sabe como manejar uma pistola laser... Na verdade, está portando uma delas nesse instante. Se não pode se proteger, como é que vai aposentar os seis andros Nexus-6 restantes? Eles são muito mais sabidos do que os velhos W-4 da Gozzi Corporation.

— Mas sou eu quem os caça — replicou Rick. — Desta maneira, com uma cláusula de reversão, alguém estaria me caçando, — E não gostava da idéia de ser sorrateiramente seguido. Vira o efeito disso em andróides. Produzia algumas mudanças notáveis, mesmo neles.

— Muito bem, nós cedemos nesse ponto — concordou Rachael. — Você pode deixar a coruja em testamento a seus herdeiros. Mas nós insistimos em ficar com a ninhada inteira. Se não puder concordar com isto, volte a São Francisco e reconheça para seus superiores do departamento que a Escala Voigt-Kampff, pelo menos da forma aplicada pelo senhor, não pode distinguir um andro de um ser humano. E, em seguida, vá procurar outro emprego.

— Dê-me algum tempo — pediu Rick.

— Muito bem — anuiu Rachael. — Nós o temos aqui, onde é confortável. — Lançou um olhar ao relógio.

— Meia hora — disse Eldon Rosen. Em silêncio, ele e Rachael dirigiram-se para a porta. Haviam dito o que queriam, compreendeu Rick; o resto, agora, cabia a ele. No momento em que Rachael começava a fechar a porta, depois de terem saído ela e o tio, Rick disse sombrio:

— Vocês me pegaram numa boa. Gravaram em fita que eu me enganei com vocês. Sabem que meu emprego depende do uso que faço da Escala Voigt-Kampff, e, para completar, têm aquela droga de coruja.

— Sua coruja, querido — disse Rachael. — Lembra-se? Prenderemos o endereço de sua casa na perna da coisa e a mandaremos por via aérea para São Francisco. Ela o receberá em casa toda vez que você encerrar o expediente.

A coisa, pensou ele. Ela continua a chamar a coruja de coisa. Ela, não.

— Um segundo só — disse.

Parando à porta, Rachael perguntou:

— Já decidiu?

— Eu quero — respondeu ele, abrindo a pasta de documentos — fazer-lhe mais uma pergunta sobre a Escala Voigt-Kampff. Sente-se outra vez.

Rachael lançou um olhar ao tio, que inclinou a cabeça. De má vontade, ela voltou à sala e sentou-se como antes.

— Para que, isso? — perguntou ela, suas sobrancelhas erguidas de antipatia... e cautela. Ele percebeu-lhe a tensão, anotou-a profissionalmente.

No mesmo instante, apontou para o olho direito dela o lápis de luz e pregou-lhe no rosto o disco adesivo. Rachael olhou fixamente para a luz, ainda visível a sua expressão de extrema antipatia.

— Minha pasta — comentou Rick, enquanto procurava nela os formulários Voigt-Kampff. — Bonita, não? Distribuição do departamento.

— Bem, bem... — disse distante Rachael.

— Pele de bebê — disse Rick, alisando a superfície preta de couro da pasta. — Couro de bebê humano, garantido como autêntico, cem por cento. — Notou que os ponteiros dos dois mostradores giravam freneticamente. Mas apenas depois de uma pausa. A reação viera, mas tarde demais. Conhecia o período de reação até a fração de segundo, o período de reação correto. Não devia ter havido atraso algum.

— Obrigado, Srta. Rosen — disse, reunindo outra vez o equipamento, Concluíra seu teste. — Isto é tudo.

— Vai embora? — perguntou Rachael.

— Vou — respondeu ele. — Estou satisfeito.

Cautelosa, Rachael perguntou:

— E os nove outros sujeitos de teste?

— A escala foi suficiente no seu caso — respondeu ele.

— Posso extrapolar a partir daí. Evidentemente, ainda não é eficiente. — Para Eldon Rosen, que desmoronara devagar junto à porta da sala, disse: — Ela sabe? — As vezes,

elas não sabiam. Falsas recordações haviam sido tentadas várias vezes, geralmente na concepção errada de que, graças a elas, reações aos testes pudessem ser alteradas, — Não — respondeu Eldon Rosen. — Nós a programamos inteiramente. Mas acho que, no fim, ela desconfiava. — À moça, disse: — Você desconfiou quando ele quis fazer outra tentativa.

Pálida, Rachael inclinou rigidamente a cabeça.

— Não tenha medo dele — disse-lhe Eldon Rosen — Você não é um andróide fugitivo, que escapou ilegalmente para a Terra. Você é propriedade da Rosen Association, usada como expediente de vendas para emigrantes em perspectiva. — Dirigiu-se para ela e colocou num gesto de consolo a mão sobre seu ombro. Ao toque, ela se encolheu toda. — Ele tem razão — confirmou Rick. — Não vou aposentá-la, Srta. Rosen, Bom dia. — Dirigiu-se para a porta, mas parou por um momento. Aos dois, perguntou: — A coruja é autêntica?

Rachael lançou um rápido olhar ao Rosen mais velho.

— Ele vai embora, de qualquer modo — disse Eldon Rosen. — Não importa mais agora. A coruja é artificial, Não há mais corujas.

— Hummmm — murmurou Rick e saiu em passo ágil para o corredor.

Os dois observaram-no, enquanto ele se afastava. Nenhum dos dois disse coisa alguma. Coisa alguma restava a dizer.

Então, é assim que opera o maior fabricante de andróides, disse Rick para si mesmo. Tortuosamente, e de uma maneira como nunca encontrara antes. Um novo e complicado tipo de personalidade. Não era de espantar que os órgãos mantenedores da lei estivessem tendo problemas com o Nexus-6.

O Nexus-6. Agora encontrara um deles. Rachael, compreendeu, devia ser um Nexus-6. Estou vendo um deles, pela primeira vez. E, droga, quase conseguiram, chegando bem perto de minar a Escala Voigt-Kampff, o único método de que dispomos para identificá-los. A Rosen Association faz um bom trabalho — faz uma boa tentativa, pelo menos — para proteger seus produtos.

E tenho que enfrentar mais seis deles, pensou. Antes de acabar com a coisa.

Ganharia, com toda justiça, o dinheiro do prêmio. Cada centavo.

Supondo que conseguisse chegar vivo ao fim.

O APARELHO de TV berrava. Descendo os degraus cobertos de poeira do grande prédio de apartamentos para o nível embaixo, John Isidore identificou, nesse momento, a voz conhecida de Buster Amigão, borbotando, feliz, para sua audiência, que cobria todo o sistema.

"—... hei, hei, pessoal! Hora para uma curta notícia sobre o tempo amanhã. Em primeiro lugar, a costa leste dos Estados Unidos. O satélite Mangusto informa que a precipitação será especialmente pronunciada perto do meio-dia e que, em seguida, desaparecerá. Assim, vocês todos, queridos amigos, que estavam pensando em sair, devem esperar até a tarde, hem? E por falar em esperar, faltam agora apenas dez horas para aquela grande notícia, minha denúncia especial! Digam a seus amigos para assistir! Vou revelar uma coisa que os deixará tontos. Bem, vocês podem pensar que é apenas o habitual..."

No momento em que Isidore bateu à porta do apartamento, a televisão morreu imediatamente, caindo na inexistência. Não silenciara simplesmente, deixara de existir, assustada, de volta à sua cova pela batida à porta.

Ele sentiu, por trás da porta fechada, a presença de vida, além daquela da TV. Fazendo um esforço, suas faculdades fabricaram ou captaram um medo obcecado, mudo, de parte de alguém que se retirava para longe dele, alguém lançado para a parede mais distante do apartamento numa tentativa para evitá-lo.

— Hei — chamou. — Eu moro lá em cima. Ouvi sua TV. Vamos nos conhecer. Certo?

— Esperou, à escuta. Nenhum som, nenhum movimento. Suas palavras não haviam conseguido relaxar a pessoa. — Eu lhe trouxe um cubo de margarina — insistiu, mais perto da porta, num esforço para penetrar-lhe a espessura. — Meu nome é J. R. Isidore e trabalho para o conhecido veterinário, Sr. Hannibal Sloat. Você deve ter ouvido falar nele. Sou uma pessoa séria, tenho emprego. Eu guio o caminhão do Sr. Sloat.

A porta foi aberta um pouco e ele viu, dentro do apartamento, uma figura fragmentada, mal alinhada, se contraindo toda, uma moça que se encolheu e procurou afastar-se, mas, ainda assim, segurando a porta, como se precisasse de um apoio físico. O medo fazia-a parecer doente, distorcia-lhe as linhas do corpo, e ela dava uma impressão como se alguém a houvesse quebrado toda e depois, maliciosamente, a tivesse consertado mal. Os olhos dela, enormes, olhavam-no, vidrados, fixos, enquanto ela fazia um esforço para sorrir.

Com uma súbita compreensão, ele disse:

— Você achou que ninguém vivia neste prédio. Pensou que estivesse abandonado.

Inclinando a cabeça, a moça murmurou:

— Sim.

— Mas — disse Isidore — é bom ter vizinhos. Diabo, até que você aparecesse, eu não tinha vizinho nenhum. — E isso não era nada divertido, Deus sabia.

— Você é o único? — perguntou a moça. — Neste prédio, além de mim? — Parecia menos tímida nesse momento. Endireitou o corpo e, com a mão direita, arrumou o cabelo escuro. Nesse momento, viu que ela possuía um bom corpo, embora pequeno, e bonitos olhos bem destacados por longos cílios pretos. Olhando para trás dela, notou que a sala estava toda desarrumada, com valises aqui e acolá, abertas, seu conteúdo meio derramado pelo chão coberto de detritos. Mas isto era natural. Ela mal acabava de chegar.

— Sou o único, além de você — garantiu-lhe Isidore. — E não vou incomodá-la. — Sentiu-se deprimido. Seu oferecimento, exibindo a característica de um velho e autêntico ritual de antes da guerra, não fora aceito. Na verdade, a moça nem parecia notá-lo. Ou, talvez, ela não soubesse para que servia um cubo de margarina. Teve essa intuição; a moça parecia mais confusa do que qualquer outra coisa. Perdera o pé e flutuava impotente num redemoinho cada vez mais fundo de medo. — Bacana aquele

cara, o Buster — disse, tentando fazer com que ela afrouxasse a rigidez da postura. — Gosta dele? Assistio ao programa todas as manhãs, e à noite, quando volto para casa. Vejo o programa dele enquanto janto e depois o programa coruja até a hora de ir dormir. Pelo menos assistia, até que meu aparelho pifou.

— Quem ... — começou a moça e, logo em seguida, interrompeu-se, mordendo o lábio como se estivesse furiosa. Evidentemente, consigo mesma.

— Buster Amigão — explicou ele. Parecia-lhe estranho que essa moça jamais tivesse ouvido falar desse que era o mais conhecido dos cômicos da TV. — De onde foi que você veio? — perguntou, curioso.

— Não vejo no que é que isso importa. — Lançou-lhe um rápido olhar. Algo que viu como que reduzir-lhe a preocupação, e seu corpo se relaxou visivelmente. — Terei prazer em receber visitas — disse — mais tarde, quando estiver instalada. No momento, claro, está fora de cogitação.

— Por que fora de cogitação? — Estava perplexo, Tudo nela deixava-o perplexo. Talvez, pensou, eu tenha vivido aqui sozinho por um tempo longo demais. Eu me tornei estranho. Dizem que debilóides são assim. O pensamento fê-lo sentir-se ainda mais deprimido. — Eu poderia ajudá-la a desfazer as malas — aventurou ele. A porta, nesse momento, virtualmente foi fechada em sua cara. — E arrumar seus móveis.

— Eu não tenho móveis — respondeu a moça. — Todas estas coisas — indicou a saía às suas costas — já estavam aqui.

— Elas não vão servir — garantiu Isidore. Podia ver isso com um simples olhar. As cadeiras, o carpete, as mesas — tudo apodrecera, desmoronando na ruína geral, vítima da força despótica do tempo. E do abandono. Ninguém residira naquele apartamento durante anos e o estrago era quase completo. Não podia imaginar como ela pudera pensar em viver num lugar desses. — Escute aqui — disse, muito interessado —, se dermos uma busca no prédio, procurando, provavelmente vamos encontrar coisas que não estão tão acabadas assim. Um abajur de um apartamento, uma mesa de outro.

— Eu faço isso — disse a moça. — Eu mesma, obrigada.

— Você entraria sozinha nesses apartamentos? — Isto era uma coisa em que ele não podia acreditar.

— Por que não? — Mais uma vez ela estremeceu, nervosa, fazendo careta ao perceber que dissera alguma coisa errada.

— Eu tentei, uma vez — disse Isidore. — Uma única vez. Depois daquela vez, eu simplesmente volto para casa, entro no meu lugar e não penso mais no resto. Os apartamentos onde ninguém mora, centenas deles e todos eles cheios de coisas que as pessoas tinham, como fotografias de família, roupas. Os que morreram não podiam levar coisa alguma e, os que emigraram, não queriam. Este prédio, exceto pelo meu apartamento, está inteiramente entulhado.

— Entulhado? — Ela não compreendeu.

— Entulho é objeto inútil, como correspondência descartada, caixas de fósforos; depois que a gente usa o último fósforo, ou a fita gomada do jornal da véspera. Quando não há ninguém em volta, o entulho se reproduz. Por exemplo, se a gente vai dormir deixando entulho no apartamento, quando acorda na manhã seguinte há duas vezes mais. Ele aumenta sempre cada vez mais.

— Compreendo. — A moça fitou-o, incerta, sem saber se devia acreditar nele ou não. Não tinha certeza se ele falava a sério.

— Esta é a Primeira Lei do Entulho — explicou ele.

— "O entulho expulsa o não-entulho." Tal como a Lei de Gresham sobre o dinheiro ruim. E nesses apartamentos não há ninguém para combater o entulho.

— Então, ele tomou conta de todo o lugar — concluiu a moça. Inclinou a cabeça. — Agora, compreendo.

— Seu lugar aqui — disse ele —, este apartamento que escolheu... está entulhado demais para se viver nele. Podemos fazer recuar o fator entulho. Podemos fazer como eu disse, fazer incursões pelos outros apartamentos. Mas... — interrompeu-se.

— Mas o quê?

— Não podemos vencer — disse Isidore.

— Por que não? — A moça saiu para o corredor, fechando a porta às suas costas, braços cruzados em frente a seus pequenos seios, olhando-o séria, ansiosa para compreender. Ou, de qualquer modo, assim lhe pareceu. Pelo menos, ela estava escutando.

— Ninguém pode vencer o entulho — disse ele —, exceto temporariamente e talvez num único lugar, como no meu apartamento, onde criei um espécie de estase entre a pressão do entulho e do não-entulho, por ora. Mas, no fim, eu morro ou vou embora e o entulho tomará conta, novamente. Trata-se de um princípio universal, que opera em todo o universo; o universo inteiro está-se movendo para um estágio final de entulhamento total, absoluto. — E acrescentou: — Exceto, claro, pela ascensão de Wilbur Mercer.

A moça fitou-o, curiosa.

— Não estou percebendo a relação.

— Isso é tudo o que há no mercerismo. — Mais uma vez, sentiu-se perplexo. — Você não participa da fusão? Não tem uma caixa de empatia?

Depois de uma pausa, a moça respondeu, medindo as palavras:

— Não trouxe a minha comigo. Achei que ia encontrar uma aqui.

— Mas uma caixa de empatia — disse ele, gaguejando em sua agitação — é a posse mais pessoal que uma pessoa pode ter! É uma extensão de seu corpo. É a maneira como você toca outros seres humanos, a maneira como deixa de estar sozinho. Mas você sabe disso. Todo mundo sabe disso. Mercer permite mesmo que pessoas como eu ... —

Interrompeu-se. Mas tarde demais. Já lhe dissera e percebeu pelo rosto da moça, pelo relâmpago de súbita aversão, que ela sabia. — Eu quase passei no teste de quociente de inteligência — disse ele em voz baixa e abalada. — Eu não sou muito especial, apenas moderadamente, não como alguns que você vê por aí. Mas essa é a coisa com a qual Mercer não se importa.

— No que me interessa — retrucou a moça —, pode considerar isso como uma grande objeção ao mercerismo. — Ela falava em voz clara e neutra. Queria apenas declarar um fato, compreendeu ele. O fato de sua atitude no que dizia respeito a debilóides.

— Acho que vou voltar lá para cima — disse ele e começou a afastar-se dela. O cubo de margarina na mão fechada se tornara mole e pegajoso.

A moça observou-o afastar-se, conservando ainda a expressão neutra. De repente, disse: — Espere.

Voltando-se, ele perguntou:

— Por quê?

— Vou precisar de você. Para conseguir um mobiliário adequado. Dos outros apartamentos, como você disse. — Dirigiu-se para ele, o torso nu, esguio e elegante, sem um grama de excesso de gordura. A que horas você volta do trabalho? Você poderá me ajudar, então.

— Você poderia, talvez, preparar o jantar para nós dois? — perguntou Isidore. — Se eu trouxesse os ingredientes?

— Não, tenho muita coisa a fazer. — A moça recusou o pedido tranquilamente e ele notou o fato, percebeu-o sem compreendê-lo. Agora que diminuía o medo inicial dela, alguma coisa começara a emergir. Algo mais estranho. E, pensou ele, deplorável. Uma

frieza. Como, pensou ele, um sopro do vácuo existente entre mundos habitados; na verdade, de parte alguma. Não era o que ela fazia ou dizia, mas o que não fazia ou dizia.

— Noutra ocasião — disse a moça, e voltou na direção da porta de seu apartamento.

— Você guardou meu nome? — perguntou ele, interessado. — John Isidore, e que eu trabalho para...

— Você me disse para quem trabalha. — Parou por um momento à porta, abriu-a e disse: — Para alguma incrível pessoa chamada Hannibal Sloat, que tenho certeza que não existe fora de sua imaginação. Meu nome é. .. — Lançou-lhe um de seus últimos olhares gelados, enquanto entrava no apartamento, hesitou, e disse: — Eu sou Rachael Rosen.

— Da Rosen Association? — perguntou ele. — O maior fabricante de robôs humanóides usados em nosso programa de colonização?

Uma expressão complicada passou no mesmo instante pelo rosto da moça, rapidamente, e logo desapareceu.

— Não — retrucou. — Nunca ouvi falar nessa empresa. Não sei de coisa alguma a respeito dela. Mais de sua imaginação de debilóide, acho. John Isidore e sua caixa de empatia pessoal, privada. Pobre Sr. Isidore.

— Mas seu nome sugere...

— Meu nome — disse a moça — é Pris Stratton. O meu nome de casada. Sempre o uso. Nunca uso outro nome, senão Pris. Pode me chamar de Pris. — Pensou por um momento e, em seguida, corrigiu: — Não, é melhor me chamar de Srta. Stratton. Porque nós não nos conhecemos, realmente. Pelo menos, não o conheço.

A porta se fechou sobre ela e ele ficou sozinho no corredor escuro coberto de poeira.

ENTÃO É ASSIM, pensou J. R. Isidore, apertando ainda na mão o cubo mole de margarina. Talvez ela mude de idéia sobre eu chamá-la de Pris. E possivelmente sobre o jantar também, se eu conseguir achar uma lata de verduras de antes da guerra. Mas talvez ela não saiba cozinhar, lembrou-se de repente. Muito bem, eu posso. Preparo o jantar para nós dois. E mostro-lhe como, de modo que ela possa fazê-lo no futuro, se quiser. Provavelmente, vai querer, logo que eu lhe mostre como. Tanto quanto posso entender, a maioria das mulheres, mesmo jovens como ela, gosta de cozinhar. É um instinto.

Subindo os degraus escuros, voltou para seu apartamento.

Ela está realmente fora de alcance, pensou enquanto vestia seu uniforme branco de trabalho. Mesmo que se apressasse, chegaria atrasado e o Sr. Sloat ficaria zangado, mas, e daí? Por exemplo, ela jamais ouvira falar em Buster Amigão. E isso é impossível. Buster é a pessoa viva mais importante, exceto, claro, "Wilbur Mercer... Mas Mercer, refletiu, não é um ser humano. Evidentemente, é uma entidade arquetípica vinda das estrelas, superposto sobre nossa cultura por um gabarito cósmico. Pelo menos, foi isso que ouvi pessoas dizerem. É isso o que o Sr. Sloat diz, por exemplo. E Hannibal Sloat deve saber.

Estranho que ela não seja coerente sobre seu próprio nome, ponderou. Talvez precise de ajuda. Posso lhe dar alguma ajuda?, perguntou a si mesmo. Um especial, um debilóide? O que é que eu sei? Não posso casar, não posso emigrar e, no fim, a poeira vai acabar comigo. Não tenho coisa alguma a oferecer.

Vestido e pronto para sair, deixou o apartamento e subiu ao telhado, onde se encontrava estacionado seu usado e arruinado hovercar.

Uma hora depois, ao volante do caminhão da companhia, apanhara o primeiro animal defeituoso do dia. Um gato elétrico. Deitado na gaiola plástica à prova de poeira do caminhão, arfava espasmodicamente. Quase se pensaria que era real, observou Isidore, voltando ao Hospital Van Ness de Animais de Estimação — a pequena empresa com o nome cuidadosamente mal escolhido, que mal conseguia sobreviver no duro e competitivo campo de reparos de falsos animais.

O gato, em seu sofrimento, gemeu.

Uau, pensou Isidore, ele parece mesmo que está morrendo. Talvez sua bateria de dez anos de duração tenha entrado em curto e todos os seus circuitos estejam sistematicamente queimando. Um trabalho grande. Milt Borogrove, mecânico do hospital, teria as mãos ocupadas. E eu não dei uma estimativa do custo ao dono, pensou deprimido Isidore. O cara simplesmente me lançou o gato nas mãos, disse que ele começara a enguiçar durante a noite e depois, acho, foi trabalhar. De qualquer modo, de repente, cessara a momentânea troca verbal: o dono do gato subira para o céu em seu novo e belo modelo de hovercar, feito sob medida. E aquele homem constituía um novo cliente.

Ao gato, disse:

— Você não pode esperar até chegarmos à loja? — O gato continuou a gemer. — Vou recarregá-lo, enquanto estamos a caminho — decidiu. Baixou o caminhão para o telhado disponível mais próximo e lá, temporariamente estacionado e com o motor em funcionamento, foi até o fundo do veículo, abriu a gaiola de transporte à prova de

poeira, a qual, juntamente com seu uniforme branco e o nome do caminhão, criavam a impressão total de um verdadeiro veterinário apanhando um animal de verdade.

O mecanismo elétrico, dentro de sua pelagem cinzenta convincentemente autêntica, gorgolejou e expeliu bolhas, vidradas suas videolentes, as mandíbulas de metal trancadas. Isto sempre o deixara atônito, esses circuitos de "doença" instalados nos falsos animais. A peça que segurava nesse momento no colo fora construída de tal maneira que, quando um componente básico enguiçava, a coisa toda parecia não quebrada, mas organicamente doente. Ele teria me enganado, pensou Isidore, enquanto tateava pela pele falsa do estômago, em busca do painel de controle oculto (bem pequeno nessa variedade de animal artificial), além dos terminais da bateria de rápido carregamento. Não encontrou nenhum dos dois. Tampouco pôde procurar muito tempo: o mecanismo entrara quase em pane total. Se o defeito consiste de um curto, refletiu, que está queimando todos os circuitos, então talvez o melhor seja soltar um dos cabos da bateria; o mecanismo parará e nenhum outro mal será feito. E lá na loja, Milt pode recarregá-lo.

Habilmente, passou os dedos pela pseudo-espinha óssea. Os cabos deviam estar por ali. Um trabalho danado de perfeito, uma imitação absolutamente perfeita. Os cabos não eram visíveis nem mesmo com a observação mais cuidadosa. De ser um produto Wheelright & Carpenter — custam mais, mas vejam só que bom trabalho fazem.

Desistiu. O falso gato deixara de funcionar, de modo que evidentemente o curto-circuito — se era isso o que fazia mal à coisa — acabara com o suprimento de energia e o mecanismo básico de propulsão. Isso vai custar um bocado de dinheiro, pensou, pessimista. Bem, a coisa evidentemente não passara pela limpeza e lubrificação trianual, o que fazia toda a diferença. Talvez isto ensine a seu dono — da pior maneira.

Voltando para o assento do motorista, colocou o volante em posição de subida, ganhou o ar mais uma vez com um zumbido e reiniciou o vôo de volta à oficina de reparos.

De qualquer modo, não ouvia mais o chiado asmático, de dar nos nervos, do falso gato. Podia relaxar. Engraçado, pensou, mesmo que eu saiba, racionalmente, que é falso o som emitido por um falso animal que queima seu elemento propulsor e ligações do suprimento de energia, meu estômago está revirado. Como gostaria, pensou tristemente, de conseguir outro emprego. Se não houvesse sido reprovado naquele teste de inteligência, não estaria reduzido a este trabalho ignominioso, com os subprodutos emocionais que o acompanham.

Por outro lado, os sofrimentos sintéticos dos falsos animais não incomodavam Milt Borogrove ou o chefe de ambos, Hannibal Sloat. Assim, talvez a culpa seja minha, disse a si mesmo. Talvez, quando uma pessoa se deteriora e retroage na escada da evolução, como eu, quando mergulha na fossa da sepultura do mundo sendo um especial, bem, é melhor abandonar esta linha de indagação. Coisa alguma o deprimia mais do que os momentos em que comparava seus atuais poderes mentais com os que antes possuía. Todos os dias, declinava em sagacidade e vigor. Ele e milhares de outros especiais em toda a Terra, todos eles a caminho do monte de cinzas. Transformando-se em entulho vivo.

Para arranjar uma companhia, ligou o rádio do caminhão e sintonizou o programa de áudio de Buster Amigão, o qual, como a versão de TV, continuava durante vinte e três

ininterruptas e cálidas horas por dia... a hora restante sendo tomada por uma despedida religiosa, dez minutos de silêncio e recomeço religioso...

"— ... que prazer tê-la no programa outra vez — dizia Buster Amigão. — Vejamos, Amanda. Fazem dois dias inteiros desde que tivemos sua última visita. Começando algum novo filme, querida?"

"— Bem, eu ia fazer um filme ontem, mas, bem, eles queriam que eu comesse às sete..."

"— Sete da manhã?" — interrompeu-a Buster Amigão.

"— Sim, isso mesmo, Buster, sete da manhã!" — Amanda Werner soltou seu famoso riso, quase tão imitado como o de Buster. Amanda Werner e várias outras senhoras, belas, elegantes, de seios cônicos, originárias de países não especificados e vagamente definidos, além de alguns chamados humoristas, constituíam o núcleo perpétuo da programação de Buster. Mulheres como Amanda Werner jamais faziam filmes, nunca apareciam em peças de teatro. Viviam vidas belas, refinadas, como convidadas do programa interminável de Buster, aparecendo, calculara Isidore certa vez, umas setenta horas por semana no vídeo.

Como era que Buster Amigão encontrava tempo para gravar seus programas de áudio e vídeo?, perguntou-se Isidore. E como era que Amanda arranjava tempo para ser convidada dia sim, dia não, mês após mês, ano após ano? Como era que continuavam a falar daquele jeito? Eles nunca se repetiam — não, tanto quanto podia saber.

Suas observações, sempre espirituosas, sempre novas, não eram ensaiadas.

O cabelo de Amanda brilhava, seus olhos faiscavam, seus dentes reluziam; ela nunca pifava, nunca se cansava, nunca lhe faltava uma resposta inteligente para a torrente contínua de piadas, graça e agudas observações de Buster.

O Programa Buster Amigão, transmitido pelas ondas sonoras e pelo vídeo para toda a Terra, via satélite, cobria também os imigrantes nos planetas-colônias. Transmissões experimentais, dirigidas para Próxima Centauri, haviam sido tentadas, para o caso de uma colonização humana chegar até aquela distância. Tivesse o Salander 3 chegado ao seu destino, os viajantes teriam encontrado o Programa Buster Amigão à espera, e teriam ficado satisfeitos.

Mas havia algo em Buster Amigão que o irritava, uma coisa específica. De modo sutil, quase ridicularizava as caixas de empatia. Não uma, mas muitas vezes.

Na verdade, fazia isso exatamente naquele instante.

"—... nada de arranhões de pedras em mim" — disse ele a Amanda Werner. — "E, se vou subir a encosta de uma montanha, vou querer levar comigo umas duas garrafas de cerveja Budweiser!" — A platéia no estúdio bateu palmas e Isidore ouviu um borrito de palmas isoladas. — "E mostrarei, de lá de cima, minha denúncia cuidadosamente documentada... a denúncia que será feita dentro de exatamente dez horas a partir de agora!"

"— Eu também, querido!" — borbotou Amanda. — "Leve-me com você! Vou com você e, quando atirarem uma pedra, eu o protejo." — Mais uma vez, a audiência uivou e John Isidore sentiu uma raiva confusa e impotente surgir em sua nuca. Por que seria que Buster Amigão dava sempre essas tacadinhas no mercerismo? Aparentemente, ninguém se incomodava com isso. Até as Nações Unidas aprovavam isso. E não obstante, as polícias americana e soviética haviam declarado publicamente que o mercerismo reduzira a taxa de crimes, ao tocar os cidadãos mais preocupados com as tributações de

seus vizinhos. A humanidade precisa de mais empatia, declarara várias vezes Titus Corning, Secretário-Geral das Nações Unidas. Talvez Buster esteja com ciúme, conjecturou Isidore, Certo, isto explicaria a coisa: ele e Wilbur Mercer concorrem um com o outro. Mas pelo quê?

Nossas mentes, decidiu Isidore. Estão lutando pelo controle de nossos eus psíquicos: a caixa de empatia, de um lado, e as gargalhadas e as piadas improvisadas de Buster, do outro. Vou ter que dizer isso a Hannibal Sloat, resolveu. Perguntar se é verdade. Ele deve saber.

Logo que parou o caminhão no telhado do Hospital Van Ness de Pequenos Animais, apanhou rapidamente a gaiola plástica com o falso gato imóvel e desceu as escadas correndo para o escritório de Hannibal Sloat. No momento em que entrou, Sloat levantou os olhos de uma página de estoque de peças sobressalentes, seu rosto cinza e riscado de rugas tremendo como águas agitadas. Velho demais para emigrar, Hannibal Sloat, embora não fosse um especial, estava condenado a arrastar-se pelo resto de seus dias na Terra. A poeira, com o passar dos anos, havia-o corroído, encolhido seu corpo e lhe tornado as pernas finas como as de uma aranha, o andar trôpego. Via o mundo através de óculos literalmente enevoados pela poeira. Por alguma razão, Sloan jamais limpava os óculos. Era como se houvesse desistido; aceitara a sujeira radiativa e ela iniciara seu trabalho, há muito tempo, de sepultá-lo. E já lhe turvava a vista. Nos poucos anos que lhe restavam, degenerariam seus outros sentidos, até que sobrasse apenas sua voz de ave e, em seguida, ela emudeceria também.

— O que foi que você trouxe? — perguntou o Sr. Sloat.

— Um gato com um curto no suprimento de força. — Isidore colocou a gaiola na escrivaninha coberta de documentos do patrão.

— Por que o está mostrando a mim? — indagou Sloat.

— Leve-o para a oficina e entregue-o a Milt. — Contudo, pensativamente, abriu a porta e deu um puxão no gato. Outrora, fora mecânico. Um mecânico muito bom.

— Acho que Buster Amigão e o mercerismo estão lutando pelo controle de nossas almas psíquicas — disse Isidore.

— Se é assim — comentou Sloat, examinando o gato, — Buster está ganhando.

— Está ganhando agora — afirmou Isidore — mas, no fim, vai perder.

Sloat ergueu a cabeça e fitou-o.

— Por quê?

— Porque Wilbur Mercer renova-se sempre. Ele é eterno. No alto da colina, ele é empurrado para baixo, Cai na sepultura do mundo, mas sempre se levanta. E nós com ele. Assim, também somos eternos. — Sentia-se bem, falando assim tão desembaraçado. Em geral, na presença de Sloat, gaguejava.

— Buster é imortal, como Mercer. Não há diferença entre eles.

— Como é que ele pode ser? Ele é um homem.

— Não sei — reconheceu Sloat. — Mas é verdade. Mas eles nunca admitiram isso, claro.

— É assim que Buster Amigão pode fazer quarenta e seis horas de programa por dia?

— Isso mesmo — concordou Sloat.

— E Amanda Werner e aquelas outras mulheres?

— Elas são imortais também.

— Será que são uma forma de vida superior, vinda de outro sistema?

— Eu nunca consegui aparar isso com certeza — disse Sloat, ainda examinando o gato.

Nesse momento, tirou os óculos cobertos de pó, e olhou sem eles para a boca semi-aberta. — Como apurei conclusivamente no caso de Wilbur Mercer — terminou em voz quase inaudível. Solto uma praga e, em seguida, uma série de palavrões que pareceu a Isidore durar um minuto inteiro.

— Este gato — disse finalmente Sloat — não é falso. Eu sabia que isto ia acontecer um dia. E ele está morto. — Olhou fixamente para o cadáver do gato. E solto outro palavrão.

Usando seu sujo avental de pano azul grosso, o corpulento e sardento Milt Borogrove apareceu à porta do escritório.

— O que é que está havendo? — perguntou. Vendo o gato, entrou e levantou o animal.

— O debilóide — disse Sloat — trouxe-o para cá. — Nunca, anteriormente, utilizara ele essa palavra em frente a Isidore.

— Se ainda estivesse vivo — disse Milt —, poderíamos levá-lo a um verdadeiro veterinário. Duvido que isto valha a pena. Alguém por aí tem um exemplar do Sidney's?

— O s-s-seu s-s-eguro cobre isto? — perguntou Isidore a Sloat. Sob o corpo, suas pernas vacilaram e achou que a sala começava a tornar-se marrom, pintalgada de pontos verdes.

— Cobre — respondeu Sloat finalmente, meio rosnando, — Mas é o desperdício que me irrita. A perda de mais uma criatura viva. Você não pôde ver, Isidore? Não notou a diferença?

— Eu pensei — conseguiu Isidore dizer — que fosse um trabalho realmente bem-feito. Tão bem-feito que me enganou. Quero dizer, parecia vivo e um trabalho tão bom assim...

— Acho que Isidore não pôde ver a diferença — observou baixinho Milt. — Para ele, todos são vivos, falsos animais inclusive. Ele provavelmente tentou salvá-lo. —

Virando-se para Isidore, disse: — O que foi que você tentou fazer, recarregar a bateria? Ou localizar o curto?

— I-s-so mesmo — reconheceu Isidore.

— Ele provavelmente estava tão doente que não teria feito a mínima diferença — comentou Milt. — Deixe em paz o debilóide, Han. Ele tem um bom argumento: os falsos estão começando a parecer quase reais, principalmente com esses circuitos de doença que estão instalando nos novos modelos. E animais vivos, de fato, morrem. Este é um dos riscos de possuí-los. Nós simplesmente não estamos acostumados com isso, por que tudo o que vemos são os falsos.

— Que droga de desperdício — repetiu Sloat.

— De acordo com M-mercator — observou Isidore —, t-toda vida retorna. O ciclo é c-cc-completo também para a-animais. Quero dizer, todos nós subimos com ele, morremos ...

— Diga isso ao cara que era dono deste gato — sugeriu Sloat.

Sem saber bem se o patrão falava sério, Isidore perguntou :

— O senhor quer dizer que vou ter que fazer isso? Mas é o senhor que faz sempre as videochamadas. — Tinha fobia aos telefones e, para ele, era virtualmente impossível fazer uma chamada, especialmente no caso de estranhos. O Sr. Sloat, claro, sabia disso, também.

— Não o obrigue a fazer isso — disse Milt. — Eu faço. — Estendeu a mão para o aparelho. — Qual é o número dele?

— Eu tenho o número em algum lugar. — Isidore procurou nos bolsos de seu guarda-pó.

— Eu quero que o debilóide faça isso — disse Sloat.

— Eu n-n-não p-posso usar o videofone — protestou Isidore, o coração batendo-lhe com força. — Porque sou cabeludo, feio, sujo, encurvado, desdentado, e grisalho. Além disso, a radiação me faz mal. Penso que vou morrer.

Milt sorriu e disse a Sloat:

— Acho que se me sentisse assim, também não usaria o videofone. Vamos com isso, Isidore. Se não der o número do dono, não vou poder telefonar e você terá que fazer isso. — Estendeu cordialmente a mão.

— O debilóide faz a chamada — insistiu Sloat — ou está despedido. — Não olhou nem para Isidore nem para Milt, apenas fixamente para a frente.

— Ora, vamos — protestou Milt.

— Eu n-n-não gosto de ser c-chamado de debilóide. Quero dizer, a p-p-poeira também f-fez um bocado com o senhor, fisicamente. Embora, talvez n-n-não ao seu cérebro, como no meu caso. — Estou demitido, compreendeu. Não posso dar o telefonema. De repente, lembrou-se de que o dono do gato partira em grande velocidade para o trabalho. Não haveria pessoa alguma em casa. — A-a-acho que posso telefonar para ele — disse, tirando finalmente do bolso a etiqueta com a informação.

— Está vendo? — disse Sloat a Milt. — Ele pode, se tiver que dar o telefonema. Sentado ao videofone, aparelho na mão, Isidore discou.

— Isso mesmo — concordou Milt —, mas ele não devia ter que fazer isso. E ele tem razão. A poeira afetou-o. Você está quase cego e, dentro de uns dois anos, não vai mais ouvir.

— E pegou você também, Borogrove. Sua pele está da cor de bosta de cachorro.

Na videotela aparecera um rosto, uma mulher de aparência bem-cuidada, mitteleuropaische, que usava os cabelos num coque apertado.

— Sim? — disse ela.

— S-S-Sra. Pilsen? — perguntou Isidore, o terror percorrendo todo seu corpo. Não pensara nisso, naturalmente, mas o dono tinha uma esposa que, naturalmente, se encontrava em casa. — Eu queria lhe f-f-falar a respeito do seu g-g-gato. — Interrompeu-se e esfregou num tique nervoso o queixo. — Seu gato.

— Oh, sim, o senhor veio buscar Horace — disse a Sra. Pilsen, — É mesmo pneumonia? Foi isso o que o Sr. Pilsen pensou.

— Seu gato morreu — disse Isidore.

— Oh, não, Deus no céu!

— Nós o substituiremos — disse ele. — Temos seguro.

— Lançou um olhar ao Sr. Sloat, que pareceu de acordo.

— O proprietário de nossa firma, o Sr. Hannibal Sloat — parou, à procura de palavras — pessoalmente...

— Não — disse Sloat — nós lhe daremos um cheque. No valor da lista de preços da Sidney's.

— ... pessoalmente escolherá outro gato para substituí-lo — descobriu-se Isidore dizendo.

Tendo iniciado uma conversa que não podia suportar, verificava que não podia livrar-se dela. O que dizia possuía uma lógica intrínseca que não tinha meios de deter, e que teria que ir forçosamente até sua conclusão. Sloat e Milt Borogrove olharam-no fixamente enquanto ele continuava:

— Dê-nos as especificações do gato que deseja. Cor, sexo, subtipo, tais como Manx, Persa, Abissínio...

— Horace morreu . — disse a Sra. Pilsen.

— Ele estava com pneumonia — explicou Isidore. — Morreu a caminho do hospital. Nosso médico-chefe, Dr. Hannibal Sloat, disse que no estado em que ele se encontrava, coisa alguma poderia tê-lo salvo. Mas, Sra. Pilsen, não é uma boa notícia a de que vamos substituí-lo? Certo?

Lágrimas enchendo-lhe os olhos, a Sra. Pilsen disse:

— Só havia um gato como Horace. Ele costumava, desde que era apenas um gatinho, olhar para a gente, como se estivesse fazendo uma pergunta. Nunca compreendemos que pergunta era essa. Talvez, agora, ele saiba a resposta. — Novas lágrimas apareceram. — Acho que, no fim, todos nós descobriremos.

Ocorreu uma inspiração a Isidore:

— Que tal uma duplicata elétrica exata de seu gato?

Podemos conseguir um soberbo serviço artesanal da Wheelright & Carpenter, no qual todos os detalhes do antigo animal são fielmente reproduzidos em permanente...

— Oh, isso é horrível — protestou a Sra. Pilsen. — O que é que o senhor está dizendo? Não diga isso a meu marido. Não sugira isso a Ed ou ele enlouquecerá. Ele amava Horace mais do que qualquer outro gato que já teve, e teve gatos desde menino.

Tomando o videofone de Isidore, Milt disse à mulher:

— Podemos dar-lhe um cheque no valor listado na Sidney's ou, como sugeriu o Sr. Isidore, podemos escolher um novo gato para a senhora. Sentimos muito a morte de seu gato, mas, como disse o Sr. Isidore, ele estava com pneumonia, uma doença quase sempre fatal. — Continuou a falar em tom profissional.

Dos três ali no Hospital Van Ness de Pequenos Animais, Milt era o que se saía melhor na questão de telefonemas de negócios.

— Eu não posso contar a meu marido — disse a Sra. Pilsen.

— Muito bem, madame — respondeu Milt e fez uma leve careta — nós telefonaremos para ele. Poderia me dar o número do trabalho dele? — Estendeu a mão para pegar caneta e um bloco. Sloat passou-lhe os dois artigos.

— Escute aqui — disse a Sra. Pilsen. Parecia ter recobrado o ânimo. — Talvez o outro cavalheiro tenha razão. Talvez seja bom eu encomendar um substituto elétrico de Horace, mas sem Ed jamais saber. Poderia ser uma reprodução tão fiel que meu marido não notasse a diferença?

Em dúvida, Milt respondeu:

— Se é isso o que a senhora quer. Mas, segundo nossa experiência, o dono do animal jamais é enganado. Isto só acontece com observadores casuais, como vizinhos. A senhora compreende, logo que se examina bem um animal falso.

— Ed nunca se tornou fisicamente íntimo de Horace, embora o amasse. Era eu que cuidava de todas as necessidades pessoais de Horace, como levá-lo à caixa de areia.

Acho que gostaria de tentar um sucedâneo e, se a coisa não desse certo, os senhores nos poderiam arranjar um animal autêntico para substituir Horace. Eu, simplesmente, não quero que meu marido saiba. Acho que ele não conseguiria sobreviver a essa perda. Foi por isso que ele nunca se aproximou muito de Horace. Tinha medo de aproximar-se. E quando Horace adoeceu — com pneumonia, como o senhor disse —, Ed entrou em pânico e, simplesmente, não queria enfrentar a realidade. Foi por isso que esperamos tanto antes de chamar os senhores. Demorou demais, como eu sabia, antes que vocês telefonassem, eu sabia. — Inclinou a cabeça, as lágrimas nesse instante sob controle. — Quanto tempo vai demorar isso?

Milt fez um cálculo mental:

— Podemos tê-lo pronto dentro de dez dias. Faremos a entrega durante o dia, enquanto seu marido estiver no trabalho. — Encerrou a conversa, despediu-se, e desligou: — Ele vai saber — disse ao Sr. Sloat. — Dentro de cinco segundos. Mas se é isso o que ela quer...

— Donos que chegam a amar seus animais — disse sombrio o Sr. Sloat — ficam arrasados. Estou contente porque em geral não nos envolvemos com bichos de verdade.

Vocês compreendem que autênticos veterinários têm que dar telefonemas como esse o tempo todo? — Olhou para John Isidore. — De algumas maneiras, você não é tão estúpido, afinal de contas, Isidore. Você tratou do assunto razoavelmente bem. Mesmo que Milt tivesse que intervir e tomar a frente depois.

— Ele estava indo muito bem. — disse Milt. — Deus, aquilo foi duro. — Apanhou o falecido Horace. — Vou levá-lo para a oficina. Han, telefone para a Wheelright & Carpenter e peça para mandar aqui o construtor deles, para medir e fotografar o gato. Não vou deixar que o levem para a oficina deles. Eu mesmo quero comparar a réplica. — Acho que vou mandar Isidore conversar com eles — decidiu o Sr. Sloat. — Foi ele quem começou isto. Deve poder tratar com a Wheelright & Carpenter depois de ter tratado com a Sra. Pilsen.

— Simplesmente, não deixe que eles levem o original — disse Milt a Isidore. Entregou-lhe Horace. — Vão querer porque isso torna o trabalho deles muito mais fácil. Seja firme.

— H-h-hummm — fez Isidore, pestanejando. — Muito bem. Talvez seja bom telefonar agora, antes que o corpo comece a apodrecer. Corpos mortos não apodrecem, ou coisas assim? — Sentiu-se jubiloso.

DEPOIS DE ESTACIONAR o veloz e "envenenado" hovercar do departamento no telhado do Palácio da Justiça de São Francisco, na Lombard Street, o caçador de cabeças a prêmio Rick Deckard, pasta na mão, desceu para o escritório de Harry Bryant. — Você voltou cedo pra burro — disse o superior, recostando-se na cadeira e tomando uma pitada de rapé Específico N.º 1.

— Consegui o que o senhor me mandou buscar. — Rick sentou-se, de frente para a secretária. Pôs de lado a pasta. Estou cansado, reconheceu. A coisa começava a pegá-lo, agora que voltara. Perguntou-se se recuperaria o suficiente para o trabalho que o aguardava. — Como está Dave? — perguntou. — Suficientemente bem para que eu fale com ele? Eu gostaria, antes de pegar o primeiro dos andros.

— Em primeiro lugar — disse Bryant — você vai tentar pegar Polokov. O cara que atingiu Dave com um laser. É melhor tirá-lo logo da jogada, uma vez que ele sabe que está em sua lista.

— Antes de eu falar com Dave?

Bryant pegou uma cópia de papel de seda, uma indistinta terceira ou quarta cópia a carbono.

— Polokov arranjou um emprego na prefeitura como gari, lixeiro.

— Não são só especiais que fazem esse tipo de trabalho?

— Polokov está passando por especial, debilóide. Muito deteriorado, ou é isso que ele pretende ser. Foi isso o que enganou Dave. Aparentemente, Polokov parece-se e age de modo tão igual a um debilóide que Dave se esqueceu. Tem certeza agora a respeito da Escala Voigt-Kampff? Está absolutamente certo, à vista do que aconteceu em Seattle, que...

— Estou — disse, seco, Rick. Não deu maiores explicações.

— Aceito sua palavra nisso — concordou Bryant. — Mas não pode haver nem mesmo um único deslize.

— Jamais pode haver, em caçada de andros. Isto não é diferente.

— O Nexus-6 é diferente.

— Eu já descobri o meu primeiro — disse Rick. — E Dave descobriu dois. Três, se contar Polokov. Muito bem, vou aposentar Polokov hoje, e depois, talvez à noite ou amanhã, converso com Dave. — Estendeu a mão para a cópia apagada, a última notícia sobre o andróide Polokov.

— Mais uma coisa — lembrou Bryant. — Um policial soviético, do W.P.O., está a caminho daqui. Enquanto você estava em Seattle, recebi um telefonema dele. Ele está a bordo de um foguete da Aeroflot que descerá no campo público daqui dentro de uma hora. O nome dele é Sandor Kadalyi.

— O que é que ele quer? — Raramente tiras do W.P.O. apareciam em São Francisco, se é que alguma vez apareceram.

— O W.P.O. está tão interessado nos novos tipos Nexus-6 que quer que um de seus homens trabalhe com você. Será um observador...e, também, se puder, lhe dará ajuda. Cabe a você decidir quando e se ele será de valor. Mas já dei permissão para ele trabalhar com você.

— E o prêmio? — perguntou Rick.

— Você não terá que dividi-lo — respondeu Bryant, com um fraco sorriso.

— Eu simplesmente não consideraria essa combinação como financeiramente justa. — Ele não tinha absolutamente nenhuma intenção de dividir o prêmio com um gorila do "W.P.O. Estudou a informação sobre Polokov. Continha uma descrição do homem, ou melhor, do andro, e fornecia seu atual endereço e local de trabalho: Departamento de Limpeza Urbana da Área da Baía, com escritórios em Geary.

— Quer adiar a aposentadoria de Polokov até que o tira soviético chegue para ajudá-lo?

— perguntou Bryant.

Rick eriçou-se todo.

— Eu sempre trabalhei sozinho. Claro, a decisão é sua... eu farei o que quiser. Mas eu preferia pegar Polokov agora mesmo, sem esperar que Kadalyi chegasse à cidade.

— Então vá em frente, sozinho — resolveu Bryant. — E quanto ao segundo, que será uma Srta. Luba Luft — você também tem aí a folha sobre ela — você poderá convocar Kadalyi.

Tendo enfiado as cópias a carbono na pasta, Rick deixou o gabinete do superior e subiu mais uma vez para o telhado, onde estava estacionado seu hovercar. Agora, vamos visitar o Sr. Polokov, disse a si mesmo. E deu uma palmadinha em seu tubo de laser.

Em sua primeira tentativa para pegar o andróide Polokov, Rick visitou a sede da Companhia de Limpeza Urbana da Área da Baía.

— Estou à procura de um de seus empregados — disse à severa e grisalha mulher que operava a mesa telefônica. O edifício impressionava-o: grande e moderno, possuía um bom número de empregados puramente burocráticos, de alta classe. Os grossos carpetes, as caras escrivaninhas de madeira autêntica, lembraram-lhe que a coleta e remoção de lixo tornara-se, desde a guerra, uma das mais importantes indústrias da Terra. O planeta inteiro começava a transformar-se em sucata e mantê-lo habitável para a população restante exigia que o lixo fosse ocasionalmente tirado do caminho... ou, como Buster Amigão gostava de dizer, a Terra morreria sob uma camada — não de poeira radiativa — mas de entulho.

— O Sr. Ackers — informou a telefonista. — Ele é o gerente de pessoal. — Apontou para uma escrivaninha imponente, mas imitação, de carvalho, atrás da qual sentava-se um pequenino e afetado indivíduo de óculos, em meio a uma pletora de documentos. Rick apresentou-lhe seu cartão de identidade da polícia.

— Onde se encontra, neste exato momento, um empregado de vocês chamado Polokov? No trabalho ou em casa?

Após uma relutante consulta aos registros, o Sr. Ackers respondeu:

— Polokov deve estar no trabalho. Achatando hovercars em nossa fábrica de Daly City e lançando-os na baía. Contudo... — O gerente de pessoal consultou outro documento, apanhou o videofone e fez uma chamada interna para alguém no edifício. — Ele não está, então — disse, encerrando a chamada. Pondo o aparelho no gancho, disse a Rick: — Polokov não apareceu hoje para trabalhar. Nenhuma explicação. O que foi que ele fez, Senhor Investigador?

— Se ele aparecer — recomendou Rick —, não lhe diga que estive aqui à sua procura. Compreendeu?

— Sim, compreendi — respondeu mal-humorado

Ackers, como se seu profundo treinamento em assuntos policiais houvesse sido ridicularizado.

No hovercar "envenenado" do departamento, Rick voou em seguida para o prédio de apartamentos de Polokov, situado no Tenderloin. Nós nunca vamos pegá-lo, disse a si mesmo. Eles — Bryant e Holden — esperaram demais. Em vez de ter-me mandado a Seattle, Bryant devia ter-me mandado pegar Polokov — ainda melhor, na noite passada, logo que Dave foi ferido.

Que lugar nojento, pensou, enquanto cruzava o terraço na direção do elevador.

Chiqueiros abandonados de animais, cobertos por meses de poeira. Numa gaiola, um animal falso que não mais funcionava, uma galinha. Pelo elevador, desceu até o andar de Polokov e encontrou o corredor às escuras, como se fosse uma caverna subterrânea. Utilizando sua lanterna policial de feixe selado, iluminou o corredor e, mais uma vez,

lançou um olhar à cópia a carbono. O Teste Voigt-Kampff já fora administrado a Polokov. Podia ignorar essa parte e passar diretamente à tarefa de destruir o andróide. É melhor pegá-lo daqui mesmo, decidiu. Pondo no chão o estojo de armas, abriu-o e tirou um transmissor de ondas não-direcional Penfield. Apertou o botão de catalepsia, protegido contra a emanação de estado de espírito graças a uma irradiação de contra-onda que lhe chegava pelo cabeçote de metal do transmissor, e que era dirigida somente para ele.

Eles estão agora, todos eles, duros como pedra, disse a si mesmo. Todos, seres humanos e andróides, nas vizinhanças. Nenhum risco para mim. Tudo o que eu tenho a fazer é entrar e abatê-lo com o laser. Suponho, naturalmente, que ele esteja no apartamento, o que não é provável.

Utilizando uma chave de infinito, que analisava e abria todas as formas de fechaduras conhecidas, entrou no apartamento de Polokov, feixe de laser na mão.

Nenhum sinal de Polokov. Apenas móveis semi-arruinados, um lugar de entulho e decadência. Na verdade, nenhum artigo pessoal: o que o recebia consistia de restos não reclamados que Polokov herdara quando ocupara o apartamento e que ao deixar abandonava ao futuro morador, se algum surgisse.

Eu sabia, disse Rick a si mesmo. Bem, lá se vão os primeiros mil dólares de prêmio. Provavelmente, escafedeu-se o caminho todo até o Círculo Antártico. Fora de minha jurisdição; outro caçador de cabeças a prêmio, de outro departamento de polícia, aposentará Polokov e reclamará o dinheiro. Agora, é ir atrás dos andros que, acho, não foram avisados, como Polokov foi. De Luba Luft.

De volta ao telhado, fez pelo telefone do hovercar um relatório a Bryant:

— Nenhuma sorte com Polokov. Provavelmente, foi embora logo depois de ter atingido Dave com o laser. — Olhou para o relógio de pulso. — Quer que eu vá receber o tal Kadalyi no campo? Isto economizará tempo e estou ansioso para ir atrás da Srta. Luft.

— Já tinha à sua frente a folha de informações e fazia um exame minucioso.

— Boa idéia — disse Bryan —, exceto que o Sr. Kadalyi já está aqui. A nave da Aeroflot — como sempre, diz ele — chegou antes da hora. Espere um momento. — Uma conferência invisível. — Ele vai voar para onde você está agora — disse Bryant, reaparecendo na tela. — Enquanto isso, estude os dados sobre a Srta. Luft, — Cantora de ópera. Supostamente, natural da Ale» manha. No momento, com a Companhia de Ópera de São Francisco. — Inclinou a cabeça, numa atitude pensativa, sua mente na folha de informações. — Deve ter uma boa voz, para fazer relações com tal rapidez. Muito bem, espero aqui por Kadalyi. — Deu a localização a Bryant e desligou.

Vou fingir que sou um aficionado de ópera, resolveu, continuando a ler. Gostaria, especialmente, de vê-la como Donna Anna, no Don Giovanni. Na minha coleção pessoal, tenho fitas de velhas estrelas, como Elisabeth Schwarzkopf, Lotte Lehmann, e Lisa Delia Casa. Isto nos dará algo para discutir enquanto preparo meu equipamento Voigt-Kampff.

Tocou o telefone do carro. Apanhou o aparelho.

— Sr. Deckard — disse a telefonista da polícia —, um telefonema para o senhor, de Seattle. O Sr. Bryant mandou fazer a ligação. Da Rosen Association.

— Muito bem — disse Rick, e esperou. O que é que eles querem?, perguntou-se. Tanto quanto podia compreender, já descobrira que os Rosens eram más notícias. E, sem dúvida, continuariam sendo, o que quer que tencionassem fazer.

O rosto de Rachael Rosen apareceu na minúscula tela.

— Alô, Investigador Deckard. — O tom dela parecia tranquilizador e isto lhe chamou a atenção. — Está ocupado neste momento ou posso conversar com o senhor?

— Continue — disse ele.

— Nós, da empresa, estivemos discutindo sua situação no tocante aos tipos Nexus-6 que escaparam, e conhecendo-os como os conhecemos, achamos que o senhor teria mais sorte se um de nós trabalhasse com o senhor.

— Fazendo o quê?

— Bem, acompanhando-o. Quando o senhor sair para pegá-los.

— Por quê? O que mais quer dizer?

— Os Nexus-6 ficariam em guarda se fossem abordados por um humano. Mas se outro Nexus-6 fizesse o contato...

— Especificamente, você quer dizer, você?

— Isso mesmo — confirmou ela, rosto sério.

— Eu já tenho ajuda demais.

— Mas eu, realmente, penso que o senhor precisa de mim.

— Duvido. Mas vou pensar no caso e depois lhe telefono. — Em algum tempo, em futuro distante, não especificado, pensou. Ou, o que era mais provável, nunca. Isto é tudo o que eu preciso: Rachael Rosen me seguindo pela poeira, a cada passo.

— O senhor não está falando sério — retrucou Rachael. — Nunca vai me telefonar. Não compreende como é agil um Nexus-6 ilegal, fugitivo, como ele será impossível para o senhor. Achamos que lhe devemos isto porque o senhor sabe, pelo que fizemos.

— Aceito isto como se fosse um anúncio — respondeu ele, e fez um movimento para desligar violentamente.

— Sem mim — disse Rachael — um deles o pegará antes que o senhor possa pegá-lo.

— Adeus — disse ele, e desligou, Que mundo é este, pensou, em que um andróide telefona para um caçador de cabeças a prêmio e lhe oferece ajuda? Chamou de volta a telefonista da polícia. — Não retransmita para mim. qualquer outro telefonema de Seattle — ordenou.

— Sim, Sr. Deckard. O Sr. Kadalyi já chegou aí?

— Continuo esperando. E era melhor ele andar depressa, porque não vou ficar aqui muito tempo. — E desligou.

No momento em que reiniciava a leitura da informação sobre Luba Luft, um táxi hovercar desceu e parou no telhado a alguns metros de distância. Dele desceu, sorrindo, mão estendida, e aproximou-se do carro de Rick, um homem de rosto vermelho, aparência de querubim, evidentemente na metade da casa dos cinquenta, usando um pesado e impressionante sobretudo estilo russo.

— Sr. Deckard? — perguntou o homem, sotaque eslavo. — O caçador de cabeças a prêmio do Departamento de Polícia de São Francisco? — O táxi vazio alçou voo. O russo ficou a observá-lo, com ar distraído. — Eu sou Sandor Kadalyi — disse, abrindo a porta do carro e imprensando-se ao lado de Rick.

Apertando a mão de Kadalyi, notou Rick que o representante do W.P.O. trazia um tipo estranho de tubo de laser, uma subforma que ele nunca vira antes.

— Oh, isto? — perguntou Kadalyi. — Interessante, não? — Deu um puxão na cartucheira. — Consegui este em Marte.

— Eu pensava que conhecia todas as armas portáteis até agora fabricadas — observou Rick. — Mesmo as manufaturadas nas colônias e para emprego nelas.

— Nós mesmos fabricamos isto — disse Kadalyi, sorrindo, radiante como um Papai Noel eslavo, o rosto vermelho cheio de orgulho. — Gosta dele? O que é diferente nele, o funcionamento, é ... hei, segure-o. — Passou a arma a Rick, que a examinou com conhecimento, graças a anos de experiência.

— Como é que ele difere, funcionalmente? — perguntou. Não percebia a diferença.

— Aperte o gatilho.

Apontando para cima pela janela do carro, Rick apertou o gatilho. Coisa alguma aconteceu, nenhum feixe emergiu. Confuso, devolveu-o a Kadalyi.

— O circuito de disparo — disse alegre Kadalyi — não faz parte da peça. Continua comigo. Está vendo? — Abriu a mão, mostrando uma pequenina unidade. — E posso também dirigi-lo, dentro de certos limites. Não importa para onde seja apontado.

— Você não é Kadalyi, você é Polokov — disse Rick.

— Você não quer dizer o contrário? Você está um pouco confuso.

— Quero dizer que você é Polokov, o andróide. Você não é da Polícia Soviética. — Rick, com o pé, premiu o botão de emergência no piso do carro.

— Por que meu tubo de laser não dispara? — exclamou Kadalyi-Polokov, ligando e desligando a aparelhagem miniaturizada de disparo e apontando a arma que tinha na mão.

— Por causa de uma onda senoidal — respondeu Rick. — Ela corta as emanções de laser e transforma o feixe em luz comum.

— Neste caso, vou ter que quebrar seu pescoço de lápis. — O andróide deixou cair a arma e, com um rosnado, estendeu ambas as mãos para o pescoço de Rick.

No momento em que as mãos do andróide mergulhavam em sua garganta, Rick disparou do coldre de ombro sua pistola regulamentar do velho estilo, e a bala magnum calibre 38 pegou a andróide na cabeça e arreventou-lhe a caixa cerebral.

A unidade Nexus-6 que a operava desfez-se em pedaços, numa pancada de vento furiosa, alucinada, que repercutiu por todo o carro. Pedaços da unidade, da mesma forma que a própria poeira radiativa, rodopiaram na direção de Rick.

Os restos aposentados do andróide saltaram para trás, colidiram com a porta do carro, rebotaram e caíram pesadamente sobre ele. Quando deu por si, estava lutando para empurrar para longe os restos do andróide ainda em contorções.

Abalado, conseguiu finalmente pegar o telefone e chamar o Palácio da Justiça.

— Posso fazer meu relatório? — perguntou. — Diga a Harry Bryant que eu peguei Polokov.

— "Você pegou Polokov." Ele vai entender isso?

— Vai — disse Rick, e desligou, Cristo, aquilo fora por pouco, pensou. Devo ter reagido em excesso ao aviso de Rachael Rosen; fiz o contrário e isto quase acabou comigo. Mas peguei Polokov, disse a si mesmo. As glândulas supra-renais, aos poucos, deixaram de bombear suas várias secreções para sua corrente sangüínea, o ritmo cardíaco voltou ao normal e a respiração tornou-se menos ofegante. Mas tremia ainda. De qualquer modo, acabei de ganhar mil dólares, informou a si mesmo. Assim, valeu a pena. E minhas reações são mais rápidas do que as de Dave Holden. Claro, contudo, a experiência de Dave evidentemente me preparou para isto. Isto eu tenho que admitir. Dave não teve um aviso como este.

Mais uma vez, levantando o telefone, fez uma ligação para casa, para Iran. Enquanto esperava, conseguiu acender um cigarro, o tremor começava a passar.

O rosto da esposa, lerda com as seis horas de depressão auto-acusatória que ela profetizara, manifestou-se na videotela.

— Oh, alô, Rick.

— O que foi que aconteceu com 594 que disquei para você, antes de sair? O reconhecimento satisfeito de...

— Eu redisquei. Logo que você saiu. O que é que você quer? — Sua voz caiu para um tom monótono, cansado, de desalento. — Estou tão cansada que simplesmente não tenho mais esperança, de coisa alguma. De nosso casamento e de você ser morto por um desses andros. É isso o que você quer me dizer, Rick? Que um andro pegou-o? — No

fundo, Buster Amigão trovejava e zurrava, apagando-lhe as palavras; viu-lhe a boca mover-se, mas escutou apenas a TV.

— Escute aqui — interrompeu ele —, você está me ouvindo? Estou na pista de alguma coisa importante. Um novo tipo de andróide com o qual ninguém pode, aparentemente, salvo eu. Já aposentei um deles e, para começar, isto é maravilhoso. Sabe o que é que nós vamos ter antes de eu terminar?

Iran olhou-o cegamente.

— Oh — disse ela, inclinando a cabeça.

— Eu não disse ainda! — Podia dizer-lhe, nesse momento. Nesta altura, a depressão da esposa se tornara tão imensa que ela nem mesmo mais o escutava. Para todos os fins, ele falava num vácuo. — Até a noite — disse amargamente e bateu com força o telefone. Diabos a levem, disse a si mesmo. Qual é a vantagem disso, de eu arriscar minha vida? Ela nem se importa se possuímos uma avestruz ou não! Coisa alguma penetra. Que pena que não me livrei dela há dois anos, quando estivemos pensando em nos separar. Mas ainda posso fazer isso, lembrou a si mesmo.

Macambúzio, inclinou-se. reuniu no chão do carro seus papéis amarfanhados, incluindo a informação sobre Luba Luft. Nenhum apoio, disse a si mesmo. A maioria dos andróides que conheço tem mais vitalidade e desejo de viver do que minha mulher. Ela nada tem para me dar.

Isto o fez pensar outra vez em Rachael Rosen. O aviso dela sobre a mentalidade dos Nexus-6, compreendeu, revelara-se correto. Supondo que ela não queira parte alguma do dinheiro do prêmio, talvez eu possa usá-la.

O entrevero com Kadalyi-Polokov mudara profundamente suas idéias.

Ligando em força máxima o motor do hovercar, subiu como uma bala para o céu, dirigindo-se para a velha Casa da Ópera, onde, de acordo com as notas de Dave Holden, encontraria Luba Luft naquela hora do dia.

Nesse momento, pensou nela, também, em dúvida. Algumas mulheres andróides pareciam-lhe bem bonitas; sentira-se fisicamente atraído por várias delas e isto era uma sensação estranha, sabendo, intelectualmente, que eram máquinas que não reagiam emocionalmente, afinal de contas.

Por exemplo, Rachael Rosen. Não, decidiu, magra demais. Nenhum desenvolvimento real, especialmente no busto. Um corpo como de uma criança, chato e manso. Podia arranjar coisa melhor. Que idade aquela folha de informações dava a Luba Luft?

Enquanto manobrava o carro, puxou mais uma vez as notas amassadas e descobriu a sua "idade". Vinte e oito, dizia o papel. A julgar pela aparência, o que, no caso dos andros, era o único padrão útil.

F. uma boa coisa eu conhecer algo sobre ópera, refletiu Dick. Isto é outra vantagem que tenho sobre Dave. Sou mais culturalmente orientado.

Vou tentar pegar mais um andro antes de pedir ajuda a Rachael, decidiu. Se a Srta. Luft revelar-se excepcionalmente difícil — embora sentisse a intuição de que não seria.

Polokov fora o perigoso; os demais, inconscientes de que alguém andava caçando-os ativamente, caíam um depois do outro, liquidados como patinhos em fileira.

Descendo para o grande e bem decorado telhado da Casa da Ópera, cantarolou em voz alta um pot-pourri de árias, com palavras pseudo-italianas que inventou na hora. Mesmo sem o órgão condicionador de estados de espírito Penfield ali para ajudá-lo, sua animação se transformou em otimismo, E numa esfomeada e jubilosa prelibação.

No ENORME ventre de baleia de aço e pedra construído para formar a velha e duradoura Casa da Ópera, encontrou em andamento um ecoante, barulhento e ligeiramente mal organizado ensaio.

Ao entrar, reconheceu a música, A Flauta Mágica, de Mozart, o primeiro ato da cena final. Os escravos do mouro — em outras palavras, o coro — iniciaram a canção um compasso mais cedo, e isto anulava o ritmo simples dos sinos mágicos.

Que prazer! Adorava A Flauta Mágica.

Sentou-se numa das poltronas do balcão nobre (ninguém pareceu lhe notar a presença) e se pôs confortável. Naquele momento, Papageno, em sua fantasia de pelagem feita de penas de aves, cantava juntamente com Pamina, as palavras que sempre lhe enchiam de lágrimas os olhos, quando e se pensasse nelas.

Könnte jeder brave Mann solche Glöckchen finden, seine Feinde -würden dann ohne Milhe sobivinden.

Bem, pensou Rick, na vida real não existem esses sinos mágicos que façam com que o inimigo desapareça sem esforço algum. Que pena! Mozart, não muito depois de ter composto A Flauta Mágica, falecera — na casa dos trinta anos — de uma doença renal. E fora sepultado num túmulo anônimo de indigente.

Pensando nisto, perguntou-se se Mozart tivera alguma intuição de que o futuro não existia, que já esgotara seu pouco tempo. Talvez eu tenha, também, pensou Rick, observando o desenrolar do ensaio. Este ensaio terminará, a representação terminará, os cantores morrerão, finalmente a última partitura da música será destruída, de uma forma ou de outra. No fim, o nome "Mozart" desaparecerá e a poeira terá vencido. Se não neste planeta, então em outro. Podemos evitá-la durante algum tempo. Como os andros podem me evitar e existir por um período finito um pouco maior. Mas eu os pego ou algum outro caçador de cabeças. De uma certa maneira, deu-se conta, sou parte do processo de entropia que destrói formas. A Rosen Association faz e eu desfaço. Ou, de alguma maneira, é assim que deve parecer a ela.

No palco, Papageno e Pamina iniciavam um diálogo.

Interrompeu a introspecção para escutar.

Papageno: "Minha criança, o que devemos agora dizer?"

Pamina: "A verdade. É isso o que diremos "

Inclinando-se para a frente a fim de observar, Rick estudou Pamina, vestida em seu pesado hábito, de sua touca descendo o véu que lhe emoldurava os ombros e a face. Reexaminou a folha de informações e, em seguida, recostou-se, satisfeito.

Acabo de ver minha terceira andróide Nexus-6, compreendeu. Essa aí é Luba Luft.

Um pouco estranho o sentimento que seu papel exige.

Por mais vital, ativa e bonitona que seja uma andróide fugida, ela dificilmente pode dizer a verdade. De qualquer modo, sobre si mesma.

No palco, Luba Luft continuava a cantar e ele ficou surpreso com a qualidade da voz: comparava-se com as melhores, mesmo com as das notáveis em sua coleção de fitas. A Rosen Association construía-a bem, isto tinha que reconhecer. E, mais uma vez, viu-se subespécie aetemitatis, o destruidor de formas, chamado pelo que ali ouvia e via.

Talvez, o quanto melhor ela represente, o melhor cante, mais necessário eu seja. Se os andróides houvessem permanecido subpadrão, como os antigos q-40s fabricados pela Derain Associates, não haveria problema nem necessidade de minha perícia. Gostaria de saber quando é que devo fazer isto, pensou. Tão logo quanto puder, provavelmente. Ao fim do ensaio, quando ela se dirigir para o camarim.

Ao fim do ato, o ensaio foi suspenso temporariamente. Seria reiniciado, disse o maestro em inglês, francês e alemão, dentro de hora e meia. Em seguida, foi embora. Os músicos deixaram seus instrumentos onde estavam e se afastaram também. Levantando-se, Rick dirigiu-se para os bastidores, para os camarins; seguiu o rabo da fila do elenco, sem pressa, pensando. Será melhor assim, acabar logo com a coisa. Passarei algum tempo conversando com ela, testando-a na forma do possível. Logo que eu tiver certeza — mas, tecnicamente, não poderia ser senão depois do teste. Talvez Dave tivesse tido um palpite errado a respeito dela, conjecturou. Mas duvidava disso. Já, instintivamente, seu senso profissional reagira, E não cometera um erro ainda... em todos os seus anos no departamento.

Detendo um figurante, perguntou-lhe onde ficava o camarim da Srta. Luba Luft.

O figurante, usando a maquilagem e o traje de lanceiro egípcio, apontou.

Chegou à porta indicada, viu uma nota escrita pregada nela, dizendo:

SRTA. LUFT - PARTICULAR, e bateu.

— Entre.

Entrou. Viu a moça sentada à penteadeira, uma bem usada partitura encadernada em pano sobre os joelhos, fazendo anotações aqui e ali com uma caneta esferográfica.

Usava ainda a fantasia e a maquilagem, menos a touca, que colocara num cabide.

— Sim? — disse ela, erguendo os olhos. A maquilagem para o palco alargava-lhe os olhos, enormes e amendoados, que se fixaram nele e não se desviaram. — Estou ocupada, como o senhor pode ver. — No seu inglês, um leve vestígio de sotaque.

— Para mim a senhora é melhor do que a Schwarzkopf — disse Rick.

— Quem é o senhor? — O tom dela mantinha fria reserva — e aquele outro frio que ele encontrara em tantos andróides. Sempre os mesmos: grande intelecto, capacidade de realizar muito, mas também isto. Era uma coisa que deplorava. Mas sem isso não podia localizá-los.

— Sou do Departamento de Polícia de São Francisco — respondeu.

— Oh? — Os imensos e sérios olhos não pestanejaram, não reagiram. — O que é que o senhor quer aqui? — O tom de voz dela, estranhamente, parecia gracioso.

Sentando-se numa cadeira próxima, ele abriu o fecho da pasta.

— Fui enviado aqui a fim de aplicar na senhora um teste-padrão de perfil de personalidade, o que não levará mais de dez minutos.

— Isto é necessário? — Com um gesto indicou a grande partitura encadernada em pano.

— Tenho muita coisa a fazer. — Nesse momento, ela começara a parecer apreensiva,

— É necessário. — Tirou da pasta os instrumentos Voigt-Kampff e começou a montá-los.

— Um teste de quociente de inteligência?

— Não. De empatia.

— Tenho que colocar meus óculos — Estendeu a mão para abrir a gaveta da penteadeira.

— Se a senhora pode marcar a partitura sem óculos, também pode submeter-se a este teste. Vou-lhe mostrar alguns desenhos e fazer diversas perguntas. Enquanto isto — levantou-se, aproximou-se dela e pregou-lhe no rosto profundamente pintado os discos sensitivos. — E esta luz — continuou, ajustando o ângulo do fino feixe — E isto é tudo.

— O senhor pensa que eu sou andróide? É isso? — Sua voz caíra quase até o ponto de extinção, — Eu não sou andróide. Nunca fui nem mesmo a Marte. Nem nunca vi um andróide! — Seus cílios alongados tremeram involuntariamente e ele notou que tentava dar uma aparência de calma. — O senhor tem informação de que há um andróide no elenco? Eu teria prazer em ajudá-lo e, se fosse um andróide, eu teria esse prazer?

— Um andróide — observou ele — não se importa com o que acontece com outro andróide. Esta é uma das indicações que procuramos.

— Neste caso — disse a Srta. Luft — o senhor tem que ser um andróide. — Essas palavras deixaram-no surpreso. Olhou-a fixamente. — Porque — continuou ela — seu trabalho é matá-los, não? O senhor é o que chamam de... — Fez um esforço para se lembrar.

— Um caçador de cabeças a prêmio — respondeu Rick. — Mas eu não sou andróide.

— Esse teste que o senhor quer aplicar-me... — A voz dela começou a voltar. — O senhor já se submeteu a ele?

— Já — confirmou ele, inclinando a cabeça. — Há muito, muito tempo, quando comecei a trabalhar no departamento.

— Isso talvez seja uma falsa recordação Às vezes, andróides não têm falsas memórias?

— Meus superiores estão cientes do teste que fiz — disse Rick. — É compulsório.

— Talvez houvesse certa vez um ser humano que se parecia com o senhor e, no correr do tempo, o senhor matou-o e ocupou-lhe o lugar. E seus superiores não sabem disso.

— Ela sorriu. Como se o convidando para que concordasse com ela.

— Vamos prosseguir com o teste — disse ele, tirando a lista das perguntas.

— Eu me submeterei ao teste — disse Luba Luft — se o senhor se submeter primeiro

Mais uma vez, ele olhou-a fixamente, sem saber o que dizer.

— Isto não seria mais justo? — perguntou ela. — Neste caso, eu teria certeza a seu respeito. Não sei, o senhor parece tão estranho, tão duro, tão peculiar. — Tremeu. E sorriu outra vez Esperançosamente.

— A senhora não seria capaz de administrar o Teste Voigt-Kampff. Ele exige grande experiência, Agora, por favor, ouça com toda atenção. Essas perguntas dizem respeito a situações sociais que pode encontrar e delas participar. O que quero da senhora é uma declaração de reação, o que faria. E quero a reação com tanta rapidez quanto puder. Um dos fatores que vou anotar é a defasagem temporal, se houver. — Selecionou a pergunta inicial. — Está sentada assistindo à televisão quando, subitamente, descobre uma vespa andando pelo seu punho. — Olhou para o relógio, contando os segundos. E verificou, também, os mostradores geminados.

— O que é uma vespa? — perguntou Luba Luft.

— Um inseto que pica e voa.

— Oh, que coisa estranha. — Seus olhos imensos alargaram-se em aceitação infantil, como se ele lhe houvesse revelado o principal mistério da criação. — Existem? Nunca as vi.

— Morreram por causa da poeira. Não sabe, realmente o que é uma vespa? Você devia estar viva quando havia vespas. Isso foi há apenas...

— Diga-me a palavra alemã.

Ele fez um esforço para pensar na palavra alemã que significa vespa, mas não conseguiu.

— Seu inglês é perfeito — disse irritado.

— Meu sotaque — retrucou ela, corrigindo-o — é perfeito. Tem que ser, para papéis em obras como as de Purcell, Walton e Vaughan Williams. Mas meu vocabulário não é muito grande. — Olhou-o, tímida.

— Wespe — disse ele, lembrando-se da palavra alemã.

— Ach, sim, eine Wespe. — Riu. — E qual foi a pergunta? Já me esqueci.

— Vamos tentar outra. — Era impossível, nesse momento, obter uma reação significativa. — Você está assistindo a um velho filme na TV, um filme de antes da guerra. Mostra um banquete. A entrada — engoliu a primeira parte da pergunta — consiste de cachorro cozido, recheado com arroz.

— Ninguém mataria e comeria um cachorro — respondeu Luba Luft. — Eles custam um fortuna. Mas acho que seria um cachorro de imitação, um sucedâneo. Certo? Mas eles são feitos de fios e motores. Não podem ser comidos.

— Antes da guerra — disse ele em voz áspera.

— Eu não havia nascido ainda antes da guerra.

— Mas viu velhos filmes na TV.

— O filme foi feito nas Filipinas?

— Por quê?

— Porque — explicou Luba Luft — nas Filipinas o povo costumava comer cachorros cozidos e recheados com arroz. Lembro-me de ter lido isso.

— Mas, sua reação... — disse ele. — Quero sua reação social, emocional, moral.

— Ao filme? — Ela pensou durante um momento. — Eu desligaria e mudaria para Buster Amigão.

— Por que desligaria?

— Ora — disse ela irritada —, quem, diabos, quereria ver um velho filme passado nas Filipinas? O que foi que aconteceu nas Filipinas, exceto a Marcha da Morte de Bataan, e o senhor ia querer ver isso? — Olhou-o, indignada. Nos mostradores, os ponteiros giraram em todas as direções.

Depois de uma pausa, ele disse, medindo as palavras:

— Você aluga uma cabana na montanha.

— Ja. — Ela inclinou a cabeça. — Continue. Estou esperando.

— Numa área ainda luxuriante.

— Perdão! — Ela fez concha com a mão ao ouvido. — Nunca ouvi essa palavra.

— Ainda estão crescendo por lá árvores e arbustos. A cabana é rústica, feita de troncos de pinheiros e tem uma enorme lareira. Das paredes pendem velhos mapas, reproduções de Currier e Ives, e em cima da lareira há uma cabeça de cervo empalhada, um macho adulto com uma galhada bem desenvolvida. As pessoas que estão em sua companhia admiram o décor da cabana e...

— Eu não compreendo as palavras "Currier", "Ives" ou "décor" — disse Luba. Parecia esforçar-se, no entanto, para descobrir o que essas palavras significavam. — Espere.

— Ergueu a mão, animada. — Com arroz, como o cachorro. Currier é aquilo que dá cor ao arroz. É curry em alemão.

Ele não conseguia chegar a uma conclusão, Deus tivesse pena dele, se o nevoeiro semântico de Luba Luft tinha alguma finalidade. Depois de consulta consigo mesmo, resolveu tentar outra pergunta. O que mais poderia fazer?

— Você está namorando com um homem — disse — e ele lhe pede que o visite em seu apartamento. Enquanto está lá...

— O nein — interrompeu-o Luba. — Eu não iria lá. Essa é fácil de responder.

— Essa não é a pergunta!

— O senhor escolheu a pergunta errada? Mas eu compreendo essa. Por que a questão que eu compreendo é a errada? Não se espera que eu compreenda? — Mexendo-se nervosa, ela coçou o rosto, e soltou o disco adesivo, que caiu no chão e rolou para baixo da penteadeira. — Ach Gott — murmurou ela, abaixando-se para apanhá-lo. Um chiado, de tecido que se rasga. De sua caprichosa fantasia.

— Eu o pego — disse ele e afastou-a para o lado. Ajoelhou-se, procurou embaixo da penteadeira até que seus dedos localizaram o disco.

Quando se ergueu, viu que olhava para um tubo de laser.

— Suas perguntas — disse Luba Luft em voz seca, formal — começaram a mudar para sexo. Eu achei que, no fim, chegariam a isso. O senhor não é do Departamento de Polícia. O senhor é um tarado sexual.

— Pode examinar minha identificação. — Estendeu a mão para o bolso do casaco. A mão, notou, começara a tremer, corno acontecera no caso de Polokov.

— Se tocar aí — disse Luba Luft —, mato-o.

— Você matará, de qualquer maneira. — Perguntou-se como a coisa se teria desenvolvido, se houvesse esperado até que Rachael Rosen viesse ajudá-lo. Bem, de nada adiantava pensar nisso.

— Mostre-me mais algumas de suas perguntas. — Estendeu a mão e ele, relutante, entregou-lhe as folhas. — Numa revista, você encontra uma foto de página inteira de uma moça nua." Bem, esta é uma delas. "Você fica grávida do homem que prometeu casar com você O homem vai embora com outra mulher, sua melhor amiga. Você faz um aborto." A orientação de seu interrogatório é óbvia. Vou chamar a polícia. Segurando ainda o tubo de laser em sua direção, atravessou a sala, apanhou o videofone e discou telefonista: — Ligue-me com o Departamento de Polícia de São Francisco — disse. — Preciso de um policial.

— O que você está fazendo — observou aliviado Rick — é a melhor coisa possível. — Ainda assim, parecia-lhe estranho que Luba houvesse resolvido fazer isso. Por que, simplesmente, não o matava? Uma vez chegasse o patrulheiro, a chance dela desapareceria e tudo mais lhe seria favorável.

Ela tem que pensar que é humana, decidiu ele. Obviamente, não sabe.

Minutos depois, durante os quais Luba manteve-o sob cuidadosa mira do tubo de laser, chegou um policial grandalhão usando seu arcaico uniforme azul e portando uma arma e uma estrela.

— Muito bem — disse ele imediatamente, dirigindo-se a Luba. — Guarde essa coisa.

— Ela pôs de lado o tubo de laser e ele apanhou-o para ver se estava carregado. — Agora, o que é que está acontecendo aqui? — perguntou-lhe. Antes que ela pudesse responder, ele virou-se para Rick: — E quem é o senhor? — indagou.

— Ele entrou no meu camarim — explicou Luba Luft. — Nunca o vi antes em toda minha vida. Ele fingiu que estava fazendo uma pesquisa ou alguma coisa assim e queria me fazer perguntas. Eu pensei que não havia problema, disse que estava tudo bem, e então ele começou a me fazer perguntas obscenas.

— Mostre-me sua identificação — disse o policial a Rick, mão estendida.

Tirando-a, Rick explicou:

— Eu sou um caçador de cabeças a prêmio do Departamento.

— Eu conheço todos os caçadores de cabeça — disse o policial, examinando a carteira de Rick. — No Departamento de Polícia de São Francisco?

— Meu supervisor é o Inspetor Harry Bryant — disse Rick. — Eu fiquei com a lista de Dave Holden, agora que Dave está no hospital.

— Como eu disse, conheço todos os caçadores de cabeça — repetiu o policial —, e nunca ouvi falar em você. — Devolveu-lhe a identificação.

— Telefone para o Inspetor Bryant — sugeriu Rick.

— Não há nenhum Inspetor Bryant — retrucou o policial.

Rick compreendeu logo o que estava acontecendo.

— Você é um andróide — disse ao policial. — Como a Srta. Luft. — Dirigindo-se para o videofone, levantou o aparelho, — Vou ligar para o Departamento. — E se perguntou quanto tempo teria antes que os dois andróides o pegassem.

— O número — disse o policial fardado — é...

— Eu sei o número. — Discou e, no mesmo instante, apareceu o rosto da telefonista da polícia. — Quero falar com o Inspetor Bryant — disse.

— Quem está falando, por favor.

— Rick Deckard. — Ficou à espera. Enquanto isso, num dos cantos da sala, o policial tomava as declarações de Luba Luft. Nenhum dos dois lhe prestava a menor atenção. Uma pausa e, em seguida, a face de Harry Bryant apareceu no vídeo.

— Um pequeno problema — explicou Rick.

— O que é que está havendo? — perguntou a Rick. — Um dos suspeitos que estão na lista de Dave conseguiu telefonar e chamar um guarda. Parece que não consigo provar a ele quem sou. Ele diz que conhece todos os caçadores de cabeça do Departamento e que nunca ouviu falar em mim. — E acrescentou: — E tampouco ouviu falar no senhor.

— Deixe-me falar com ele — ordenou Bryant.

— O Inspetor Bryant quer falar com você. — Rick estendeu-lhe o videofone. O guarda deixou de interrogar a Srta. Luft e veio atender.

— Guarda Crams — disse ele, em tom marcial. Uma pausa. — Alô. — Escutou, disse alô várias vezes mais, esperou e, em seguida, voltou-se para Rick. — Não há ninguém na linha. E ninguém na tela. — Apontou para a tela do videofone e nela Rick nada viu. Tomando o aparelho da mão do guarda, disse:

— Sr. Bryant? — Escutou, esperou. Nada. — Vou discar outra vez. — Desligou, esperou e em seguida rediscou o conhecido número. O telefone tocou do outro lado, mas ninguém atendeu, e continuou a chamar sem parar.

— Deixe-me experimentar — disse o guarda Crams, tirando o aparelho da mão de Rick.

— O senhor deve ter discado errado. — Discou. — O número é 842...

— Eu sei o número — disse Rick.

— Guarda Crams chamando — disse ao telefone. — Há algum Inspetor Bryant ligado ao Departamento? — Uma curta pausa. — Bem, e um caçador de cabeças chamado Rick Deckard? — Mais uma vez, uma pausa. — Tem certeza? Poderia ele ter sido recentemente... Oh, compreendo. Certo, obrigado. Não, a situação está sob controle. — O guarda Crams desligou e voltou-se para Rick.

— Eu o tive na linha — garantiu Rick. — Falei com ele. Ele disse que ia falar com o senhor. Deve ser problema com o telefone. A ligação deve ter caído em alguma parte. Vocês não viram ...o rosto de Bryant apareceu na tela e depois desapareceu? — Sentiu-se confuso.

— Eu tenho as declarações da Srta. Luft, Deckard. Assim, vamos até o Palácio de Justiça para eu dar parte de você.

— Muito bem — concordou Rick. A Luba Luft, disse: — Volto daqui a pouco. Ainda não acabei meu teste com você.

— Ele é um tarado — informou Luba Luft ao guarda Crams. — Ele me dá calafrios. — Tremeu toda.

— Que ópera a senhora está ensaiando? — perguntou o guarda Crams.

— A Flauta Mágica — respondeu Rick.

— Eu não perguntei a você. Perguntei a ela. — Lançou-lhe um olhar de desagrado.

— Estou ansioso para chegar ao Palácio de Justiça — disse Rick. — Este assunto precisa ser esclarecido. — Dirigiu-se para a porta do camarim, a pasta firme em sua mão.

— Primeiro, vou passar você em revista.

Habilmente, o guarda Crams correu-o com as mãos e descobriu a pistola de serviço de Rick e o tubo de laser. Confiscou a ambos, depois de cheirar por um momento o cano da pistola. — Esta aqui foi disparada recentemente — disse.

— Acabei de aposentar um andróide — explicou Rick. — Os restos dele estão ainda no meu carro, lá em cima no telhado.

— Muito bem — disse o guarda Crams — vamos subir até lá e dar uma olhada.

A Srta. Luft acompanhou os dois até a porta do camarim:

— Ele não vai voltar, vai, seu guarda? Estou realmente com medo dele. Ele é tão estranho.

— Se ele está com o cadáver de alguém que matou lá em cima no carro — respondeu Crams —, ele não vai voltar.

Empurrou Rick para a frente com o cotovelo e, juntos, os dois tomaram o elevador em direção ao telhado da Casa da Ópera.

Abrindo a porta do carro de Rick, o guarda Crams examinou em silêncio os restos do corpo de Polokov.

— Um andróide — disse Rick. — Recebi ordens de pegá-lo. Ele quase me pegou, fingindo ser ...

— Vão tomar seu depoimento no Palácio de Justiça — interrompeu-o o guarda Crams. Empurrou-o para seu carro policial estacionado próximo, marcado claramente. Nele, pelo rádio, chamou alguém para vir apanhar o que restava de Polokov.

— Muito bem, Deckard — disse, desligando —, vamos embora.

Com os dois a bordo, o carro de patrulha levantou vôo do telhado e dirigiu-se para o sul. Alguma coisa, notou Rick, não era o que devia ser. O guarda Crams dirigia o carro na direção errada.

— O Palácio de Justiça fica ao norte — disse —, na Lombard.

— Aquele era o velho Palácio de Justiça — explicou Crams. — O novo fica em Mission. Aquele velho prédio está se desintegrando. É uma ruína. Ninguém o usa há anos. Passou tanto tempo assim desde a última vez em que você foi preso?

— Leve-me para lá — pediu Rick. — Para a Lombard Street. — Compreendia tudo naquele instante, percebia o que os andróides, trabalhando juntos, haviam conseguido. Ele não sobreviveria a este passeio. Para ele, era o fim, como quase fora para Dave — e com toda probabilidade seria, mais tarde.

— Aquela pequena é bem bonitona — observou o guarda Crams. — Claro, com aquela fantasia a gente não pode saber sobre o corpo. Mas eu diria que é bem bacana.

— Confesse que você é um andróide — disse Rick.

— Por quê? Eu não sou. O que é que você faz, anda por aí matando gente e dizendo a si mesmo que eles são andróides? Compreendo porque a Srta. Luft ficou com medo. Foi bom para ela ter nos chamado.

— Neste caso, leve-me para o Palácio de Justiça, na Lombard.

— Como eu disse...

— Isto só vai levar uns três minutos — insistiu Rick. — Quero vê-lo. Todas as manhãs eu me apresento para o trabalho. Quero ver se está abandonado há anos, como o senhor diz.

— Talvez você seja um andróide — replicou o guarda Crams. — Com uma falsa memória, como a que lhes dão. Pensou nisso? — Sorriu friamente e continuou a dirigir para o sul.

Consciente de sua derrota e fracasso, recostou-se no assento. E, impotente, ficou à houvessem planejado, agora que se tinham apossado dele.

Mas peguei um deles, disse espera do que viria em seguida.

O que quer que os andróides a si mesmo. Peguei Polokov. E Dave pegou dois.

Pairando sobre Mission, o carro policial do guarda Crams iniciou a descida para o pouso.

O PRÉDIO DO Palácio de Justiça na Mission Street, no telhado do qual desceu o hovercar, projetava-se para cima numa série de espirais barrocas, ornamentadas.

Complicada e moderna, a bela estrutura pareceu atraente a Rick Deckard — exceto por um único aspecto. Nunca a vira antes.

O carro pousou. Minutos depois, ele estava sendo identificado.

— 0.304 — disse o guarda Crams ao sargento de serviço na alta escrivania. — E... 612.4 e, deixe-me ver. Fazendo-se passar por policial?

— 406.7 — disse o sargento, preenchendo formulários. Escrevia preguiçosamente, de uma maneira algo entediada.

Caso de rotina, declaravam sua postura e expressão. Nada de importância.

— Para ali — disse o guarda Crams, levando-o para uma pequena mesa branca, na qual um técnico operava equipamento conhecido. — Para tirar seu padrão cefálico — explicou Crams. — Para fins de identidade.

— Eu sei — disse bruscamente Rick.

Nos velhos dias, quando ele mesmo fora policial fardado, trouxera muitos suspeitos para uma mesa como aquela. Como esta mesa, mas não esta mesa em particular.

Tirado o padrão cefálico, foi levado para uma sala igualmente conhecida.

Pensativo, começou a juntar seus artigos de valor para entregá-los.

Isto não faz sentido, disse a si mesmo. Quem são estas pessoas? Se este lugar sempre existiu, por que nada sabíamos a respeito dele? Dois órgãos policiais paralelos, pensou, o nosso e este aqui. Mas que nunca entraram em contato — tanto quanto sei — até agora. Ou talvez tenham, refletiu. Talvez esta não seja a primeira vez. É difícil acreditar que isto não tenha acontecido há muito tempo. Se isto aqui é, realmente, um organismo policial, se é o que afirma que é.

Um homem, à paisana, afastou-se do lugar onde estivera até então e aproximou-se de Rick Deckard em passos medidos, tranquilos, fitando-o, curioso.

— O que é, esse aí? — perguntou ao guarda Crams.

— Um suspeito de homicídio — respondeu Crams. — Temos um cadáver: encontramos-lo no carro dele, mas ele alega que é um andróide. Estamos examinando isso, fazendo uma análise de medula óssea no laboratório. E passando por policial, caçador de cabeças. A fim de obter acesso ao camarim de uma mulher, a fim de fazer-lhe perguntas sugestivas. Ela duvidou que ele fosse o que dizia e nos chamou. — Dando um passo atrás, perguntou Crams: — Quer acabar o interrogatório dele, senhor?

— Muito bem. — O policial graduado, à paisana, olhos azuis, nariz estreito de narinas largas e lábios inexpressivos, olhou para Rick e em seguida estendeu a mão para tomar-lhe a pasta.

— O que é que o senhor tem aí, Sr. Deckard?

— Material relativo ao Teste de Personalidade Voigt-Kampff — respondeu Rick. — Eu estava submetendo um suspeito a teste quando o guarda Crams me prendeu.

Observou o policial inspecionar o conteúdo da pasta, examinando cada um dos artigos.

— As perguntas que fiz à Sra. Luft são questões-padrão Y-K, impressas no...

— O senhor conhece George Gleason e Phil Resch? — perguntou o policial.

— Não — respondeu Rick. Nenhum desses nomes significava coisa alguma para ele.

— Eles são os caçadores de cabeça da região norte da Califórnia. Ambos adidos ao nosso Departamento. Talvez os conheça, enquanto está aqui. O senhor é andróide, Sr. Deckard? O motivo por que pergunto isto é que, no passado, tivemos por aqui vários andros fugitivos passando por caçadores de cabeças de fora do Estado, à procura de um suspeito.

— Eu não sou andróide — retrucou Rick. — Pode me aplicar o Teste Voigt-Kampff. Fui submetido a ele antes e não me importo de passar pela mesma coisa outra vez. Mas sei quais vão ser os resultados. Posso telefonar para minha esposa?

— O senhor tem direito a um único telefonema. Prefere telefonar para ela ou para seu advogado?

— Telefonarei para minha esposa — decidiu Rick. — Ela pode me arranjar um advogado.

O policial à paisana entregou-lhe uma moeda de cinquenta centavos e apontou:

— Há um videofone ali. — Ficou observando enquanto Rick se dirigia ao telefone. Em seguida, voltou ao exame do conteúdo da pasta.

Inserindo a moeda, Rick discou o número de casa. Ficou à espera durante o que lhe pareceu uma eternidade.

Finalmente, um rosto de mulher apareceu na videotela.

— Alô — disse ela.

Não era Iran. Nunca vira aquela mulher antes em toda sua vida.

Desligou e voltou em passos lentos para junto do policial.

— Sem sorte? — perguntou o policial. — Bem, pode dar outro telefonema, Nós temos uma política liberal a este respeito. Não posso lhe oferecer a oportunidade de telefonar para um defensor público porque seu crime é inafiançável. Quando for indiciado, contudo...

— Eu sei — retrucou amargo Rick. — Conheço bem o procedimento policial.

— Eis aqui sua pasta — disse o oficial. Devolveu-a a Rick. — Venha até meu gabinete... Gostaria de conversar mais com o senhor, — Começou a descer um corredor lateral, Rick atrás dele. Em seguida, parando e voltando-se para ele, disse: — Meu nome é Garland. — Estendeu a mão, que Rick apertou. — Sente-se — disse, quando abriu a porta do gabinete e se acomodou por trás de uma grande escrivaninha nua. Rick sentou-se de frente para ele.

— Esse Teste Voigt-Kampff que o senhor mencionou — disse Garland, indicando a pasta de Rick —, todo esse material que você leva — encheu e acendeu um cachimbo, tirando baforadas durante algum tempo — é um instrumento analítico para identificar andros?

— É o nosso teste básico — retrucou Rick. — O único que empregamos atualmente. O único capaz de identificar a nova unidade cerebral Nexus-6. Nunca ouviu falar neste teste?

— Ouvi falar de várias escalas de análise de perfil, para emprego com andróides. Mas não desse. — Continuou a olhar atentamente para Rick, pomposo o seu rosto. Rick não podia imaginar o que ele estava pensando. — Essas cópias a carbono apagadas — continuou Garland — que o senhor tem aí em sua pasta. Polokov, Srta. Luft...suas missões. O seguinte na lista sou eu.

Rick olhou-o fixamente e, em seguida, agarrou a pasta.

Um momento depois, as cópias a carbono estavam espalhadas à sua frente. Garland dissera a verdade. Examinou a folha. Nenhum dos dois homens — ou melhor, nem ele nem Garland — falou durante algum tempo.

Em seguida, Garland pigarreou, e tossiu, nervoso.

— É uma sensação desagradável — disse ele — descobrir subitamente que se está na lista de missões de um caçador de cabeças. Ou o que quer que você seja, Deckard.

Apertou um botão na escrivaninha e disse: — Envie aqui um dos caçadores de cabeça. Não me interessa qual. Muito bem, obrigado. — Solto o botão. — Phil Resch chega dentro de um minuto ou dois — disse a Rick. — Quero que você veja a lista dele, antes de eu continuar.

— O senhor acha que eu posso estar na lista dele? — perguntou Rick.

— É possível. Vamos saber logo. É melhor termos certeza a respeito destes assuntos críticos. Melhor não deixar nada ao acaso. Esta folha de informações sobre mim... — Indicou a cópia apagada. — Ela não me lista como inspetor de polícia. Inexatamente, dá minha ocupação como corretor de seguros. À parte isso, está correta quanto à descrição física, hábitos pessoais, endereço residencial. Sim, sou eu, tudo certo. Veja por si mesmo. — Empurrou a página para Rick, que a apanhou e leu rapidamente.

Abriu-se a porta nesse momento e entrou um homem alto, descarnado, feições duras, usando óculos de aro de osso e barba fofa em ponta. Garland levantou-se, indicando Rick.

— Phil Resch, Rick Deckard. Vocês dois são caçadores de cabeça e, provavelmente, chegou a ocasião de se conhecerem.

Apertando a mão de Rick, perguntou Phil Resch:

— A que cidade você está adido?

Garland respondeu por Rick:

— São Francisco. Aqui. Dê uma olhada na agenda dele. Este aqui é o próximo. —

Entregou a Phil Resch a folha que Rick estivera examinando, a que continha sua descrição.

— Hei, Gar — comentou Phil Resch —, esse aí é você.

— E há mais — continuou Garland. — Ele tem também Luba Luft, a cantora de óperas, em sua lista de missões de aposentadoria, e Polokov. Lembra-se de Polokov? Está morto, agora. Este caçador de cabeças, ou andróide, ou o que quer que seja, pegou-o, e estamos neste momento fazendo um exame de medula óssea no laboratório. Para ver se há alguma base concebível para...

— Eu conversei com Polokov — disse Phil Resch. — Aquele Papai Noel grandalhão da polícia soviética? — Pensou um pouco, dando puxões na barba desalinhada. — Acho que será uma boa idéia fazer uma análise de medula óssea dele.

— Por que é que você diz isso? — perguntou Garland, evidentemente aborrecido. — Isto eliminaria qualquer base legal, na qual esse homem, Deckard, poderia alegar que não matou ninguém. Teria simplesmente "aposentado um andróide".

— Polokov pareceu-me frio — observou Phil Resch. — Externamente cerebral e calculador. Desligado.

— Um bocado de policiais soviéticos são assim — contestou Garland, visivelmente irritado.

— Quanto a Luba Luft — continuou Phil Resch —, não a conheço ainda. Embora tenha discos que ela gravou. A Rick, disse: — Você submeteu-a a um teste completo?

— Comecei — explicou Rick. — Mas não consegui uma leitura exata. Ela chamou o patrulheiro, que acabou com tudo.

— E Polokov? — perguntou Phil Resch.

— Tampouco consegui a mínima chance de submetê-lo a teste.

Principalmente para si mesmo, Phil Resch voltou a falar:

— E suponho que você também não teve uma oportunidade de submeter a teste o Inspetor Garland aqui.

— Claro que não — interrompeu Garland, sua face vincada de indignação. Calou-se, amargo e zangado,

— Que teste você usa? — quis saber Phil Resch.

— A Escala Voigt-Kampff.

— Não o conheço — Resch e Garland pareciam mergulhados em rápidos e profissionais pensamentos, mas não em uníssono. — Eu sempre disse — continuou ele — que o melhor lugar para um andróide esconder-se seria numa grande organização policial, como o W.P.O. Desde que conheci Polokov, quis testá-lo, mas não surgiu pretexto algum. E tampouco teria surgido. o que é um dos bons motivos por que um lugar desses seria bom para um andróide empreendedor.

Levantando-se devagar de sua cadeira, o Inspetor Garland olhou para Phil Resch e perguntou:

— Você também teve vontade de me testar?

Um discreto sorriso passou pelos lábios de Phil Resch. Começou a responder e, em seguida, encolheu os ombros. E continuou calado.

Não parecia receoso de seu superior, a despeito da visível raiva de Garland.

— Acho que você não compreende a situação — disse Garland. — Este homem, ou andróide, Rick Deckard, chega às nossas mãos vindo de um órgão policial fantasmagórico, alucinatório, inexistente, que supostamente opera a partir da velha sede departamental na Lombard Street. Nunca ouviu falar em nós e nós nunca ouvimos falar nele, embora, ostensivamente, estejamos trabalhando do mesmo lado da rua. Emprega um teste do qual nunca ouvimos falar. A lista que tem não é de andróides. É uma lista de seres humanos. Já matou uma vez, pelo menos uma vez, E se a Srta. Luft não houvesse conseguido chegar ao telefone, provavelmente a teria morto e, no fim, viria me caçar.

— H-h-hummm — comentou Phil Resch.

— H-h-hummm — imitou-o furioso Garland. Nesse momento, parecia que estava prestes a ter um ataque de apoplexia, — Isso é tudo o que você tem a dizer?

Uma voz feminina disse no intercomunicador:

— Inspetor Garland, acaba de chegar o laudo do laboratório sobre o cadáver do Sr. Polokov.

— Acho que deveríamos ouvi-lo — opinou Phil Resch.

Garland fitou-o, fumegando de raiva. Em seguida, inclinou-se, e apertou a chave do intercomunicador.

— Leia-o, Srta. French.

— O teste de medula óssea — leu a Srta. French — demonstra que o Sr. Polokov era um robô humanóide. O senhor quer um detalhado...

— Não, isso é suficiente. — Garland recostou-se em sua cadeira, olhando sombrio para a parede da sala. Não se dirigiu nem a Rick nem a Phil Resch.

— Qual é a base de seu Teste Voigt-Kampff, Sr. Deckard?

— Reação empática. Numa grande variedade de situações sociais. Principalmente, dizendo respeito a animais.

— O nosso é provavelmente mais simples — comentou Resch. — A reação de arco reflexo que ocorre nos gânglios superiores da coluna vertebral vários microssegundos mais num robô humanóide do que num sistema nervoso humano. — Puxando um bloco de papel da mesa do Inspetor Garland, fez um desenho com uma caneta esferográfica.

— Utilizamos um sinal de áudio ou um pisca-pisca. O sujeito aperta um botão, e o tempo decorrido é medido. Tentamos isso um bocado de vezes, claro. O tempo decorrido varia em andros e humanos. Mas quando dez reações são medidas, achamos que temos uma pista segura. E, como no seu caso com Polokov, o teste de medula óssea confirma nossos resultados.

Ocorreu um intervalo de silêncio antes de Rick responder:

— O senhor pode me testar. Estou pronto. Naturalmente, eu gostaria de testá-lo, também. Se estiver disposto.

— Naturalmente — concordou Resch. Nesse momento, porém, ele olhava criticamente para o Inspetor Garland. — Eu digo há anos — murmurou — que o Teste de Arco Reflexo Boneli deve ser aplicado rotineiramente ao pessoal da polícia, quanto mais alto o indivíduo na cadeia de comando, melhor. Não digo, Inspetor?

— Isso é um direito que você tem — retrucou Garland. — E eu sempre fui contra isso. Com base no fundamento de que esse procedimento abaixaria o moral do departamento.

— Mas eu acho agora que o senhor tem que se submeter a ele — disse Rick. — Tendo em vista o laudo de seu laboratório sobre Polokov.

— Acho que sim — concordou Garland. Apontou um dedo para Phil Resch. — Mas estou-lhe avisando: você não vai gostar dos resultados dos testes.

— O senhor sabe o que é que eles vão ser? — perguntou Resch, visivelmente surpreso. Não parecia contente.

— Quase completamente — retrucou o Inspetor Garland.

— Muito bem. — Resch inclinou a cabeça. — Vou lá em cima apanhar o equipamento Boneli.

Foi até a porta, abriu-a, e desapareceu pelo corredor.

— Volto dentro de três ou quatro minutos — disse a Rick, antes de sair.

A porta fechou-se às suas costas

Mexendo na gaveta superior do canto direito da mesa, o Inspetor Garland procurou e achou um tubo laser, que virou até apontar para Rick.

— Isso não vai fazer a menor diferença — disse Rick — Resch pedirá uma autópsia de meu corpo, o mesmo que seu laboratório fez de Polokov. E ele insistirá num...como é que o chama? Teste de Arco Reflexo Boneli do senhor e dele mesmo.

O tubo de laser continuou na mesma posição, e o Inspetor Garland disse:

— Este dia foi ruim; o tempo todo. Especialmente quando vi o guarda Crams chegar com o senhor. Tive uma intuição... Foi por isso que intervim.

Aos poucos, baixou o tubo de laser. Porém continuou com ele, na mão crispada, até que encolheu os ombros, voltou a colocá-lo na gaveta e fechou-a, guardando a chave.

— O que é que mostrarão os testes com nós três? — perguntou Rick.

— Aquele maldito idiota Resch! — exclamou Garland.

— Ele, realmente não sabe?

— Ele não sabe. Não desconfia. Não tem a menor idéia. De outra maneira, não poderia levar uma vida como caçador de cabeças a prêmio, uma ocupação humana, dificilmente uma para um andróide.

Fez um gesto na direção da pasta de Rick.

— Essas outras cópias a carbono, os outros suspeitos que você deve submeter a teste, conheço todos eles. — Interrompeu-se por um momento e continuou: — Todos nós chegamos aqui na mesma nave procedente de Marte. Mas não Resch. Ele ficou lá por mais uma semana, recebendo o sistema de memória sintética.

E caiu em silêncio. Ou melhor, a máquina caiu no silêncio.

— O que é que ele fará quando descobrir? — perguntou Rick.

— Não tenho a mínima idéia — respondeu em voz distante Garland. — De um ponto de vista abstrato, intelectual, deve ser interessante. Ele pode me matar, suicidar-se, e talvez matar você, também. E pode matar todas as pessoas que puder, humanas e andróides por igual. Sei que essas coisas acontecem, quando foi instalado um sistema de memória sintética. Quando o indivíduo pensa que é humano.

— Assim, quando vocês fazem isso, correm um risco?

— É um risco, de qualquer maneira, fugir e vir aqui para a Terra, onde não somos considerados nem mesmo animais. Onde o menor verme ou cupim é considerado mais desejável do que todos nós juntos.

Irritado, Garland mordeu o lábio inferior.

— Sua situação seria melhor se Phil Resch pudesse passar no Teste Boneli além de mim. Os resultados, dessa maneira, seriam previsíveis. Para Resch, eu seria simplesmente outro andróide a aposentar, logo que possível. Assim, você tampouco está numa boa situação, Deckard. Quase tão ruim, na verdade, como a minha. Sabe no que foi que tive um palpite errado? Eu não sabia a respeito de Polokov. Ele deve ter vindo para cá mais cedo. Obviamente, ele veio mais cedo. Em outro grupo, sem dúvida...Nenhum contato com o nosso. Eu me arrisquei no caso do laudo do laboratório, o que não devia ter feito. Crams, naturalmente, correu o mesmo risco.

— Polokov também quase acabou comigo — disse Rick.

— Sim, havia alguma coisa nele. Não acho que possa ter sido o mesmo tipo de unidade cerebral que a nossa. Ele deve ter sido "envenenado" ou alguém mexido nele — uma estrutura alterada, desconhecida mesmo para nós. E boa, também. Quase boa demais.

— Quando eu telefonei para meu apartamento — perguntou Rick —, por que não consegui falar com minha esposa?

— Todas as nossas linhas de videofone estão "grampeadas". Recirculam as chamadas para outros escritórios no prédio. Nós estamos operando aqui um empreendimento homeostático, Deckard. Somos um circuito fechado, isolado do resto de São Francisco. Sabemos a respeito deles, mas eles não sabem a nosso respeito. Às vezes, uma pessoa isolada, como você, chega aqui por acaso ou, como no seu caso, e trazida aqui — para nossa proteção. — Gesticulou convulsivamente para a porta do escritório. — Lá vem de volta o operoso Phil Resch, trazendo seu testezinho bonitinho e portátil. Ele não é inteligente? Vai destruir a vida dele, a minha, e possivelmente a sua.

— Em tempos de crise — observou Rick — vocês andróides geralmente não se protegem uns aos outros.

— Acho que você tem razão — concordou secamente Garland. — Parece que carecemos de um talento específico que vocês humanos possuem. Acho que é chamado de empatia.

Abriu-se nesse momento a porta e Phil Resch apareceu, trazendo um aparelho do qual pendiam fios.

— Tudo pronto — disse, fechando a porta. Sentou-se e ligou o aparelho na tomada.

Levantando a mão direita, Garland apontou para Resch. Imediatamente Resch e também Rick Deckard rolaram de suas cadeiras para o chão. No mesmo instante, Resch puxou um tubo de laser e, enquanto caía, atirou em Garland.

O feixe de laser, apontado com uma habilidade nascida de anos de experiência, dividiu em duas a cabeça do Inspetor Garland. Ele caiu para a frente e de sua mão rolou pela superfície da mesa seu tubo de laser miniaturizado. O cadáver oscilou na cadeira e, em seguida, como se fosse um saco de ovos, deslizou para um lado e esborrachou-se no chão.

— A coisa esqueceu — disse Resch — que este é meu trabalho. Posso quase prever o que um andróide vai fazer. Acho que você, também. — Guardou o tubo de laser, curvou-se e, curioso, examinou o corpo de seu ex-superior. — O que foi que a coisa disse quando saí?

— Que ele, a coisa, era um andróide. E que você — Rick interrompeu-se, os condutos de seu cérebro vibrando, calculando, selecionando. E alterou o que começara a dizer — o identificaria — concluiu. — Dentro de mais alguns minutos.

— Mais alguma coisa?

— Que este prédio está infestado de andróides.

Introspectivamente, observou Resch:

— Isso vai tornar difícil nós dois sairmos daqui. Nominalmente, tenho autoridade para sair a qualquer momento que quero, claro. E levar comigo um prisioneiro. — Ficou à escuta. Nenhum som vinha de fora do escritório.

— Acho que não ouviram coisa alguma. Evidentemente, não há nenhum aparelho de escuta clandestina instalado aqui, gravando tudo... como devia haver.

Cautelosamente, cutucou o corpo do andróide com a ponta do sapato.

— É realmente notável a capacidade psiônica que a gente desenvolve neste trabalho. Eu sabia, antes de abrir a porta, que ele atiraria em mim. Para ser franco, estou surpreso por que ele não o matou enquanto estive lá em cima.

— Ele quase fez isso — explicou Rick. — Apontou para mim durante parte do tempo um grande modelo utilitário de laser. Estava pensando em me matar. Mas era você que o preocupava, não eu.

— O andróide foge — disse sem humor nenhum Resch — para onde o caçador de cabeças o persegue. Você compreende, não, que tem que voltar em acelerado à Casa da Ópera e pegar Luba Luft antes que alguém aqui tenha uma chance de avisá-la como isto terminou? Avisar à coisa, diria eu. Você pensa neles como "coisa"?

— Pensei, antigamente — respondeu Rick —, quando a consciência me incomodava a respeito de meu trabalho. Protegia-me, pensando neles dessa maneira, mas agora não acho que isso seja necessário. Muito bem, vou diretamente para a Casa da Ópera.

Supondo que você consiga me tirar daqui.

— Suponhamos que colocamos Garland sentado à mesa —disse Reach. Recolocou o cadáver do andróide na cadeira, espigado, arranjando os braços e pernas de modo que a postura parecesse natural, se ninguém olhasse de muito perto. Se ninguém entrasse no escritório. Apertando um botão no intercomunicador da mesa, disse: — O Inspetor Garland pede que nenhuma ligação seja feita para aqui na próxima meia hora. Está ocupado em trabalho no qual não pode ser interrompido.

— Sim, Sr. Resch.

Soltando o botão do intercomunicador, Phil Resch voltou-se para Rick:

— Vou algemá-lo a mim durante o tempo em que permanecermos neste prédio. Logo que levantarmos vôo, naturalmente o soltarei. — Tirou do bolso um par de algemas, fechou uma das argolas no pulso de Rick e a outra no seu. — Vamos. Vamos acabar com isso. — Endireitou os ombros, respirou profundamente e abriu a porta do escritório.

Encontraram policiais uniformizados por toda parte, no desempenho de suas tarefas rotineiras diárias. Nenhum deles levantou a vista ou lhes prestou a menor atenção quando Phil Resch puxou Rick pelo corredor na direção do elevador.

— O que estou temendo — disse Resch enquanto esperavam pelo elevador — é que aquela coisa, Garland, tivesse um componente de aviso de morte incluído em seu mecanismo. Mas — encolheu os ombros — já teria dado sinal a esta altura. De outro modo, não valeria grande coisa.

Chegou o elevador. Vários homens e mulheres de indefinível aparência policial desceram, e se afastaram batendo calcanhares pelo corredor, cada um para seu destino. Tampouco prestaram a menor atenção a Rick ou a Phil Resch.

— Você acha que seu departamento me aceitará? — perguntou Resch, ao se fecharem as portas do elevador sobre ambos. Ele apertou o botão de telhado e subiram silenciosamente. — Afinal de contas, a partir de agora estou desempregado. Para dizer o mínimo.

Reservado, Rick respondeu:

— Eu... eu não sei por que não. Exceto que já temos dois caçadores de cabeças. — Vou ter que dizer a ele, pensou. É antiético e cruel fazer isto. Sr. Resch, o senhor é um andróide, disse a si mesmo. Tirou-me deste lugar, e esta é sua recompensa. O senhor é tudo aquilo que nós dois abominamos. A essência daquilo que estamos compromissados a destruir.

— Eu não posso me conformar — disse Phil Resch. — Isto não parece possível. Há três anos estou trabalhando sob a direção de andróides. Por que não desconfiei... quero dizer, o suficiente para fazer alguma coisa?

— Talvez não tenha sido tanto tempo assim. Talvez só recentemente eles tenham se infiltrado neste edifício.

— Eles têm estado aqui o tempo todo. Garland foi meu superior desde o início, durante meus três anos.

— Segundo o que aquela coisa disse — especulou Rick —, todo o grupo veio junto de Marte. E isso não foi há tanto tempo como três anos. Foi apenas há meses.

— Então, naquela ocasião, existia um Garland autêntico — disse Phil Resch. — E, em algum momento, ele foi substituído. — Seu rosto magro de esqualo contorceu-se num esforço para compreender. — Oh... talvez tenham instalado em mim um falso sistema de memória. Talvez eu apenas me lembre de Garland durante esse tempo todo. Mas... — O rosto, um espelho, nesse momento, de sofrimento crescente, continuou a se contorcer e mover-se espasmodicamente — Só andróides se dão bem com falsos sistemas de memória. Verificou-se que são ineficientes em seres humanos.

O elevador parou, as portas se abriram e, à frente de ambos, o pátio de estacionamento da polícia, deserto exceto pelos veículos vazios.

— Este é o meu carro — disse Phil Resch, abrindo um hovercar parado próximo e chamando Rick com um gesto para que entrasse rapidamente. Pôs-se ao volante, deu partida ao motor.

Um momento depois, subiam aos ares e viravam para o norte, de volta à Casa da Ópera. Preocupado, Phil Resch dirigia por reflexos. Sua cadeia de pensamentos, cada vez mais sombria, continuava a tomar-lhe toda a atenção. — Escute aqui, Deckard — disse de repente —, depois que aposentarmos Luba Luft...eu quero que você... — Sua voz, rouca e atormentada, fraquejou.

— Você sabe. Submeta-me ao Teste Boneli ou à escala de empatia que usa. Para descobrir quem sou.

— Podemos nos preocupar com isso depois — sugeriu evasivo Rick.

— Você não quer que eu faça o teste, quer? — Phil lançou-lhe um olhar de aguda compreensão. — Acho que sabe qual será o resultado. Garland deve ter-lhe dito alguma coisa. Fatos que eu desconheço.

— Vai ser difícil, mesmo para nós dois, pegarmos Luba Luft. De qualquer modo, ela é mais do que eu posso dar conta. Vamos manter a atenção focalizada nisso — sugeriu Rick.

— Não são apenas as falsas estruturas de memória — disse Phil Resch. — Eu possuo um animal. Não um falso, mas autêntico. Um esquilo. Eu amo aquele esquilo, Deckard. Todas as drogas de manhã eu o alimento e mudo os jornais, você sabe, limpo a gaiola, e à noite, quando acabo o trabalho, deixo-o solto no apartamento e ele corre por toda parte. Ele tem uma roda como gaiola. Você já viu um esquilo correndo dentro de uma roda? Ele corre, corre, a roda gira, mas o esquilo continua no mesmo lugar. Mas parece que Buffy gosta disso.

— Acho que os esquilos não são lá muito inteligentes — opinou Rick. Continuaram a voar em silêncio.

NA CASA DA ÓPERA, foram informados de que o ensaio terminara. E que Luba Luft fora embora.

— Ela disse para onde pretendia ir? — perguntou Phil Resch, mostrando a um empregado de palco sua identificação da polícia.

— Para o museu. — O empregado examinou a identificação. — Disse que queria ir ver a exposição de Edvard Munch que há por lá atualmente. Acaba amanhã.

E Luba Luft, pensou Rick, acaba hoje.

Enquanto os dois desciam a calçada em direção ao museu, perguntou Phil Resch:

— Que chances você dá? Ela bateu as asas. Não vamos encontrá-la no museu.

— Talvez — disse Rick.

Chegaram ao prédio, verificaram onde era a exposição de Munch, e subiram.

Pouco depois, andavam ao léu entre pinturas e xilogravuras.

Numerosas pessoas haviam comparecido para ver a exposição, incluindo uma turma de escola secundária e, enquanto a voz aguda da professora ressoava por todas as salas reservadas à mostra.

Rick pensou: Era com isso que você esperaria que soasse — e parecesse — uma andróide. Em vez de se parecer com Rachael Rosen e Luba Luft. E com o homem ao seu lado. Ou, melhor, a coisa a seu lado.

— Você já ouviu falar em um andróide possuir algum bichinho de estimação? — perguntou-lhe Phil Resch.

Por alguma razão, Rick sentiu a necessidade de ser brutalmente honesto; já começara a preparar-se para o que o aguardava.

— Em dois casos que conheço, andros possuíram e cuidavam de animais. Mas isto é raro. Pelo que pude aprender, a coisa geralmente falha, o andro é incapaz de manter vivo o animal. Para florescer, o animal precisa de um ambiente de calor humano. Exceto répteis e insetos.

— Um esquilo precisaria disso? De uma atmosfera de amor? Por que Buffy está indo muito bem, tão lustroso como uma lontra. Eu o escovo e penteio, dia sim, dia não. — Em frente a um quadro a óleo, Phil Resch parou e ficou a examiná-lo com atenção.

O quadro mostrava uma criatura calva, oprimida, com uma cabeça parecendo uma pêra invertida, as mãos fechadas em horror nas orelhas, a boca aberta num imenso e mudo grito. Ondas contorcidas do sofrimento da criatura, ecos de seu grito, vibravam no ar que a cercava; o homem, ou mulher, o que quer que fosse, estava contida em seu próprio uivo. Cobrira as orelhas para não ouvir seu próprio som. A criatura encontrava-se numa ponte e não havia ali ninguém mais e ela gritava em completo isolamento. Separada — ou a despeito — da explosão de seu grito.

— Ele fez uma xilografia disto — disse Rick, lendo o cartão preso com um percevejo embaixo do quadro.

— Eu acho — especulou Phil Resch — que é assim que um andro deve sentir-se. — No ar, traçou circunvoluções, visíveis no quadro, do grito da criatura. — Eu não me sinto assim, de modo que eu talvez não seja... — Interrompeu-se quando várias pessoas se aproximaram para ver o quadro.

— Lá está Luba Luft — apontou Rick e Phil Resch parou sua lúgubre introspecção e autodefesa. Em passos medidos, os dois se dirigiram para ela, sem pressa, como se nada os esperasse. Como sempre, era vital preservar a atmosfera comum. Outros humanos, sem conhecimento da presença de andróides entre eles, tinham que ser protegidos a todo custo — mesmo ao de perderem a presa.

Tendo nas mãos um catálogo impresso, Luba Luft, usando calças justas brilhantes e uma espécie de colete dourado iluminado, parecia absorta em frente a um quadro: o

desenho de uma moça, mãos cruzadas, sentada à beira de uma cama. com uma expressão de confuso espanto e um novo e sorrateiro medo gravado na face.

— Quer que o compre para você? — perguntou Rick a Luba Luft.

Ao lado dela, segurava-a levemente pela parte superior do braço, dizendo-lhe, pela frouxa empunhadura, que sabia que tinha sua posse, que não precisava fazer força para detê-la. No outro lado, Phil Resch colocou a mão no ombro dela e Rick viu a protuberância de um tubo de laser. Phil Resch não tencionava arriscar-se, não depois do quase fracasso com o Inspetor Garland.

— Não está à venda. — Luba Luft lançou-lhe um olhar preguiçoso e, em seguida, violento, quando o reconheceu. Seus olhos desmaiaram e a cor diminuiu em seu rosto, deixando-o cadavérico, como se já começasse a apodrecer, como se a vida houvesse, num instante, se retirado para algum ponto bem dentro dela, deixando o corpo à sua ruína automática. — Eu pensei que o haviam prendido. Quer dizer que o soltaram?

— Srta. Luft — ele apresentou —, este é o Sr. Resch. Phil Resch, esta é a famosa cantora de óperas, Luba Luft.

A Luba, disse: — O guarda uniformizado que me prendeu é um andróide. Como era também o superior dele. Você conhece, conhecia, um certo Inspetor Garland? Ele me disse que vocês todos chegaram aqui em uma única nave, como um grupo.

— O departamento policial para o qual ligou — disse-lhe Phil Resch —, e que opera de um prédio na Mission, é a agência organizadora, através da qual parece que seu grupo se mantém em contato. Eles se sentem tão confiantes que até contratam um caçador de cabeças humano. Evidentemente...

— Você? — perguntou Luba. — Você não é humano. Não mais do que eu. Você é andróide, também.

Caiu um silêncio até que Phil Resch disse em voz baixa e controlada:

— Bem, trataremos disso no momento oportuno. — Virou-se para Rick: — Vamos levá-la para meu carro.

Escoltada de cada lado enquanto a empurravam na direção do elevador do museu, Luba Luft não os acompanhou de bom grado, mas; por outro lado, não resistiu ativamente. Aparentemente se resignara. Rick vira isso antes em andróides, em situações cruciais. A força de vida artificial que os animava como que falhava, se pressionada demais, pelo menos em alguns deles. Não em todos. E podia explodir furiosamente.

Os andróides, contudo, possuíam, isto ele sabia, um desejo inato de permanecerem despercebidos. No museu, com tantas pessoas andando em volta, Luba Luft tenderia a permanecer inativa. O choque real — para ela provavelmente o último — teria lugar no carro, onde ninguém mais poderia vê-los. Sozinha, com apavorante subtileza, ela podia descartar-se de suas inibições. Preparou-se — e não pensou em Phil Resch.

Conforme Resch dissera, seu assunto seria tratado no devido tempo.

Ao fim do corredor, perto dos elevadores, havia sido instalada uma espécie de lojinha que vendia gravuras e livros de arte. Luba parou, procurando ganhar tempo.

— Escute — disse ela a Rick. Um pouco de cor voltara a seu rosto. Uma vez mais ela parecia, pelo menos por um curto instante, viva. — Compre para mim uma reprodução daquele quadro que eu estava vendo quando você me encontrou. Aquele da moça sentada na cama.

Após um momento, Rick virou-se para a vendedora, uma mulher de meia-idade, bochechas caídas e cabelos grisalho preso numa rede:

— A senhora tem uma cópia de Puberdade, de Munch?

— Apenas neste livro de sua obra reunida — respondeu a vendedora, pegando um belo volume em papel lustroso. — Vinte e cinco dólares.

— Vou levá-lo — resolveu Rick e estendeu a mão para tirar a carteira.

— Meu departamento — comentou Phil Resch —, nem em um milhão de anos incluiria em seu orçamento despesas para...

— Com meu dinheiro — esclareceu Rick, entregando as notas à mulher e o livro a Luba. — Agora, vamos embora — disse a ela e a Phil Resch.

— Foi uma grande bondade sua — reconheceu Luba, quando entraram no elevador. — Há alguma coisa muito estranha e comovente nos humanos. Um andróide jamais teria feito aquilo. — Olhou de soslaio, friamente, para Phil Resch. — Isto não teria ocorrido a ele. Como ele disse, nunca, nem em um milhão de anos. — Continuou a olhar para Resch, neste momento com hostilidade e aversão multiplicadas. — Eu, realmente, não gosto de andróides. Desde que cheguei aqui; vinda de Marte, minha vida tem consistido em imitar os humanos, em fazer o que eles fariam, em agir como se eu tivesse os pensamentos e impulsos que um humano teria. Imitar, no que me interessa, uma forma de vida superior. — A Phil Resch, disse: — É assim que tem sido com você, Resch? Tentando ser...

— Eu não posso agüentar isto — disse Phil Resch, enfiando a mão no casaco, à procura, — Não — ordenou Rick, segurando-lhe a mão.

Resch recuou, afastando-se dele. — O Teste Boneli — lembrou Rick.

— A coisa admitiu que é um andróide — retrucou Resch. — Nós não temos que esperar.

— Mas aposentá-la — comentou Rick — por que ela o está aborrecendo... Dê-me isso.

— Tentou tomar o tubo de laser da mão de Resch, mas não conseguiu. Resch girava dentro do apertado elevador, evitando-o, toda sua atenção em Luba. — Muito bem — concordou Rick. — Aposente-a. Mate-a agora. Mostre-lhe que está certa. — Mas notou que Resch ia fazer isso mesmo. — Espere. .

Phil Resch atirou e, no mesmo instante, Luba Luft, num espasmo de medo de criatura encurralada, torceu-se e girou para longe, caindo enquanto fazia isso.

O feixe errou o local para onde fora apontado, mas, quando Resch abaixou-o, abriu um estreito orifício, silenciosamente, no estômago da moça. Ela começou a gritar, gritou agachada contra a parede do elevador. Como no quadro, pensou Rick e, com seu próprio laser, matou-a.

O corpo de Luba Luft desmoronou para a frente num monte, o rosto primeiro. Nem mesmo tremeu.

Com o tubo de laser. Rick queimou e reduziu sistematicamente a cinzas o livro de reproduções que, minutos antes, comprara para Luba.

Fez esse trabalho minuciosamente, calado.

Phil Resch observava, sem compreender, sua face uma máscara de perplexidade.

— Você podia ter ficado com o livro — disse, quando o trabalho acabou. — Ele lhe custou...

— Você acha que andróides têm alma? — interrompeu-o Rick.

Inclinando a cabeça para um lado, Phil Resch fitou-o, mais perplexo ainda.

— Eu tinha dinheiro de sobra para o livro — disse Rick. — Ganhei hoje, até agora, três mil dólares e não estou nem ainda pela metade.

— Você está reclamando Garland? — perguntou Phil Resch. — Mas fui eu que o matei, não você. Lá, você ficou simplesmente olhando. E Luba, também. Eu a peguei.

— Você não pode cobrar — lembrou-lhe Rick. — Não de seu próprio Departamento, nem do nosso. Quando chegarmos ao seu carro, eu lhe aplicarei o Teste Boneli e o Voigt-Kampff e então veremos. Mesmo que você não esteja na minha lista. — Mãos trêmulas, abriu a pasta e procurou entre as cópias amarfanhadas a carbono.

— Não, você não está aqui. Assim, legalmente, não posso reclamar a recompensa por matá-lo. Para ganhar alguma coisa, tenho que alegar que fui eu quem matou Luba Luft e Garland.

— Você tem certeza de que eu sou um andróide? Foi isso realmente o que Garland disse?

— Foi isso o que ele disse.

— Talvez ele estivesse mentindo — lembrou Phil Resch. — Para nos separar. Como estamos separados agora. Nós somos malucos, deixando que eles nos separem. Você tinha toda razão a respeito de Luba Luft... Eu não devia ter deixado que ela me irritasse daquele jeito. Devo ser sensível demais. Isso seria natural para um caçador de cabeças, acho. Você, provavelmente, reage da mesma maneira. Mas, escute aqui, nós teríamos, de qualquer maneira, de aposentar Luba Luft, dentro de meia hora a partir de agora... apenas mais meia hora. Ela nem mesmo teria tido tempo de folhear aquele livro que você lhe deu. Mas ainda não consigo pensar por que o destruiu. Isso foi um desperdício. Não posso seguir seu raciocínio. Não é racional, é esse o motivo.

— Eu vou abandonar este negócio — disse Rick.

— F. trabalhar em quê?

— Qualquer coisa. Seguros, corretagem, como Garland devia estar fazendo. Ou emigrarei. Sim. — Inclinou a cabeça. — Vou para Marte.

— Mas alguém tem que fazer este trabalho — observou Resch.

— Podem usar andróides. Será muito melhor se andros fizerem isto. Eu não posso mais. Já enchi. Ela era uma cantora maravilhosa, O planeta poderia tê-la usado. Isto é uma loucura.

— Isto é necessário. Lembre-se: eles mataram humanos para conseguirem fugir. E se eu não o tivesse tirado da estação de polícia da Mission, eles o teriam matado. Foi para isso que Garland me chamou. Foi por isso que ele disse para eu ir ao seu escritório. Polokov quase não o matou? E Luba, quase? Estamos agindo defensivamente. Eles estão aqui, em nosso planeta... são alienígenas cruéis, ilegais, fazendo-se passar por...

— Por policiais — completou Rick. — Como caçadores de cabeças.

— Muito bem. Aplique-me o Teste Boneli. Talvez Garland tenha mentido. Acho que ele mentiu... Falsas memórias simplesmente não são tão boas assim. O que é que você diz de meu esquilo?

— Sim, seu esquilo Esqueci-me de seu esquilo.

— Se eu for um andróide — disse Phil Resch —, e você me matar, pode ficar com meu esquilo. Vou botar isto no papel, deixá-lo a você em testamento.

— Andros não podem deixar coisa alguma. Não podem possuir coisa alguma para deixar em testamento.

— Neste caso, fique simplesmente com ele — sugeriu Phil Resch.

— Talvez eu faça isso — retrucou Rick. O elevador chegara ao primeiro andar.

Abriram-se as portas. — Fique aqui com Luba. Vou chamar um carro de patrulha para levá-la ao Palácio de Justiça. Para o teste de medula óssea. — Viu uma cabine telefônica, entrou, inseriu uma moeda e, os dedos tremendo, discou. Enquanto isso, um grupo de pessoas, que estivera à espera do elevador, reunia-se em volta de Phil Resch e do corpo de Luba Luft.

Ela era realmente uma cantora soberba, pensou, quando desligou, completada sua ligação. Não entendo isto: como um talento como aquele pode ser um passivo para nossa sociedade? Mas não era o talento, lembrou a si mesmo, era ela. Como é Phil Resch, pensou. Ele é uma ameaça exatamente da mesma maneira, pelas mesmas razões. Por isso, não posso desistir agora. Saindo da cabine, abriu caminho entre o grupo, de

volta a Resch e ao corpo tombado da andróide. Alguém a cobrira com um casaco. Não o de Resch.

Aproximando-se de Phil Resch — que se encontrava de um lado, tirando vigorosas baforadas de um pequeno charuto cinzento — disse-lhe:

— Queira Deus que o teste revele que você é um andróide.

— Você realmente me odeia — exclamou Phil Resch, espantado. — E assim, de repente. Não me odiava lá na Mission Street. Não, enquanto eu estava salvando sua vida.

— Estou começando a perceber um padrão. Na maneira como você matou Garland e, em seguida, matou Luba. Você não mata como eu mato. Tudo de que você precisa é um pretexto. Se tivesse um, você me mataria. Foi por isso que agarrou a possibilidade de Garland ser um andróide. Isto o tornava disponível para ser morto. Eu gostaria de saber o que vai fazer quando for reprovado no Teste Boneli. Você cometeria suicídio?

Andróides, às vezes, fazem isso. — Mas a situação era rara.

— Sim, eu cuidarei disso — prometeu Phil Resch. — Você não terá que fazer coisa alguma, salvo aplicar o teste.

Chegou nesse momento um carro de patrulha. Dele saltaram dois policiais, aproximaram-se da multidão e imediatamente abriram caminho. Um deles reconheceu Rick e inclinou a cabeça em sua direção. Bom, agora podemos ir, pensou Rick. Nosso negócio aqui está terminado. Finalmente.

Descendo ele e Resch a rua, de volta à Casa da Ópera, onde estava estacionado o hovercar, disse Resch:

— Vou-lhe entregar agora meu tubo laser, de modo que não vai ter que se preocupar com minha reação ao teste. Em termos de sua própria segurança pessoal. — Estendeu a arma, que Rick aceitou.

— Como é que você se suicidaria sem ela? — perguntou. — Se não passar no teste?

— Prenderei a respiração.

— Pelo amor de Deus — exclamou Rick, — Isso não pode ser feito.

— Num andróide não há interrupção automática no nervo pneumogástrico. Como há nos humanos. Não lhe ensinaram isso quando o treinaram? Disseram-me isso há dez anos.

— Mas morrer dessa maneira — protestou Rick.

— Não há dor. Qual é o problema com isso?

— É... — Fez um gesto, incapaz de encontrar as palavras apropriadas.

— Eu não penso, realmente, que vá ter que fazer isso — observou Phil Resch.

Juntos subiram até o telhado da Casa da Ópera e até junto do hovercar de Resch.

Colocando-se ao volante e fechando a porta, disse Phil Resch:

— Eu preferiria que você usasse o Teste Boneli.

— Não posso. Não sei como avaliá-lo. — Teria que depender de você para uma interpretação das leituras, pensou. E isto está fora de cogitação.

— Você vai me dizer a verdade, não? — perguntou Resch. — Se eu for um andróide, você me dirá?

— Certamente.

— Porque eu, realmente, quero saber. Tenho que saber. — Reacendeu o charuto, mexeu-se no assento individual do carro, procurando uma posição mais confortável. Evidentemente, não pôde encontrá-la. — Você gostou realmente daquele quadro de Munch que Luba Luft estava vendo? — perguntou. — Não gostei dele. O realismo na arte não me interessa. Gosto de Picasso e...

— Puberdade data de 1894 — disse seco Rick. — Naquela época nada havia, salvo realismo. Você tem que levar isso em conta.

— Mas aquele outro; do homem segurando as orelhas e gritando... aquilo não foi figurativo.

Abrindo a pasta, Rick tirou o equipamento de teste.

— Refinado — disse Phil Resch, observando-o. — Quantas perguntas você tem que fazer antes de poder chegar a uma conclusão?

— Seis ou sete. — Entregou-lhe o disco adesivo. — Prenda-o ao rosto. Firmemente. E esta luz... — Apontou-a com cuidado. — Ela permanece focalizada em seu olho. Não se mova. Mantenha o globo ocular tão imóvel quanto puder.

— Flutuações de reflexo — disse Phil Resch, demonstrando conhecimento do assunto.

— Mas não ao estímulo físico. Você não mede dilatação, por exemplo. Serão às perguntas verbais, o que chamamos de reação de esquiva.

— Você acha que pode controlá-la? — perguntou Rick.

— Não, realmente. No fim, talvez. Mas não a amplitude inicial. Isto fica fora do controle consciente, Se não fosse... — Interrompeu-se. — Continue. Estou tenso. Desculpe-me, falo demais

— Fale o quanto quiser — aconselhou Rick. Fale o caminho todo até à sepultura, pensou. Se tiver vontade. Isto não lhe importava.

— Se no teste eu revelar que sou andróide — tagarelou Phil Resch —, você terá renovada sua fé na raça humana. Mas desde que não vai ser assim, sugiro que comece a elaborar uma justificativa? que explique...

— Vamos à primeira pergunta — disse Rick, que já instalara o equipamento e os dois ponteiros tremiam nos mostradores. — O tempo de reação é um fator, de modo que responda com toda a rapidez que puder. — De memória escolheu a primeira pergunta. O teste começara.

Depois, Rick permaneceu em silêncio durante algum tempo. Em seguida, começou a reunir o equipamento e guardá-lo na pasta.

— Posso ver pelo seu rosto — disse Phil Resch, exalando um suspiro de alívio completo, imponderável, quase convulsivo. — Muito bem, você pode me devolver minha arma. — Estendeu a mão, palma para cima, à espera.

— Evidentemente, você teve razão — respondeu Rick. — Sobre os motivos de Garland. Querendo nos separar. Aquilo que você disse. — Sentia-se psicológica e fisicamente cansado.

— Já elaborou sua justificativa? — perguntou Phil Resch. — Que me explicaria como parte da raça humana?

— Há um defeito na sua capacidade empática, de assunção de papéis. Um defeito para o qual não fazemos testes. Seus sentimentos em relação a andróides...

— Claro que não fizemos testes para isso.

— Talvez devêssemos. — Nunca pensara nisso antes, nunca sentira empatia alguma em relação aos andróides que matara. Sempre supusera que, em toda sua psique, percebia o andróide como uma máquina inteligente — como na sua opinião consciente. Ainda assim, em contraste com Phil Resch, havia-se manifestado uma diferença. E, instintivamente, sabia que tinha razão. Empatia para com uma construção artificial? perguntou a si mesmo. Para com algo que apenas finge ser vivo? Mas Luba Luft parecera autenticamente viva, não apresentara o aspecto de uma simulação.

— Você compreende — perguntou quietamente Phil Resch — o que isto significaria, se incluíssemos andróides em nossa faixa de identificação empática, como fazemos com animais.

— Nós não poderíamos proteger-nos?

— De modo nenhum. Esses tipos Nexus-6...cairiam sobre nós e nos esmagariam. Você e eu, todos os caçadores de cabeças, nos colocamos entre o Nexus-6 e a humanidade,

somos uma barreira que mantém separados os dois. Além disso... — Interrompeu-se, notando que Rick, mais uma vez, tirava da pasta o equipamento de teste. — Pensei que o teste tinha acabado.

— Eu quero fazer a mim mesmo uma pergunta — explicou Rick. — E quero que você me diga o que os ponteiros registram. Simplesmente me dê a calibração. Eu posso computá-la. — Colou o disco adesivo no rosto e colocou o feixe de luz de modo a que incidisse diretamente em seu olho. — Pronto? Observe os mostradores. Nisto vamos excluir a defasagem temporal. Quero simplesmente magnitude.

— Certo, Rick — concordou de boa vontade Phil Resch.

Em voz alta, disse Rick:

— Estou descendo num elevador com um andróide que capturei. E, de repente, alguém o mata, sem aviso.

— Nenhuma reação especial — observou Phil Resch.

— Que marcas os ponteiros atingiram?

— O esquerdo, 2,8. O direito, 3,3.

— Um andróide feminino — disse Rick,

— Agora subiram para 4 e 6, respectivamente.

— Isso é suficientemente alto — concluiu Rick. Tirou do rosto o disco adesivo e desligou o feixe de luz. — Isso foi uma reação categoricamente empática. Mais ou menos o que um sujeito humano demonstra com a maioria das perguntas. Exceto nos casos das perguntas extremas, como as que tratam de peles humanas usadas decorativamente... as realmente patológicas.

— O que significa?

— Sou capaz de sentir empatia por, pelo menos, certos andróides, específicos. Não por todos eles, mas... por um ou dois. — Como por Luba Luft, disse a si mesmo. Assim, eu me enganei. Não há coisa alguma de antinatural ou anti-humano nas reações de Phil Resch: sou eu.

E eu bem que gostaria de saber, pensou, se qualquer ser humano já se sentiu assim antes a respeito de um andróide.

Claro; refletiu, isto talvez nunca mais volte a acontecer em meu trabalho. Isto poderia ser uma anomalia., alguma coisa, por exemplo, com meus sentimentos no tocante a A Flauta Mágica. E à voz de Luba, na verdade, à sua carreira como um todo. Certamente isto nunca lhe acontecera antes, ou pelo menos que ele soubesse. Não, por exemplo, no caso de Polokov. Nem no de Garland. E, compreendeu, se Phil Resch houvesse demonstrado no teste que era um andróide, eu poderia tê-lo morto sem sentir coisa alguma, depois da morte de Luba.

Mas basta dessa distinção entre humanos vivos autênticos e construções humanóides. Naquele elevador no museu, pensou, desci com duas criaturas, uma humana e a outra andróide... e meus sentimentos foram o contrário do que deveriam ter sido. Do que estou acostumado a sentir — do que tenho obrigação de sentir.

— Você está numa enrascada, Deckard — observou Phil Resch. Parecia divertir-se.

— O que. o que é que eu devo fazer?

— É sexo — disse Phil Resch.

— Sexo?

— Porque ela...a coisa... era fisicamente atraente. Isso nunca lhe aconteceu antes? —

Resch soltou uma gargalhada. — Disseram-nos que isso constitui um dos principais problemas na caçada de cabeças. Você não sabe, Deckard, que nas colônias há amantes andróides?

— Isso é ilegal — declarou Rick, conhecendo a lei sobre esse assunto.

— Claro que é. Mas a maioria das variações em sexo é ilegal. Mas as pessoas as praticam, de qualquer maneira.

— O que é que você me diz de, não sexo, mas amor?

— O amor é outro nome de sexo.

— Como o amor pelo país — disse Rick. — O amor pela música.

— Se é amor por uma mulher, ou uma imitação andróide, é sexo. Acorde e olhe-se de frente. Deckard. Você queria ir para a cama com um tipo feminino de andróide, nada mais, nada menos. Eu me senti assim, uma única vez. Quando iniciei a caçada de cabeças. Não deixe que isso o abata. Você se cura. O que aconteceu foi que sua ordem de valores se inverteu. Não a mate, ou esteja presente quando ela for morta, e, em seguida, sintá-se fisicamente atraído. Faça isso ao contrário.

Rick olhou-o fixamente,

— Ir para a cama com ela primeiro. .

— ...e em seguida matá-la — disse sucintamente Phil Resch, mantendo seu sorriso duro, indecifrável.

Você é um bom caçador de cabeças, reconheceu Rick. Sua atitude prova isso. Mas, e eu?

De repente, pela primeira vez na vida, ficou em dúvida.

COMO UM ARCO de fogo puro, John R. Isidore cruzou o céu de final da tarde a caminho de casa, terminado seu dia de trabalho. Será que ela ainda está lá? pensou.

Lá naquele velho apartamento cheio de entulho, assistindo ao programa de Buster Amigão na TV, tremendo de medo toda vez que imagina que alguém vem pelo corredor. Incluindo, acho, eu mesmo.

Parara antes num armazém de secos e molhados do mercado negro. No assento ao seu lado, balançava para a frente e para trás uma sacola na qual havia guloseimas como pasta de feijão de soja, pêssegos maduros e um bom e macio queijo de cheiro forte, enquanto ele, alternativamente, acelerava e reduzia a velocidade do carro.

Tenso naquela noite, dirigia algo erráticamente. E seu supostamente consertado carro tossia e rateava, como andara fazendo durante meses, antes da revisão. Safados, pensou Isidore.

O cheiro dos pêssegos e do queijo saturava o carro, enchendo-lhe as narinas de prazer. Só raridades, pelas quais desperdiçara o salário de duas semanas — tomado por conta ao Sr. Sloat. E, além disso, sob o assento, onde não podia rolar ou quebrar, uma garrafa de vinho Chablis oscilava de um lado para o outro: a maior de todas as raridades! Guardara-a num cofre de segurança no Bank of America, conservando-a como um tesouro, recusando-se a vendê-la por mais que lhe oferecessem, para o caso de, em algum distante, tardio, último momento, aparecer uma mulher. Isto não acontecera, não até este momento.

Como sempre, o telhado morto, juncado de lixo de seu prédio de apartamentos deprimiu-o. Indo do carro até a porta do elevador, reduziu sua visão periférica: concentrou-se no valioso saco e na garrafa que levava, tomando todo o cuidado para não tropeçar num entulho qualquer e esborrachar-se numa ignominiosa ruína econômica. Ao chegar o elevador, rangendo, entrou e apertou o botão — não do seu andar — mas do andar mais baixo, onde naquele momento residia a nova moradora, Pris Stratton. Logo depois, estava à frente da porta dela, batendo com a borda da garrafa, seu coração despedaçando-se dentro do peito.

— Quem é? — perguntou uma voz, abafada pela porta, mas ainda clara. Um tom amedrontado, mas afiado como uma lâmina.

— Sou eu, J. R. Isidore — respondeu vivamente, adotando a nova autoridade que tão recentemente adquirira graças ao videofone do Sr. Sloat. — Trouxe algumas coisas boas e acho que podemos fazer um jantar mais do que razoável.

A porta foi aberta, até certo ponto. Pris, luz alguma na sala às suas costas, olhou para o corredor às escuras.

— Você parece diferente — comentou ela. — Mais adulto.

— Nós tivemos algumas questões de rotina a tratar durante o expediente, hoje. O habitual. Se você me d-d-deixasse entrar...

— Você falaria sobre elas. — Não obstante, abriu a porta o suficiente para que ele entrasse. Em seguida, vendo o que ele trazia, soltou uma exclamação, sua face iluminada por um exuberante júbilo de elfo.

Mas, quase no mesmo instante, sem aviso algum, uma amargura letal cobriu-lhe a face, acomodou-se nela como se fosse concreto. O júbilo desaparecera.

— O que é? — perguntou ele.

Colocou o embrulho e a garrafa na cozinha e voltou apressado para a sala.

Numa voz sem expressão, Pris respondeu:

— Para mim são um desperdício.

— Por quê?

— Oh... — Encolheu os ombros, afastou-se, sem direção fixa, as mãos profundamente enterradas nos bolsos da saia pesada, um tanto antiquada. — Algum dia, eu lhe direi. —

Ergueu a vista. — De qualquer modo, foi muita bondade sua. Agora, gostaria que fosse embora. Não sinto vontade de conversar com ninguém. — De modo vago, dirigiu-se para a porta que dava para o corredor. Arrastando os pés; parecia esgotada, sua reserva de energia quase extinta.

— Eu sei o que é que há com você — disse ele.

— Oh? — A voz dela, quando reabriu a porta do corredor, caiu ainda mais para um tom desalentado, abatido, estéril.

— Você não tem amigos. Você está muito pior do que quando a vi esta manhã. Acontece isto porque...

— Eu tenho amigos. — Uma autoridade inesperada endureceu-lhe a voz e, palpavelmente, ela recuperou forças. — Ou tinha. Sete deles. Isso era para começar, mas agora os caçadores de cabeças já tiveram tempo de trabalhar. Assim, alguns deles, talvez todos, estão mortos. — Foi devagar até a janela, olhou para a escuridão e para as poucas luzes, aqui e ali. — Eu talvez seja a única dos oito que sobrou. Assim, você talvez tenha razão.

— O que é um caçador de cabeças?

— Pessoas como você não devem saber. Um caçador de cabeças é um assassino profissional, a quem se fornece uma lista de pessoas que deve matar. Ele recebe uma soma — mil dólares é a taxa atual, segundo sei — por cabeça que elimina. Geralmente, ele tem também contrato com a municipalidade e recebe um salário. Mas o mantêm baixo para que ele sinta incentivo.

— Tem certeza? — perguntou Isidore.

— Tenho. — Inclinou a cabeça. — Você quer dizer, se tenho certeza do incentivo? Sim, ele tem um incentivo. Ele gosta de fazer isso.

— Eu acho — retrucou Isidore — que você está enganada. — Nunca, em toda sua vida, ouvira falar em tal coisa. Buster Amigão, por exemplo, jamais a mencionara. — Isso não está de acordo com a atual ética merceriana — observou ele. — Toda a vida é uma: "homem algum é uma ilha", como disse Shakespeare nos velhos tempos.

— John Donne.

Isidore gesticulou, agitado.

— Isso é a pior coisa que ouvi até hoje. Você não podia chamar a polícia?

— Não.

— E eles estão atrás de você? É possível que eles venham aqui e matem você? —

Compreendia, nesse momento, porque a moça agia de forma tão furtiva. — Não é de espantar que você esteja com medo e não queira falar com pessoa alguma. — Mas, pensou, isso deve ser uma desilusão. A moça deve ser psicótica. Com mania de perseguição. Talvez devido a dano cerebral provocado pela poeira. Talvez seja uma especial. — Antes disso, eu pego eles — prometeu.

— Com o quê? — Levemente ela sorriu, mostrando dentes pequeninos, regulares, brancos.

— Vou pedir licença para portar um tubo de laser. É fácil de conseguir, por aqui, onde não há quase ninguém. A polícia não faz ronda... A pessoa deve cuidar de si mesma.

— E quando você estiver no trabalho?

— Eu peço uma licença.

— Isso é muita bondade sua, J. R. Isidore — disse Pris. — Mas se os caçadores de cabeças pegaram Max Polokov, Garland, Luba, Hasking e Roy Baty... — Interrompeu-se por um momento. — Roy e Irmgard Baty. Se estão mortos, então nada mais realmente importa. São meus melhores amigos. Por que diabos não tenho notícias deles? — praguejou, zangada.

Indo até a cozinha, Isidore apanhou pratos, terrinas e copos empoeirados, há muito tempo sem uso. Antes de começar a lavá-los, deixou correr, até clarear, a água quente enferrujada. Logo depois, Pris apareceu, sentou-se à mesa. Isidore abriu a garrafa de Chablis e dividiu os pêssegos, o queijo e a pasta de feijão.

— O que é essa coisa branca aí? Não o queijo — disse ela, apontando.

— É feita de feijão de soja. Eu gostaria de ter um pouco... — Interrompeu-se, enrubescendo. — Antigamente, era comido com caldo de carne.

— Um andróide... — murmurou para si mesma Pris.

— Este é o tipo de lapso que um andróide comete. É isto o que os desmascara.

Aproximou-se, parou ao seu lado e, em seguida, para sua completa certeza enlaçou-o pela cintura e, por um instante, apertou-o. — Vou experimentar uma fatia de pêssego — disse ela e, com todo o cuidado, apanhou uma escorregadia fatia rosa-alaranjada, sedosa, com seus longos dedos. Mas, quando comeu a fatia, começou a chorar.

Lágrimas frias desceram-lhe pelo rosto e molharam o peito do vestido. Isidore não sabia o que fazer, de modo que continuou a dividir a comida. — Droga — disse ela, furiosa.

— Bem... — Afastou-se dele e andou de um lado para o outro, vagarosamente, em passos medidos, em volta da sala. — ... compreenda, nós vivíamos em Marte. É por esse motivo que conheço andróides. — A voz dela tremia, mas ela conseguiu continuar. Obviamente, significava muito para ela ter alguém com quem falar.

— E as únicas pessoas na Terra que você conhece — disse Isidore — são seus companheiros ex-emigrantes.

— Nós nos conhecíamos de antes da viagem. De uma colônia próxima a Nova Nova York. Roy Baty e Irmgard tinham uma farmácia. Ele era farmacêutico e ela cuidava dos cosméticos, cremes, ungüentos. Em Marte, as pessoas usam um bocado de preparados para a pele. Eu... — Hesitou. — Eu comprei várias drogas de Roy... Eu precisava delas no princípio, porque... bem, de qualquer modo, aquilo é um lugar horrível. Isto — com um único e violento gesto varreu a sala, o apartamento — isto nada é. Você pensa que estou sofrendo porque me sinto solitária. Droga, Marte toda é solitária. Muito pior do que isto aqui.

— Os andróides não fazem companhia a vocês? Eu ouvi um comercial sobre... —

Sentando-se, começou a comer. Ela, também, apanhou um copo de vinho e bebeu, sua fisionomia sem expressão. — Eu entendi que os andróides ajudavam.

— Os andróides também se sentem solitários — disse ela.

— Gostou do vinho?

Ela pôs o copo na mesa.

— É bom.

— É a primeira garrafa que vejo em três anos.

— Nós voltamos — disse Pris — porque ninguém deve ser obrigado a morar lá. O planeta não foi concebido para ser habitado, pelo menos não no último bilhão de anos. Ele é tão velho. A gente sente isso nas pedras, a terrível antiguidade. De qualquer modo, no princípio, consegui drogas com Roy. Eu vivia para aquele novo analgésico sintético, a silenizina. E então conheci Horst Hartman, que tinha uma loja de filatelia, de selos raros do correio. Lá a gente tem tanto tempo que é obrigada a escolher um hobby, alguma coisa a que possamos nos dedicar interminavelmente. E Horst despertou meu interesse pela ficção pré-colonial.

— Você quer dizer velhos livros?

— Histórias escritas sobre viagens espaciais, mas antes das viagens espaciais.

— Como era que podia haver histórias sobre viagens espaciais antes...

— Os autores — explicou Pris — inventavam essas histórias.

— Baseados em quê?

— Em imaginação. Verificou-se depois que muitas delas estavam totalmente erradas. Por exemplo, escreviam sobre Vênus como se fosse um paraíso selvagem, com monstros enormes e mulheres usando peitorais faiscantes. — Olhou-o, atenta. — Isto o interessa? Mulheres grandalhonas com longos cabelos louros amarrados em tranças e peitorais faiscantes, do tamanho de melões?

— Não — retrucou ele.

— Irmgard é loura — disse Pris — mas baixinha. De qualquer modo, pode-se ganhar uma fortuna contrabandeando ficção pré-colonial, velhas revistas, livros e filmes para Marte. Nada é tão excitante como isso. Oh, ler sobre cidades e enormes empresas industriais e colonização realmente bem-sucedida. Você pode imaginar o que poderia ter sido. O que Marte devia ser. Canais.

— Canais? — Obscuramente, lembrou-se de ter lido alguma coisa sobre o assunto. Nos velhos dias, acreditava-se que havia canais em Marte.

— Cruzando o planeta todo — continuou Pris. — E seres vindos das estrelas. Com sabedoria infinita. E histórias sobre a Terra, com cenário em nosso tempo e mesmo depois. Onde não há poeira radiativa.

— Eu pensaria — disse Isidore — que isto faria as pessoas se sentirem ainda piores.

— Não faz — respondeu seca Pris.

— Você trouxe consigo alguma coisa desse material de leitura pré-colonial? —

Ocorreu-lhe que devia experimentar um pouco disso.

— Não vale nada aqui porque na Terra a moda nunca pegou. De qualquer modo, por aqui há bastante, nas bibliotecas. É onde conseguimos todo o nosso... roubado de bibliotecas aqui na Terra e enviado por foguete automático a Marte. A gente está bobeando pelos espaços vazios à noite quando, de repente, vemos um clarão, e lá está um foguete, rachado, e velhas revistas de ficção pré-coloniais derramando-se por toda parte. Uma fortuna. Mas, claro, a gente as lê antes de vendê-las. — O assunto começou a entusiasma-la. — Entre todos...

Nesse momento, uma batida à porta que dava para o corredor,

Lívada, Pris murmurou:

— Não posso atender. Não faça nenhum barulho. Simplesmente fique sentado aí. —

Fez força para escutar. — Será que a porta está fechada à chave — disse em voz quase inaudível. — Deus, tomara que esteja. — Seus olhos, alucinados e poderosos, fixaram-se implorantes nele, como se rezando para que ele transformasse aquilo em verdade.

Uma voz distante chamou do corredor:

— Pris, você está aí?

Uma voz de homem:

— Somos nós, Roy e Irmgard. Recebemos seu cartão.

Levantando-se e indo até o quarto, Pris reapareceu logo depois, trazendo uma caneta e um pedaço de papel. Voltou a sentar-se e rabiscou uma apressada mensagem:

VÁ ATÉ A PORTA.

Nervoso, Isidore tomou-lhe a caneta e escreveu:

E DIGO O QUÊ?

Com raiva, Pris escreveu:

VEJA SE SÃO REALMENTE ELES.

Levantando-se, entrou sombrio na sala de estar. Como é que eu sei se são eles ?

perguntou a si mesmo. Abriu a porta.

No corredor escuro havia duas pessoas, uma mulher pequenina, bonita à maneira de Greta Garbo, com olhos azuis e cabelos louros; e um homem, mais alto, com olhos inteligentes, mas sem expressão, e feições mongóis que lhe davam um aspecto brutal.

A mulher usava um casaco na moda, botas lustrosas de cano alto, e calça comprida afilando nos tornozelos; o homem vestia camisa amarrotada e calças manchadas, o que lhe dava um ar de vulgaridade quase proposital. Ele sorriu para Isidore, mas seus olhos brilhantes e pequeninos permaneceram evasivos.

— Nós estamos procurando... — começou a loura baixa, mas, nesse momento, seus olhos ultrapassaram a figura de Isidore, suas feições se dissolveram em enlevo e ela passou rápida por ele, gritando:

— Pris! Como vai?

Isidore virou-se. As duas mulheres se abraçavam nesse momento. Deu um passo para o lado e Roy Baty entrou, sombrio e grande, sorrindo seu sorriso torto e mudo.

— PODEMOS CONVERSAR? — perguntou Roy indicando Isidore.
Pris, vibrando de felicidade, respondeu:
— Tudo bem, até certo ponto. — A Isidore, disse:
— Desculpe-nos. — Levou os Batys até um canto da sala e conversou com eles em voz baixa. Voltaram em seguida para junto de J. R. Isidore, que se sentia embaraçado e deslocado.
— Este é o Sr. Isidore — apresentou-o Pris. — Está cuidando de mim. — As palavras saíram-lhe dos lábios envolvidas num sarcasmo quase malicioso.
Isidore piscou.
— Estão vendo? Ele me trouxe um pouco de comida natural.
— Comida! — ecoou Irmgard Baty e dirigiu-se em passos flexíveis até a cozinha a fim de verificar. — Pêssegos — disse, imediatamente pegando uma tigela e uma colher.

Sorrindo para Isidore, comeu, com pequeninas dentadas animais. Seu sorriso, diferente do de Pris, transmitia um calor simples e não possuía veladas conotações.
Indo atrás dela — sentia-se atraído por ela — disse Isidore:
— Vocês são de Marte.
— Somos, desistimos de lá. — Sua voz subia e descia, enquanto que, com a sagacidade de uma ave, seus olhos azuis faiscavam para ele. — Que prédio horrível este onde vocês moram. Ninguém mais mora aqui, não é? Não vimos nenhuma outra luz.
— Eu moro lá em cima — explicou Isidore.
— Oh, eu pensei que você e Pris, talvez, estivessem morando juntos. — Irmgard Baty não dava a impressão de desaprovar. Falava sério, obviamente, como uma mera declaração de fato.

Azedamente, mas ainda sorrindo, Roy Baty disse:
— Bem, eles pegaram Polokov.
O júbilo que aparecera na face de Pris ao ver os amigos desfez-se imediatamente.
— Quem mais?
— Pegaram Garland — continuou Roy Baty. — Pegaram também Anders e Gitchell e hoje, um pouco mais cedo, pegaram Luba. — Deu as notícias como se elas, perversamente, o agradassem, como se tivesse prazer em contá-las. Como se apreciasse o choque que via na face de Pris. — Eu não acreditava que eles pegariam Luba, Lembra-se que eu continuei a dizer isso durante...a viagem?
— Então, isso deixa... — disse Pris.
— Nós três — completou Irmgard com um tom de apreensiva urgência na voz.
— Esse é o motivo per que estamos aqui. — A voz de Roy Baty trovejou com um novo e inesperado calor humano; quanto pior a situação, mais parecia ele apreciá-la.
Isidore não conseguia entendê-lo absolutamente.
— Oh, Deus — exclamou Pris, abalada.
— Bem, eles tinham aquele investigador, aquele caçador de cabeças — disse agitada Irmgard — chamado Dave Holden. — Os lábios dela gotejaram veneno ao pronunciar o nome. — E Polokov quase o pegou.
— Quase o pegou — repetiu Roy, seu sorriso nesse momento de proporções imensas.
— De modo que ele está no hospital, esse tal Holden — continuou Irmgard. — E, evidentemente, deram a lista dele para outro caçador, e Polokov quase o pegou, também. Mas tudo terminou com ele aposentando Polokov. Depois, ele foi atrás de Luba. Sabemos disso porque ela conseguiu comunicar-se com Garland e ele mandou alguém capturar o caçador e levá-lo para o prédio da Mission Street. Entenda, Luba

telefonou-nos depois que o agente de Garland capturou o caçador. Ela tinha certeza de que tudo acabaria bem, certeza de que Garland o mataria. — E acrescentou:

— Mas evidentemente alguma coisa saiu errada na Mission. Não sabemos o quê. Talvez nunca venhamos a saber.

— Esse caçador tem nossos nomes? — perguntou Pris.

— Oh, tem, sim, querida — respondeu Irmgard. — Mas ele não sabe onde nós estamos. Roy e eu não vamos voltar para nosso apartamento. Colocamos no carro tudo o que pudemos e resolvemos ocupar um destes apartamentos abandonados, neste velho prédio infestado de ratos.

— Isso é prudente? — perguntou Isidore, reunindo coragem. — T-t-todos ficarem em um único lugar?

— Bem, eles pegaram todos os outros — retrucou Irmgard em tom de voz tranqüilo. Ela também, como o marido, parecia estranhamente resignada, a despeito de sua agitação superficial.

Todos eles, pensou Isidore, são estranhos. Sentiu isso, mas sem poder determinar o motivo. Como se um desligamento peculiar e maligno lhes saturasse os processos mentais. Exceto, talvez, Pris. Ela, sem dúvida alguma, estava profundamente amedrontada. Pris parecia quase certa, quase natural. Mas...

— Por que você não vai morar com ele? — perguntou Roy a Pris, indicando Isidore. — Ele poderia lhe dar certo grau de proteção.

— Um debilóide? — perguntou Pris. — Eu não vou morar com um debilóide. — Suas narinas se dilataram de indignação.

Rapidamente, Irmgard contestou-a:

— Acho que você está sendo tola em ser esnobe numa ocasião como esta. Caçadores de cabeças movem-se com grande rapidez. Ele pode tentar liquidar tudo esta noite mesmo. Pode haver um bônus para ele se conseguir fazer o trabalho...

— Cristo, fechem a porta — disse Roy, dirigindo-se para ela. Bateu-a com força com um golpe e, em seguida, fechou-a a chave sem demora. — Acho que você deve ir para o apartamento de Isidore, Pris, e também acho que Irm e eu devemos ficar neste mesmo edifício. Desta maneira, podemos nos ajudar mutuamente. Tenho alguns componentes elétricos no meu carro, sucata que arranquei da nave. Vou instalar um aviso de dupla ação, Pris, de modo que você nos possa ouvir e nós possamos ouvi-la e também preparar um sistema de alarme que qualquer um de nós pode disparar. É óbvio que as identidades artificiais não deram certo, nem mesmo a de Garland. Claro, Garland pôs a própria cabeça no nó, trazendo o caçador de cabeças para a Mission Street. Isso foi vim erro. E Polokov, em vez de se manter tão longe quanto possível do caçador, resolveu abordá-lo. Nós não vamos fazer isso. Vamos ficar na moita. — Não parecia preocupado o mínimo. A situação parecia despertar-lhe uma energia quase maníaca. — Eu acho...

— inalou barulhentemente, prendendo a atenção de todos ali na sala, inclusive Isidore.

— Eu acho que há um motivo por que nós três ainda continuamos vivos. Acho que se ele tivesse a menor pista sobre o lugar onde estamos agora, já estaria aqui. A idéia toda por trás de caçada de cabeças é trabalhar rápido como o diabo. É nisso que está o lucro.

— E se ele esperar — concordou Irmgard — nós escapuliremos, como fizemos antes.

Aposto que Roy tem razão. Aposto que ele tem nossos nomes, mas não nossa localização. Pobre Luba, na Casa da Ópera, bem à vista de todo mundo. Nenhuma dificuldade para encontrá-la.

— Bem — disse afetado Roy —, ela quis a situação dessa maneira. Acreditava que ficaria mais segura como uma figura conhecida do público.

— E você disse para ela fazer o contrário — lembrou Irmgard.

— Isso mesmo — anuiu Roy. — Disse a ela e disse a Polokov para não tentar passar por um agente do W.P.O. E disse também a Garland que um de seus próprios caçadores o pegaria, o que foi possível, concebível e exatamente o que de fato aconteceu. Balançou-se para a frente e para trás sobre seus grossos calcanhares, sua face transbordando de sabedoria.

— E-e-eu acho pelo que e-e-estou ouvindo que o Sr. Baty é o líder natural de vocês.

— Oh, sim, Roy é um líder — garantiu Irmgard.

— Ele organizou nossa... viagem. De Marte até aqui.

— Neste caso — opinou Isidore — é melhor vocês fazerem o que e-e-ele sugere. — Sua voz fraquejou, de esperança e tensão. — Eu acho que seria s-s-sensacional se você fosse morar comigo, Pris. Eu ficaria em casa uns dois dias, longe do trabalho... Eu tenho férias vencidas. Para ter certeza de que você ficaria bem. — E talvez Milt, que era muito inventivo, pudesse projetar uma arma que ele pudesse usar. Alguma coisa imaginativa, que matasse caçadores de cabeças... o que quer que eles fossem. Tinha na mente uma impressão indistinta, mal entrevista, de alguma coisa implacável que conduzia uma lista impressa e uma arma, que desempenhava automaticamente a função banal e burocrática de matar, uma coisa sem emoções, ou mesmo uma face, uma coisa que, se morta, era imediatamente substituída por outra parecida com ela, E assim por diante até que todas as pessoas que fossem reais e vivas tivessem sido eliminadas.

Incrível, pensou, que a polícia não possa fazer coisa alguma com relação a isso, Não posso acreditar nisso. Estas pessoas devem ter feito alguma coisa. Talvez tenham emigrado de volta para a Terra ilegalmente. Fomos avisados — a TV nos avisa — para comunicar o pouso de qualquer nave fora dos campos aprovados. A polícia tinha que estar vigilante para casos como esses.

Mas, mesmo assim, ninguém mais era deliberadamente assassinada. Isto era contra o mercerismo.

— O debilóide — disse Pris — gosta de mim.

— Não o chame assim, Pris — disse Irmgard, Lançou um olhar de compaixão a Pris. — Pense no que ele poderia chamar você.

Pris nada disse. Sua expressão tornou-se enigmática.

— Vou começar a armar o aparelho de alarma — disse Roy. — Irmgard e eu vamos ficar neste apartamento. Pris, você vai com o Sr ... Isidore. — Dirigiu-se para a porta, andando com espantosa velocidade para um homem tão pesado.

Num instante, desapareceu pela porta, que voltou a fechar-se com um estrondo. Nesse momento, Isidore teve uma momentânea, estranha alucinação: viu por um momento uma estrutura de metal, uma plataforma de polias, circuitos, baterias, torretas e engrenagens — e, em seguida, a figura desleixada de Roy Baty desapareceu. Uma vontade de rir subiu dentro dele. Nervosamente, suprimiu-a. E sentiu-se confuso.

— Um homem de ação — disse Pris em voz distante. — É uma pena que ele seja tão desajeitado com as mãos, fazendo coisas mecânicas.

— Se nós formos salvos — retrucou Irmgard em tom de repreensão, severo, como se a repreendendo —, será por causa de Roy.

— Mas valerá a pena? — perguntou Pris, principalmente para si mesma. Encolheu os ombros e, em seguida, inclinou a cabeça na direção de Isidore. — Muito bem, J. R., vou-me mudar para seu apartamento e você pode me proteger,

— T-t-todos vocês — respondeu imediatamente Isidore.

Solene e em voz baixa, um pouco formal, Irmgard Baty lhe disse:

— Quero que saiba que apreciamos muito o que está fazendo, Sr. Isidore. O senhor é o primeiro amigo que penso que encontramos aqui na Terra. Isto tudo é uma grande bondade sua e, talvez, algum dia, possamos retribuir o que está fazendo por nós. —

Deslizou para ele e deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Você tem alguma ficção pré-colonial que eu possa ler? — perguntou-lhe Isidore.

— Perdão? — Interrogativamente, Irmgard olhou para Pris.

— Aquelas velhas revistas — explicou Pris. Juntara umas poucas coisas para levar consigo. Isidore tomou-lhe a trouxa das mãos, sentindo aquela alegria que vem apenas da satisfação de um objetivo atingido. — Não, J. R., nós não trouxemos nenhuma conosco, pelas razões que expliquei.

— E-e-eu vou à biblioteca amanhã — disse ele, saindo para o corredor. — E vou arranjar para v-v-você e para mim alguma coisa para lermos, de modo que você possa ter alguma coisa para fazer, além de esperar.

Levou Pris escada acima para seu apartamento, escuro, vazio, congestionado de coisas, morno. Levando as coisas dela para o quarto, imediatamente ligou o aquecedor, as luzes e o único canal de seu aparelho de TV.

— Eu gosto daqui — disse Pris, mas no mesmo tom desligado e remoto de antes.

Andou de um lado para o outro, as mãos enfiadas nos bolsos da saia, na sua face uma expressão amarga, quase de indignação em seu grau de desagrado. Em contraste com o que dissera pensar.

— O que é que há? — perguntou ele, colocando-lhe as coisas em cima do sofá.

— Nada. — Parou à janela panorâmica, puxou para os lados a cortina e olhou abatida para fora.

— Se você pensa que eles andam à sua procura... — começou ele.

— É um sonho — explicou ela — induzido pelas drogas que Roy me deu.

— P-p-perdão?

— Você realmente pensa que existem caçadores de cabeças?

— O Sr. Baty disse que eles mataram seus amigos.

— Mas Roy Baty é tão louco como eu — retrucou Pris. — Nossa viagem foi entre um hospital para doentes mentais na Costa Leste e aqui. Todos nós somos esquizofrênicos, com vidas emocionais defeituosas... o efeito de achatamento, é assim que chamam a isso. E nós temos alucinações coletivas.

— Eu não pensei que aquilo fosse verdade — disse ele, aliviado.

— Por que não pensou? — Girou para fitá-lo atentamente, num olhar tão sério que ele sentiu que enrubescia.

— P-p-porque coisas como essas não acontecem. O g-governo jamais executa pessoa alguma, por qualquer crime. E o mercerismo...

— Mas, compreenda — explicou Pris —, se o indivíduo não é humano, então toda a coisa se torna diferente.

— Isso não é verdade. Mesmo animais, mesmo enguias roedores, serpentes e aranhas, são sagrados.

Pris, ainda olhando-o fixamente, disse:

— Assim não pode ser, pode? Como você disse, mesmo animais são protegidos pela lei. Toda a vida. Todo ser orgânico que se contorce, estrebucha, cava, voa, anda em bandos,

põe ovos ou... — Interrompeu-se porque nesse momento Roy Baty entrou abruptamente, abrindo com violência a porta do apartamento. Trazia a reboque uma extensão de fio.

— Os insetos — disse ele, sem demonstrar o menor embaraço por tê-los ouvido sem que eles soubessem — são especialmente sacrossantos. — Tirando um quadro da parede da sala de estar, ligou um pequeno aparelho eletrônico ao prego, deu um passo para trás, examinou o trabalho e voltou a recolocar o quadro no lugar. — Agora, o alarma. — Puxou o fio que se arrastava e que terminava num aparelho complexo. Sorrindo seu estranho sorriso, mostrou o aparelho a Pris e Isidore. — O alarma. Estes fios correm por baixo do tapete. São antenas. Captam a presença de uma ... — hesitou — entidade mental — disse obscuramente — que não é uma de nós quatro.

— Bem, toca, e depois o quê? — perguntou Pris. — Ele vai entrar aqui com uma arma. Não podemos cair sobre ele e matá-lo a dentadas.

— Este aparelho — continuou Roy — tem uma unidade Penfield. Logo que o alarme soa, ela emite um estado de espírito de pânico para o ... intruso. A menos que ele aja com grande rapidez, o que pode fazer. Um pânico enorme. Aumentei a frequência até o máximo. Nenhum ser humano pode permanecer nas vizinhanças por mais de alguns segundos. Tal é a natureza do pânico: leva a movimentos circulares aleatórios, fuga sem finalidade e espasmos musculares e neurais. — E concluiu: — O que nos dará oportunidade de pegá-lo. Possivelmente. Tudo dependendo da competência dele.

— O alarme não nos afetará? — quis saber Isidore.

— Bem, e daí? — disse Roy, voltando a seu trabalho de instalação. — De modo que ambos saem correndo daqui no maior pânico. Isto nos dará tempo para reagir. E eles não matarão Isidore. Não figura na lista deles. Este o motivo porque ele é útil como proteção.

— Você não podia arranjar coisa melhor, Roy? — perguntou brusca Pris.

— Não — respondeu ele —, não posso.

— A-a-amanhã eu posso conseguir uma arma — disse Isidore entrando na conversa.

— Você tem certeza de que a presença de Isidore aqui não vai disparar o alarme? — perguntou Pris. — Afinal de contas, ele é... você sabe.

— Compensei as emanções cefálicas dele — explicou Roy. — A soma delas não provocará coisa alguma. Será necessária a presença de mais um ser humano. Uma pessoa. — Fechando a cara, olhou para Isidore, dando-se conta do que dissera, — Vocês são andróides — disse Isidore. Mas não se importou Isto não fazia diferença alguma para ele. — Agora estou compreendendo por que eles querem matar vocês — continuou. — Na realidade, vocês não são vivos.

— Tudo nesse instante fazia sentido para ele. O caçador de cabeças, a morte dos amigos deles, a viagem para a Terra, todas essas precauções.

— Quando usei a palavra "humano" — disse Roy Baty a Pris —, usei a palavra errada.

— Tudo bem, Sr. Baty — tranqüilizou-o Isidore. — Mas o que é que isso me importa? Quero dizer, eu sou um especial. Eles tampouco me tratam muito bem, como, por exemplo, eu não posso emigrar. — Descobriu que começara a gritar. — Vocês não podem vir para cá. Eu não posso. .. — Acalmou-se.

Após uma pausa, Roy Baty observou laconicamente:

— Você não gostaria de Marte. Não está perdendo coisa alguma.

— Eu estava me perguntando quanto tempo demoraria antes de você compreender — disse Pris a Isidore. — Nós somos diferentes, não?

— Foi isso provavelmente o que fez com que Garland e Polokov cometessem erros — disse Roy Baty. — Estavam tão danadamente certos de que conseguiriam passar por humanos, Luba, também.

— Vocês são intelectuais — disse Isidore. Sentia-se excitado novamente, por ter compreendido. Emoção e orgulho. — Vocês pensam abstratamente, e eu não. .. — Fez um gesto, as palavras enredando-se umas nas outras. Como sempre. — Eu gostaria de ter um intelecto, como vocês têm. Neste caso, eu passaria no teste, não seria um debilóide, Acho que vocês são muito superiores. Eu poderia aprender um bocado com vocês.

Após um intervalo, Roy Baty disse:

— Vou acabar de instalar o alarma. — E voltou a trabalhar.

— Ele não compreende ainda — disse Pris numa voz seca, quebradiça — como nós saímos de Marte. O que fazíamos lá.

— O que não podíamos evitar de fazer — grunhiu Roy Baty.

Irmgard estava na porta aberta que dava para o corredor e eles a notaram no momento em que falou:

— Não acho que tenhamos que nos preocupar com o Sr. Isidore — disse, séria. Dirigiu-se em passos rápidos para ele e olhou-o no rosto. — Como ele disse, tampouco o tratam muito bem. E ele não está interessado no que fazíamos em Marte. Conhece-nos, gosta de nós, e uma aceitação emocional como esta... é tudo para ele. É difícil para nós entendermos isto, mas é verdade. — A Isidore disse, mais uma vez bem perto dele e observando-o com atenção:

— Você poderia ganhar um bocado de dinheiro nos denunciando, compreende isso? — Virando-se, anunciou: — Está vendo, ele compreende, mas ainda assim não vai fazer coisa alguma.

— Você é um grande homem, Isidore — disse Pris.

— Um crédito para sua raça.

— Se ele fosse um andróide — disse convicto Roy —, nos denunciaria amanhã às dez. Iria para o trabalho e isso seria o fim. Estou arrasado de admiração. — Seu tom de voz não podia ser decifrado. Isidore, pelo menos, não podia compreendê-lo. — E nós imaginamos que este aqui seria um mundo sem amigos, um planeta de faces hostis, todos contra nós. — Solto uma gargalhada alta.

— Eu não estou absolutamente preocupada — declarou Irmgard.

— Você devia estar morrendo de medo — observou Roy.

— Vamos votar — sugeriu Pris. — Como fazíamos na nave quando estávamos em desacordo.

— Bem — disse Irmgard —, não vou dizer mais coisa alguma. Mas se recusarmos esta oportunidade, não acredito que possamos encontrar outro ser humano que nos aceite e nos ajude. O Sr. Isidore é ... — Procurou a palavra.

— Especial — acabou Pris a frase para ela.

Solene, cerimoniosamente, fizeram a votação.

— Nós ficamos aqui — disse firme Irmgard. — Neste apartamento, neste edifício.

— Eu voto que matemos o Sr. Isidore e nos escondamos em algum outro lugar — disse Roy Baty. Ele e a esposa — e John Isidore — voltaram-se rigidamente para Pris.

Em voz baixa, ela resolveu:

— Eu voto para que façamos aqui nossa defesa. — E acrescentou em voz mais alta: — Acho que o valor de J. R. para nós supera o perigo que ele encerra, o de saber.

Obviamente, não podemos viver entre humanos sem sermos descobertos. Foi isso o que matou Polokov, Garland, Luba e Anders. Foi isso o que matou todos eles.

— Talvez eles tenham feito justamente o que estamos fazendo — observou Roy Baty.

— Depositaram fé, confiaram em um dado ser humano, que pensaram que era diferente. Como você disse, especial.

— Nós não sabemos se foi isso — objetou Irmgard.

— Isso é apenas uma conjectura. Acho que eles, que eles...

— Fez um gesto vago. — Andaram por aí. Cantaram em um palco, como Luba. Nós confiamos ...eu vou-lhe dizer no que foi que nós confiamos e que nos pôs nesta encrenca toda, Roy: em nossa droga de inteligência superior! — Olhou zangada para o marido, seus pequenos e altos seios subindo e descendo rápidos. — Nós somos tão sábios...Roy, você está agindo assim, nesse momento. Droga, você está agindo assim agora!

— Eu acho que Irm tem razão — apoiou-a Pris.

— Assim, confiamos nossas vidas a um tipo subpadrão, bichado... — começou Roy, mas desistiu. — Estou cansado — disse simplesmente. — Foi uma longa viagem, Isidore. Mas não ficaremos muito tempo aqui. Infelizmente.

— Tomara que eu possa tornar agradável a estada de vocês aqui na Terra — disse feliz Isidore.

Tinha certeza de que poderia. Parecia-lhe a coisa mais fácil do mundo, a culminação de toda sua vida — e da nova autoridade que manifestara naquele dia no videofone, no trabalho.

LOGO QUE, oficialmente, deixou o trabalho naquela noite, Rick Deckard cruzou a cidade para a rua dos animais: os vários quarteirões dos grandes comerciantes de bichos, com suas imensas vitrinas e cartazes atraentes.

Ainda não o deixara a nova, horrível e excepcional depressão que o abatera antes naquele dia. Isto, estar entre animais e negociantes de animais, parecia o único ponto fraco no véu de depressão, uma falha através da qual poderia, talvez, agarrá-la e exorcizá-la. No passado, de qualquer modo, a vista de animais, o cheiro de transações financeiras envolvendo altas somas, fizeram muito por ele. Talvez, nesse instante, o efeito fosse o mesmo.

— Sim, senhor — disse um novo e elegantemente vestido vendedor, em tom de prosa, quando ele ficou olhando boquiaberto, expressão vidrada e humilde para as peças expostas. — Está vendo alguma coisa que o agrada?

— Estou vendo um bocado de coisa de que gosto. É o custo que me incomoda — disse Rick.

— O senhor simplesmente nos diz o tipo de negócio que quer fazer — sugeriu o vendedor —, o que quer levar para casa e quanto quer pagar. Levaremos a proposta ao nosso gerente de vendas e obteremos sua aprovação.

— Eu tenho três mil, em dinheiro. — O Departamento, no fim do dia, pagara sua recompensa. — Quanto custa — perguntou — aquela família de coelhos ali?

— Senhor, se o senhor pode fazer um pagamento inicial de três mil, posso transformá-lo no proprietário de alguma coisa muito melhor que um casal de coelhos. Que tal um bode?

— Não pensei muito em bodes — disse Rick.

— Posso perguntar se isto representa uma nova faixa de preços para o senhor?

— Eu, geralmente, não ando por aí com três mil no bolso — reconheceu Rick.

— Era isso o que eu pensava, quando o senhor falou em coelhos. O problema com coelhos, senhor, é que todo mundo tem um deles. Eu gostaria de vê-lo subir para a classe dos bodes, que acho que é a sua. Para ser franco, o senhor me parece mais um amigo dos caprinos.

— Quais são as vantagens dos bodes?

— A evidente vantagem do bode — explicou o vendedor — é que ele pode ser ensinado a dar cabeçadas naqueles que queiram roubá-lo.

— Não se eles o atingem com um dardo paralisante e descem por escada de corda de um hovercar pairando no alto.

Sem se deixar abater, o vendedor continuou:

— Um bode é leal. E possui uma alma livre, natural, que nenhuma gaiola pode prender. E nos bodes há um aspecto adicional excepcional, que o senhor talvez desconheça. Com muita freqüência, quando a pessoa investe num animal e o leva para casa, descobre alguma manhã que ele comeu alguma coisa radiativa e morreu. Um bode não é incomodado por quase-alimentos contaminados. Pode comer ecleticamente, mesmo coisas que derrubariam uma vaca ou um cavalo e, principalmente, um gato. Como investimento a longo prazo, achamos que o bode — e especialmente a cabra — oferecem vantagens sem concorrência ao criador sério.

— Esse bode é fêmea?

Notara um bode preto, grande, colocado bem no centro da jaula. Dirigiu-se para lá e o vendedor acompanhou-o. O bode, achou Rick, era belo.

— Sim, esse bode é fêmea. Um bode núbio preto, muito grande, como o senhor pode ver. É uma oferta soberba no mercado deste ano, senhor. E estamos oferecendo a um preço atraente, muito, muito baixo.

Tirando do bolso o amarfanhado Sidney's, Rick consultou na lista bodes, núbios, pretos.

— Será uma compra à vista? — perguntou o vendedor. — Ou o senhor vai dar de entrada um animal usado?

— Só dinheiro — disse Rick.

Num pedaço de papel, o vendedor rabiscou um preço e, em seguida, por um instante, quase furtivamente, mostrou-o a Rick.

— Caro demais — disse Rick. Tomou o papel da mão do vendedor e escreveu uma cifra mais modesta.

— Nós não poderíamos vender um bode por esse preço — protestou o vendedor.

Escreveu outra cifra. — Esse bode tem menos de um ano. A esperança de vida dele é muito longa. — Mostrou a cifra a Rick.

— Negócio feito — disse.

Assinou o contrato com reserva de domínio, deu como entrada seus três mil dólares — todo o dinheiro do prêmio — e logo depois viu-se no carro, muito confuso, enquanto empregados da loja ajeitavam a gaiola da cabra. Sou dono de um animal agora, disse para si mesmo. De um animal vivo, não elétrico. Pela segunda vez em minha vida.

A despesa, o endividamento contratual, apavoravam-no.

Descobriu que tremia um pouco. Mas eu tinha que fazer isto, afirmou para si mesmo. A experiência com Phil Resch... Tenho que recuperar minha confiança, minha fé em mim mesmo e em minha capacidade. Ou não vou conservar meu emprego.

Com as mãos dormentes, lançou o hovercar para o alto, a caminho de seu apartamento, e de Iran. Ela vai ficar zangada, pensou. Porque o animal vai preocupá-la, a responsabilidade. E uma vez que ela fica em casa o dia todo, um bocado de trabalho de manutenção do animal caberá a ela.

Mais uma vez, sentiu-se desalentado.

Ao pousar no telhado de seu prédio, passou algum tempo no carro, compondo mentalmente uma história bem verossímil para contar à esposa. Meu emprego exige o animal, pensou, raspando o fundo de seus argumentos. Questão de prestígio.

Não poderíamos continuar por mais tempo cuidando de uma ovelha elétrica, isso minava minha moral. Talvez eu possa lhe dizer isso, resolveu.

Descendo do carro, tirou do assento traseiro a gaiola da cabra e, resfolegando, conseguiu colocá-la no chão. A cabra, que deslizara para um lado durante a mudança de posição, considerou-o com acesa perspicácia, mas não emitiu som algum.

Desceu até seu andar e seguiu um caminho conhecido pelo corredor até a porta,

— Hei — recebeu-o Iran, ocupada na cozinha com o jantar. — Por que chegou tão tarde?

— Venha até o telhado — disse ele. — Quero lhe mostrar uma coisa.

— Você comprou um animal. — Tirou o avental, passou pensativa a mão pelo cabelo e saiu com ele do apartamento, percorrendo ambos em grandes e ansiosos passos o corredor. — Você não devia tê-lo comprado sem mim — reclamou. — Eu tenho o direito de participar de uma decisão dessas, a aquisição mais importante que nós jamais.

— Eu queria que fosse uma surpresa — desculpou-se ele.
— Você ganhou algum dinheiro de prêmio hoje — acusou-o Iran.
— Ganhei — concordou Rick —, aposentei três andros. — Entraram no elevador e, juntos, aproximaram-se mais de Deus. Eu tinha que comprar o animal — disse.
— Hoje, alguma coisa saiu errada. Uma coisa sobre aposentá-los. Para mim, não teria sido possível continuar sem comprar um animal. — O elevador chegou nesse momento ao telhado. Saiu à frente da mulher na escuridão da noite e levou-a à gaiola. Ligando os holofotes — mantidos ali para uso de todos os residentes do prédio — apontou para a cabra, em silêncio. À espera da reação dela.
— Oh, meu Deus — disse baixinho Iran. Foi até a jaula, olhou para dentro, recuou e, em seguida, deu a volta, examinando a cabra de todos os ângulos. — Ela é real?
— perguntou. — Não é falsa?
— Absolutamente real — assegurou ele. — A menos que me tenham passado a perna.
— Mas isso raramente acontecia. A multa por falsificação seria astronômica: duas vezes e meia o pleno valor de mercado do animal. — Não, não me passaram para trás.
— É um bode — disse Iran. — Um bode preto núbio.
— Fêmea — corrigiu-a Rick. — Assim, mais tarde, talvez possamos cruzá-la. E teremos leite, com o qual poderemos fazer queijo.
— Poderemos tirá-la daí? Colocá-la onde está a ovelha?
— Ela precisa ficar amarrada — disse ele. — Pelo menos durante alguns dias.
Em voz baixa e estranha, disse Iran:
— "Minha vida é amor e prazer." Uma velha canção, de Joseph Strauss. Lembra-se? Quando nos conhecemos? — Pôs suavemente uma das mãos no ombro dele, inclinou-se e beijou-o. — Muito amor E muito prazer.
— Obrigado — disse ele, e abraçou-a.
— Vamos descer correndo e dar graças a Mercer. Depois, poderemos voltar aqui novamente e dar logo a ela um nome. Ela precisa de um nome. E talvez você possa arranjar uma corda para amarrá-la. — E começou a afastar-se.

Ao lado de sua égua, Judy, penteando-a e escovando-a, o vizinho, Bill Barbour, gritou para eles: — Hei, que bonito bode vocês arranjaram, Deckard. Parabéns. Boa noite, Sra. Deckard. Talvez vocês ganhem cabritinhos. Eu talvez troque meu potro por uns dois cabritos.

— Obrigado — disse Rick. E seguiu Iran na direção do elevador, — Isto lhe cura a depressão? — perguntou à esposa, — Cura a minha.
— Claro que cura minha depressão — garantiu ela. — Agora podemos dizer a todo mundo que a ovelha é falsa.
— Não há nenhuma necessidade de fazermos isso — retrucou ele, cauteloso.
— Mas nós podemos dizer — insistiu Iran. — Compreenda, agora nós não temos nada para esconder. O que sempre quisemos, realizou-se. É um sonho! — Mais uma vez, pôs-se nas pontas dos pés, inclinou-se e beijou-o, habilmente, o hálito ansioso e errático fazendo-lhe cócegas. Ela estendeu a mão para apertar o botão do elevador.
Alguma coisa avisou-o. Alguma coisa obrigou-o a dizer:
— Não vamos descer ainda para o apartamento. Vamos ficar aqui com a cabra. Vamos simplesmente nos sentar, olhar para ela e talvez lhe dar alguma coisa para comer. Para que começássemos, a loja me deu um saco de aveia, E podemos ler o manual sobre manutenção de caprinos. Incluíram isso também, sem cobrar extra. Vamos chamá-la de Euphemia. — O elevador, porém, chegara e Iran já entrava. — Iran, espere — disse ele.
— Seria imoral de nossa parte não nos fundirmos com Mercer num gesto de gratidão — respondeu Iran. — Segurei hoje os punhos da caixa e ela me aliviou um pouco a

depressão... apenas um pouco, não como isto. Mas, de qualquer modo, fui atingida por uma pedra, aqui. — Mostrou o punho, onde ele viu uma pequena contusão escura. — E lembro-me que pensei como ficamos melhor, numa situação tão melhor, quando estamos com Mercer. A despeito da dor. Dor física, mas, espiritualmente, juntos. Senti todo mundo, em todo mundo, que havia feito a fusão no mesmo momento. — Com a mão, impediu que se fechasse a porta corrediça do elevador.

— Entre, Rick. Isto levará apenas um momento. Você raramente experimenta a fusão. Quero que você transmita agora a todas as pessoas o estado de espírito em que se encontra. Você deve isso a elas. Seria imoral conservar isto apenas para nós mesmos. Ela, claro, tinha razão. Assim, entrou no elevador e, mais uma vez, desceram.

Na sala de estar, em frente à caixa de empatia, Iran rapidamente ligou-a, sua face animada de crescente satisfação.

A emoção iluminava-a como se ela fosse uma lua nova crescente.

— Eu quero que todo mundo saiba — disse ao marido. — Uma vez, isto aconteceu comigo. Uma vez entrei em fusão e captei alguém que acabava de adquirir um animal. E depois, certo dia... — Seu rosto ensombreceu-se momentaneamente, desaparecido o prazer. — Certo dia, comecei a receber de alguém cujo animal tinha morrido. Mas outros de nós compartilhamos com elas nossas diferentes alegrias... eu não tinha nenhuma, como você bem pode imaginar, e isso animou a tal pessoa. A gente pode até mesmo fazer contato com um suicida potencial. O que temos, o que estamos sentindo poderia...

— Elas terão nossa alegria — comentou Rick —, mas nós perderemos. Trocaremos o que sentimos pelo que elas sentem. Nossa alegria se perderá.

A tela da caixa de empatia mostrava nesse instante correntes velozes de vivas e informes e cores. Inspirando profundamente, a esposa segurou firme os dois punhos.

— Nós não perderemos realmente o que sentimos, não se o mantivermos claramente na mente. Você nunca, realmente, sentiu a sensação de fusão, sentiu, Rick?

— Acho que não — respondeu. Mas, nesse momento, pela primeira vez, começou a perceber o valor que pessoas como Iran obtinham com o mercerismo. Possivelmente, sua experiência com Phil Resch, o caçador de cabeças, alterara alguma minúscula sinapse nele, fechara um circuito neurológico e abrira outro. E isto, talvez, tivesse ocasionado uma reação em cadeia.

— Iran — disse em tom urgente, puxando-a da caixa de empatia. — Escute aqui. Quero lhe falar sobre o que me aconteceu hoje.

Levou-a até o sofá e sentou-a de frente para ele.

— Conheci outro caçador de cabeças — disse. — Um que nunca vi antes. Um tipo predatório, que parece gostar de destruí-los. Pela primeira vez, depois de estar com ele, considerei os andros de maneira diferente. Quero dizer, à minha própria maneira, eu estivera considerando-os como ele. — Submeti-me a um teste, a uma pergunta, e confirmei isso — continuou Rick. — Eu tinha começado a empatizar com andróides e veja só o que isso significa. Você mesma disse isso esta manhã: "Aqueles pobres andros". De modo que você sabe do que é que eu estou falando. Este foi o motivo por que comprei a cabra. Nunca me senti antes assim. Talvez pudesse ser uma depressão, como essas que você sente. Agora posso compreender por que você sofre quando está deprimida. Sempre pensei que você gostava disso e que podia deixar esse estado a qualquer tempo, se não sozinha, pelo menos com ajuda do condicionador. Mas quando a pessoa fica deprimida daquele jeito, ela não se importa, cai em apatia, porque a pessoa

perde o senso de valor. Não importa se a pessoa se sente melhor, porque se não tem valor...

— O que é que você me diz de seu trabalho? — O tom de voz dela atingiu-o como uma estocada. Pestanejou. — Seu emprego — repetiu Iran. — Quais são os pagamentos mensais pela cabra? — Estendeu a mão. Pensativo, ele tirou do bolso o contrato que assinara e entregou-o à esposa.

— Tudo isso — disse ela em voz fraca. — Os juros. Meu Deus... só os juros. E você fez isso porque estava deprimido. Não, como uma surpresa para mim, como disse antes. — Devolveu-lhe o contrato. — Bem, isso não importa. Ainda estou contente porque você comprou a cabra. Eu a amo. Mas é um enorme ônus.

Parecia desolada.

— Eu posso mudar para outro trabalho — disse Rick. — O Departamento realiza dez ou onze atividades diferentes. Roubo de animais. Eu poderia ser transferido para isso.

— Mas o dinheiro do prêmio. Vamos precisar dele, ou levam de volta a cabra.

— Eu conseguirei que prorroguem o contrato, de trinta e seis para quarenta e oito meses. — Tirou do bolso uma caneta esferográfica e rabiscou rapidamente nas costas do contrato. — Dessa maneira, serão cinquenta e dois e cinquenta a menos por mês.

Tocou nesse momento o videofone.

— Se não tivéssemos voltado para aqui — queixou-se Rick —, se tivéssemos ficado no telhado, fazendo companhia à cabra, não teríamos recebido este telefonema.

Dirigindo-se para o videofone, disse Iran:

— Por que é que você está com medo? Não vão tomar a cabra, ainda não. — Começou a erguer o aparelho.

— É o Departamento — disse ele. — Diga que eu não estou em casa. — Dirigiu-se para o quarto de dormir.

— Alô — disse Iran no aparelho.

Mais três andros, pensou Rick, que eu devia estar caçando hoje, em vez de ter vindo para casa. Na videotela já se formara o rosto de Harry Bryant, de modo que era tarde demais para fugir. Sentindo duros os músculos das pernas, voltou ao aparelho.

— Sim, ele está — dizia nesse momento Iran. — Nós compramos uma cabra. Dê um pulinho aqui para vê-la, Sr. Bryant. — Uma pausa, enquanto ela escutava. Em seguida, passou o aparelho a Rick. — Ele tem uma coisa que lhe quer dizer.

Dirigindo-se para a caixa de empatia, sentou-se sem demora e, mais uma vez, agarrou os punhos duplos. Foi absorvida quase no mesmo instante.

Rick permaneceu com o telefone na mão, consciente da partida mental da esposa, consciente de sua própria solidão.

— Alô — disse no aparelho.

— Temos gente seguindo dois dos andróides restantes — informou Harry Bryant.

Falava do escritório. Rick notou a escrivanhinha conhecida, a confusão de documentos e papéis, o entulho. — Obviamente, eles desconfiaram de alguma coisa... Deixaram o endereço que D ave lhe deu e agora podem ser encontrados no...espere. — Bryant procurou na escrivanhinha e, finalmente, localizou o que queria.

Automaticamente, Rick tirou a caneta do bolso e, com o contrato de compra da cabra sobre os joelhos, preparou-se para escrever.

— Edifício Conapt 3967-C — continuou o Inspetor Bryant, — Vá para lá logo que puder. Temos que supor que eles sabem sobre os que você pegou: Garland, Luft e Polokov. Foi por isso que fugiram ilegalmente.

— Ilegalmente — repetiu Rick. Para salvar a vida.

— Iran disse que você comprou uma cabra — disse Bryant — Hoje mesmo? Depois que deixou o trabalho?

— A caminho de casa.

— Eu vou aí ver a sua cabra depois que você aposentar os andróides que restam. Por falar nisto... falei há pouco com Dave. Conteí o trabalho que lhe deram. Ele manda parabéns e diz para tomar mais cuidado. Disse que os tipos Nexus-6 são mais sabidos do que pensava, Na verdade, ele não queria acreditar que você pegou três num só dia.

— Três é suficiente — queixou-se Rick. — Não posso fazer mais nada. Tenho que descansar.

— Mas amanhã eles desaparecem — disse Bryant. — Saem de nossa jurisdição.

— Não tão cedo assim. Ainda vão ficar por aqui.

— Vá lá hoje à noite — ordenou Bryant. — Antes que eles se fortifiquem, Não esperam que você ataque tão depressa.

— Claro que esperam — disse Rick. — E vão estar à minha espera.

— Está com medo? Por causa do que Polokov...

— Eu não estou com medo — declarou Rick.

— Então, qual é o problema?

— Muito bem — concordou Rick. — Vou para lá. — Começou a baixar o telefone.

— Informe-me logo que obtiver algum resultado. Estarei aqui no escritório.

— Se eu os pegar, vou comprar uma ovelha.

— Você já tem. Tem desde que o conheço.

— É elétrica — disse Rick. E desligou. Uma ovelha de verdade desta vez, disse a si mesmo. Tenho que conseguir uma. Como compensação.

A esposa continuava agachada em frente à caixa preta de empatia, o rosto em êxtase, Ficou ao lado dela durante algum tempo, uma das mãos em seu peito, sentindo-o, subindo e descendo, a vida nela, a atividade. Iran não o notou: a experiência com Mercer, como sempre, tornara-se completa.

Na tela a figura apagada, velha, envolvida no manto de Mercer, subia laboriosamente e, no mesmo instante, uma pedra passou por ele. Observando-o, pensou Rick: meu Deus, há alguma coisa pior na minha situação do que na dele. Mercer não tem que fazer coisa alguma que lhe seja estranha. Ele sofre, mas, pelo menos, não se exige que viole sua própria identidade.

Curvando-se, suavemente, tirou os dedos da esposa dos punhos duplos. Em seguida, ele mesmo, assumiu-lhe o lugar. Pela primeira vez em semanas. Obedecendo a um impulso. Não planejava isso. De repente, acontecera.

À sua frente, uma paisagem de ervas daninhas, sarças, uma desolação. O ar recendia a odores selvagens; isto era o deserto e não havia chuva.

Viu um homem, uma luz triste em seus olhos cansados, cheios de dor.

— Mercer — disse Rick.

— Eu sou seu amigo — disse o velho. — Mas você deve continuar como se eu não existisse. Pode compreender isto? — Estendeu mãos vazias.

— Não — respondeu Rick. — Não posso entender isso. Eu preciso de ajuda.

— Como é que eu posso salvá-lo — disse o velho — se não posso salvar a mim mesmo? — Sorriu. — Não compreende? Não há salvação.

— Então, para o que serve isto? — indagou Rick. — Para o que é que você serve?

— Para lhe mostrar — retrucou Wilbur Mercer — que você não está sozinho. Estou aqui com você, e sempre estarei. Vá e faça seu trabalho, mesmo sabendo que é errado.
— Por quê? — perguntou Rick. — Por que devo fazê-lo? Vou pedir demissão de meu cargo e emigrar.

O velho respondeu:

— Pedir-lhe-ão que faça o mal onde quer que vá. Esta é a condição básica da vida, ser obrigado a violar sua própria identidade. Em alguma ocasião, todas as criaturas vivas têm que fazer isso. É a sombra final, a derrota da criação, a maldição em ação, a maldição que se alimenta de toda a vida. Em toda parte do universo.

— Isso é tudo o que você pode me dizer? — perguntou Rick.

Uma pedra assoviou na sua direção; abaixou-se, mas ela pegou-o na orelha.

Imediatamente, soltou os punhos e se viu, mais uma vez, em sua sala de estar, ao lado da esposa e da caixa de empatia. A cabeça doía-lhe fortemente com a pancada; levantando a mão, notou que o sangue começara a correr, caindo em grandes e brilhantes gotas por um dos lados de seu rosto.

Iran, com um lenço, enxugou-lhe a orelha.

— Acho que estou contente porque você me soltou. Eu realmente não posso suportar isso, receber uma pedrada. Obrigado por ter recebido a pedrada em meu lugar.

— Estou indo — disse Rick.

— Um trabalho?

— Três. — Tomou-lhe o lenço e dirigiu-se para a porta, ainda tonto e, nesse momento, com vontade de vomitar.

— Boa sorte — disse Iran.

— Eu não consegui coisa alguma segurando esses punhos — explicou Rick. — Mercer me falou, mas o que disse não ajudou. Ele não sabe mais do que eu. Ele é simplesmente um velho subindo uma colina para morrer.

— Mas essa não é a revelação?

— Eu já tive essa revelação — retrucou Rick. Abriu a porta que dava para o corredor.

— Até mais tarde. — Saindo para o corredor, fechou a porta às suas costas.

Conaot 3967-C, pensou, lendo o endereço nas costas do contrato. Isto fica longe, nos subúrbios. Lá quase tudo está abandonado. Um bom lugar para quem quer esconder-se. Exceto pelas luzes da noite. É por elas que me guiarei, pensou. As luzes. Fototrópicas. Como a mariposa da caveira. E em seguida, depois disto, refletiu, não haverá mais. Vou fazer alguma outra coisa, ganhar a vida de outra maneira. Estes três são os últimos. Mercer tem razão. Tenho que acabar com isto. Mas, pensou, não acho que possa. Dois andros juntos...Isto não é uma questão moral, é uma questão prática.

Eu, provavelmente, não posso aposentá-los, compreendeu. Mesmo que tente. Estou cansado demais e hoje aconteceram coisas demais. Talvez Mercer soubesse disso, refletiu. Talvez tenha previsto tudo o que vai acontecer.

Mas sei onde procurar ajuda, que me foi oferecida antes e que recusei.

Chegou ao telhado e um momento depois, na escuridão de seu hovercar, discou.

— Rosen Association — respondeu a telefonista de plantão.

— Rachael Rosen — disse ele.

— Perdão, senhor?

— Chame Rachael Rosen — ordenou em voz áspera Rick.

— A Srta. Rosen está esperando . .

— Tenho certeza de que está — respondeu. E esperou.

Dez minutos depois, o rosto pequeno e moreno de Rachael Rosen apareceu na videotela.

— Alô, Sr. Deckard

— Está ocupada agora ou posso conversar com você? — perguntou. — Como você disse hoje, mais cedo — mas não parecia que era o dia de hoje; uma geração nascera e morrera desde que falara com ela pela última vez. E todo o peso, todo o cansaço dela, resumira-se em seu corpo; sentia o fardo físico. Talvez, pensou, por causa da pedra.

Com o lenço, enxugou a orelha que ainda sangrava.

— O senhor cortou a orelha — disse Rachael, — Que pena.

— Você pensou, realmente, que eu não lhe telefonaria? Como você disse?

— Eu lhe disse — admitiu Rachael — que sem mim um dos Nexus-6 o pegaria antes que o senhor o pegasse.

— Você se enganou.

— Mas está telefonando, de qualquer modo. Quer que eu vá até aí, em São Francisco?

— Hoje à noite — disse ele.

— Oh, é tarde demais. Vou amanhã. É uma hora de viagem.

— A ordem que recebi foi pegá-los hoje à noite. — Interrompeu-se por um momento e depois disse: — Dos oito iniciais, sobraram três.

— O senhor dá a impressão de que passou por momentos horríveis.

— Se você não vir aqui hoje à noite — disse Rick —, vou caçá-los sozinho e não poderei aposentá-los. Eu acabei de comprar uma cabra — acrescentou, — Com o dinheiro de prêmio dos três que peguei.

— Vocês, humanos — riu Rachael. — Caprinos têm um cheiro horrível.

— Só os bodes. Li isso no livro de instruções que veio com ela.

— O senhor está realmente cansado — comentou Rachael. — Parece confuso. Tem certeza, realmente, que sabe o que está fazendo, pegar mais três Nexus-6 no mesmo dia? Ninguém jamais aposentou seis andróides num único dia.

— Franklin Powers — disse Rick. — Há mais ou menos um ano, em Chicago. Ele aposentou sete.

— Da obsoleta variedade McMillan Y-4 — observou Rachael. — Isto é uma coisa diferente. — Pensou um pouco. — Rick, não posso ir, Nem mesmo jantei ainda.

— Preciso de você — disse. Senão, vou morrer, pensou. Sei disso. Mercer sabia. Acho que você sabe, também. E estou perdendo meu tempo fazendo-lhe um apelo. Ninguém pode apelar para um andróide; não há nele coisa alguma que ressoe.

— Sinto muito, Rick — disse Rachael —, mas não posso ir aí hoje à noite. Terá que ser amanhã.

— Vingança de andróide — comentou Rick.

— O quê?

— Porque eu lhe dei uma rasteira na Escala Voigt-Kampff.

— Você pensa isso? — Olhos esbugalhados, ela perguntou: — Realmente?

— Adeus — disse Rick e começou a desligar.

— Escute aqui — interrompeu-o rapidamente Rachael —, você não está usando a cabeça.

— Parece isso porque vocês tipos Nexus-6 são mais inteligentes do que os humanos.

— Não, eu realmente não compreendo — suspirou Rachael. — Posso ver que você não quer realizar esse trabalho hoje à noite ...talvez nunca mais. Você tem certeza que quer que eu torne possível para você aposentar os três andróides restantes? Ou quer que eu o convença a não tentar?

— Venha até aqui — sugeriu ele — e nós alugaremos um quarto de hotel.

— Por quê?

— Por causa de uma coisa que ouvi hoje — respondeu ele, rouco. — Sobre situações envolvendo homens, humanos, e mulheres, andróides. Venha a São Francisco hoje à noite e eu desisto dos andros restantes. Faremos outra coisa.

Ela observou-o atenta, e em seguida disse bruscamente:

— Muito bem. Vou para aí. Onde é que eu o encontro?

— No St. Francis. É o único hotel mais ou menos decente ainda em funcionamento na área da baía.

— E você não fará nada até que eu chegue aí.

— Ficarei no quarto do hotel — prometeu ele — assistindo a Buster Amigão na TV. A convidada dele nos três últimos dias foi Amanda Werner. Gosto dela. Poderia ficar olhando-a o resto de minha vida. Ela tem seios que sorriem.

Desligou e simplesmente ficou ali durante algum tempo, a mente vazia.

Finalmente, o frio do carro despertou-o. Ligou a chave de ignição e um momento depois tomava a direção do centro de São Francisco.

E do St. Francis Hotel.

NO SUNTUOSO e enorme quarto do hotel, Rick Deckard lia as folhas a carbono, datilografadas, sobre os andróides Roy e Irmgard Baty.

Nestes dois casos, incluíam instantâneos telescópicos, fotos indistintas em 3D, que ele mal conseguia enxergar.

A mulher parecia atraente. Roy Baty, contudo, era algo diferente. Algo pior.

Farmacêutico em Marte, leu. Ou pelo menos o andróide usara essa cobertura.

Na realidade, provavelmente fora um trabalhador braçal, um peão, com aspirações de coisa melhores. Será que andróides sonham? Perguntou-se.

Roy Baty (informavam os antecedentes) tem um ar agressivo, afirmativo, de falsa autoridade. Dado a especulações místicas, este andróide propôs ao grupo a tentativa de fuga coletiva, garantindo-a ideologicamente com pretenciosa ficção sobre a sacralidade da chamada "vida" andróide. Além disso, este andróide roubou, e experimentou, vários tipos de drogas geradoras de fusão da mente, alegando, quando surpreendido, que alimentava a esperança de promover em andróides uma experiência grupal semelhante à do mercerismo, a qual, alegou, continua proibida aos andróides.

Evidentemente é por isso que eles, ocasionalmente, matam seus empregadores e fogem aqui para a Terra. Uma vida melhor, sem servidão.

Como Luba Luft, cantando Don Giovanni e Le Nozze, em vez de labutar na face estéril de um campo cheio de pedras. Num mundo colonial basicamente inabitável.

O relato tinha um aspecto patético. Um rude e frio andróide na esperança de passar por uma experiência que, devido a um deliberado defeito inerente à sua constituição, lhe estava vedada. Mas não conseguia interessar-se muito por Roy Baty. Captou, pelas notas de Dave, algo de repelente pairando em volta desse andróide. Baty tentara forçar a criar para si mesmo, a experiência de fusão... quando fracassara, planejara o assassinato de grande número de seres humanos...seguido da fuga para a Terra.

E neste instante, especialmente neste dia, ocorria a destruição gradativa dos oito andróides originais, até que só restavam três. E eles, os principais membros do grupo ilegal, estavam condenados, uma vez que, se não conseguisse pegá-los, alguma outra pessoa os pegaria. O tempo e a maré, pensou. O ciclo da vida. Terminando desta maneira o último pôr-do-sol. Antes do silêncio da morte.

Nisto percebeu a existência de um micro-universo, completo.

A porta do quarto foi aberta com um estrondo.

— Que vôo — disse sem fôlego Rachael Rosen entrando vestida com um longo casaco tipo escama de peixe, com sutiã e short combinando. Trazia consigo uma grande e enfeitada sacola de papel. Este é um bom quarto. — Consultou o relógio de pulso. — Menos de uma hora. Fiz a viagem num bom tempo. — Estendeu a sacola de papel. — Eu trouxe uma garrafa. Bourbon.

— O pior dos oito continua vivo — disse Rick. — O que organizou o grupo.

Estendeu-lhe a informação sobre Roy Baty.

Rachael pôs de lado a sacola de papel e recebeu a folha.

— Localizou este? Perguntou terminada a leitura.

— Tenho um endereço de apartamento. Lá nos subúrbios, onde provavelmente uns dois especiais deteriorados, debilídeos ou cabeças de camarão, levam suas versões de vida.

Rachael esticou a mão:

— Vejamos os outros.

— Mulheres, ambos.

Entregou-lhes as folhas, uma referente a Irmgard Baty e a outra sobre uma andróide que a si mesma chamava de Pris Stratton.

Lançando um olhar à última folha, Rachael disse:

— Oh! — Sacudindo no chão as folhas, foi até a janela do quarto para olhar o centro de São Francisco. — Acho que você vai ser derrotado pela última. Talvez não. Talvez você não se importe. — Empalidecera e sua voz tremia.

De repente, ela se tornara excepcionalmente instável.

— Exatamente, sobre o que é que você está resmungando aí?

Apanhou as folhas, voltou a estudá-las, perguntando-se ao mesmo tempo que parte delas perturbava Rachael.

— Vamos abrir o uísque. — Levou a sacola para o banheiro, apanhou dois copos e voltou. Parecia ainda distraída e incerta — e preocupada. Rick sentiu-lhe a fuga rápida e os seus pensamentos ocultos: as transições mostravam-se em seu rosto carrancudo, tenso. — Será que você pode abrir isto? — perguntou ela. — Vale uma fortuna, como você sabe. Não é sintético. É de antes da guerra, feito com malte autêntico.

Pegando a garrafa, Rick abriu-a e encheu dois copos com a bebida.

— Diga-me qual é o problema — sugeriu.

— Ao telefone — começou Rachael — você me disse que se eu viesse aqui hoje à noite, você desistiria dos três andros restantes. "Vamos fazer uma coisa diferente", você disse.

Mas aqui estamos nós.. .

— Diga-me o que foi que a perturbou — pediu ele.

Encarando-o, desafiadora, Rachael respondeu:

— Diga-me o que é que vamos fazer, em vez de nos alvoroçarmos e nos preocuparmos com esses três últimos andros Nexus-6.

Desabotoou o casaco e levou-o até um armário, onde o pendurou.

Isto deu a Rick a oportunidade de dar uma boa olhada no corpo dela.

As proporções de Rachael, notou mais uma vez, eram estranhas.

Com sua abundante massa de cabelos pretos, a cabeça parecia grande, e devido aos seios pequeninos o corpo assumia uma postura esgalgada, quase infantil.

Mas os grandes olhos, com os longos e finos cílios, só podiam ser de uma mulher adulta; neles terminava a semelhança com a adolescência.

Rachael descansava, bem de leve, sobre a parte dianteira dos pés, e seus braços, da forma como pendiam, curvavam-se nas articulações. A postura, refletiu, de um cauteloso caçador, talvez da raça Cro-Magnon. A raça do altos caçadores, refletiu. Nenhum excesso de carne, barriga chata, pequenas nádegas e peito amplo.

Rachael fora modelada de acordo com o tipo físico céltico, anacrônico e atraente.

Abaixo dos curtos shorts, as pernas, esguias, tinham uma aparência neutra, não sexual, não muito bem acabadas, em curvas núbéis. A impressão total, contudo, era boa, Embora, definitivamente, de uma mocinha, não de uma mulher.

Exceto pelos olhos inquietos, ardilosos.

Provou o bourbon. O poder da bebida, sabor e cheiro fortes, havia-se tornado quase estranho para ele e teve dificuldade em engoli-la. Rachael, ao contrário, nenhuma dificuldade teve com a sua.

Sentando-se na cama, Rachael alisou distraída a colcha, numa expressão, nesse momento, de melancolia. Ele pôs o copo na mesinha de cabeceira e sentou-se ao lado dela. Sob o seu peso, a cama cedeu e Rachael mudou de posição.

— O que foi? — perguntou. Segurou-lhe a mão, que achou fria, ossuda, ligeiramente úmida — O que foi que a perturbou?

— A última droga de tipo Nexus-6 — disse ela, falando com um esforço — é do mesmo tipo que eu.

Olhou fixamente para a colcha, encontrou um fio e começou a rolá-lo entre os dedos e transformá-lo numa bolinha. — Não notou a descrição? É a minha. Ela pode usar de modo diferente o cabelo, vestir-se de outra maneira . pode ter mesmo comprado uma peruca. Mas, quando a vir, você vai entender o que estou querendo dizer. — Riu, irônica. — Foi uma boa coisa que a empresa tenha admitido que sou uma andro. De outro modo, você provavelmente teria ficado louco quando conhecesse Pris Stratton. Ou pensasse que ela era eu.

— Por que isso a incomoda tanto assim?

— Bolas, eu vou estar junto quando você aposentá-la.

— Talvez não. Talvez eu não a encontre.

— Eu conheço a psicologia Nexus-6. Esse é o motivo porque estou aqui. É por isso que posso ajudá-lo. Eles estão escondidos, juntos, os últimos três. Em volta de um tipo mentalmente desequilibrado que se diz chamar Roy Baty. É quem dirigirá a defesa crucial, total, final deles. — Mordeu os lábios. — Jesus! — exclamou.

— Anime-se — disse ele. Pegou-lhe o pequeno queixo na palma da mão e levantou-lhe a cabeça, de modo que ela teve que olhá-lo. Como será beijar uma andróide, pensou.

Inclinando-se um pouco, beijou-lhe os lábios secos. Nenhuma reação se seguiu; Rachael permaneceu impassível. Como se não houvesse sido afetada. Ainda assim, ele sentiu uma coisa diferente. Ou, talvez, era mero desejo seu pensar assim.

— Eu gostaria — disse Rachael — de ter sabido disso antes de vir para cá. Eu nunca teria vindo. Acho que você está me pedindo demais. Sabe o que eu sinto? Em relação a essa andróide Pris?

— Empatia — respondeu ele.

— Alguma coisa assim. Identificação. Lá vou eu. Meu Deus, talvez seja isso o que vai acontecer. Na confusão, você me aposentará, não ela. E ela poderá voltar a Seattle e levar minha vida. Nunca me senti assim antes. Nós somos máquinas, estampadas como quem estampa rolas de metal de garrafas. É uma ilusão que eu, eu pessoalmente, exista. Sou apenas representativa de um tipo. Estremeceu.

Ele não pôde deixar de sentir-se alegre; Rachael se tornara tão piegamente sentimental e abatida...

— Formigas não se sentem assim — disse —, e elas são fisicamente idênticas.

— Formigas, Elas não sentem, ponto final.

— Gêmeos humanos univitelinos. Eles não...

— Mas eles se identificam entre si. Sei que eles têm um laço especial, empático. — Levantando-se, pegou a garrafa, um pouco trôpega, reenchou seu copo e bebeu-o de um gole. Durante algum tempo, vagueou pelo quarto, sobranceiras sombriamente contraídas. Em seguida, como vindo para o lado dele por acaso, sentou-se na cama. Lançou para cima as pernas e estirou-se, encostando-se nos grandes travesseiros. E suspirou. — Esqueci-me dos três andros — disse, a voz demonstrando cansaço. — Estou tão esgotada da viagem, acho. E do que descobri hoje. Só quero dormir. — Fechou os olhos. — Se eu morrer — murmurou — talvez eu nasça novamente quando a Rosen Association estampar sua próxima unidade de meu subtipo. — Abriu os olhos e fitou-o ferozmente. — Você sabe — perguntou — por que eles vieram realmente para cá? Por que Eldon e os outros Rosens, os humanos, queriam que eu viesse com você?

— A fim de observar — sugeriu ele. — Detalhar exatamente o que um Nexus-6 faz que o denuncia no Teste Voigt-Kampff.

— No teste ou de outra maneira. Tudo o que lhe dá uma característica diferente. E, em seguida, apresentar um relatório, de modo que a empresa possa fazer modificações em banho de zigotos de fatores de DNS. E depois teremos o Nexus-7. E quando ele for descoberto, modificaremos o modelo mais uma vez e, no fim, a empresa conseguirá um tipo que não poderá ser distinguido de um ser humano comum.

— Você conhece o Teste Boneli de Reflexo de Arco?

— Nós estamos trabalhando também nos gânglios espinais. Algum dia, o Teste Boneli desaparecerá na mortalha encanecida de ontem do esquecimento espiritual.

Sorriu inocentemente, em contraste com suas palavras.

A esta altura, ele não podia discernir-lhe o grau de seriedade. Um tópico de uma importância capaz de abalar o mundo e, no entanto, discutido com leviandade; um traço andróide, possivelmente, pensou. Nenhuma percepção emocional, nenhum senso de sentimento do significado real do que dissera. Só as definições rasas, formais, intelectuais, das palavras separadas.

E mais, Rachael começara a implicar com ele. Imperceptivelmente, passara de lamentar seu próprio estado para azucriná-lo sobre o dele.

— Diabos a levem — disse.

Rachael riu.

— Estou bêbada. Não posso ir com você. Se sair daqui — fez um gesto de despedida —, eu fico, durmo e depois você pode me contar o que foi que aconteceu.

— Exceto — disse ele — que não vai haver um depois, porque Roy Baty vai me pegar.

— Mas, de qualquer modo, não posso ajudá-lo mais porque estou bêbada. Afinal de contas, você conhece a verdade, a dura, irregular, escorregadia superfície da verdade. Eu sou apenas uma observadora e não intervirei para salvá-lo. Não me importo se Roy Baty pega-o ou não, Eu me importo se me pegam. — Esbugalhou os olhos. — Cristo, estou empática comigo mesma. E, se eu for àquele prédio arruinado nos subúrbios... — Estendeu a mão e brincou com o botão da camisa dele. Em lentos e fáceis movimentos dos dedos começou a abri-la. — Não ouse ir porque andróides não têm lealdade um para com o outro e sei que aquela maldita Pris Stratton me destruirá e ocupará meu lugar. Entendeu? Tire o paletó.

— Para quê?

— Para podermos nos deitar — disse Rachael.

— Eu comprei uma cabra núbia preta — disse ele. — Tenho que aposentar mais três andros. Tenho que acabar meu trabalho e voltar para, junto de minha esposa, em casa.

Levantou-se, deu a volta à cama e foi até a garrafa de uísque.

Com todo cuidado, serviu-se de um segundo drinque; suas mãos, observou, tremiam apenas de leve. Provavelmente, de fadiga. Nós dois, compreendeu, estamos cansados. Cansados demais para caçar três andros, com o pior dos oito dando as cartas.

Ali naquele lugar, de repente, reconheceu que adquirira um medo total, incontestável, do principal andróide. Tudo dependerá de Baty — dependera desde o começo. Até então, enfrentara e aposentara, um depois do outro, manifestações mais fracas de Baty. Chegara agora a vez do próprio Baty. Pensando nisso, o medo agravou-se, envolveu-o por completo, agora que o deixara aproximar-se de sua mente consciente.

— Agora, eu não posso ir sem você — disse a Rachael.

— Não posso nem mesmo sair daqui. Polokov veio atrás de mim; Garland virtualmente procurou-me.

— Você acha que Roy Baty virá pegá-lo? — Pondo de lado o copo vazio, ela inclinou-se para a frente, estendeu as mãos para trás e soltou o sutiã. Ágil, tirou-o do corpo, levantou-se, cambaleando, e riu alegre porque estava cambaleando. — Na minha bolsa — disse — tenho um mecanismo que nossa fábrica automática em Marte constrói como dispositivo de emer... — Fez uma careta. — Um aparelho de emergência de segurança, que têm sempre à mão quando submetem um andro recém-acabado a controles de inspeção de rotina. Apanhe-o. Parece uma ostra. Procure que você acha.

Ele já começara a mexer na bolsa. Como uma mulher humana, Rachael tinha na bolsa todos os tipos concebíveis de objetos surrupiados e escondidos.

Continuou a busca interminável.

Enquanto isso, Rachael tirara as botas com um pontapé e descera o fecho do short.

Equilibrando-se sobre um pé, pegou a peça retirada com o dedão e atirou-a para o outro lado do quarto. Caiu de novo na cama, rolou para apanhar o copo, acidentalmente derrubou-o no chão carpetado.

— Droga — disse ela e, trôpega, levantou-se outra vez.

Ali de calcinha, ficou a olhá-lo mexendo em sua bolsa.

Em seguida, com gestos deliberados e toda atenção, puxou para trás as cobertas, deitou-se e cobriu-se.

— É isto? — perguntou ele, mostrando uma esfera metálica, da qual se projetava um botão.

— Esse aparelho faz com que o andróide entre em estado de catalepsia — disse Rachael, olhos fechados. — Durante alguns segundos. Suspende-lhe a respiração, a de vocês também, mas humanos podem agir sem respirar...perspirar durante alguns minutos, mas o nervo pneumogástrico de um andro...

— Eu sei. — Espigou-se. O sistema nervoso autônomo do andróide não é tão flexível como o nosso para iniciar e interromper uma função. Mas, como você disse, isto não funcionará por mais de cinco ou seis segundos.

— É o suficiente — murmurou ela — para salvar sua vida. Assim, compreenda... — Ergueu-se, sentou-se na cama. — Se Roy Baty aparecer por aqui, você deve estar com isso na mão e apertar o botão dessa coisa. E enquanto ele estiver duro, sem suprimento de ar para o sangue e suas células cerebrais se deterioram, você pode matá-lo com seu laser,

— Você tem um tubo de laser — disse ele. — Em sua bolsa.

— Uma imitação. Andróides — bocejou, olhos fechados — não têm permissão para conduzir lasers.

Ele aproximou-se da cama.

Contorcendo-se, Rachael conseguiu finalmente rolar para cima do estômago, o rosto enterrado no lençol branco.

— Este é o tipo limpo, nobre, virgem de cama — declarou ela. — Apenas moça;; limpas, nobres, que... — Pensou um pouco. — Andróides não podem conceber filhos — disse em seguida. — Isto é mau?

Ele acabou de despi-la e lhe expôs o ventre pálido e frio.

— É um mal? — repetiu Rachael. — Não sei, realmente. Não tenho como saber. Como é que é ter um filho? Por falar nisto, como é nascer? Nós não nascemos, não crescemos; em vez de morrer de doença ou velhice, gastamo-nos, como as formigas. Formigas, novamente, é isso o que somos. Não você. Quero dizer eu. Máquinas quitinosas capazes de reflexos, que não estão realmente vivas. — Torceu a cabeça para um lado e disse em voz alta: — Eu não estou viva! Você não vai para a cama com uma mulher. Não fique desapontado, certo? Já fez amor antes com uma andróide?

— Não — confessou ele, tirando a gravata e a camisa.

— Sei — disseram-me que é convincente, se o humano não pensa muito na coisa. Mas se pensar demais, se refletir no que está fazendo...então você não pode continuar. Por razões psicológicas.

Curvando-se, ele beijou-lhe o ombro nu.

— Obrigada, Rick — disse ela, lânguida —, lembre-se, porém, não pense nisto, simplesmente faça. Não pare e se meta a filosofar, porque, do ponto de vista filosófico, é desolador, para nós dois.

— Mas depois — disse ele — eu ainda tenciono ir pegar Roy Baty. Ainda vou precisar de sua presença comigo. Sei que o tubo de laser que você tem na bolsa é...

— Você pensa que vou aposentar para você um de seus andróides?

— Eu penso que, a despeito de tudo o que disse, você me ajudará no que puder. De outro modo, você não estaria deitada aí nessa cama.

— Eu amo você — disse Rachael. — Se eu entrasse num quarto e encontrasse um sofá forrado com seu couro, eu marcaria pontos bem altos no Teste Voigt-Kampff.

Hoje à noite, em algum momento, pensou enquanto desligava a luz da cabeceira, vou aposentar uma Nexus-6 que se parece exatamente com esta pequena nua.

Meu bom Deus, pensou, acabei onde Pris Resch disse que eu acabaria.

Faça amor com ela primeiro, lembrou-se. Depois, mate-a.

— Eu não posso fazer isto — disse ele e afastou-se da cama.

— Eu gostaria que pudesse — respondeu Rachael trêmula.

— Não por causa de você, mas por causa de Pris Stratton, do que vou ter que fazer com ela.

— Nós não somos a mesma. Eu não me importo com Pris Stratton. Escute aqui. — Mexeu-se na cama, levantando-se. Na escuridão, ele ainda assim conseguia distinguir a forma elegante, quase destituída de seios. — Faça amor comigo e eu aposentarei Stratton. Certo? Porque não posso suportar chegar assim tão perto e...

— Obrigado — disse ele. A gratidão, sem dúvida devido ao uísque, subiu em seu corpo, apertando-lhe a garganta.

Dois, pensou. Agora só tenho dois para aposentar, simplesmente os Batys.

Faria Rachael realmente isso? Evidentemente. Andróides pensavam e funcionavam assim. Ainda assim, em toda sua vida jamais encontrara coisa parecida.

— Droga, venha para a cama — disse Rachael.

Ele foi.

DEPOIS, desfrutaram de um grande luxo: Rick mandou o serviço de quarto trazer café. Durante um longo tempo, permaneceu sentado na grande poltrona de folhagem verde, preta e dourada, bebericando o café e meditando sobre as horas seguintes.

Rachael, no banheiro, murmurava, cantarolava e chapinhava num banho quente de chuveiro.

— Você fez um bom negócio ao fazer aquele negócio — gritou ela, depois de fechar a água; pingando água, os cabelos amarrados num elástico, apareceu nua e rosada na porta do banheiro. — Nós, andróides, não podemos controlar nossas paixões físicas, sensuais. Você provavelmente sabia disso. Na minha opinião você se aproveitou de mim. — Ela, contudo, não parecia realmente zangada. Se alguma coisa, tornara-se alegre e certamente tão humana como qualquer moça que ele conhecera. — Temos, realmente, que ir pegar aqueles três andros hoje à noite?

— Temos — disse ele. — Dois que eu aposentarei; um que você aposentará. — Como dissera Rachael, o negócio fora feito.

Envolvendo-se numa grande toalha branca de banho, Rachael perguntou:

— Você gostou?

— Gostei.

— Você irá novamente para a cama com uma andróide?

— Se fosse jovem, e caso se parecesse com você.

— Sabe qual é — perguntou Rachael — a esperança de vida de uma robô humanóide como eu? Eu existo há dois anos. Quantos anos mais você calcula que eu disponho?

Depois de hesitar por um instante, ele respondeu:

— Mais ou menos mais dois anos.

— Eles nunca puderam solucionar esse problema. Quero dizer, a substituição de células.

A renovação perpétua ou, de qualquer modo, semi-perpétua. Bem, é isso aí. —

Vigorosamente, começou a enxugar-se. Seu rosto tornou-se inexpressivo.

— Sinto muito — disse Rick.

— Bolas — disse Rachael —, estou arrependida de ter mencionado isso. De qualquer modo, evita que seres humanos fujam para ir viver com um andróide.

— E isso é verdade também com os tipos Nexus-6?

— É o metabolismo. Não a unidade cerebral.

Saiu do banheiro, vestiu a calcinha e começou a se preparar.

Ele se vestiu também. Juntos, conversando pouco, subiram para o campo do telhado, onde seu hovercar fora estacionado pelo agradável garagista humano, vestido de branco. No momento em que tomavam a direção dos subúrbios de São Francisco, Rachael observou:

— Está fazendo uma noite agradável.

— A esta hora, minha cabra provavelmente está dormindo — respondeu ele. — Ou talvez caprinos sejam animais noturnos. Alguns animais jamais dormem. Ovelhas, nunca, não que eu pudesse ver. Todas as vezes em que olhamos para elas, estão olhando para a gente.

— Que tipo de esposa você tem?

Ele não respondeu.

— Você ...

— Se você não fosse uma andróide — interrompeu-a Rick —, se eu pudesse; legalmente, me casar com você, eu casaria.

— Ou poderíamos viver em pecado, exceto que eu não sou viva — observou Rachael.

— Legalmente, não é. Mas é, realmente. Biologicamente. Você não é feita de circuitos transistorizados, como um falso animal. Você é uma entidade orgânica. — E em dois

anos pensou, você se desgastará e morrerá. Porque nós nunca solucionamos o problema da substituição das células, conforme você mesma disse. Assim, acho que não importa, de qualquer maneira.

Este é o meu fim, disse a si mesmo. Como caçador de cabeças a prêmio. Depois dos Batys, nenhum mais. Não depois disto, desta noite.

— Você parece tão triste — observou Rachael.

Estendendo a mão, ele tocou-lhe o rosto.

— Você não vai ser mais capaz de caçar andróides — disse ela, calma. — Assim, não fique triste. Por favor.

Ele olhou-a fixamente.

— Nenhum caçador de cabeças continuou — disse Rachael —, depois de ter estado comigo. Exceto um. Um homem muito cínico. Phil Resch. E ele é doido. Trabalha num campo só seu.

— Compreendo — disse Rick. Sentia-se embotado. Inteiramente. O corpo todo.

— Mas esta viagem que estamos fazendo — disse Rachael — não será desperdiçada porque você vai conhecer um homem maravilhoso, espiritual.

— Roy Baty — disse ele. — Conhece todos eles?

— Conheci-os a todos, quando eles ainda existiam. Conheço três, agora. Tentamos detê-lo esta manhã, antes de você começar a trabalhar com a lista de Dave Holden. Eu tentei novamente, pouco antes de Polokov encontrar você. Mas, depois disso, tive que esperar.

— Até que eu pifasse — sugeriu ele. — E tivesse que chamá-la.

— Luba Luft e eu fomos amigas muito íntimas durante quase dois anos. O que você pensava dela? Gostava dela?

— Gostei dela.

— Mas matou-a.

— Phil Resch matou-a.

— Oh, então Phil acompanhou-o de volta até a Casa da Ópera, Nós não sabíamos disso. Nosso sistema de comunicações pifou, mais ou menos nessa ocasião. Sabíamos apenas que ela fora morta. Naturalmente, presumimos que por você.

— Com base nas notas de Dave — observou Rick —, acho que posso ainda continuar e aposentar Roy Baty. Mas talvez não Irmgard Baty. — E não Pris Stratton, pensou.

Mesmo agora; mesmo sabendo de tudo isto. — De modo que tudo o que aconteceu no hotel consistiu numa. .

— A empresa — explicou Rachael — queria pegar os caçadores de cabeças, daqui e da União Soviética. Isto parecia funcionar... por motivos que não conseguíamos compreender inteiramente. Nossas limitações, mais uma vez, acho.

— Duvido que funcione com tanta frequência e tão bem como você diz — contestou ele, zangado.

— Mas funcionou com você.

— Isso é o que vamos ver.

— Eu já sei — declarou Rachael. — Quando vi aquela expressão em seu rosto, aquela mágoa. Eu procuro isso.

— Quantas vezes você fez isto?

— Não me lembro. Sete, oito. Não, acredito que é a nona. — Ela, ou melhor, a coisa, inclinou a cabeça. — Sim, nove vezes.

— Essa idéia é bem antiga — comentou Rick.

Sobressaltada, Rachael disse:

— O q-quê?

Empurrando o volante para a frente, Rick colocou o carro em planeio de descida.

— Ou, de qualquer modo, é assim que me parece. Vou matá-la — disse ele. — E, depois, vou pegar Roy e Irmgard Baty, e Pris Stratton, sozinho.

— E por isso que você está pousando? — Apreensiva, acrescentou: — Há uma muita. Eu sou propriedade, propriedade legal, da empresa. Não sou um andróide que está aqui fugido de Marte Não estou na mesma classe que os outros.

— Mas — disse ele —. se eu puder matá-la, posso matar os outros também.

As mãos delas mergulharam na bolsa volumosa, inchada, cheia de entulho. Procurou frenética e, em seguida, desistiu.

— Droga de bolsa — disse feroz. — Jamais consigo encontrar coisa alguma nela. Você me matará de uma maneira que não doa? Quero dizer, faça isso com cuidado. Se eu não resistir, certo? Prometo não lutar. Concorde?

— Eu agora compreendo por que Phil Resch disse aquilo — observou Rick. — Ele não estava sendo cínico. Simplesmente aprendera demais. Tendo passado por isto... Simplesmente, não posso censurá-lo. A experiência deformou-o.

— Mas da maneira errada. — Nesse momento, externamente, ela parecia mais controlada. Mas continuava basicamente agitada, tensa. Ainda assim, aquele fogo sombrio desaparecera e a força da vida escoava-se dela, como ele, com tanta frequência, observara nos casos de outros andróides. A clássica resignação. Aceitação mecânica, intelectual, daquilo com que um organismo autêntico — com dois bilhões de anos de pressão para viver e desenvolver o desejo de viver — jamais se reconciliaria.

— Eu não posso agüentar a maneira como vocês, andróides, desistem de tudo — disse ele selvagememente. Nesse momento o carro quase tocava o chão. Ele teve que puxar para cima o volante a fim de evitar um desastre. Freando, conseguiu pará-lo, sacudindo-se todo e derrapando. Desligou com um repelão o motor e sacou o tubo de laser.

— No osso occipital, na base de meu crânio — disse Rachael. — Por favor. — Virou-se, de modo que não veria o tubo de laser. O feixe penetraria sem que ela o percebesse. Guardando o tubo, Rick disse:

— Não posso fazer o que Phil Resch aconselhou. — Religou o motor e, um momento depois, subiam aos ares.

— Se você algum dia vai fazer isto — pediu Rachael —, faça-o agora. Não me faça esperar.

— Eu não vou matá-la. — Mais uma vez, embicou o carro na direção do centro de São Francisco. — Seu carro está no St. Francis, não? Vou deixá-la saltar lá, e você pode voltar para Seattle. — Com estas palavras, acabou o que tinha a dizer. Continuou a dirigir em silêncio.

— Obrigada por não ter me matado — disse logo Rachael.

— Bolas, como você disse, de qualquer modo você só tem dois anos de vida. E eu tenho cinquenta. Viverei vinte e cinco vezes mais do que você.

— Mas você realmente me censura — disse Rachael. — Pelo que fiz. — Voltara a tranquilidade e a ladainha de sua voz ganhou velocidade. — Você se comportou da mesma maneira que os outros. Os caçadores de cabeças a prêmio, como você. Todas as vezes, ficam furiosos e falam em me matar, mas quando chega a hora, não conseguem. Exatamente como você, há pouco. — Acendeu um cigarro e tragou com prazer. — Você compreende o que isto significa, não? Significa que eu tinha razão. Você não conseguirá aposentar mais andróide algum. Não apenas eu, mas os Batys e Stratton, também. Assim, volte para casa e para sua cabra, E descanse um pouco. — Subitamente, bateu com força no casaco, violentamente. — Ai! Uma brasa do cigarro caiu aqui... apagou. — Recostou-se no assento, relaxando. Ele permaneceu calado.

— Aquela cabra — disse Rachael —, você a ama mais do que a mim. Mais do que a sua esposa, provavelmente. Em primeiro lugar, a cabra, depois sua esposa e, por último ...— Riu alegre. — O que é que a gente pode fazer, senão rir?

Ele não respondeu. Continuara em silêncio durante algum tempo enquanto Rachael procurava e encontrava o rádio do carro, ligando-o,

— Desligue isso — ordenou Rick.

— Desligar Buster Amigão e seus Amicíssimos Amigos? Desligar Amanda Werner e Oscar Scruggs? Está na hora de ouvir a grande e sensacional denúncia de Buster, quase na hora, finalmente. — Inclinou-se para ver o mostrador do relógio à luz do rádio. — Daqui a pouco. Sabia a respeito disso? Ele vem falando no caso, preparando o ambiente para ele, para...

Nesse momento, do rádio partiu a voz:

"—... hei, eu quero falar com vocês, pessoal, estou aqui, sentado com meu amigo Buster, e estamos falando em ter um tempo realmente bom, esperando, ansiosos, que chegue a hora para o que, eu sei, será o anúncio mais importante do..."

Rick desligou o rádio.

— Oscar Scruggs — disse. — A voz de um homem inteligente.

Rachael religou o rádio no mesmo instante.

— Eu quero escutar. Pretendo escutar. Isto é importante, o que Buster Amigão tem a dizer em seu programa hoje à noite.

A voz idiota pairou outra vez no alto-falante e Rachael Rosen recostou-se, procurando uma posição confortável.

Ao lado de Rick, na escuridão, a brasa do cigarro dela brilhava como a traseira de um complacente vagalume: uma indicação regular, que não tremia, do sucesso de Rachael Rosen. Da vitória dela sobre ele.

— TRAGA AQUI pra cima o resto de minhas coisas — ordenou Pris a R. J. Isidore. — Em particular, o aparelho de TV. Para que a gente possa ouvir o anúncio de Buster.

— Isso mesmo — concordou Irmgard Baty, olhos brilhantes saltando de um lado para outro. — Precisamos de um aparelho de TV. Já estamos há muito tempo esperando e a coisa vai começar logo.

— Meu próprio aparelho pega o canal do governo — disse Isidore.

Num canto da sala de estar, sentado numa poltrona funda, como se tencionasse permanecer ali para sempre, como se houvesse decidido fazer da cadeira seu lugar de moradia, Roy Baty arrotou e disse paciente:

— É o programa de Buster Amigão e seus Amicíssimos Amigos que queremos assistir Isi. Ou prefere que eu o chame de J. R.? De qualquer modo, compreendeu? Assim, quer ir buscar o aparelho?

Sozinho, Isidore desceu o corredor ecoante e vazio a caminho da escada. Dele desprendia-se ainda a potência forte, fragrante da felicidade, a sensação de ser, pela primeira vez em sua monótona vida, útil a alguém. Outras pessoas dependem de mim agora, exultou, enquanto descia os degraus cobertos de poeira até o andar embaixo. E, pensou, será bom ver Buster Amigão novamente na TV, em vez de simplesmente escutá-lo no rádio do caminhão da loja. E assim é que deve ser, compreendeu. Hoje à noite, Buster Amigão vai fazer a sua cuidadosamente documentada e sensacional denúncia. Assim, graças a Pris, Roy e Irmgard, vou assistir ao que será provavelmente a mais importante notícia divulgada em anos. O que é que você acha disto? Perguntou a si mesmo.

A vida, para J. R. Isidore tomara, teria uma direção ascendente.

Entrou no antigo apartamento de Pris, desligou a tomada do aparelho de TV e soltou a antena. O silêncio, bruscamente penetrou. Sentiu os braços se tornarem imponderáveis. Na ausência dos Batys e de Pris, descobria-se como que desaparecendo, tornando-se estranhamente inerte como o aparelho de televisão que acabara de desligar. A pessoa tem que conviver com outras, pensou. Para viver, absolutamente. Quero dizer, antes deles chegarem, eu podia suportar isto, viver sozinho no prédio. Você não pode voltar, pensou. Não pode partir de pessoas para não-pessoas. Em pânico, pensou, sou dependente deles. Graças a Deus, eles ficaram.

Seriam necessárias duas viagens para levar as coisas de Pris para o apartamento do andar superior. Levantando o aparelho de TV, resolveu levá-lo primeiro e, em seguida, voltar a apanhar as valises e roupas restantes.

Minutos depois, conseguiu levá-lo para cima.

Os dedos doendo, conseguiu colocá-lo numa mesinha de café na sala de estar.

Os Batys e Pris observavam-no impassíveis.

— Nós pegamos um bom sinal neste prédio — arquejou ele, enquanto ligava a tomada e prendia a antena.

— No tempo em que eu assistia a Buster Amigão e seus...

— Simplesmente, ligue o aparelho — disse Roy Baty. — E cale a boca.

Ele fez o que lhe mandavam e correu para a porta.

— Mais uma viagem — disse — e tudo estará aqui.

Demorou-se um pouco ali, aquecendo-se no calor da presença deles.

— Ótimo — disse Pris, voz distante.

Isidore saiu, mais uma vez. Eu acho, pensou, que eles estão me explorando, de alguma maneira. Mas não se importou. Eles ainda são bons amigos para uma pessoa ter, disse a si mesmo.

No apartamento embaixo, reuniu e enfiou em valises as peças de roupa da moça.

Pesadamente carregado, percorreu com esforço o corredor e começou a subir a escada.

Num degrau à sua frente, alguma coisa pequenina movia-se na poeira.

No mesmo instante, deixou cair as valises, tirou do bolso uma garrafa de remédio, de plástico, que, como todo mundo, levava consigo justamente para uma ocasião como essa. Uma aranha, que mal conseguia ver, mas viva. Com todo o cuidado, colocou-a na garrafa e fechou bem a tampa — que fora perfurada com uma agulha.

No andar superior, à porta do apartamento, parou para recuperar o fôlego.

"...sim, senhor, pessoal, a ocasião é agora. Aqui, Buster Amigão, esperançoso e confiante em que vocês estão tão ansiosos como eu para compartilhar da descoberta que fiz e que, por falar nisto, foi confirmada por pessoal de pesquisa de alta classe, que trabalhou horas extras para tanto na última semana. Hei, hei, pessoal, é o seguinte!"

— Eu achei uma aranha — disse John Isidore.

Os três andróides levantaram os olhos, desviando por um momento a atenção da tela de TV.

— Mostre-me — disse Pris, estendendo a mão.

— Não fale enquanto Buster está falando — disse Roy Baty.

— Eu nunca vi uma aranha — retrucou Pris. Colocou a garrafa de remédio na mão e examinou a criatura em seu interior. — Tantas pernas. Por que ela precisa de tantas pernas, J. R.?

— É assim que as aranhas são — explicou ele, o coração batendo forte. Tinha dificuldade em respirar. — Oito pernas.

Levantando-se, disse Pris:

— Sabe o que é que eu penso J. R.? Acho que ela não precisa dessas pernas todas.

— Oito? — repetiu Irmgard Baty. — Por que não poderia passar com quatro? Corte quatro e vamos ver.

— Impulsiva, abriu a bolsa e tirou uma tesoura nova e afiada, que entregou a Pris.

J. R. Isidore sentiu um profundo terror.

Levando a garrafa para a cozinha, Pris sentou-se à mesa de café de J. R., Isidore. Tirou a tampa da garrafa e deixou sair a aranha.

— Provavelmente, ela não vai poder correr tão depressa — observou — mas, de qualquer modo, não há aqui nada para ela pegar. Ela vai morrer, de qualquer jeito.

Pegou a tesoura.

— Por favor — disse Isidore.

Pris olhou curiosa para ele:

— Ela vale alguma coisa?

— Não a mutile — pediu ele, ofegante. Implorante.

Usando a tesoura, Pris cortou uma das pernas da aranha.

Na sala de estar, na TV, Buster Amigão dizia:

"Dêem uma olhada nesta ampliação de uma seção do fundo de cena. Este é o céu que vocês vêem usualmente. Espere. Espere, este aqui é Earl Parameter, chefe de minha equipe de produção, que vai explicar a vocês a descoberta que fizeram e que, virtualmente, abalará o mundo."

Pris amputou outra perna, segurando a aranha com a borda da mão. Sorria.

"Ampliações das imagens de vídeo — dizia nesse momento uma voz na TV —, quando sujeitas a rigoroso exame de laboratório, revelam que o pano de fundo cinza do céu e a lua durante o dia. em frente aos quais move-se Mercer, são não apenas terrestres, mas artificiais."

— Você está perdendo a denúncia! — gritou nervosa Irmgard. Correu até a porta da cozinha e viu o que Pris fazia nesse momento. — Oh, deixe isso para depois — insistiu; adulando-a. — É muito importante o que eles estão dizendo. Prova que tudo aquilo em que acreditávamos.

— Cale a boca — ordenou Roy Baty.

— ... é verdade — terminou Irmgard.

Continuava através do aparelho de televisão:

"A lua é pintada. Nas ampliações, uma das quais vocês estão vendo agora na tela, aparecem as pinceladas. E há mesmo alguma evidência de que as ervas raquíticas e espalhadas e o solo desolador e estéril — talvez mesmo as pedras atiradas em Mercer por supostas entidades ocultas — são igualmente falsas. É bem possível, na verdade, que as 'pedras' sejam feitas de plástico mole e que não ocasionem ferimentos autênticos."

"Em outras palavras" interrompeu-o Buster Amigão "Wilbur Mercer não está sofrendo, absolutamente."

O pesquisador-chefe dizia nesse momento:

"Nós finalmente conseguimos, Sr. Amigão, localizar o antigo especialista em efeitos especiais de Hollywood, Sr. Wade Cortot, que declara categoricamente, baseado em anos de experiência, que a figura de 'Mercer' bem pode ser simplesmente um figurante cruzando um estúdio de áudio. Cortot chegou a ponto de dizer que reconhece o estúdio como um que foi usado por um pequeno cineasta, hoje desempregado, com o qual teve vários negócios há algumas décadas."

"Segundo Cortot" garantiu Buster Amigão "não pode haver virtualmente dúvida alguma".

Pris já cortara três pernas da aranha, que se arrastava infeliz sobre a mesa da cozinha, procurando uma maneira de escapar, um caminho para a liberdade.

Não encontrou nenhum.

"Para sermos absolutamente francos, acreditamos em Cortot" prosseguia em uma voz seca e potente o chefe de pesquisas "e passamos um bocado de tempo examinando filmes de publicidade de figurantes outrora empregados pela agora defunta indústria cinematográfica de Hollywood".

"E você descobriu que..."

— Escutem isso — disse Roy Baty. Irmgard olhou fixamente para a tela da TV e mesmo Pris interrompeu a mutilação da aranha.

"Localizamos, após o exame de milhares e milhares de fotografias, um homem muito velho, chamado Al Jarry, que fez algumas pontas em filmes de antes da guerra. De nosso laboratório, enviamos uma equipe à casa de Jarry, em East Harmony, Indiana. Vou deixar que um dos membros dessa equipe revele o que encontrou."

Silêncio e, em seguida, uma nova voz, igualmente banal.

"A casa na Lark Avenue, em East Harmony, esqualida, caindo aos pedaços, situa-se nos arrabaldes da cidade, onde ninguém vive mais, com exceção de Al Jarry. Cordialmente convidado a entrar e sentado na sala de estar cheirando a velhice, mofo, cheia de entulho, vasculhei, por meios telepáticos, a mente apagada, cheia de destroços, nebulosa, de Al Jarry, sentado à minha frente."

"Escutem" disse Roy Baty, à beira da cadeira, como prestes para saltar.

"Descobri" continuou o técnico "que o velho realmente fez uma série de filmes curtos para o vídeo, de quinze minutos, por conta de um empregador que jamais conheceu. E, conforme havíamos teorizado, as 'pedras' eram de plástico esponjoso. O 'sangue' era ketchup e..." o técnico soltou uma risadinha "o único sofrimento que o Sr. Jarry suportou foi ter que passar um dia inteiro sem um trago de uísque."

"Al Jarry" disse Buster voltando à tela. "Bem, bem. Um velho que, mesmo na flor da idade, jamais chegou a ser coisa alguma que ele mesmo ou nós pudéssemos respeitar.

Al Jarry fez um filme repetitivo e monótono, uma série deles, na verdade, para uma pessoa cujo nome não soube... e não sabe ainda hoje. Com frequência, os adeptos da

experiência do mercerismo têm dito que Wilbur Mercer não é um ser humano, que é, na verdade, uma entidade superior arquetípica, talvez vinda de outra estrela. Bem, em certo sentido, esta alegação revelou-se correta. Wilbur Mercer não é humano, na verdade não existe. O mundo que ele escala é um barato, comum estúdio de áudio de Hollywood, que se transformou em entulho há anos. E quem perpetrou essa fraude contra o sistema solar? Pense nisso por algum tempo, pessoal,"

— Talvez jamais venhamos a saber — murmurou Irmgard.

"Talvez jamais venhamos a saber" disse Buster Amigão. "Tampouco podemos sondar a finalidade estranha que se escondeu por trás dessa mentira. Sim, pessoal, mentira. O mercerismo é uma impostura!"

— Acho que nós sabemos — disse Roy Baty. — É óbvio. O mercerismo surgiu...

"Mas pensem no seguinte" continuou Buster Amigão. "Perguntem a vocês mesmos o que é que o mercerismo faz. Bem, se queremos acreditar em seus muitos praticantes, a experiência funde. ..."

— É essa a empatia que os humanos têm — observou Irmgard,

"... homens e mulheres, em todo o sistema solar, numa única entidade. Mas uma entidade que é controlável pela chamada voz telepática de 'Mercer'. Notem isso. Um falso e politicamente inclinado Hitler poderia..."

— Não, é aquela empatia — disse vigorosamente Irmgard. Punhos cerrados, dirigiu-se para a cozinha e confrontou Isidore. — Isso não é uma maneira de provar que os humanos podem fazer uma coisa que nós não podemos? Isto porque, sem a experiência de Mercer, temos simplesmente a palavra de vocês de que sentem esse negócio de empatia, essa coisa compartilhada, coletiva. Como é que vai a aranha? — Debruçou-se sobre o ombro de Pris.

Usando novamente a tesoura, Pris amputou outra perna da aranha.

— Quatro agora — disse. Catucou a aranha. — Ela não quer andar, mas pode.

Roy Baty apareceu à porta, respirando fundo, uma expressão de pessoa realizada no rosto.

— Está feito. Buster disse alto e bom som, e quase todos os humanos no sistema ouviram-no dizer: "O mercerismo é uma impostura." A experiência toda de empatia é uma impostura. — Aproximou-se e olhou curioso para a aranha.

— Ela não quer tentar andar — disse Irmgard.

— Eu posso fazê-lo andar — Roy Baty tirou uma caixa de fósforos do bolso, acendeu um deles, aproximou-o da aranha, cada vez mais, até que ela debilmente se moveu para longe.

— Eu estava certa — disse Irmgard. — Eu não disse que ela podia andar só com quatro pernas? — Olhou expectante para Isidore. — O que é que há? — Tocando-lhe o braço, disse: — Você não perdeu coisa alguma. Nós lhe pagaremos o que — como é que é chamado? — o preço que consta do catálogo da Sidney's No fique tão triste assim. Não foi importante isso sobre Mercer, o que eles descobriram? Toda aquela pesquisa? Hei, responda. — Catucou-o, ansiosa.

— Ele está abalado — disse Pris. — Porque tem uma caixa de empatia. No outro cômodo. Você a usa J.R.? — perguntou-lhe.

— Claro que ele usa isso — disse Roy Baty. — Todos a usam, ou usavam. Talvez, agora, eles comecem a pensar nisso.

— Eu não acho que isso acabe com o culto de Mercer — opinou Prist. — Mas, exatamente neste minuto, há por aí um bocado de seres humanos infelizes. — A Isidore, disse: — Esperamos, durante meses. Nós todos sabíamos que ia acontecer. — Hesitou e disse em seguida: — Bem, por que não? Buster é um dos nossos.

— Um andróide — explicou Irmgard. — E ninguém sabe. Nenhum humano, quero dizer.

Usando a tesoura, Pris cortou mais uma perna da aranha. De repente, John Isidore empurrou-a para um lado e levantou a criatura mutilada. Levou-a até a pia e afogou-a. Nele, sua mente, suas esperanças, afogaram-se também. Com tanta rapidez como a aranha.

— Ele está realmente abalado — disse nervosa Irmgard. — Não fique assim, J. R. Por que não diz alguma coisa? — Voltou-se para Pris e para o marido. — Isso me deixa também terrivelmente abalada, ele ali junto à pia, sem dizer uma palavra. Não disse coisa alguma desde que ligamos a TV.

— Não foi a TV — corrigiu-a Pris. — Foi a aranha. Não foi, John R. Isidore? Mas ele sobreviverá a isso — disse a Irmgard, que nesse momento se dirigia para a outra sala a fim de desligar a TV.

Olhando divertido para Isidore, disse Roy Baty:

— Está tudo acabado agora. Is. Para o mercerismo, quero dizer. — Usando as unhas, levantou da pia o cadáver da aranha. — Talvez esta tenha sido a última aranha — disse ele, — A última aranha viva na Terra. — Refletiu por um momento. — Nesse caso, acabou tudo para as aranhas, também.

— Eu... eu não me sinto bem — disse Isidore.

Do armário da cozinha, tirou uma xícara. Ficou com ela na mão durante algum tempo, não sabia exatamente por quanto tempo. Em seguida, disse a Roy Baty:

— O céu que vemos por trás de Mercer é simplesmente pintado? Não é real?

— Você viu as ampliações na tela da TV — disse Roy Baty. — As pinceladas.

— O mercerismo não acabou — disse Isidore. Alguma coisa atormentava os andróides, alguma coisa terrível. A aranha, pensou. Talvez tenha sido a última aranha na Terra, como disse Roy Baty. E a aranha morreu; Mercer morreu: notou a poeira e a ruína do apartamento, espalhando-se e por toda parte — ouviu o entulho chegando, a desordem final de todas as formas, a ausência que, no fim, venceria.

Crescia em volta dele, ali, segurando na mão a xícara vazia de cerâmica; os armários da cozinha estalaram e se partiram e ele sentiu ceder o chão sob os pés.

Estendeu a mão e tocou a parede. A mão quebrou a superfície; partículas cinzentas escorregaram e desceram céleres, os fragmentos de reboco, lembrando a poeira radiativa do lado de fora. Sentou-se à mesa e, como se fossem tubos podres, vazios, as pernas da cadeira se dobraram; levantando-se rápido, pôs de lado a xícara e tentou consertar a cadeira, tentou devolver-lhe a forma certa. A cadeira se desfez em suas mãos, soltando-se e soltando os parafusos que antes haviam mantido num todo suas várias partes.

Viu na mesa que se rachava, a xícara de cerâmica, que uma teia de linhas finas crescia como as lianas de uma videira e, em seguida, uma lasca soltou-se da borda, e apareceu a parte interna bruta, não vidrada.

— O que é que ele está fazendo? — ouviu distante a voz de Irmgard Baty. — Ele está quebrando tudo! Isidore, pare... Eu não estou fazendo isso... — disse ele.

Trôpego, foi até a sala de estar para ficar sozinho. Ao lado do sofá esmolambado olhou para a parede amarela, manchada, que insetos mortos, que outrora rastejavam, haviam deixado, e mais uma vez pensou no corpo da aranha, com suas quatro pernas restantes. Tudo aqui é velho, compreendeu. Há muito tempo começou a apodrecer e não vai parar. O cadáver da aranha tomou conta de tudo.

Na depressão causada pelo afundamento do assoalho, pedaços de animais apareceram, a cabeça de um corvo, mãos mumificadas que poderiam ter sido uma vez partes de macacos. Viu um jumento um pouco afastado, imóvel e ainda aparentemente vivo.

Pelo menos, não começara ainda a apodrecer.

Dirigiu-se para ele, sentindo-se como se seus ossos fossem gravetos, secos como ervas, lascas sob seus pés. Mas antes de chegar ao jumento — uma das criaturas que mais amava — um lustroso corvo azul desceu do alto e pousou no insensível focinho do jumento. Não faça isso, disse em voz alta, mas o corvo, rápido, bicou os olhos do jumento. Mais uma vez, pensou. Está acontecendo comigo outra vez. Ficarei aqui embaixo durante um longo tempo, compreendeu.

Como antes. Sempre demora muito porque aqui coisa alguma jamais muda; chega um momento em que não ocorre nem mesmo apodrecimento.

Soprou um vento seco e em volta deles desfizeram-se os montes de ossos. Até o vento os destrói, percebeu. Neste estagio. Pouco antes de o tempo cessar. Eu gostaria de me lembrar de como subir para fora daqui, pensou.

Olhando para cima, nada viu a que pudesse se agarrar.

— Mercer — disse em voz alta, — Onde está você agora? Esta é a sepultura do mundo e estou nela mais uma vez, mas desta vez você não está aqui também.

Alguma coisa rastejou por cima de seu pé. Ajoelhou-se e procurou-a, e encontrou-a, pois ela se movia tão lentamente, a aranha mutilada, andando e parando com as pernas que lhe restavam.

Apanhou-a e segurou-a na palma da mão. Os ossos, compreendeu, reverteram-se, a aranha está viva outra vez.

O vento soprou, partindo, lascando os ossos restantes, mas ele sentiu a presença de Mercer. Venha, disse a Mercer. Rasteje por cima de meu pé e descubra alguma outra maneira de me alcançar. Está bem? Mercer, pensou. Em voz alta disse:

— Mercer!

Por toda a paisagem à frente as ervas avançaram, contorceram-se e penetraram nas paredes em volta dele e nela trabalharam até que elas, as ervas daninhas, transformaram-se em seus próprios esporos. Os esporos expandiram-se, dividiram-se, explodiram dentro do aço podre e cacos de concreto que antes haviam sido paredes. Mas a desolação persistiu depois que as paredes desapareceram, continuou depois de tudo mais. Exceto a frágil e obscura figura de Mercer. O rosto do velho virado para ele, com uma plácida expressão.

— O céu é pintado? — perguntou Isidore. — Há. realmente as pinceladas que aparecem na ampliação?

— Há — confirmou Mercer.

— Mas eu não posso vê-las.

— Você está perto demais — respondeu Mercer. — Você tem que ficar bem distante, como ficam os andróides. Eles têm uma perspectiva melhor.

— E por isso que eles dizem que você é um impostor?

— Eu sou um impostor — confirmou Mercer. — Eles são sinceros. A pesquisa deles é autêntica. Do ponto de vista deles, eu sou um velho figurante aposentado, chamado Al Jarry. Tudo aquilo, a denúncia, é verdade. Eles entrevistaram em casa, como dizem. Disse a eles tudo o que queriam saber, que foi tudo.

—Incluindo aquilo sobre o uísque?

Mercer sorriu.

— Foi verdade. Eles fizeram um bom trabalho e, do ponto de vista deles, a denúncia de Buster Amigão foi convincente. Mas terão problema para compreender por que coisa alguma mudou. Porque você está ainda aqui e eu estou ainda aqui. — Como um gesto da mão, Mercer indicou a colina desolada, o lugar conhecido. — Eu o tirei a pouco do ventre do mundo e continuarei a erguê-lo até que você perca o interesse e queira desistir. Mas terá que deixar de me procurar por que eu nunca deixarei de procurá-lo.

— Eu não gostei daquilo sobre o uísque — disse Isidore. — Aquilo foi aviltante.

— Isso acontece porque você é uma pessoa altamente moral. Eu não sou. Não julgo, nem mesmo a mim mesmo.

Mercer estendeu uma das mãos fechada, a palma para cima. — Antes que eu esqueça, tenho aqui uma coisa para você.

Abriu os dedos. Na mão descansava a aranha mutilada, mas restauradas as pernas que haviam sido cortadas.

— Obrigado — disse Isidore, aceitando a aranha. Começou a dizer mais alguma coisa. Estrugiu o som da campainha de alarme.

— Há um caçador de cabeças no prédio! — rosnou Roy Baty. — Apaguem todas as luzes. Tirem-no da caixa de empatia. Ele tem que ficar em posição à porta. Vamos... empurrem-no!

OLHANDO PARA baixo, John Isidore viu as próprias mãos, agarradas aos punhos duplos da caixa de empatia. Enquanto continuava ali, fitando-as boquiaberto, as luzes da sala de estar de seu apartamento morreram de súbito. Viu, na cozinha, Pris correr para apagar o abajur que havia lá.

— Escute aqui, J. R. — murmurou áspera em seu ouvido Irmgard. Agarrara-o pelo ombro e suas unhas cravavam-se nele com frenética intensidade. Mas ela parecia estar inconsciente do que fazia nesse instante. À obscura luz noturna que se filtrava vinda de fora, o rosto de Irmgard se tornara distorcido, astigmático.

— Você — sussurrou — vai ter que ir até a porta, quando ele bater, se bater. Tem que mostrar sua carteira de identidade e dizer que é seu apartamento e que não existe mais ninguém aqui. E peça para ver o mandado de busca.

Pris, do outro lado dele, corpo arqueado, murmurou:

— Não o deixe entrar, J. R. Diga qualquer coisa, faça o que puder para detê-lo. Sabe o que é que um caçador de cabeças faria solto aqui? Compreende o que é que ele faria conosco?

Afastando-se das duas andróides, Isidore foi às apalpadelas até a porta. Tateando com os dedos, localizou a maçaneta e ficou à escuta. Sentiu o corredor do outro lado, como sempre acontecia: vazio e reverberante, e destituído de vida.

— Está ouvindo alguma coisa? — perguntou Roy Baty, curvando-se perto dele.

Isidore sentiu o odor rançoso do corpo acovardado, inalou o medo que dele se desprendia, medo evoluindo-se, formando um nevoeiro.

— Saia e dê uma olhada.

Abrindo a porta, Isidore olhou para um lado e para o outro do corredor escuro.

O ar ali fora tinha um cheiro limpo, a despeito do peso da poeira.

Em sua mão, conservava ainda a aranha que Mercer lhe dera. Seria realmente a mesma aranha que Pris esquartejara com a tesoura de Irmgard Baty? Provavelmente, não.

Nunca saberia. Mas, de qualquer modo, ela estava viva; rastejava dentro de sua mão fechada, mas sem picá-lo, como no caso da maioria das aranhas pequenas, suas mandíbulas não podiam perfurar a pele humana.

Chegou ao fim do corredor, desceu os degraus e saiu para o que antes tinha sido um caminho, com um jardim interno. O jardim morrera durante a guerra e o caminho se fraturara em milhares de frações. Mas ele conhecia sua superfície; sob os pés o caminho conhecido produzia uma sensação agradável, e o seguiu, passou pelo lado mais comprido do prédio, chegando finalmente ao único lugar verde nas vizinhanças, um trecho de um metro quadrado de ervas daninhas semimortas, saturadas pela poeira.

Aí depositou a aranha. Sentiu-lhe os movimentos hesitantes quando ela deixou sua mão. Bem, isto era tudo. Espigou-se.

Um feixe de lanterna focalizou as ervas e, em seu brilho, os talos meio mortos apareceram nus, ameaçadores. Nesse momento, pôde ver a aranha, descansando sobre uma folha serrilhada. Assim, ela conseguiria mesmo fugir.

— O que foi que você fez? — perguntou o homem que segurava a lanterna.
— Coloquei uma aranha no chão — respondeu, perguntando-se por que o homem não a estava vendo: no feixe de luz amarela a aranha inchava, maior do que o normal, para que ela pudesse fugir.
— Por que não a leva para seu apartamento? Deve conservá-la numa jarra. De acordo com a edição de janeiro da Sidney's, a maioria das aranhas teve um aumento de dez por cento no preço de varejo. Você poderia ter ganho cento e tantos dólares com ela.
— Se eu a levasse de volta para lá, ela a esquartejaria novamente. Pedaco a pedaco, para ver o que a aranha fazia.
— Andróides fazem isso — disse o homem.

Enfiando a mão no casaco, tirou alguma coisa que abriu e estendeu a Isidore. À luz irregular, o caçador de cabeças parecia um homem de estatura média, nada de impressionante. Rosto redondo e sem barba, feições lisas, como um empregado de escritório. Metódico, mas informal. Não com a forma de um semideus, não absolutamente como Isidore o imaginara.

— Eu sou investigador do Departamento de Polícia de São Francisco, Deckard, Rick Deckard.
O homem fechou outra vez a lanterna e enfiou-a de volta no bolso do casaco.
— Eles estão lá em cima agora? O três?
— Bem, a coisa é a seguinte — disse Isidore —, eu estou cuidando deles. Há duas mulheres. São os últimos do grupo, o resto morreu. Levei o aparelho de TV para meu apartamento, de modo que eles pudessem assistir a Buster Amigão na televisão. Buster provou, acima de qualquer dúvida, que Mercer não existe.

Isidore sentia-se animado, sabendo algo de tanta importância, uma notícia que o caçador de cabeças evidentemente ainda não ouvira.
— Vamos até lá em cima — disse Deckard.
De repente, apontou um tubo de laser para Isidore. Depois, indeciso, guardou-o.
— Você é um especial, não? Um debilóide.
— Mas eu tenho emprego. Dirijo o caminhão do — horrorizado, descobriu que se esquecera do nome — de um hospital de animais de estimação — disse. — Do Hospital Van Ness de Animais — continuou. — De p-p-propriedade de Hannibal Sloat.
— Pode fazer o favor de me levar até lá em cima e me mostrar em que apartamento eles estão? — pediu Deckard. — Há mais de mil apartamentos neste prédio. Você pode me economizar um bocado de tempo.
A voz dele como que gotejava de fadiga.

— Se matá-los, você não poderá fundir-se novamente com Mercer — lembrou Isidore.
— Não quer me levar lá em cima? Mostrar o andar? Simplesmente, diga o andar. Eu descobrirei, no andar, onde fica o apartamento.
— Não — respondeu Isidore.
— De acordo com a lei estadual e federal... — começou Deckard. Mas se interrompeu, desistindo do interrogatório. — Boa noite — disse e afastou-se, subindo o caminho e entrando no edifício, a lanterna traçando um caminho amarelado, difuso, à sua frente.

Dentro do prédio, Rick Deckard apagou a lanterna. Orientado pelas lâmpadas apagadas, em seus escaninhos, espaçadas à frente, começou a andar pelo corredor, pensando. O debilóide sabe que eles são andróides; já sabia, antes que eu lhe dissesse. Mas não

compreende. Por outro lado, quem compreende? Eu? Compreendi? E uma delas será a cópia exata de Rachael, refletiu. Talvez o especial tenha vindo com ela. Será que gostou? perguntou a si mesmo. Talvez ela fosse aquela que ele achava que ia esquartejar sua aranha. Eu poderia voltar e pegar a aranha, refletiu.

Nunca encontrei um animal vivo, selvagem. Deve ser uma experiência fantástica olhar para baixo e ver uma coisa viva, correndo pelo chão.
Talvez isso me aconteça algum dia como aconteceu ao especial.
Trouxera do carro aparelhagem de escuta. Instalou-a nesse momento, um cabeçote-detector giratório, com uma tela de blip. No silêncio do corredor, a tela nada indicou. Não neste andar, disse para si mesmo. Virou para escuta vertical e o cabeçote acusou um sinal fraco. Lá em cima. Reuniu o equipamento e a pasta e subiu a escada para o andar superior.

Uma figura esperava nas sombras.

— Se fizer um movimento, eu o aposento — disse Rick ao andróide à sua espera. Sentiu duro entre os dedos cerrados o tubo de laser, mas não conseguiu erguê-lo e apontá-lo. Fora o primeiro a ser surpreendido, surpreendido cedo demais.

— Eu não sou um andróide — disse a figura. — Meu nome é Mercer. — Deu um passo para a área iluminada. — Moro neste prédio por causa do Sr. Isidore, O especial que tinha a aranha. Você falou com ele há pouco, lá fora.

— Estou, agora, como disse o debilóide, excluído do mercerismo? — perguntou — Por causa do que vou fazer nos próximos três minutos?

Mercer respondeu:

— O Sr. Isidore falou por si mesmo, não por mim. O que você anda fazendo tem que ser feito. Eu já disse isso.

Erguendo o braço, apontou para as estrelas às costas de Rick.

— Vim para lhe dizer que um deles está atrás de você e embaixo, não no apartamento. Será o difícil dos três e você terá que aposentá-lo em primeiro lugar.

A voz rachada, antiga, ganhou inesperada urgência.

— Depressa, Sr. Deckard. Nos degraus.

Tubo de laser na mão, Rick girou sobre si mesmo, agachado, de frente para o lance de degraus. Por ele subia uma mulher, vinha na sua direção e sabia quem era, reconheceu-a e baixou o laser.

— Rachael — disse, perplexo.

Tê-lo-ia acompanhado em seu próprio hovercar, seguindo-o até ali? E por quê?

— Volte para Seattle — disse. — Deixe-me em paz. Mercer me disse que tenho que fazer isto. — E neste momento viu que a coisa não era exatamente Rachael.

— Pelo que significamos um para o outro — disse a andróide ao aproximar-se dele, os braços estendidos como se para abraçá-lo.

As roupas, pensou ele, estão erradas. Mas os olhos, os mesmos olhos. E há mais outras como esta, pode haver uma legião delas, cada uma com seu próprio nome, mas todas Rachael Rosen — Rachael, o protótipo, usado pelo fabricante para proteger as demais.

Atirou no momento em que, implorante, ela corria para ele.

A andróide explodiu e partes dela voaram.

Cobriu o rosto e olhou novamente, olhou e viu o tubo de laser que a coisa conduzia rolar para longe, de volta, pelas escadas; o tubo de metal saltou de degrau em degrau, o som ecoando e diminuindo.
O difícil dos três, dissera Mercer.

Olhou em volta, procurando-o. O velho desaparecera. Eles podem me seguir, usando outras Rachael Rosens até que eu morra, pensou, ou até que o tipo se torne obsoleto, o que quer que aconteça em primeiro lugar.
E, agora, os outros dois, pensou. Um deles não está no apartamento, dissera Mercer. Ele me protegeu, deu-se conta. Manifestou-se e ofereceu ajuda. Ela — a coisa — teria me pegado, disse a si mesmo, não tivesse Mercer me avisado. Eu posso fazer o resto, teve certeza. Aquela era a impossível; tinha certeza de que eu não poderia ter feito isto. Mas acabou. Num instante. Eu fiz o que não podia fazer. Quanto aos Batys, posso localizá-los utilizando os métodos habituais; serão duros, mas não como esta.

Estava sozinho no corredor vazio; Mercer fora embora depois de feito o que viera fazer; Rachael — ou melhor. Pris Stratton — fora desmembrada, e isto nada deixara ali, naquele momento, exceto ele. Mas em alguma outra parte do prédio os Batys esperavam e sabiam. Haviam percebido o que ele fizera. Provavelmente, a esta altura, estavam com medo. Esta fora a reação deles à sua presença no prédio. A tentativa feita por eles. Sem Mercer, teria dado certo. Para eles, chegara o inverno.

Isto tem que ser feito rapidamente. O que tenho que fazer agora, compreendeu. Desceu apressado o corredor e imediatamente sua aparelhagem de detecção registrou a presença de atividade cefálica. Descobriu o apartamento deles. Não havia mais necessidade da aparelhagem. Abandonou-a e bateu à porta do apartamento.
De dentro, veio a voz de um homem:

— Quem é?

— Eu, o Sr. Isidore — disse Rick. — Deixe-me entrar porque estou cuidando de vocês e d-d-dois de vocês são mulheres.

— Nós não vamos abrir a porta — declarou uma voz de mulher.

— Eu quero ver Buster Amigão no aparelho de TV de Pris — insistiu Rick. — Agora que ele provou que Mercer não existe, é muito importante vê-lo. Eu guio o caminho do Hospital Van Ness de Pequenos Animais cujo dono é o Sr. Hannibal S-S-Sloat. — Obrigou-se a gaguejar. — A-assim, por que vocês não abre ma p-p-porta? É o meu apartamento.

Esperou, e a porta foi aberta.

Dentro do apartamento viu escuridão e formas indistintas, duas formas.

A forma menor, a mulher, disse:

— Você tem que aplicar os testes.

— Tarde demais — disse Rick.

A figura mais alta tentou fechar a porta e ligar algum tipo de equipamento eletrônico.

— Não — disse Rick. — Vou ter que entrar,

Deixou que Roy Baty atirasse uma vez; segurou o próprio fogo até que o feixe de laser passou por ele, tendo se esquivado com uma torção do corpo.

— Você perdeu sua base legal — explicou Rick — disparando contra mim. Devia ter-me forçado a lhe aplicar o Teste Voigt-Kampff. Mas agora não importa mais.

Mais uma vez, Roy disparou um feixe contra ele, errou, deixou cair o tubo e correu para dentro do apartamento, para outro cômodo, talvez para a aparelhagem eletrônica abandonada.

— Por que foi que Pris não o pegou? — perguntou a Sra. Baty.

— Não há Pris alguma — retrucou ele. — Apenas Rachael Rosen, repetida indefinidamente.

Viu o tubo de laser na mão mal delineada dela na escuridão; Roy Baty lhe passara a arma, quisera atraí-lo para dentro do apartamento, bem dentro, de modo que Irmgard Baty pudesse pegá-lo por trás, atingi-lo pelas costas.

— Sinto muito, Sra. Baty — disse Rick, e fuzilou-a.

Roy Baty, no outro cômodo, soltou um grito de angústia.

— Muito bem, você a amava — disse Rick. — E eu amava Rachael. E o especial amava a outra Rachael.

Atirou nele. O cadáver do homenzarrão sacudiu-se violentamente de um lado para o outro e desmoronou como uma coletânea de entidades separadas, quebradiças, excessivamente empilhadas umas sobre as outras, chocou-se com a mesa da cozinha e com ele arrastou pratos e talheres. Circuitos de reflexo no corpo fizeram-no contorcer-se e palpitar, mas estava morto. Rick ignorou-o, não o vendo nem vendo Irmgard Baty junto à porta da frente.

Peguei o último, compreendeu. Seis, hoje, quase um recorde. Agora está tudo acabado e posso voltar para casa, para Iran e para a cabra. E, pelo menos por uma vez na vida, teremos um bocado de dinheiro.

Sentou-se no sofá, e logo depois, no silêncio do apartamento, entre os objetos imóveis, apareceu à porta o especial, Sr. Isidore.

. — É melhor não olhar — avisou Rick.

— Eu vi Pris na escada.

O especial chorava.

— Não se deixe abater tanto — consolou-o Rick. Levantou-se tonto, com um grande esforço. — Onde fica seu telefone?

O especial não respondeu, coisa alguma fez, senão permanecer no mesmo lugar.

Assim, o próprio Rick procurou-o, conseguiu localizá-la e discou para o escritório de Harry Bryant.

ÓTIMO — DISSE HARRY BRYANT ao ser informado. — Bem, agora vá descansar um pouco. Vamos mandar um carro de patrulha apanhar os três corpos. Rick Deckard desligou.

— Andróides são estúpidos — disse selvagememente ao especial. — Roy Baty não conseguiu me distinguir de você. Pensou que era você que estava à porta. A polícia fará uma limpeza geral aqui. Por que não fica em outro apartamento até que termine tudo? Você não vai querer ficar aqui com o que sobrou.

— Eu vou deixar este p-p-prédio — respondeu Isidore. — Vou morar m-m-ais no centro da cidade, onde há m-m-mais gente.

— Eu acho que há um apartamento vago no meu prédio — lembrou Rick.

— Eu não q-q-quero morar perto de você — gaguejou Isidore.

— Vá lá para fora ou para cima — recomendou Rick. — Não fique aqui.

O especial permaneceu hesitante, sem saber o que fazer; uma grande variedade de expressões mudas cruzaram-lhe a face. Em seguida, voltando-se, saiu arrastando os pés do apartamento, deixando Rick sozinho.

Que trabalho este que faço, pensou Rick. Eu sou uma praga, como a fome ou a peste. Aonde quer que eu vá, acompanha-me a antiga maldição. Como disse Mercer, sou obrigado a proceder mal. Tudo o que fiz, desde o início, foi o mal. De qualquer modo, é tempo de voltar para casa.

Talvez, depois de passar algum tempo com Iran, eu esqueça tudo.

Ao chegar ao seu prédio, Iran foi recebê-lo no telhado. Fitou-o de uma maneira desequilibrada, peculiar. Em todos os seus anos com ela, jamais a vira assim.

Enlaçando-a com o braço, disse:

— De qualquer modo, acabou. E ando pensando, talvez Harry Bryant possa me designar para um...

— Rick — disse ela. — Tenho que lhe contar uma coisa. Sinto muito. A cabra morreu.

Por alguma razão, isto não o surpreendeu. Fê-lo apenas sentir-se pior, numa soma extra de peso que o comprimia por todos os lados,

— Acho que há alguma garantia no contrato — respondeu. — Se adoecer dentro de noventa dias da venda, o vendedor...

— Ela não adoeceu. Alguém — Iran pigarreou e continuou em voz rouca —, alguém veio até aqui, tirou a cabra da jaula e arrastou-a até a beira do telhado.

— E empurrou-a? — perguntou ele.

— Foi — confirmou ela, inclinando a cabeça.

— Você viu quem foi que fez isso?

— Eu vi perfeitamente — respondeu Iran. — Barbour ainda estava por aqui, tratando do animal dele. Desceu para me chamar e chamamos a polícia, mas a essa hora o animal estava morto e a pessoa tinha ido embora. Foi uma moça bem jovem, com cabelos escuros e grandes olhos pretos, muito magra. Vestia um casaco longo de escamas de peixe. Usava uma bolsa tipo sacola de correio. E não fez coisa alguma para evitar que a víssemos. Como se não se importasse.

— Não, ela não se importava — disse ele. — Rachael não daria a mínima se você a visse. Provavelmente, queria que a visse, de modo que eu soubesse quem fez isso. — Beijou-a. — Você esteve aqui esperando este tempo todo?
— Somente meia hora. Foi quando a coisa aconteceu. Faz meia hora. — Ternamente, retribuiu o beijo. — Foi tão horrível. Tão desnecessário.

Ele voltou-se para o carro estacionado, abriu a porta e sentou-se ao volante.
— Não foi desnecessário — disse. — Ela tinha o que lhe parecia uma razão. — Uma razão de andróide, pensou.
— Para onde você vai? Não vai descer e... ficar comigo? A TV deu uma notícia extremamente chocante. Buster Amigão diz que Mercer é uma impostura. O que é que você acha disso, Rick? Você acha que isso poderia ser verdade?
— Tudo é verdade — respondeu ele. — Tudo aquilo em que qualquer pessoa jamais pensou. — Ligou o motor do carro.
— Você vai se recuperar?
— Vou me recuperar — respondeu ele, e pensou: e vou morrer. Mas estas também são verdades.

Fechou a porta do carro, fez um sinal com a mão para Iran e mergulhou no céu noturno. Antigamente, pensou, eu teria visto as estrelas. Há anos. Mas agora só há poeira, ninguém vê uma estrela há anos, pelo menos não da Terra. Talvez eu vá para algum lugar onde possa ver estrelas, disse a si mesmo quando o carro ganhou velocidade e altitude, afastando-se de São Francisco, a caminho da desolação desabitada do norte. Para um lugar onde ser vivo algum iria.
Não, a menos que achasse que chegara o fim.

À primeira luz da manhã, a terra embaixo se estendia aparentemente para sempre, cinzenta e juncada de lixo. Pedras do tamanho de casas haviam rolado e parado próximas umas das outras e ele pensou: isto parece uma sala de despacho, depois de mandadas embora todas as mercadorias. Permanecem apenas fragmentos de engradados, os recipientes que em si mesmo nada significam.
Antigamente, refletiu, aqui cresciam colheitas e animais pastavam.
Que pensamento estranho, que algum animal pudesse ter pastado aqui.
Que lugar estranho para morrer, pensou.

Baixou o hovercar e deslizou durante algum tempo sobre a superfície.
O que Dave Holden diria de mim agora? perguntou a si mesmo.
Em um sentido, sou o maior caçador de cabeças que jamais viveu: nenhum jamais aposentou seis tipos Nexus-6 num único período de vinte e quatro horas e nenhum provavelmente jamais fará isto. Eu devia telefonar para ele, disse a si mesmo.

Uma encosta atravancada de morro levantou-se à sua frente; ergueu o hovercar quando o mundo se aproximou. Cansaço, pensou. Eu não devia estar guiando ainda. Desligou a ignição, planejou por algum tempo e, em seguida, Pousou. O veículo tombou e rebotou pela encosta, espalhando pedras, subindo, até que parou finalmente com um chiado.

Levantando o telefone, chamou a telefonista de São Francisco.
— Ligue-me com o Hospital Monte Sion — disse.
No mesmo instante, outra telefonista apareceu na videotela:

— Hospital Monte Sion.

— Vocês têm aí um paciente chamado Dave Holden — explicou. — Eu poderia falar com ele? Ele está suficientemente bem para atender?

— Um momento; vou verificar isso, senhor. — Temporariamente, a tela escureceu.

Passou-se algum tempo. Rick tomou uma pitada do Rapé do Dr. Johnson e sentiu um calafrio. Sem o aparelho de aquecimento do carro ligado, a temperatura começava a cair verticalmente.

— O Dr. Costa informa que o Sr. Holden não pode receber telefonemas — informou a telefonista, reaparecendo.

— Trata-se de assunto policial — disse ele, colando na tela sua identificação.

— Um momento. — Mais uma vez, a telefonista desapareceu. Mais uma vez, Rick tomou uma pitada do Rapé do Dr. Johnson. O mentol do produto tinha um cheiro horrível, cedo assim pela manhã. Baixou a janela do carro e lançou no lixo a pequena lata amarela, — Não, senhor — disse a telefonista, mais uma vez na tela. — O Dr. Costa não acha que o estado do Sr. Holden permita que atenda ao telefone, por mais urgente que seja o assunto, por, pelo menos...

— Muito bem — disse Rick. E desligou.

O ar também tinha um cheiro ruim. Subiu outra vez a janela. Dave está realmente acabado, refletiu. Gostaria de saber por que eles não me pegaram. Porque me movi rápido demais, decidi. Tudo num dia só. Não podiam ter esperado isto. Harry Bryant tinha razão.

O carro se tornara frio demais, de modo que abriu a porta e saiu. Um vento mefítico, inesperado, começou a penetrar em suas roupas e ele começou a andar, esfregando as mãos uma na outra.

Teria sido bem agradável conversar com Dave, pensou. Dave teria aprovado o que eu fiz. Mas acho também que ele teria compreendido a outra parte, que penso que nem Mercer compreende. Para Mercer, tudo é fácil porque ele aceita tudo. Coisa alguma lhe é estranha. Mas o que eu fiz, pensou, isso se tornou estranho a mim. Na verdade, tudo em mim se tornou antinatural. Eu me tornei um ser antinatural.

Continuou a andar, subindo a colina e, a cada passo, aumentava o peso sobre ele. Estou cansado demais para subir, pensou. Parando, enxugou o suor picante dos olhos, lágrimas salgadas produzidas por sua pele, por todo seu corpo dolorido.

Depois, zangado consigo mesmo, cuspiu — cuspiu com raiva e desprezo, por si mesmo, com ódio total, no chão estéril. Em seguida, continuou a subir penosamente a encosta, o terreno solitário e desconhecido, remoto a tudo. Coisa alguma vivia ali, exceto ele. O calor. Esquentara, agora; evidentemente, passara o tempo. E sentiu fome. Não comia só Deus sabia havia quanto tempo. Fome e calor combinados, um gosto venenoso parecendo derrota. Sim, pensou, é isso o que é: fui derrotado de alguma maneira obscura. Por ter morto os andróides? Pelo assassinato de minha cabra por Rachael? Não sabia, mas enquanto continuava a andar cansadamente, uma mortalha vaga e quase alucinatória toldou sua mente.

Quando deu por si, estava num ponto sem noção de como chegara lá,, a um passo de uma queda certamente fatal pela encosta — caindo de modo humilhante e impotente, pensou, sem mesmo uma única pessoa para presenciar o fato. Ali não havia ninguém

para registrar sua degradação, ou a de alguém, e a coragem ou o orgulho que pudessem manifestar-se no fim permaneceriam sem registro: as pedras mortas, as ervas daninhas atacadas pela poeira, secas e morrendo, nada percebiam, de coisa alguma se lembrariam, sobre ele ou elas mesmas.

Naquele momento, a primeira pedra — e não era de borracha ou de plástico mole e macio — atingiu-o na região inguinal. E a dor, o primeiro conhecimento de solidão e sofrimento absolutos, tocou-o em todo o corpo, em sua forma real sem disfarces. Parou. Em seguida, acicatado — o acicate invisível mas real, que não podia ser desobedecido —, reiniciou a subida. Rolando para cima, pensou, como as pedras.

Estou fazendo o que as pedras fazem. Sem vontade. Sem que isto signifique coisa alguma.

— Mercer — disse, arquejante. Parou, estatelado. À sua frente, distinguiu a figura nevoenta, imóvel. — Wilbur Mercer! É você? — Meu Deus, compreendeu. É minha sombra. Tenho que sair daqui, descer desta colina!

Recuou, atabalhado. Uma vez, caiu; nuvens de poeira obscureciam tudo e fugiu delas — cada vez mais depressa, deslizando e tropeçando nos seixos soltos. À frente, viu seu carro estacionado. Estou de volta aqui embaixo, disse a si mesmo. Saí da colina. Abriu com força a porta do carro e espremeu-se para dentro. Quem foi que me atirou pedras?, perguntou a si mesmo. Ninguém! Mas por que isto me incomoda? Eu passei por isto antes, durante a fusão. Enquanto usava minha caixa de empatia, como todo mundo. Isto não é novo. Mas foi. Porque, pensou, fiz isto sozinho.

Tremendo, apanhou uma nova lata de rapé no porta-luvas. Tirando a fita aderente protetora, tomou uma grande pitada, descansou, metade do corpo dentro do carro, as pernas de fora, na terra árida e empoeirada. Este era o último lugar para vir, compreendeu. Não devia ter vindo aqui. E, naquele instante, estava cansado demais para voltar.

Se eu apenas pudesse falar com Dave, pensou, ficaria tudo bem comigo. Poderia escapar daqui, voltar para casa, para a cama. Ainda tenho minha ovelha elétrica e tenho meu emprego. Haverá mais andros para aposentar; minha carreira não acabou; não aposentei ainda o último andróide existente. Talvez seja isto, pensou, estou com medo que não haja mais.

Olhou para o relógio. Nove e trinta.

Apanhando o telefone, discou para o Palácio de Justiça, na Lombard.

— Ligue-me para o Inspetor Bryant — disse à telefonista da polícia, Srta. Wild.

— O Inspetor Bryant não está no escritório, Sr. Deckard. Saiu no seu próprio carro, mas não consigo nenhuma ligação com ele. Ele deve ter deixado o veículo temporariamente.

— Ele disse para onde tencionava ir?

— Alguma coisa sobre os andróides que o senhor aposentou na noite passada.

— Ligue-me então com minha secretária — pediu.

Um momento depois, apareceu na tela a face amarelada, peculiar, de Ann Marsten.

— Oh, Sr. Deckard... O Inspetor Bryant anda à sua procura. Acho que ele está submetendo seu nome ao Comissário Cutter, para um elogio em fê-de-ofício. Porque o senhor aposentou aqueles seis...

— Eu sei o que foi que eu fiz — grunhiu ele.
— Isso nunca aconteceu antes. Oh, sim, Sr. Deckard, sua esposa telefonou. Quer saber se o senhor está bem. O senhor está?

Ele permaneceu calado.

— De qualquer modo — opinou a Srta. Marsten —, talvez fosse bom o senhor telefonar, ela deixou recado avisando que vai ficar em casa, à sua espera.

— Ouviu falar de minha cabra? — perguntou ele.

— Não, eu nem mesmo sabia que o senhor tinha uma cabra.

— Mataram minha cabra — disse Rick.

— Quem matou, Sr. Deckard? Ladrões de animais? Acabamos de receber um relatório sobre uma nova e grande quadrilha, provavelmente adolescentes, operando em...

— Ladrões de vidas — disse Rick.

— Eu não estou entendendo, Sr. Deckard. — A Srta. Marsten observou-o atentamente.

— Sr. Deckard, o senhor está com uma aparência horrível! E, meu Deus, seu rosto está sangrando.

Erguendo a mão, Rick sentiu o sangue. Provocado por uma pedra, provavelmente. Mais de uma, evidentemente, o atingira.

— O senhor está parecendo com Wilbur Mercer — disse ela.

— Eu sou — disse ele. — Eu sou Wilbur Mercer. Fundi-me permanentemente com ele. E não posso desfundir-me. Estou aqui, à espera da desfusão. Em um lugar qualquer, perto da fronteira do Oregon.

— Quer que enviemos alguém? Um carro do Departamento para apanhá-lo?

— Não — respondeu ele. — Eu não trabalho mais no Departamento.

— Evidentemente o senhor trabalhou demais ontem, Sr. Deckard — disse ela em tom de desaprovação. — O que o senhor precisa é de repouso na cama. Sr. Deckard, o senhor é o nosso melhor caçador de cabeças, o melhor que jamais tivemos.

Direi ao Inspetor Bryant quando ele chegar. Vá pra casa e pra cama. Telefone agora mesmo para sua esposa, Sr. Deckard, porque ela está terrivelmente, terrivelmente preocupada. Vocês dois estão pavorosos.

— É por causa de minha cabra — disse ele. — Não por causa dos andróides. Rachael enganou-se... Não tive problema algum para aposentá-los. E o especial enganou-se também, dizendo que eu não podia mais entrar em fusão com Mercer. O único que teve razão foi Mercer.

— É melhor o senhor voltar para a área da Baía, Sr. Deckard. Onde há gente. Não há nada vivendo aí perto do Oregon, não é verdade? O senhor não está sozinho?

— É estranho — disse Rick, — Tive a absoluta, total, ilusão, inteiramente real, que me tornara Mercer e que pessoas atiravam pedras em mim. Mas não da maneira como a gente experimenta quando segura os punhos de uma caixa de empatia. Quando a usamos, sentimos que estamos com Mercer. A diferença foi que não estive com pessoa alguma. Eu estava sozinho.

— Agora estão dizendo por aí que Mercer é uma impostura.

— Mercer não é uma impostura — disse ele. — A menos que a realidade seja. — Esta colina, pensou. Esta poeira e todas estas pedras, todas elas diferentes umas das outras.

— Estou com medo — continuou ele — que não possa deixar de ser Mercer. Uma vez que se comece, é tarde demais para recuar — Vou ter que subir novamente a colina?, perguntou-se. Eternamente, como Mercer faz...encurralado pela eternidade. — Adeus — e começou a desligar.

— Vai telefonar para sua esposa? Promete?

— Sim, vou. — Inclinou a cabeça — Obrigado, Ann. — Descanso na cama, pensou.

A última vez em que me deitei numa cama foi com Rachael. Na violação de uma lei. Cópula com uma andróide, inteiramente contra a lei, aqui e nos mundos-colônias. Ela deve estar de volta agora a Seattle. Com os outros Rosens, reais e humanóides. Eu gostaria de fazer com você o que você fez comigo, desejou. Mas isto não pode ser feito com um andróide, porque ele não se importa. Se eu a tivesse morto ontem, minha cabra estaria viva agora. Foi nesse momento que tomei a decisão errada. Sim, pensou: tudo pode ser atribuído a isso e ao fato de ter ido para a cama com você. Afinal de contas, você teve razão numa coisa: a experiência mudou-me. Mas não da forma que você previu.

De uma maneira muito pior, decidi.

Mas, ainda assim, não me importo, realmente. Não mais. Não, pensou, depois do que aconteceu lá em cima, perto do topo da colina. Gostaria de saber o que aconteceria em seguida, se continuasse a subir e chegasse ao topo. Porque é lá que parece que Mercer morre. É lá que o triunfo de Mercer se manifesta, lá ao fim do grande ciclo sideral.

Mas se sou Mercer, pensou, jamais posso morrer, não em dez mil anos. Mercer é imortal!

Mais uma vez, apanhou o telefone. Ia chamar a esposa.

E ficou paralisado.

RECOLOCOU O telefone no gancho e não mais despregou os olhos do ponto que se movera do lado de fora do carro.

A corcova no chão, entre as pedras. Um animal, disse a si mesmo.

Seu coração bateu devagar, sob a carga excessiva, o choque do reconhecimento.

Eu sei o que é, compreendeu. Nunca vi um deles antes, mas conheço pelos filmes que mostravam, no canal do governo.

Eles estão extintos!, disse a si mesmo.

Rapidamente, tirou do bolso o amarfanhado e muito usado catálogo da Sidney's e virou as páginas com mãos trêmulas.

SAPO (Bufonidae), todas as variedades.

Extinto há anos. A criatura mais preciosa para Wilbur Mercer, juntamente com o jumento. Mas, sapos, acima de todas.

Preciso de uma caixa,

Girou sobre si mesmo com dificuldade, coisa alguma viu no assento traseiro do hovercar; saltou, correu até a mala, girou a fechadura, abriu-a.

Encontrou um recipiente de papelão, dentro dele uma bomba de combustível sobressalente para o carro. Despejou a bomba, encontrou um pouco de estopa grossa e dirigiu-se em passos lentos para o sapo. Sem tirar os olhos dele.

O sapo, notou, combinava inteiramente com a textura e tonalidade da poeira sempre presente. Evoluíra, talvez, enfrentando o novo clima, como enfrentara antes todos os climas. Se não se houvesse movido, jamais tê-lo-ia visto. Ainda assim, estivera sentado a não mais de metro e meio dele.

O que acontece quando a gente encontra — se encontra — um animal que se julga extinto?, perguntou a si mesmo, tentando lembrar-se.

Isso acontecia tão raramente. Havia alguma coisa sobre uma estrela de honra dada pelas Nações Unidas e uma soma em dinheiro. Uma recompensa que chegava a milhões de dólares.

E, dentre todas as possibilidades — encontrar a criatura mais sagrada para Mercer.

Jesus, pensou, não pode ser.

Talvez isto se deva ao dano cerebral em mim: exposição à radiatividade.

Eu sou um especial, pensou. Alguma coisa me aconteceu. Como o debilóide Isidore e sua aranha. O que aconteceu a ele está me acontecendo. Será que foi Mercer quem providenciou isto?

Mas eu sou Mercer. Eu arranjei isto, eu descobri o sapo. Encontrei-o por que vejo através dos olhos de Mercer.

Acocorou-se bem perto do sapo.

O animal empurrara para o lado a poeira, a fim de fazer um buraco parcial para si mesmo, afastara a poeira com a anca, de modo que só a parte superior de seu crânio chato e seus olhos projetavam-se acima do chão.

Entrementes, seu metabolismo reduziu-se quase à paralisação total, o animal entrou em transe. Nos olhos não havia fagulha, nem percepção de sua presença e, horrorizado, pensou: ele está morto, de sede, talvez. Mas se movera.

Pondo de lado a caixa de papelão, cuidadosamente começou a afastar a areia frouxa para longe do sapo. O bicho não pareceu objetar, mas, claro, ele não tinha consciência de sua existência.

Ao erguer o sapo, sentiu-lhe a frieza peculiar; em suas mãos, o corpo do animal parecia seco e enrugado — quase mole — e tão frio como se houvesse fixado residência em uma caverna sob a terra, a quilômetros do sol.

Naquele momento, o sapo se mexeu; com suas fracas pernas traseiras, tentou livrar-se de sua empunhadura, querendo, instintivamente, afastar-se aos saltos.

Um bichão, pensou Rick. Adulto e sábio. Capaz, à sua maneira, de sobreviver mesmo àquilo a que não estamos realmente conseguindo sobreviver. Gostaria de saber onde ele encontra água para seus ovos.

Então, é isto o que Mercer vê, pensou, enquanto laboriosamente fechava a caixa, amarrando-a repetidas vezes. Vida que não podemos mais distinguir; vida cuidadosamente enterrada até a testa na carcaça de um mundo morto. Em cada brasa extinta do universo, Mercer provavelmente percebe vida que ninguém nota. Agora eu sei, pensou. E tendo uma vez visto através dos olhos de Mercer, provavelmente jamais pararei. E andróide nenhum, pensou, cortará as pernas deste animal. Como fizeram com a aranha do debilóide.

Com todo o cuidado, colocou a caixa amarrada no assento do carro e sentou-se ao volante.

É como ser criança outra vez, pensou.

Nesse momento, todo o peso o deixara, e a fadiga monumental, opressiva.

Espere só até que Iran ouça isto.

Agarrou o aparelho e começou a discar. Depois, parou.

Vou fazer disto uma surpresa, concluiu.

Vai ser um vôo de apenas trinta ou quarenta minutos para voltar para lá.

Ansioso, ligou o motor e, logo depois, cortava o céu em direção a São Francisco, a mil e duzentos quilômetros ao sul.

No órgão condicionador Penfield, Iran Deckard estava sentada com o indicador da mão direita tocando o mostrador numerado. Mas não discou. Sentia-se inquieta e doente demais para fazer alguma coisa: um fardo que excluía o futuro e quaisquer possibilidades que ele poderia algum dia ter contido.

Se Rick estivesse aqui, pensou, ele me faria discar 3, e assim eu me descobriria querendo discar alguma coisa importante, fervilhante de alegria ou, se não isso, então possivelmente um 888, o desejo de assistir à televisão, qualquer que fosse o programa. O que será que estão mostrando? pensou.

Em seguida, pensou aonde teria ido Rick. Ele pode estar de volta e, por outro lado, pode não estar, disse a si mesma, e sentiu os ossos dentro do corpo se encolherem de velhice. Uma batida à porta do apartamento.

Pondo de lado o manual Penfield, levantou-se de um salto, pensando: não preciso discar agora. Já tenho o que quero...se for Rick.

Correu para a porta e abriu-a de par em par.

— Hei — disse ele.

Ali estava, um corte no rosto, as roupas amarrotadas e cinzentas, mesmo o cabelo saturado de poeira. As mãos, a face. ... a poeira colava-se a todas as partes de seu corpo; exceto aos olhos. Arredondados de espanto, seus olhos brilhavam como os de um menino.

Ele parece, pensou ela, como se tivesse estado brincando e chegou o momento de voltar para casa. Descansar, tomar um banho e contar tudo sobre os milagres do dia.

— Que bom ver você — disse ela.

— Eu tenho uma coisa para lhe mostrar. — Trazia e segurava com as duas mãos uma caixa de papelão. Quando entrou, não a depositou em lugar algum. Como se, pensou ela, a caixa contivesse algo frágil e valioso demais para soltar. Queria guardá-la eternamente em suas mãos.

— Vou-lhe preparar uma xícara de café.

No fogão, apertou o botão de café e, um momento depois, colocava uma imponente caneca ao lado dele na mesa da cozinha.

Segurando ainda a caixa, ele sentou-se e em seu rosto permanecia o olhar esbugalhado. Em todos os anos que o conhecia, jamais vira aquela expressão em seu rosto!

Algo acontecera desde que o vira pela última vez, desde que, na noite passada, ele saíra no carro. Agora, voltara e com ele essa caixa.

Na caixa, estava tudo o que lhe acontecera.

— Vou dormir — disse ele. — O dia inteiro. Telefonei e consegui falar com Harry Bryant. Ele me disse para tirar o dia de folga e descansar. Que é exatamente o que vou fazer.

Com todo o cuidado, pôs a caixa sobre a mesa e apanhou a caneca. Obediente, porque ela queria que fizesse isso, bebeu o café.

Sentada em frente a ele, ela perguntou:

— O que é que você tem aí nessa caixa, Rick?

— Um sapo.

— Posso vê-lo? — Ficou observando até que ele desamarrou a caixa e retirou a tampa.

— Oh! — disse, vendo-o.

Por alguma razão, o bicho assustou-a. — Ele morde? — perguntou.

— Pegue-o. Ele não morde. Sapos não têm dentes.

Tirou o sapo da caixa e estendeu-o a ela. Suprimindo a aversão, ela pegou-o.

— Eu pensei que os sapos estivessem extintos — disse, virando-o, curiosa, sobre suas pernas. Pareciam quase inúteis. — Sapos podem saltar, como rãs? Quero dizer, este pode saltar subitamente de minhas mãos?

— As pernas de sapos são fracas — explicou Rick. — Esta é a principal diferença entre um sapo e uma rã, essa e a água. A rã permanece perto da água, mas um sapo pode viver num deserto. Encontrei este no deserto, perto da fronteira de Oregon. Onde tudo mais morreu.

Esticou a mão para tomá-lo de volta. Mas ela descobriu alguma coisa.

Ainda segurando-o de cabeça para baixo, mexeu no abdômen e, em seguida, com a unha, localizou o minúsculo painel de controle. Com um estalido, abriu-o.

— Oh! — A expressão do rosto dele desmoronou aos poucos. — Isso mesmo, agora estou compreendendo. Você tem razão.
Crista baixa, olhou mudamente para o falso animal. Tomou-o dela e mexeu-lhe nas pernas, como se confuso — não parecia entender inteiramente. Em seguida, com todo o cuidado, colocou-o na caixa.

— Eu gostaria de saber como foi que ele conseguiu chegar a uma parte tão desolada da Califórnia como aquela. Não há maneira de saber para quê.

— Talvez eu não devesse ter-lhe dito... que ele é elétrico. — Espichou a mão, tocou-lhe o braço. Sentia-se culpada, vendo o efeito que aquilo produzira nele, a mudança.

— Não — disse Rick —, estou satisfeito em saber. Ou melhor. .. — Ficou silencioso.

— Eu preferiria saber.

— Quer usar o condicionador de estado de espírito? Sentir-se melhor? Você sempre tirou mais dele, mais do que eu, sempre.

— Eu vou ficar bem.

Sacudiu a cabeça, como se tentasse clareá-la, ainda confuso. A aranha que Mercer deu ao debilóide, Isidore, provavelmente também era artificial. Mas isto não importa. As coisas elétricas também têm suas vidas. Insignificantes como essas vidas são.

— Você parece como se tivesse andado centenas de quilômetros.

— Foi um dia longo — concordou ele, abaixando a cabeça.

— Deite-se na cama e durma!

Ele fitou-a e, em seguida, como se perplexo:

— Acabou, não? — Confiante, pareceu esperar que ela lhe dissesse, como se ela soubesse. Como se ouvir a si mesmo dizer isso nada significasse. Tinha uma atitude dúbia em relação às suas próprias palavras; elas não se tornavam reais até que ela concordasse.

— Acabou — disse ela.

— Deus, que missão gigantesca — disse Rick. — Logo que comecei, não houve mais para mim maneira de parar. Ela continuou a me levar, até que finalmente peguei os Batys e então, de repente, não tive mais coisa alguma para fazer. E aquilo. .. — Hesitou, evidentemente atônito com o que começara a dizer. — Aquela parte foi pior. Depois que terminei o serviço. Não podia parar porque nada mais haveria, depois que eu parasse. Você teve razão esta manhã quando disse que eu nada mais sou senão um policial grosseiro, com mãos grosseiras.

— Eu não acho mais isso — retrucou ela. — Estou simplesmente feliz demais em tê-lo de volta em casa, que é o seu lugar. — Beijou-o e isto pareceu agradá-lo. O seu rosto se animou, quase tanto quanto antes — antes dela ter-lhe mostrado que o sapo era elétrico.

— Você acha que eu agi mal? — perguntou ele. — Pelo que fiz hoje?

— Não.

— Mercer disse que era errado, mas que devia fazê-lo, de qualquer maneira. Uma coisa realmente esquisita. Às vezes, é melhor fazer uma coisa má do que certa.

— É a maldição que caiu sobre nós — disse Iran. — Aquela de que fala Mercer.

— A poeira? — perguntou ele.

— Os assassinos que encontraram Mercer no seu décimo sexto ano, quando lhe disseram que ele não podia inverter o tempo e trazer de volta as coisas à vida. De modo que, agora; tudo o que ele pode fazer é continuar com a vida, indo aonde ela vai, para a morte. E os assassinos atiram pedras. São eles que fazem isso. Ainda perseguindo-o. E a todos nós, na verdade. Foi um deles que cortou seu rosto, aí onde está sangrando?

— Foi — disse ele fracamente.

— Você vai para a cama agora? Se eu sintonizar o órgão para um ambiente 670?
— O que é que isso produz? — perguntou ele.
— Uma longa e merecida paz — respondeu Iran.

Ele levantou-se dolorosamente, o rosto sonolento e confuso, como se um sem-número de batalhas houvessem sido travadas nele, durante muitos anos. Em seguida, devagar, tomou o caminho do quarto de dormir.

— Muito bem — concordou. — Uma longa e merecida paz.

Estirou-se na cama, a poeira despregando-se de suas roupas e cabelos nos lençóis brancos. Não havia necessidade de ligar o órgão, compreendeu Iran, apertando o botão que tornava opacas as janelas do quarto. Desaparecera a luz cinzenta do dia.

Na cama, após um momento, Rick adormeceu.

Ela permaneceu ali durante algum tempo, olhando-o para ter certeza de que ele não acordaria, não se sentaria, de medo, como às vezes fazia durante a noite. Em seguida, voltou à cozinha e se sentou mais uma vez à mesa.

Junto a ela o sapo elétrico batia e arranhava em sua caixa. Perguntou-se o que seria que ele "comia" e quanto custariam consertos seus. Moscas artificiais, decidiu.

Abrindo o catálogo telefônico, procurou nas páginas amarelas sob acessórios para animais elétricos,, Discou, e quando o vendedor respondeu, disse:

— Eu gostaria de encomendar meio quilo de moscas artificiais que sejam capazes de voar e zumbir, por favor.

— É para uma tartaruga elétrica, madame?

— Um sapo — disse ela.

— Neste caso sugiro nosso sortimento misto de insetos artificiais rastejadores e voadores de todos os tipos, incluindo...

— As moscas serão suficientes — disse Iran. — Quando poderá entregá-las? Eu não quero deixar o apartamento. Meu marido está dormindo e quero ter certeza de que tudo vai correr bem com ele.

— Para um sapo — disse o empregado — eu sugeriria também uma poça perpetuamente renovável, a menos que ele seja um sapo chifrudo, caso em que há um kit contendo areia, seixos multicoloridos, e pedaços de restos orgânicos. E se vai colocá-lo regularmente através de seu ciclo de alimentação, sugiro que deixe nosso departamento de serviços fazer um ajustamento periódico de língua. Num sapo, isto é vital.

— Ótimo — concordou Iran. — Quero que ele funcione perfeitamente. Meu marido gosta muito dele.

Deu o endereço e desligou.

E sentindo-se melhor, preparou finalmente para si mesma uma xícara de café forte e quente.

FIM.